



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

**Religião e Sociedade:
Estudo Sociológico da Instituição Religiosa Franciscana
Missionária de Maria Auxiliadora**

Rosangela Cenci

Tese para obtenção do Grau de Doutor em
Sociologia
(3º. ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Donizete Aparecido Rodrigues

Covilhã, janeiro de 2020

Dedicatória

À Vida!
Dedico esta tese à Congregação das IFMMA,
no seu exímio esforço de reconstrução!

Resumo

A tese trata da relação estreita e complexa entre religião e sociedade, objetivando compreender e analisar, sociologicamente, os fatores sociais e religiosos determinantes à reestruturação institucional de um convento franciscano católico feminino (Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora - IFMMA) na contemporaneidade. O arcabouço teórico que acompanhou a elaboração deste estudo é constituído pelas teses dos principais sociólogos clássicos e modernos quando tematizam a discussão sociológica contemporânea, com enfoques nas funções sociais da religião (Durkheim, Weber, Marx, Bourdieu e Berger), construtos da compreensão estrutural pós-burocrática das organizações numa perspectiva weberiana e a trajetória institucional (Hall e Taylor). O estudo foi investigativo qualitativo, com dados coletados a partir de entrevistas semiestruturadas e presenciais com membros representantes da Instituição Religiosa (IR), observação participante, notas do diário de campo e documentos institucionais com a representatividade de todos os membros. A análise realizada por narrativa reflexiva e categorias conceituais apontou que o processo de reestruturação e o posicionamento estão amplamente direcionados pelos fatores sociais e religiosos, os quais podem agir associadamente para contribuir à busca de alternativas para o reposicionamento da missão institucional. Há tensões entre os membros referentes à perspectiva de futuro. É unânime o entendimento sobre a necessidade de mudança, mesmo constando resistências. Porém, o sistema de regras, contornos, os padrões simbólicos e o estado de anomia institucional faz com que a mudança tenha ênfases *ad intra*, numa perspectiva virtuosa, mas estrutural. Sopesa a necessidade de pensar o reconhecimento aos membros da contemporaneidade que seguem as IR, mediante carreiras profissionais significativas para missões, para que se sintam valorizados na sua doação diante das contrariedades impostas pelos fatores sociais atuais. O modelo atual de vida missionária não responde e não possui mais credibilidade. Pode-se afirmar que a instituição religiosa terá um novo *habitus* e um novo *habitus* de religiosos, uma forma de vida com uma ótica de impacto abrangente para mundo e com soluções alternativas em conjunto, universais para a sobrevivência e a sustentabilidade da humanidade. As religiosas das novas gerações serão mais inspiradas no que as une do que as separa. Serão pluralistas, ecumênicas, cientistas e ousadas à mendicância de Francisco ou à pobreza de Clara de Assis. Terão a vivência moderna de uma economia racional consciente, circulante e solidária para a vida, a justiça social, a paz e o bem, como compromissos revisitados para viver a consagração no contexto moderno. A fundamentação, marco jurídico, para esta forma de vida será Reinocêntrica.

Palavras-chave

Instituições religiosas, contexto contemporâneo, reestruturação, ressignificação, burocracia, institucionalismo, *habitus*.

Abstract

The thesis is about the close and complex relationship between religion and society, aiming at understanding and analyzing, sociologically, the social and religious factors determining to the institutional restructuring of a Franciscan female catholic convent (Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora - IFMMA) in the contemporary world. The theoretical framework that followed the preparation of this study is constituted of the theses of the main classical and modern sociologists when they broach the contemporary sociological discussion, focusing on the social functions of the religion (Durkheim, Weber, Marx, Bourdieu e Berger), constructs of the post-bureaucratic structural understanding of the organizations in a Weberian perspective, and the institutional trajectory (Hall and Taylor). The study was qualitative investigative, with data collected from semi-structured and live interviews with members representing the Religious Institution (RI), participating observation, notes from the field diary, and institutional documents with the representativity of all members. The analysis performed by reflexive narrative and conceptual categories pointed out that the restructuring process and the positioning are widely directed by the social and religious factors, which can act connectedly in order to contribute to the search for alternatives for the repositioning of the institutional mission. There are tensions between the members regarding the perspective of future. It is unanimous the understanding about the need for change, even if there are resistances. However, the system of rules, contouring, the symbolic patterns and the state of institutional anomy ensure that the change has emphasis *ad intra*, in a virtuous but structural perspective. It ponders the necessity of thinking the recognition to the members of the contemporaneity that follow the RI, upon professional careers significative for the missions, so that they feel valued in their donation against the setbacks imposed by the current social factors. The current model of missionary life does not respond nor has credibility anymore. It is possible to affirm that the religious institution will have a new habitus and a new habitus of religionists, a way of life with an impact vision extensive to the world and with collaborative alternative solutions, universal for the survival and sustainability of the human kind. The religionists of the new generation will be more inspired by what unites them than by what separates them. They will be pluralists, ecumenic, scientists, and bold to the beggary of Francisco or to the poverty of Clara de Assis. They will have the modern living of a conscious rational economy, circulating and solidary for life, the social justice, peace and well-being, as revisited commitments to live the consecration in the modern context. The grounding, legal framework, for this way of life will be Reinocentric.

Keywords

Religious institutions, contemporary context, restructuration, resignification, bureaucracy, institutionalism, habitus.

Índice

Introdução	17
Capítulo 1: Enquadramento teórico	23
1.1 Conceitos e compreensões sociológicas de mundo, sociedade e religião	23
1.2 Funções da religião: um desafio atual	34
1.3 As transformações institucionais no mundo contemporâneo e a construção de um novo <i>habitus</i>	43
1.3.1 As Instituições: Trajetórias, Estruturas e Capacidades dos Atores.....	48
1.3.2 A Socialização e Aculturação dos Indivíduos: Processos de Inserção Institucional.....	57
1.3.3 <i>Habitus</i> : O Sentido entre o Indivíduo e as Instituições	59
1.3.4 Compreensão estrutural e gestão das instituições: a burocracia	61
1.4 O sentido produzido pelas instituições religiosas em sua trajetória histórica	68
1.5 Categorização a partir dos conceitos teóricos.....	76
Capítulo 2: Métodos e Técnicas	79
Capítulo 3: Apresentação e análise dos dados	85
3.1 Percepções do contexto da IR na contemporaneidade	85
3.2 A Missão institucional: desde a fundadora aos tempos atuais.....	105
3.2.1 O carisma da IR IFMMA e o reconhecimento da sociedade	115
3.3. Desafios situacionais para a IR IFMMA.....	128
Capítulo 4: Reflexões Sociológicas a partir da pesquisa	143
Conclusões	183
Bibliografia	205
Apêndices	213
Anexo.....	225
Glossário	227

Lista de Figuras

Figura 1 - Possível modelo de gestão, na dinâmica pós-burocrática.....	147
Figura 2 - Recontextualização do sentido IR IFMMA	149

Lista de Quadros

Quadro 1 - Principais autores e percepções	23
Quadro 2 - Síntese das Funções Sociais da Religião	42
Quadro 3 - Categorias de análise e descritores	77
Quadro 4 - Síntese dos procedimentos de pesquisa	83
Quadro 5 - Síntese referente à apresentação dos dados.....	85
Quadro 6 - Principais fatores sociais e religiosos que determinam o processo de reestruturação da IR IFMMA, ótica dos entrevistados.....	105
Quadro 7 - Perfil do encontro matricial	113
Quadro 8 - Dimensões que abrangem a reestruturação da IRMMA.....	128
Quadro 9 - Síntese dos Desafios Situacionais (Percepções de Mudanças)	142

Lista de Acrónimos

CDC	Código Direito Canónico
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRB	Conferência dos Religiosos do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IR	Instituição Religiosa
IFMMA	Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora

Introdução

A Sociologia, enquanto terreno de investigação científica, possui frentes que têm motivado pesquisadores a investigarem fenômenos que afetam a vida das pessoas, seus cotidianos e as instituições das quais fazem parte. O estudo das questões institucionais relevantes e contextualizadas para determinados conjuntos da população é, por certo, uma das possibilidades investigativas da Sociologia. Nesse sentido, a Igreja Católica, instituição macrossociológica, presente em todos os continentes e articuladora de quase um bilhão e trezentos milhões de pessoas¹, é um objeto privilegiado das ciências sociais. A Congregação religiosa das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora (IR IFMMA), instituição microssociológica, objeto deste estudo, é parte da Igreja Católica e integra o grande movimento missionário destinado a conectar a estrutura secular da Igreja Romana com as demandas do mundo contemporâneo.

Na Igreja Católica existem ramificações institucionais, como espécies de subsistemas internos, oficialmente chamadas de Congregações Religiosas ou Ordens Religiosas². Os religiosos de vida consagrada (professos) constituem o grupo de maior peso numérico de todos os diversos agentes pastorais e, nesse grupo, as religiosas são a parte maior. Em 2010, as ordens religiosas femininas tinham 722 mil agentes de vida consagrada e, em 2016, diminuíram para 659 mil (um encolhimento de 8,7%). Essa contração na quantidade de religiosas é atribuída a um aumento considerável do número de óbitos, o que demonstra que as Congregações são atualmente formadas por pessoas em idade avançada e isto, por sua vez, denota uma dificuldade séria em termos de recrutamento de novas vocações. Essa constatação geral, entretanto, não se verifica em todos os continentes: Na África, no período 2010-2016, houve aumento de 9,2% no contingente das religiosas de vida consagrada. O mesmo se verificou, em menores proporções, no Sudeste Asiático, onde o aumento foi de 4,2%. Nas outras regiões, o comportamento dos números, no período, foi negativo: América

¹ De acordo com o Anuário Pontifício de 2016, a Igreja Católica conta com 1,299 bilhão de fiéis católicos e católicas no mundo inteiro. Isso representa um percentual de 17,67% em relação à população mundial. Em números absolutos, verifica-se um crescimento dos fiéis (em 2015, eram 1,285 bilhão), embora o percentual em relação à população mundial registre uma ligeira queda (em 2015 era de 17,73%). Por distribuição geográfica, a América é o continente com o maior número de católicos (48,6% dos batizados de todo o mundo); a África tem 17,6%; a Ásia tem 11%; a Europa tem 22%; e a Oceânia tem 10,4%. Fonte: <http://www.axisinstituto.com.br/o-anuario-pontificio-2018-e-o-annuarium-statisticum-ecclesiae>.

² Para a compreensão social do estudo, a terminologia será unificada. Serão utilizadas as terminologias Igreja Católica e para a Congregação Religiosa Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora será utilizada a nomenclatura IR, ou IRFMMA.

do Norte, com menos 21%; Europa, com menos 16%; América do Sul com 11,8%; América Central e Oriente Médio, com queda menor, mesmo assim houve involução.³

No que se refere aos religiosos de vida consagrada, em 2016, o número deles era de 52.625, assim distribuídos geograficamente: 8.731 na África; 14.818 na América; 12.320 na Ásia; 15.390 na Europa; e 1.366 na Oceânia. Nesse segmento, também se verifica forte diminuição do contingente. Em apenas um ano, de 2015 a 2016, a diminuição geral foi de 3%. Na Oceânia, a diminuição foi de 4,5%; na Europa, de 3,8%; na América, de 3,7%. Na África, a situação se manifestou estacionária.⁴

O contexto de uma instituição religiosa, enquanto terreno de investigação científica, pode ser considerado um *campo*, de acordo com o que Bourdieu (2002) propõe para pensarmos as sociedades diferenciadas. Cada campo possui suas regras, seus sistemas, seus espaços estruturados de posições ocupadas pelos diferentes agentes. A cada *campo* corresponde um *habitus* específico. Um *campo* é um microcosmo incluído no macrocosmo constituído pelo espaço social. Neste, a IR IFMMA pode ser considerada um microcosmo, integrada no macrocosmo que é a Igreja Católica Apostólica Romana.

As Instituições Religiosas (IR), segundo o Direito Canónico (607, § 2) - um tipo de Direito específico da Igreja Católica -, são definidas como sociedades nas quais os seus membros se comprometem publicamente por meio de votos definitivos⁵ e os vivem comunitariamente. Salienta-se, pois, que por IR se denominam as congregações femininas e masculinas, os conventos, as ordens, os claustros, as comunidades de vida e os institutos regulamentados pelo Direito Canónico.

Dessa forma, é possível considerar que, dada a relevância da experiência religiosa para grande número de pessoas, o fenómeno religioso possa ser considerado como objeto de estudo na Sociologia para compreender as funções da religião na sociedade.

Considera-se que as instituições religiosas interferem e influenciam o contexto social e, ao mesmo tempo, são influenciadas e produzidas por esse contexto. De alguma maneira, o fenómeno religioso por intermédio da experiência religiosa faz parte significativa da população e é objeto de estudo sociológico no intuito de compreensão dessa dualidade.

Serafim e Alperstedt (2012) enfatizam que as organizações religiosas, como outras, têm passado por transformações, reestruturações e ressignificações em suas estruturas sociais. As

³ Fonte: <http://www.axisinstituto.com.br/o-anuario-pontificio-2018-e-o-annuarium-statisticum-ecclesiae>.

⁴ Fonte: <http://www.axisinstituto.com.br/o-anuario-pontificio-2018-e-o-annuarium-statisticum-ecclesiae>.

⁵ Votos religiosos são a expressão utilizada para designar os compromissos assumidos pelos religiosos.

estruturas religiosas sofrem pressões em expansão numérica, resultados das missões, arrecadações, capacidade de espetacularização, entre outros. Essa pressão por resultados pode servir como um elemento comparativo para membros que buscam uma IR. Dimensões que expressem os impactos da mudança social e da influência da religião no mundo contemporâneo podem ressignificar as motivações religiosas das pessoas que buscam as IR e tendem a influenciar, não somente os espaços eclesiais, mas outras dimensões da vida humana e sectores da sociedade. Portanto, um estudo das Instituições Religiosas situa-se no campo da Sociologia da Religião.

Nesse cenário, este estudo tem como tema a compreensão sociológica dos fatores sociais e religiosos determinantes no processo de reestruturação de uma IR. Fatores sociais e religiosos dizem respeito à inter-relação entre a função da religião na sociedade e a influência do contexto para religião. Sendo as IRs um segmento da religião imerso num contexto social, busca-se compreender essas situações sociais e religiosas (fatores determinantes) que denotam proporcionalidade à complexa relação para uma influência em reestruturação, renovação, mudança de estruturas em um segmento institucional religioso, num contexto pós-moderno.

O âmbito dessa temática se prende em compreender, de maneira científica, como ocorre a relação dos principais impactos e valores da sociedade que interferem na vida dos membros e na gestão das IRs, bem como a influência da religião e seus fatores sociais determinantes em um processo de reestruturação de uma IR, pertencente à Igreja Católica Apostólica Romana, e seus contornos institucionais, para que possam ser úteis à sociedade e logrem cumprir a sua finalidade institucional. Por contornos institucionais entendem-se neste estudo as formas de configurações das IRs, explícitas ou subjetivas, como: as normas documentais, as constituições, os processos decisórios, os sistemas simbólicos e rituais, as estruturas hierárquicas, as capacidades dos atores, as formalidades, as punições e restrições, as relações entre os membros, o processo formativo, entre outros.

A problemática deste estudo acentua-se quando, ao analisar o contexto das IRs, Gasda (2013) observa que elas se encontram mais envelhecidas, menos procuradas e mais esvaziadas. Para muitas pessoas, evidencia-se nas IRs grupos *outsiders* da sociedade; grupos estranhos, grupos desviantes da sociedade considerada “normal”. Becker (2009, p. 178) chama a atenção para a necessidade de se conhecerem as práticas desviantes e os pontos de vista de seus praticantes. Quanto ao comportamento desviante em si,

“Cumprê-lo como um tipo de comportamento que alguns reprovam e outros valorizam, estudando os processos pelos quais cada uma das perspectivas é construída e conservada. Talvez a melhor garantia contra qualquer dos dois extremos seja o contato estreito com as pessoas que estudamos.” (Becker, 2009, p. 178).

Nesse mesmo aspecto, são comprovadas as baixas taxas de adesão às IRs e as altas taxas de desligamento dos seus membros (Gasda, 2013). E o objetivo do estudo decorrente é compreender o contexto moderno cotidiano dos membros das IRs, num processo de reestruturação, com seus contornos institucionais. Com a eleição do novo líder da Igreja Católica Apostólica Romana, o Papa Francisco, responsável geral pela Igreja e formalmente pelas IRs, a realidade da diminuição de membros já está sendo refletida na Igreja.

O estudo de Cenci e Filippim (2017) sobre a temática verifica que, expressivamente no Brasil, nos últimos 30 anos, as IRs apresentam números significativos de desligamento de membros, sendo que somente a população feminina perdeu cerca de 5 mil pessoas. Os principais motivos de insatisfações e desligamentos apresentados tratam de fatores discordantes, como a perda do foco das IRs (missão), denominando de mercantilismo das IRs, como uma espécie de valores negociáveis, o aburguesamento institucional e ativismo dos membros. A imposição de regras, a falta de confiança e falta de participação nos processos decisórios causam um estranhamento e tensão entre os objetivos institucionais e o projeto de vida dos membros. Ao ingressar em uma IR, muitas vezes, o conjunto de regras e princípios regulatórios já se encontra instituído. Essa discordância gera conflitos e produz, não raro, o abandono da vida religiosa. Esse fenômeno preocupa gestores e membros dessas instituições, os quais, por sua vez, buscam na academia quem os ajude a melhor refletirem soluções perante os desafios encontrados.

A instituição religiosa fundada por Madre Maria Bernarda Butler conta com 576 freiras que atuam na evangelização, escolas, hospitais e projetos missionários. Sua principal área de apostolado está na América Latina (Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, Venezuela, Peru e Chile), mas estão presentes também na Europa (Áustria, Espanha, Suíça) e na África (Chade e Mali). A instituição religiosa Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora (IR IFMMA), em seus 130 anos de existência, têm buscado renovar seus processos internos, seu modelo de gestão e encontrar alternativas que respondam ao contexto atual. A identidade originária - missão inicial - ocorreu em 1888, no Equador, atendendo prioritariamente a situações de cuidado com a saúde dos enfermos e a educação de crianças analfabetas. Dessa experiência inicial, firmou o lema fundamental da organização: “a nossa missão é praticar as obras de misericórdia.” (Hammester, 1995, p. 08).

A IR IFMMA, atenta aos desafios constantes, busca questionar-se a si mesma e ao entorno com a finalidade de encontrar caminhos que tracem uma reestruturação desde a vitalidade originária e fundacional. Entende-se que a memória histórica, afetiva, cultural dos membros que já viveram e conduziram a instituição até aqui, de alguma maneira, deram o melhor de si. Rituais, estruturas, contornos internos e externos, formas de exercer o poder, perfis pessoais, influências dos fatores sociais e religiosos podem ter expressivas intervenções no cotidiano da vida entre os membros e na relação destes com a sociedade.

Com tal interesse, o questionamento da pesquisa é: **no contexto contemporâneo, como os fatores sociais e religiosos influenciam o processo de reestruturação e na gestão de mudança da IR Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora?** E desse questionamento derivaram questões correlatas:

- a) Quais são as influências do contexto social para a reestruturação institucional?
- b) Quais são as dimensões da reestruturação de uma IR?
- c) Como uma IR pode ter relevância social na contemporaneidade?

O estudo proposto poderá resultar em reflexão e oportunidade para as IRs buscarem alternativas inovadoras em suas reestruturações, a partir da compreensão da função social da religião no mundo contemporâneo. Do ponto de vista institucional, macrosociológico, em relação à sociedade e à religião e, microsociológico, num aprofundamento mais específico de pesquisa, sobretudo, em relação à atração de novos membros e o reposicionamento do sentido institucional no contexto pós-moderno. Este consiste no objetivo central, uma vez que as IRs buscam manter sua permanência e renovação. Os resultados da pesquisa podem gerar aprendizado para as IRs visando orientar suas ações. Além disso, conhecedoras das características de sua institucionalidade, poderão flexibilizar, inovar ou refinar seus processos, estruturas organizativas e contornos institucionais visando à sua sustentabilidade.

Diante do problema central de pesquisa, o objetivo geral é identificar, compreender e analisar como os fatores sociais religiosos influenciam o processo de reestruturação e a dinâmica de mudança de uma IR.

Já os objetivos específicos são:

- a) Compreender como ocorrem as influências do contexto social aos membros de uma IR;
- b) Mapear as dimensões da reestruturação de uma IR;
- c) Analisar historicamente as IRs num contexto de Igreja.

Esses objetivos serão tratados por meio de um caminho metodológico de caráter qualitativo. Trata-se, também, de um estudo descritivo e interpretativo, pois, ao mesmo tempo que se descreve o fenômeno, também se busca elaborar uma interpretação da realidade pesquisada. A trajetória teórica para essa investigação pretende ser um percorrer do entendimento da Sociologia com enfoques na teoria da religião e organizações.

A reflexão contextual, apresentada no estudo da tese, dialoga com os valores teológicos definidos canonicamente, especificamente com os valores da IR pesquisada. Teologicamente, a própria dinâmica da revelação, entendida como a comunicação de Deus com o ser humano,

coloca-se num diálogo sempre inesgotável, que se comunica, ao longo dos caminhos tortuosos da criação, com a realidade permanente da história humana.

Um dos aspectos que possibilita a originalidade da experiência de Deus, por meio de um carisma êmico (êmico significa interno, sugere a procura pela verdade como ela é entendida pelo agente promotor do fato ou experimentador, ou seja, a pessoa que vivencia aquela cultura), é sua relação com a realidade. A capacidade de viver a realidade, de interpretá-la com nitidez, com cuidado, com um senso crítico, permitiu que o povo bíblico compreendesse a proximidade de Deus. Nesse sentido, Concílio Vaticano II, evento da igreja realizado entre 1962 - 1968, recuperou o método de referência à realidade para realocar a Igreja no mundo e, ao mesmo tempo, devolvê-la às fontes evangélicas. É assim que a igreja e suas múltiplas instituições integrantes se renovaram nos últimos anos. Partir da realidade, retornar à realidade, levar em conta a realidade não é simplesmente uma dinâmica de grupo, o método para quebrar o gelo em uma convivência, mas o ponto de partida da experiência bíblica de Deus, o foco da revitalização da Igreja pós-conciliar e o caminho da renovação daqueles que se sentem parte dela.

A estrutura da tese está organizada em quatro capítulos. No capítulo um (1) é apresentado o quadro teórico com a discussão sociológica contemporânea, com enfoques na sociologia da religião e sociologia organizacional/institucional e a trajetória das organizações religiosas. No capítulo dois (2) aborda-se o método e as técnicas utilizadas na pesquisa. No capítulo três (3) apresentam-se e analisam-se os dados empíricos. Finalmente, no capítulo quatro (4), parte-se das reflexões sociológicas para elaborar as conclusões da pesquisa. Encerram o texto: as referências bibliográficas e os anexos.

Capítulo 1: Enquadramento teórico

Nesta seção são abordadas as concepções e compreensões referentes à Sociedade e ao mundo, trazendo os principais autores, dos clássicos aos modernos. Além disso, são desenvolvidos os subtemas da sociologia da religião e da sociologia das organizações. Optou-se por essa linha teórica em razão dos objetivos do estudo: por se tratar de uma instituição/organização situada num contexto social em constante mudança, influenciada por fatores sociais, com finalidade institucional religiosa e uma estrutura de funcionamento própria em sua gestão, inserida nas regras da sociedade em geral. Nesta seção, são abordados, também, aspectos da sociologia das organizações religiosas: uma abordagem construtivista, um estudo histórico das IRs no contexto da Igreja, um situar histórico das congregações com um documentário da estrutura e funcionamento da IR Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora (IR IFMMA).

Portanto, foram abordadas três linhas teóricas, opção feita pela necessidade do notável objeto pesquisado: conceitos e compreensões sociológicas de mundo, de sociedade e religião (teoria sociológica); as transformações institucionais no mundo contemporâneo e a construção de um novo *habitus* (sociologia organizacional); e o sentido produzido pelas instituições religiosas atualmente (teoria institucional). No Quadro 1 segue a síntese de autores conforme a temática.

Quadro 1 - Principais autores e percepções. Elaborado pela autora.

Autores	Temática relacionada
Weber, Durkheim, Marx, Simmel, Bauman, Habermas	Compreensão de sociedade
Durkheim, Weber e Marx, Bourdieu e Berger	Sociologia da Religião: funções sociais da religião
Weber (e autores que trabalham a Burocracia em Weber), Luckmann, Berger, Di Maggio e Powell, Hall e Taylor.	Sociologia das Organizações: compreensão estrutural e burocrática das organizações tradicionais. Teoria institucional.
Documentos da Igreja, Pereira, Sobrino, Calliman.	Instituições Religiosas: contextualizando o fenômeno historicamente

1.1 Conceitos e compreensões sociológicas de mundo, de sociedade e de religião

A Sociologia e os conceitos sociológicos surgem a partir das transformações do mundo e das sociedades, com a finalidade de refletir os contextos sociais a partir de experiências feitas

em sociedade, investigando os fatos sociais, desde os pequenos fatos da vida cotidiana até os processos globais. Como a compreensão dos fatos sociais e do mundo para as Instituições Religiosas e para a sociedade em geral situam-se no âmbito do contextual em que vivem, isso traz desafios que permitem ampliar o arcabouço entre os membros em relação a outros, bem como seus paradigmas por ora vistos por um ângulo. A Sociologia diz respeito ao estudo de pessoas em inter-relação, de grupos, de sociedades e de instituições. Estudar e compreender o mundo sociologicamente exige cultivar uma imaginação que permite ver além, bem como conceber as sociedades humanas em processo de estruturação, sendo que essa estrutura social não é como uma estrutura física de um edifício, mas de comportamentos reconstruídos entre relações com outras pessoas, ou entre grupos e classes. O pensamento sociológico permite uma maior consciência de diferenças culturais; contribui na prática para avaliação dos efeitos e resultados de iniciativas das políticas nas sociedades e, o mais importante, a sociologia permite-nos uma autoconsciencialização quanto à compreensão e às práticas (Giddens, 2010).

O desenvolvimento do pensamento sociológico pode contribuir com a tese em vigor, pois, ao trazer diferentes abordagens, por vezes contraditórias ou complementares, propicia a organização da disciplina, em razão da necessidade de se compreender cientificamente o mundo. As duas grandes revoluções na Europa, a Francesa no séc. XVIII e a Industrial no séc. XIX, mudaram o modo de vida das sociedades. Os primeiros pensadores da Sociologia confrontaram-se com essas realidades, acompanhando as revoluções e tentando compreender as razões e as possíveis consequências (Giddens, 2010). A história da Igreja é profundamente marcada pelos eventos do mundo secular de forma que, para compreendê-la, é preciso compreender o processo global da história humana. As revoluções políticas e econômicas são também revoluções sociais e institucionais. Tudo se reorganiza em razão delas.

A criação da sociologia como ciência autônoma é atribuída a Augusto Comte (1798-1857), que a chamou de *Física Social*. Comte via a Sociologia como uma ciência positiva, na qual deveriam ser aplicados os métodos da Química e da Física. O Positivismo defende a produção do conhecimento baseada em provas empíricas, retiradas da observação, da comparação e da experimentação. Nesse sentido, postulava que o mundo deveria ser compreendido como passando por três etapas ou estados, um sucedendo o outro: a etapa teológica (primazia da interpretação religiosa), a etapa metafísica (primazia da interpretação filosófica) e a etapa positiva (primazia da interpretação científica). Comte foi deveras importante para a academia e para a profissionalização da Sociologia (Giddens, 2010), pois abriu um campo de investigação próprio e específico que possibilitou compreender metódica e detalhadamente o ser social, antes sombreado por reflexões teológicas ou naturalistas. A dinâmica social tem suas próprias leis e elas são o objeto da sociologia.

Numa percepção inicial do mundo semelhante à de Comte, Georg Simmel (1858-1918) tem a preocupação e estilo dialético com foco psicológico, inter-racional, estrutural e institucional,

e com a metafísica refletida para a fase final da vida humana. Simmel estava interessado nos conflitos entre as estruturas individuais e sociais, mas sua maior preocupação eram os conflitos que se desenvolviam entre a cultura individual e a cultura objetiva. Ele detectou um processo geral pelo qual a cultura objetiva se expande e a cultura individual se torna cada vez mais empobrecida diante desse desenvolvimento. Considerou esse conflito, por sua vez, como parte de um conflito filosófico mais amplo entre mais vida e mais do que a vida. A geometria social era um dos interesses de Simmel, por exemplo, o número de pessoas, de uma díade para uma tríade, e com ela a possibilidade de desenvolvimento de estruturas em larga escala que podem se separar e dominar indivíduos. Isso cria a possibilidade de conflito e contradição entre o indivíduo e a sociedade em geral. Em sua geometria social, estava preocupado com a questão da distância, como, por exemplo, o seu ensaio sobre *o estranho*, incluindo a estranheza na vida social e a vida dos pobres. Foi esse movimento referente à interação e o conflito que fez repensar o estruturalismo funcional como base para uma teoria sociológica macrointegrada (Ritzer, 1992). A teoria de Simmel é pertinente para questões observadas pelas Instituições Religiosas. A leitura do retrato da fase final da vida, como projeção para integrar a contradição existente entre o indivíduo e a sociedade, é, de fato, genial. Tratar o estruturalismo funcional de uma instituição como uma situação que pode ser considerada como um movimento estranho, dependendo da escala de distância em que a instituição se encontra com os indivíduos, é a medida da atual crise.

A compreensão de mundo na Sociologia deveria ser vista, escreve Émile Durkheim (1958-1917), como uma nova ciência que poderia ser utilizada para elucidar questões filosóficas. Para ele, o princípio básico da Sociologia era estudar os fatos sociais como *coisas*. Queria dizer com isso que a vida social poderia ser analisada com o mesmo rigor com que são analisados fenômenos ou objetos da natureza. Para Durkheim (1952), a Sociologia deve ocupar-se dos fatos sociais, que são os aspectos da vida social que determinam a ação dos indivíduos, como o *status* da economia e a influência da religião. Ao estudar os fatores sociais, relacionou o contexto conturbado da época com a *anomia*, um sentimento de ausência de objetivos e de orientações amplamente aceitas pelas pessoas, ou de desespero, provocado pela vida moderna. Confirma isso ao pesquisar as taxas suicidárias na França, como um estudo sociológico (Giddens, 2010). Tanto no contexto das Instituições Religiosas quanto no contexto das religiões podem ser observados cenários de anomia. Nestes termos, Cenci (2014), de acordo com sua pesquisa de mestrado, afirma que jovens sacerdotes e religiosas, em suas ausências de sentido, já pensaram no suicídio. Durkheim define tais situações como fatos sociais:

É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, [...] que é geral na extensão de uma sociedade dada, e, ao mesmo tempo, possui existência própria, independente de suas manifestações individuais. (Durkheim, 2007, p. 13).

Já Karl Marx (1818-1883) contrasta suas ideias com as de Comte e Durkheim. A preocupação de Marx foi relacionar as condições de vida das pessoas e os problemas económicos com as instituições sociais e com o modo de produção na sociedade, proporcionando consideráveis reflexões para a Sociologia. Para ele, as mudanças mais importantes da sociedade estavam ligadas ao capitalismo, sendo esse o modo de produção que implica bens e serviços a serem vendidos para uma grande massa de consumidores. Nesse sistema, identifica o capital (os meios de produção) e o trabalho assalariado (os operários e sua força de trabalho); os capitalistas (classe dominante) e o proletariado (classe de operários). Para ele essas duas classes são antagônicas e entre elas há uma luta de classe, já que os objetivos de interesses de ambas são divergentes. Marx tinha uma concepção materialista da história, acreditava que uma revolução conduzida pela classe de trabalhadores derrubaria o modo de produção capitalista e surgiria, então, uma nova sociedade, mais justa, uma sociedade sem classes (Giddens, 2010). Aborda-se isso porque, de alguma maneira, as Instituições Religiosas estão contextualizadas ao meio capitalista e, enquanto movimento religioso, seu sonho de justiça confronta-se com esse mundo permeado de classes, disputas e confrontos de interesses, e tende a buscar dialeticamente, seja de forma mais apaziguada, seja de modo até conflitivo, a realização do projeto maior no qual a IR crê, por meio de seus projetos concretos que incidem na realidade social, às vezes adaptando-se e ajustando-se ao meio (numa afinidade com Durkheim), outra vez com enfrentamento e luta para estabelecer o diferente para superar as contradições sociais (com mais afinidade aos princípios revolucionários de Marx).

Diante das percepções da sociedade de sua época, Karl Marx, desde cedo, encantara-se com a dimensão humana concreta, com a natureza do ser humano. Continuava a transformar o mundo e a si mesmo com sua *práxis*, um movimento de mudanças profundas nas relações de produção e de poder que poderia contribuir para o surgimento de um novo homem e de uma nova mulher. Encontra na capacidade humana o encanto para a ação de transformar o mundo e de transformar a si mesmo. Esse modo de pensar de Marx ainda pode ser evidenciado em algumas militâncias institucionais religiosas, embora com diversidade de gerações e em meio a outras pluralidades. No entanto, esses mesmos seres humanos, que ele estudava e dos quais analisava a história, segundo ele, perderam a consciência de suas naturezas e passaram por um processo de alienação (Marx, 1991b).

A temática da alienação permitiu a Marx, enquanto jovem, discutir o que fragmentava o ser humano, o que transformava a pessoa em sua essência, o que a apartava do mundo, de si mesmo e das coisas que ele mesmo criara. Em suas reflexões, conceitua a alienação como um estar à margem, não poder usufruir. E vê a religião como algo que pode funcionar no alijamento daquilo que, na visão dele, realmente interessa: as condições materiais de vida. Marx não é um ateu que luta contra a existência de Deus, mas coloca a religião, enquanto crença, num lugar secundário para que ela não entorpeça a análise do que ele considera como problema central de todos os males: o económico e as relações de produção. Não é o objetivo

central do estudo, porém nota-se uma desconexão ou uma espécie de superficialidade, um ser humano perdido diante dos seus objetivos e da sua própria existência, sem realização pessoal, e outrora, buscam fazer diferentes experiências em distintas religiões ou instituições religiosas para encontrarem-se a si. Não há como negar nem afirmar que existam entidades que, na fragilidade humana, possam aproveitar-se do contexto de indecisão devido aos interesses da entidade e não da pessoa. Remete esse conteúdo marxista às formas de alienação, sendo elas: alienação religiosa (separação do indivíduo em relação ao mundo real); alienação em relação à natureza (desnaturalização do Homem); alienação em relação à sua qualidade humana (redução do indivíduo à mera instância animal); alienação em relação aos outros (isolamento do ser humano no mundo capitalista); alienação da atividade produtora (fragmentação do trabalho na produção capitalista); alienação em relação às suas criações (separação do trabalhador em relação ao produto do seu trabalho, que é apropriado pelo burguês/patrão); reificação do trabalhador (redução do trabalhador a mero objeto no sistema de trabalho) e alienação política (separação do indivíduo em relação aos seus próprios interesses) (Marx, 1991a).

No tempo do Marx mais maduro, economista, historiador e filósofo nas suas reflexões, a alienação retorna como temática. O objetivo agora não é mais constatar a alienação, mas posicioná-la com novos questionamentos sobre a liberdade e as condições para viver. Diante do despertar da alienação e estranhamento de si mesmo, busca verdades para investigar profundamente as condições efetivas e materiais da existência humana. Essa libertação de si está descrita principalmente nas *Teses sobre Feuerbach* (Marx, 1982). Essa temática num direcionamento sociológico das organizações poderia ser pauta de investigação para um projeto de percepção e análise para as condições dos fatores sociais e religiosos implícitos existentes que interferem no despertar da consciência humana ao âmbito das IRs.

Diversos temas estão conectados com a alienação, como a sociedade do consumo e a relação com o Homem moderno que tratam praticamente quase tudo como mercadoria a ser vendida e comprada, até o sentimento das pessoas. Na sociedade capitalista, as mercadorias não são consideradas apenas coisas ou objetos, elas possuem um valor de uso, que vai além do material, como se determinassem aspectos da vida, tendo até poder de tornar o Homem dependente delas. Outro elemento relacionado à alienação é a questão da ideologia. A sociedade capitalista tende a desenvolver meios para ocultar a realidade dos homens inseridos em meios de produção, onde estão sendo explorados nas relações de trabalho. A realidade é ocultada por uma falsa consciência (ideologia). Marx, em suas reflexões sobre alienação e desalienação do trabalhador, relacionadas às sociedades modernas e industrializadas, faz referência ao momento em que o trabalhador percebe que o mundo inteiro é produzido por ele e, por isso mesmo, pode ser desconstruído por ele, pelo proletariado unido (Marx, 1982).

Neste sentido, uma percepção de desconstrução ideológica ao que foi determinado por

relações produzidas secularmente e legitimadas, numa sociedade institucionalmente construída por uma hierarquia como ligada ao Estado de Roma, a Igreja Católica Apostólica Romana, aparentemente, torna todos os membros dependentes. Porém, se há uma construção, há um sentido nos meios que possuem valor de mudanças. Ou seja, se o instituído socialmente pode ser desconstruído e novamente construído, também a Igreja e uma IR podem ser mudadas, podem ser diferentes em seus contornos, valores e modo de existir.

O pensamento de Marx - e do marxismo que se seguiu - teve impacto contraditório com a teologia católica. Esse pensamento foi duramente combatido pela Igreja no que se refere ao materialismo que ostentava. Sob o ponto de vista filosófico, marxismo e doutrina católica são inconciliáveis. Entretanto, Marx e sua tradição, ao revelarem o horror do sofrimento humano produzido pela exploração do trabalho, pela miséria, pela alienação, pela marginalização dos pobres, pelo preconceito, pela injustiça e por todas as formas de opressão social, provocou, de alguma forma, um reexame interno das práticas institucionais da Igreja. A doutrina social da Igreja, construída no final do século XIX, tem as marcas das denúncias feitas por Marx e seus seguidores. Também a Ação Católica, surgida no segundo quartel do século 20, traz as mesmas marcas, ao ocupar-se do mundo popular e do trabalho, embora estivesse em jogo, ali, uma disputa com o próprio marxismo enquanto pensamento social. Anos depois (segunda metade do século XX), em virtude da militância compartilhada entre agentes de pastoral católicos e líderes de esquerda, o marxismo ensejou, inclusive, uma revisão da própria teologia cristã que se voltou para o estudo do Jesus histórico e sua atuação radical em favor dos pobres e marginalizados do seu tempo. A teologia da libertação, em sua opção preferencial pelos pobres, repisou cada palmo da teoria social marxista.

Influenciado por Marx, Max Weber (1864-1920) dedica atenção em grande parte de sua obra ao capitalismo moderno, identificando algumas características básicas das sociedades industriais. Weber (2003) tentou compreender a natureza e as causas da mudança social, rejeitou a concepção materialista de Marx, apesar de sua influência, e para a luta de classes deu um significado menor. Defendia que a Sociologia deveria centrar-se na ação social (ideias, valores e crenças) e não nas estruturas. Para Weber, um elemento importante para compreender o mundo é o tipo ideal, construções hipotéticas, modelos conceituais para análise. A racionalização foi denominada por ele como a organização da vida econômica e social da sociedade moderna. Nesta, o capitalismo seria dominado pelo avanço da ciência e da burocracia, sendo pela burocracia o único modo de organizar um grande número de pessoas, numa expansão política e econômica (Giddens, 2010). As mudanças epocais foram significativas, as atuais com certeza igualmente possuem sua nobreza. O fato é que uma IR de amplitude macrossociológica como a Igreja Católica acompanhou o avanço burocrático em seu estilo organizativo, tanto numa expansão política de gestão quanto econômica, talvez com maior morosidade, por possuir um grande número de pessoas.

Outra contribuição significativa de Weber é a que se refere às formas legítimas de dominação. Entende ele que são três: 1) Dominação tradicional, quando o poder se impõe pela tradição. Não trilha a fundamentação racional. É o que se estabelece do rei para os súditos, do senhor sobre os servos, dos pais sobre os filhos, dos mais velhos sobre os jovens. A legitimidade do poder faz-se simplesmente pela tradição. 2) Dominação legal, uma forma moderna, burocrática. A legitimação está na adoção de normas gerais e estáveis. Passa um diretor ou comandante e as coisas continuam. É o que se constata no Estado, no exército, mas também em muitas organizações e entidades. Aí o poder existe, mas não pode ser usado arbitrariamente; há leis e regulamentos a serem seguidos. 3) Dominação carismática, quando o poder é exercido carismaticamente, por líderes políticos, líderes revolucionários, grandes chefes militares, mas também por líderes religiosos. Tais pessoas, pelas suas qualidades pessoais, impõem sua vontade sobre as outras. Na pessoa do líder carismático, os seguidores veem seus desejos e vontades contemplados. Tal líder como que encarna os desejos, anseios, vontades e esperanças dos seus súditos ou seguidores. A vontade é praticamente imposta, sem controle externo, de modo até irracional. A autoridade do líder carismático é inquestionável: legitima-se a partir de dentro, de dons individuais.

Numa IR, tais formas de poder, se não de dominação, ao menos de gestão e direção - mesclam-se com variações. Geralmente, uma IR surge a partir de uma pessoa carismática. Como o poder é da pessoa - a fundadora ou fundador de uma IR - o problema surge muito depois, com a rotinização e instituição do carisma. As IRs se identificam com tal carisma, se "apropriam" do carisma e o institucionalizam. Mas no decorrer dos tempos, na sucessão de líderes e de gerações, o poder torna-se mais burocrático e um pouco tradicional. E, diante das leis e normas, nos tempos atuais, os membros julgam-se no direito de opinar, de contradizer, de pensar diferente e de propor mudanças. E a autoridade frequentemente é contestada.

Os sucessores dos intelectuais clássicos da Sociologia foram aprofundando alguns aspectos de suas teorias, ignorando alguns e complementando outros. É o que ocorre, por exemplo, com Gramsci. Marxista, compreende a sociedade por meio do conceito de intelectual para designar as pessoas que, de alguma maneira, interferem na cultura, na educação, nas ideias de uma sociedade. Vê como intelectual qualquer ser humano capaz de pensar e expressar simbolicamente seus interesses, vontades, sentimentos, condições de vida. Todo ser humano é intelectual, mas nem todo ser humano exerce a função de intelectual. O intelectual está sempre ligado a um grupo. Não existe intelectual isolado, por conta própria. Todo intelectual está organicamente ligado a um grupo (Gramsci, 1990). Esse tipo de intelectual é o chamado intelectual orgânico e, por isso, suas ideias têm a força do coletivo, do grupo ao qual pertence.

Neste sentido, toda a IR tem seus intelectuais orgânicos e, por essa condição, detém a hegemonia do pensamento e da direção institucional. Quando essa hegemonia não é clara, a

IR entra numa fase de crise, na qual se confrontam ideias variadas e dissonantes até que a hegemonia seja reestabelecida. Em casos extremos, uma crise prolongada de hegemonia pode levar à dissolução da instituição.

Num manifesto sobre como a sociedade está organizada em seu modo de pensar intelectual, cultural, literário, e como as pessoas, de modo geral, atribuem valor às verdades, Nuccio Ordine (2013) chama atenção para a importância da utilidade do inútil e da inutilidade do útil. Fatos simples e, na ótica social, inúteis, desvalorizados, desnecessários, podem ser essenciais para as formas do viver. Defende o autor, na ideia de percepção de sobrevivência de sociedade, que valores que não produzem lucros para as democracias mercantis podem revelar brilhantes e extraordinárias utilidades, como o caso da arte, da poesia e da educação, e valores, como o amor, a verdade e outros. Isso para que, como *homo sapiens* - e o *homo dignitas* - tenha a oportunidade de perpetuar a espécie. Enquanto IR, ou Igreja, a utilidade do inútil pode ser algo em crise no contexto mercantilista e pode colocar os membros em choque de percepção cultural e existencial. Talvez o autor contribua para as análises em diferentes percepções no que diz respeito aos valores geracionais em construção ou em desconstrução, porém algo que pode ir além seria a motivação pela qual um membro escolhe assumir ou não de forma qualificada tal instituição em sua essencialidade.

Baseado em Shakespeare, Peter Berger (1985) compara metaforicamente a sociedade com um grande teatro, onde cada pessoa representa um papel. Como no teatro, não conta tanto a pessoa do ator, mas sim o papel que ela desempenha. O papel é um comportamento regido por normas. A vida na sociedade nada mais é que o desempenhar dos papéis que nos cabem. E na sociedade há bons ou maus atores sociais. Os bons são recompensados com prestígio social; os maus, punidos com sanções de diversos níveis, até a exclusão. Sempre que se assume um papel, há prescrições ou restrições. A Sociologia trabalha com conceitos, normas e valores. Os conceitos de papel e de ator são construídos. Os valores que regem uma instituição variam de instituição para instituição. Mas pode haver um conjunto de normas derivadas de um mesmo valor. Seria este um bom questionamento para o atual momento reestruturante das Instituições Religiosas da América Latina e Europa? Desempenhar papéis conservadores ou responder aos tempos de forma virtual como as comunidades de vida em massa que agregam centenas de seguidores?

Diante do contexto no qual os indivíduos vivem (incluem-se aí os membros das IRs), questiona-se de que maneira surge a ordem social. A ordem social existe unicamente como produto da atividade humana e, muito embora o ser humano se exteriorize continuamente com características *sui generis*, os dados biológicos são apenas premissas. Inerente à instabilidade do organismo, o Homem necessita ter capacidade de dirigir sua conduta e impulsos na sociedade. A necessidade da ordem social como tal provém apenas do equipamento biológico e, não vem ao acaso, mas o entendimento da transmissão, manutenção e causas da ordem social necessitam de uma análise da qual se empreendeu o

surgimento da teoria da institucionalização (Berger e Luckmann, 2004). O ser humano, em sua compreensão restrita de sociedade, colocaria ordem limitada ao seu entendimento, transmitiria e faria a manutenção e análise dentro de suas capacidades de conduzir a sociedade e empreenderia regras e ordem para determinadas instituições, assim como ocorre com as IRs.

De um contexto de uma sociedade que avança industrialmente no capitalismo, de uma sociedade moderna para uma sociedade pós-moderna, o cientista polonês Zygmunt Bauman (2008) vê despontar o ser humano *consumidor*. Chega a comparar grupos humanos da atualidade com ninhos de vespas. Não há centros com ampla autoridade, nem regras universalmente aceitas que respondam aos desafios do tempo presente. Por conseguinte, as pessoas carecem de referenciais e preenchem seu vazio por conta própria. Nesse aspecto, embora não apenas por isso, buscam as religiões, a fim de encontrarem um sentido existencial. Esse estado deixa as pessoas em contínuas mudanças e adaptações, num fluxo permanente, sempre *se tornando* e nunca *sendo*. As identidades são flexíveis, dependendo de negociações e dos sabores do momento. O anseio de liberdade, tão propalada e tão desejada na sociedade ocidental, convive com uma insegurança generalizada. As pessoas têm medo de não serem livres e se sentem ameaçadas pelos outros. Têm medo de tudo; há uma cultura do medo. Há quem aceite perder parte de sua liberdade para ter mais segurança, como quem se enclausura em sua própria mansão.

Por sua vez, num sentido convergente e esperançoso em relação ao futuro, a contribuição de Habermas (2005) aponta para o equilíbrio social, uma reconciliação. Essa busca interessa para as IRs, pois novos começos vitais podem significar retomar a essencialidade de experiência vivenciada em direção a novos caminhos. E, se o equilíbrio delicado da reconciliação é dialético, é também mediado pela normatividade, com o exercício de abertura contínua, que cria recomeços históricos, com o mundo da vida e, dessa forma, com possíveis canais de ação comunicativa. Habermas escreve:

A atualidade, enquanto renovação continuada, pereniza a ruptura com o passado [...] O pensamento político contaminado pela atualidade do espírito do tempo, e desejoso de enfrentar a pressão dos problemas da atualidade, é carregado de energias utópicas - porém, esse excedente de expectativas deve ser controlado pelo contrapeso conservador de experiências históricas. (Habermas, 2005, p. 9-10).

Apesar de um tecer ainda que utópico em Habermas, Bauman afirma que uma marca da sociedade contemporânea é a pós-modernidade, que ele define como “modernidade líquida”. Líquido se aproxima de multiforme e ambíguo. Nessa sociedade multicultural e líquida, uma crise acentuada é a de identidade.

Não é enfático ao estudo o conceito de pós-modernidade ou outro conceito similar determinado por cada autor, mas, sim, a força perceptiva que as instituições religiosas e similares estão evidenciando no âmago vital mutável de seus valores. Verdades perenes e valores duradouros e sólidos dão lugar ao líquido: ao cambiante, mutável, sempre adaptável. A própria identidade entra nessa liquidez, fica diluída e difusa. O que era sólido se desmancha; o que era permanente vira provisório. O estável e tradicional cede espaço ao efêmero e imediato (Bauman, 1998).

Os fluídos escorrem como líquidos, dando a extraordinária sensação de mobilidade e leveza ao tempo e ao espaço. A leveza associada à ausência de peso e à facilidade como as pessoas se movem. Essa metáfora é adequada para captar a presente fase na história da modernidade. Desde meados do século XIX, com o Manifesto Comunista de Marx e Engels, autores já alertavam sobre o espírito moderno, para um autocontrole perante o mesmo. Ao derreter os sólidos da história, dissolvendo o que persistisse no tempo, clamava-se pela profanação do sagrado, da tradição, das crenças, da lealdade que acreditavam resistir à liquefação. O motivo da modernidade em si não seria acabar com os sólidos, mas aperfeiçoá-los e torná-los duradouros. Assim, o mundo seria previsível e administrável (Bauman, 2000).

Seria semelhantemente o motivo atual, no contexto contemporâneo, de tantas IRs existentes, não acabar com as coisas sólidas, mas aperfeiçoá-las e torná-las duradouras, como em face da reestruturação?

Num pensamento associado, em meados da década de 1970, o filósofo Gilles Lipovetsky (2005) trata do contexto efêmero como *hipermodernidade*, na ideia de exacerbação da modernidade, numa fase de ênfase ao individualismo e à cultura do excesso. Afirma-se que há o surgimento de uma nova geração, com uma nova subjetividade, que cresce e se desenvolve virtualmente, nascida pós-utopia. Os jovens da Geração Internet foram criados em uma cultura da invenção, uma cultura do relativismo, da leveza fútil e, para conviver entre gerações, pode ser surpreendente, tanto positiva quanto negativamente (Tapscott, 2010). Hoje há comunidades religiosas virtuais, a geração da internet, uma geração surpreendente. Como será isso daqui a três anos? O que se espera de um religioso atualmente? Um perfil distanciado da sociedade, diferente, virtual, ou na sociedade?

Como diziam Weber, na racionalidade instrumental, e Marx, no papel determinante da economia, a vida social era de ordens com influência ética, cultural e política. Agora, é por liberdade individual de escolhas e de ações perante o coletivo. Com a libertação de antigas estruturas (gaiolas) e a relocação para novas ordens, passa-se para um novo tempo, onde havia grupos referenciais, agora é a comparação universal enquanto indivíduos. É a relação de mudança entre espaço e tempo proporcionado pela modernidade. O tempo, a história, o espaço e a velocidade, entre estes, são uma relação variável e flexível, própria da capacidade humana. Por vezes, com obstáculos e poderes de dominação (Bauman, 2000). Aspectos de

mudança são históricos no contexto das IRs. Como afirma Bauman, a diferença está na velocidade entre o tempo, a história e o espaço em que a capacidade humana está podendo fazer as devidas escolhas. Isto impacta no coletivo, pois tende a ter a predominância dos aspectos não estruturados socialmente.

No contexto de modernidade, Bauman (2007) discorre sobre a sociedade do medo, de insegurança e vida solitária. As vidas são atarefadas e as pessoas lutam para construir suas esperanças e recorrer contra o fracasso pessoal. Os vínculos humanos são frouxos e terrivelmente precários, com dificuldade de praticar a solidariedade, compreender seus benefícios e virtudes morais. O medo é o mais sinistro dos demônios que se aninha sobre as sociedades abertas dessa época; e a insegurança do presente e a incerteza do futuro produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável. Essa incerteza nasce do sentimento de impotência de não estarmos mais no controle, seja individual, seja coletivo. Construindo ferramentas que recuperem o controle dessas forças, o demônio do medo será exorcizado. Nota-se, na sociedade em geral, que estes acima apontados são alguns evidentes fatores sociais que interferem nas escolhas religiosas e nas decisões coletivas das instituições, no presente contexto.

A modernidade, segundo Terrén (1999), obteve sua consolidação a partir do propósito de secularização, com base em quatro movimentos intelectuais: o projeto de emancipação, que objetivou a secularização da cultura com base na racionalização da vida social e de um individualismo crescente; um projeto expansivo, com o propósito de desenvolvimento de conhecimentos científicos e desenvolvimento industrial; um projeto renovador, com o objetivo de rebeldia aos dogmas cristãos e a interação entre natureza e sociedade; e um projeto democratizador, de evolução da educação racional e moral de forma consciente e voluntária. Ainda para este autor, não há consenso de que a modernidade tenha sido substituída; há fenômenos, como a globalização, o desenvolvimento da comunicação e das tecnologias, que caracterizam uma modernidade mais moderna, denominada de pós-modernidade. Afirma-se que nesse contexto são maiores as preocupações com a saúde do planeta e há o surgimento de organizações para diferentes necessidades de direitos humanos e sociais, culturais, económicos, científicos.

A pós-modernidade tem oferecido uma maior diversidade de possibilidades para os seres humanos se desenvolverem e encontrarem alternativas para seus destinos individuais e coletivos. Certamente, o empenho das instituições e, notavelmente, do franciscanismo e da Igreja em busca do favorecimento ao bem da ecologia, justiça e paz, são bandeiras de mérito. A tecnologia, graças à evolução, tem favorecido as IRs.

Na compreensão de que haveria um vazio entre a consciência presente da modernidade e a crise de autolegitimação, Habermas (2001, 2005) inspira-se na filosofia de Hegel. Com o eixo central na ação comunicativa, fundamentada no materialismo histórico e reabilitada no

processo de aprendizagem da linguagem, rearticula, então, a teoria inicial de Parsons sobre a racionalização do mundo da vida. Habermas considerou que a teoria de Parsons era cega perante as patologias da sociedade e procurou, assim, por intermédio da ação comunicativa, dar um novo sentido à racionalização (origem weberiana). Na ação comunicativa, ampliou o conceito de sociedade em termos de mundo da vida na perspectiva evolutiva da sociedade em sistemas integrados.

A teoria de Habermas parece ser muito pertinente para o considerar a rearticulação vivencial das IRs, uma vez que este permite o diálogo considerando o transcendente. O mundo da vida é a base da ação comunicativa, o sistema de referência. Assim o descreve:

O mundo da vida é, por assim dizer, o lugar transcendental de que o falante e ouvinte saem ao encontro; em que pode apresentar-se reciprocamente a pretensão de que suas emissões concordem com o mundo [...] e em que podem criticar e exhibir os fundamentos dessas pretensões de validade, resolver seus desentendimentos e chegar a um acordo. (Habermas, 2001, p. 192).

O preciso conceito de mundo da vida de Habermas traz dois aspectos da ação comunicativa: o teleológico, da realização de fins; e o comunicativo, de interpretação da situação e obtenção de um acordo. O êxito da ação teleológica e do consenso por meio de atos de entendimento constituem critérios do sucesso ou não para dominar situações fenomenológicas do mundo da vida.

O posicionamento frente ao consenso e não somente ao conflito, para os tempos fortes dos momentos contemporâneos, parece ser uma alternativa para o diálogo, nas IRs. Não propor votação, nem competição e sim a escuta respeitosa consensual, dialogada entre os membros. A sua reprodução enlaça as dimensões do mundo já existentes como na semântica dos significados e na racionalidade dos saberes. O conceito de mundo da vida é complementar à teoria da ação comunicativa como categoria para analisar a sociedade (Habermas, 2001).

1.2 Funções da religião: um desafio atual

No estudo microssociológico de uma IR, a religião necessita ser compreendida em sua amplitude e, ao compreender as funções específicas ou parciais macrosociológicas da religião, das quais fazem parte as IRs, compreende-se o cordão umbilical e vincular da instituição pelo qual esta se fortalece ou perde, por sua vez, a essência, ao desvincular-se da fonte. O ponto de partida é uma mentalidade aberta para a compreensão de que o conceito de religião passa por mutações conforme o contexto social, cultural e histórico onde vivem as pessoas. Se a instituição não é estática, as mutações são uma realidade. Em sua origem

epistemológica, religião vem do latim *re-ligare*, religar. Tem o sentido de ligar, unir pessoas em torno de uma fé; tem conotação de vínculo, relação com o divino; o que une o ser humano com entidades sobrenaturais, com deuses ou a um único Deus (Benveniste, 1969). Assim, no conceito vai emergindo a dimensão comunicativa, a relação com o outro. Torna-se possível a expressão e, a partir da comunicação, surge com a religião o valor simbólico, a construção de sua estrutura e organicidade:

A primeira tradição trata a religião como língua, ou seja, ao mesmo tempo enquanto um instrumento de comunicação e enquanto um instrumento de conhecimento, ou melhor, enquanto um veículo simbólico a um tempo estruturado (e, portanto, passível de uma análise estrutural) e estruturante, e a encara enquanto condição de possibilidade desta forma primordial de consenso que constitui o acordo quanto ao sentido dos signos e quanto ao sentido do mundo que os primeiros permitem construir. (Bourdieu, 2011, p. 28).

Também pode ser entendida a religião como estrutura de práticas, discursos e símbolos comuns a certo grupo social, que se refere a forças, personificadas ou não, aceitas pelos crentes como anteriores e superiores ao seu ambiente natural e social, frente às quais eles expressam dependência - já que se sentem criados por elas, governados e protegidos, ou ameaçados - e diante das quais se consideram impelidos ou obrigados a determinados valores, a certo comportamento, seja na sociedade, seja na interação com seus semelhantes (Oro, 2013). Nesse discurso, ao estudo interessa observar a linguagem própria da IR pesquisada, no caso a instituição Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora, para observar as práticas de percepções, contradições, crenças, proteções, e quais os fatores sociais e religiosos latentes ou evidentes que influenciam o movimento interno da IR. Da mesma maneira, a IR retribui com influências externas, positivas ou negativas, em suas missões ou funções religiosas e sociais.

Para Bauman (1998, p. 205), a religião pertence a uma família de curiosos e, às vezes, embaraçantes conceitos que todo mundo sabe o que significa, até tentar uma definição. Com esse autor, outros tantos ou tantas formas de definições, bem como de compreensões acerca da temática, tendo em vista que, em razão do constante processo de mudanças, a concepção de religião também tende a mudar.

Não dá pra negar que a afirmação de Bauman é uma realidade nas práticas cotidianas, também no público religioso. Observam-se sujeitos circulantes no meio religioso que, como turistas ou curiosos, criam um rito apropriado e silencioso, num sentido abrangente da religião. Nesse sentido, a função da religião e da própria IR, até mesmo para os mais instruídos, teria uma função para si? Seria uma tendência para cada um crer em si e criar o

seu rito? Até mesmo para as IRs, as diferentes possibilidades de instituições passam a ser uma espécie de oferta e procura para os membros.

A religião, enquanto fato social, pode ser entendida como um produto social, um elemento da cultura. Durkheim (1996), ao analisar a história antiga, chega a reduzir o social ao religioso. Esse produto - religião - é sempre socializado. A religião é fruto de um trabalho religioso. Na sua origem, é uma produção socializada, frequentemente anônima e coletiva. Apenas com o desenvolvimento da sociedade, na divisão social do trabalho, a religião passou a ser monopolizada e controlada por um grupo de especialistas. Estaria chegando o fim do monopólio dos “especialistas”? Em suas necessidades, há sacralidades individuais, os fatos sociais estão mudando e a cultura também. A religião no contexto atual está respondendo a funções com outras linguagens?

Podem-se distinguir duas formas de trabalho religioso. Primeira, a produção anônima e coletiva. São elementos, crenças, práticas que vão surgindo espontaneamente, anonimamente, por certo grupo ou pelo povo de uma região. Segunda, a produção elaborada por especialistas. Líderes religiosos elaboram seu trabalho religioso a partir de uma matéria-prima. Essa distinção ajuda no entendimento do trabalho religioso. Na prática, porém, as expressões religiosas e crenças dificilmente surgem de forma pura, como produção anônima ou como produção exclusivamente de especialistas (Bourdieu, 2011). Atualmente, o produto da crença, pelo trabalho religioso, continua em seu simbolismo de forma anônima por diferentes grupos ou membros e, por outro lado, com líderes midiáticos expressivos que seduzem determinada plateia a segui-los institucionalmente.

Max Weber (1999) entende que existem três tipos de líderes religiosos, que fazem seu trabalho religioso a seu modo: o sacerdote, o profeta e o mago. Os três produzem religião em contextos e formas diferentes. O líder religioso *sacerdote* possui autoridade, mas não por si só, mas por ser membro de uma instituição reconhecida que o autoriza como tal. O *profeta* produz atos religiosos por seu *carisma pessoal* e não por ser membro de uma instituição autorizada e sagrada. O *mago (free-lancer)* aparece como “profissional autônomo”, geralmente atendendo e realizando trabalhos religiosos individuais. A interpretação de Weber para os tipos de líderes religiosos não se adapta adequadamente para o momento. No entanto, lembra-se que o universo pesquisado, mesmo não sendo sobre tipos de líderes religiosos, a pesquisa busca fazer um retrato de diferentes membros que a instituição possui que, possivelmente, não se encaixem “religiosamente” na proposta de perfeição ou santidade que se almeja dos indivíduos, como em séculos passados. Nesse tempo, os membros vivem de diferentes maneiras a liderança de um mago, de um profeta ou de um sacerdote, buscando desempenhar as funções e ofícios para os quais a instituição os elege e os legitima.

Em si, carisma, etimologicamente, é uma palavra latina, *charisma*, com origem no vocábulo grego, *ke'rizme*. A capacidade de influenciar os outros, inspirar entusiasmo e adesão, dom e

graça são os seus principais significados originários. Apesar de a palavra gerar diferentes interpretações, de alguma forma houve fenômenos carismáticos (líderes, “pessoas especiais”) movidos de paixão com características que, no século XX, Weber observa de maneira enfática não na natureza do carisma, mas na sua dominação e efeitos. Considera a *dominação carismática* um elemento importante para compreender a relação entre dominador e dominado.

No âmbito de Igreja, alguns papas possuem carisma, no sentido de atrair e influenciar pessoas, persuadir com suas ideias e dominar uma multidão. Na IR IFMMA, em seu sentido religioso, a fundadora não deixou de ser carismática ao ser superiora de uma instituição, fundar outra e ter seguidoras. Porém, seu estilo é diferente. Seria êmico? Seria weberiano? Bourdieu talvez dissesse que o sentido do dom é indiscutível, o próprio Weber já afirma isso. O líder, seja êmico seja weberiano, terá seu perfil próprio e Weber alertava que não há carisma sem relação de dominação. E não há líder carismático sem seguidores.

Se aqueles aos quais ele se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa. Se o reconhecem, é o senhor deles enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante “provas”. Mas, neste caso, não deduz seu “direito” da vontade deles, à maneira de uma eleição; ao contrário, o reconhecimento do carismaticamente qualificado é o dever daqueles aos quais se dirige sua missão. (Weber, 1999, p. 324).

O reconhecimento das capacidades carismáticas é atribuído ao desenvolvimento de um “dom”, o qual não pode se desenvolver em ninguém se o indivíduo não possuir esse germe que permanece oculto e deve ser estimulado e despertado. Embora o autor não atribua um significado mais preciso a essa existência oculta, que chama de dom, reconhece que está presente em determinadas pessoas por motivos (para ele) ocultos, e esse somente se torna de fato carisma quando é posto em reconhecimento mediante provas perante a comunidade de seguidores à qual pertence (Weber, 1999, p. 280).

Este é o sentido mais preciso para a pesquisa em questão do que se chama carisma, o desenvolvimento de um dom, uma capacidade oculta.

A legitimidade do líder carismático, seja ele profeta, mago, herói revolucionário ou outro, deriva, portanto, não da tradição de cargos, ou da autoridade preestabelecida da posição social, hierárquica, religiosa ou institucional que ocupa. O portador dos dons carismáticos necessita provar a todo instante que sua missão possui algo de extracotidiano, algo de transcendente, de divino. A prova dos dons carismáticos, segundo Weber, é um fator primordial na manutenção da dominação carismática, uma vez que sem ele seu portador corre o risco de perda de reconhecimento da comunidade. Logo, “ao acabar o reconhecimento do povo, o senhor é um simples homem particular e, se pretende ser mais, um usurpador culpável.” (Weber, 1999, p. 326). Nesse aspecto, o portador do carisma como

dom, independentemente de cargo, porta em si algo do transcendente, do sobrenatural como uma função latente, oculta. Para a mídia ou virtualidade atual, há a necessidade de, a todo o tempo, estar demonstrando o seu dom.

É a partir dessas categorias de Weber (sacerdote, profeta e mago) que Bourdieu (2011) constrói a teoria do campo religioso, que está relacionada ao conjunto de relações que os agentes religiosos (sacerdotes, profetas e magos) mantêm entre si no atendimento à demanda dos leigos. Nesse campo estruturante, há concorrências. Boa parte da produção religiosa é voltada para a legitimação desses produtores no interior do campo religioso. Quando o profeta fala, não é somente para atender o leigo, mas para atacar o sacerdote e o mago. Porque sacerdote e profeta têm a pretensão do monopólio da produção de sentido. Cada um quer ser detentor de um sagrado autêntico

A sacralidade existente como função religiosa em cada membro, sem estruturas no campo religioso, é um desafio de concorrência na hierarquia atualmente e pode colocar em voga o monopólio do poder instituído pelas IRs até então e a produção de sentido. Quando o sentido falar mais alto, o poder poderá ser desinstitucionalizado.

Em Marx, a religião não era prioridade de seus estudos. Porém, suas ideias e escritos derivam também de teólogos e filósofos, onde o assunto foi pautado. Um inspirador de Marx foi Feuerbach, que defendia a ideia da religião como alienação, ao referir-se à criação dos deuses ou forças divinas distintas do ser humano. Dessa forma, acredita que o potencial para os valores da bondade e o amor e o poder para controlar as próprias vidas estão presentes nas instituições sociais humanas e podem materializar-se, se for entendida a sua verdadeira natureza. A partir do momento em que os seres humanos entendem que os valores projetados na religião são de fato os seus, será possível, pensa ele, concretizá-los na terra, sem precisar transferi-los para outra vida (Feuerbach, 1957).

O entendimento de Marx referente à função da religião faz grande sentido para as IRs: sugere que é possível concretizar os valores pregados ou orientados pela religião e vivê-los nesta vida. Pois bem, a reestruturação do sentido é um sonho para este tempo ou para ser deixado para outros membros que virão, porque já teria sido feita a parte ou cumprida a tarefa por quem está acomodado neste tempo?

Pensa Marx que a religião representa uma alienação humana, assim como o inspirou Feuerbach. A religião para ele tem elementos ideológicos fortes, sendo que as crenças e valores tendem a justificar situações de riqueza e poder. Declarou, numa famosa frase, que a religião seria *o ópio do povo*, pois, nas condições existentes nessa vida, adiaría a verdadeira felicidade. Desse modo, a religião desviaria a atenção das condições de desigualdades e injustiças existentes para projetar uma felicidade na vida futura. Marx, num tempo em que a fé cristã não incluía um compromisso de libertação histórica, afirmava que a religião em seu

modo tradicional deveria desaparecer e, assim, os novos valores tornar-se-iam ideais para melhorar a humanidade (Giddens, 2010). Em algumas situações, projetar o novo em mentalidades antigas pode ser uma possível perda de tempo. Porém, a felicidade é um caminho para o não desprezo e melhoria da vida e de suas condições; de leveza, porém não com pesos ideológicos deprimentes e queixosos.

Ao contrário de Marx, Durkheim passou grande parte de sua vida acadêmica estudando a religião. O enfoque do seu estudo não são o poder e as desigualdades sociais, mas a natureza geral das instituições na sociedade. Ao estudar sociedades pequenas, definiu religião em termos de sagrado e profano, em que os objetos sagrados e símbolos são tratados de forma separada. As cerimônias e os rituais são essenciais para manter a coesão entre os membros de uma coletividade. Esses reafirmam a solidariedade, são forçados a ajustar-se às grandes mudanças de suas vidas, como ocorre com o ritual da morte e luto, por exemplo. Durkheim (1996) afirma que a religião condiciona o modo de pensar dos indivíduos, incluindo as ideias de tempo e espaço que foram moldadas originalmente nas sociedades tradicionais em termos religiosos. Como Marx, pensa que a religião tradicional, com suas forças divinas ou deuses, tenderia a desaparecer para o surgimento de novos valores. Embora vago, aponta que tenderiam a ser a liberdade, a igualdade e a cooperação social (Giddens, 2010).

Para este estudo, a teoria de Durkheim contribui enormemente, pois se nota que os membros religiosos, em sua maioria nas faixas entre 60 e 90 anos, ingressaram na IR como criança, com idade entre 09 e 11 anos. Numa época em que a cultura era aceitar tudo, acreditar em tudo, sair de casa para estudar. O convento era um mérito e um prestígio familiar, um educandário e, como afirma Durkheim, os membros foram moldados, condicionados, em seu modo de pensar, em suas ideias, por esta sociedade institucional. E, atualmente, as crianças com 05 anos já tem muito mais acesso a escolas, tecnologias e socializações (mesmo que com suas vulnerabilidades) do que naquela época com 20 anos.

Weber (2003), diferentemente de Durkheim, debruçou-se no estudo profundo das religiões de todo o mundo. Concentrou sua atenção nas mudanças sociais, fato a que Durkheim deu pouca atenção. Contrastando com Marx, Weber defende que a religião não é uma força necessariamente conservadora. Segundo Weber (2003), os movimentos inspirados na religião têm produzido transformações sociais exitosas. Como, por exemplo, os primeiros empresários, ao iniciarem o desenvolvimento econômico no Ocidente, eram calvinistas, inspirados pelo desejo de servir a Deus. O sucesso material era, para eles, um sinal de favor divino. De outra parte, há concepções diferentes em religiões do Oriente que fornecem barreiras ao desenvolvimento econômico. Isso não significa que as civilizações do Oriente são atrasadas, simplesmente aceitaram valores diferentes. Weber (2003) vê o cristianismo como uma religião de salvação, porém questiona a estrutura e o poder vigente. Enquanto as religiões do Oriente cultivam uma atitude de passividade frente à ordem existente, por parte do crente, o

Cristianismo implica uma luta constante contra o pecado e, por isso, pode provocar a revolta contra a ordem existente (Giddens, 2010).

O conservadorismo e a passividade estão presentes também entre as culturas das IRs, cada uma com um ritmo, uma história e uma compreensão. Isso pode ser relevante frente aos extremismos violentos da agitação e as sutilezas que ocultam a religião, como em palcos de poderes políticos, bancadas evangélicas, católicas ou altares desmedidos para pronunciar palavras ou práticas injustas.

Para Durkheim (1996), o estudo das religiões o fez descobrir que estas possuem uma *essência comum*. É essa essência comum que, mesmo em diferentes sociedades e contextos, possui funções universais. Essas funções da religião na sociedade diferem: umas estão para a ótica da religião e sua origem em si, outras para o que a sociedade espera.

A descoberta de Durkheim, de que as religiões possuem funções universais a partir de uma essência comum, é para as IRs uma grande contribuição, pois o número delas é incontável; certamente, a essência no catolicismo destas é a mesma, e o que as difere numa é o carisma para seu modo de viver, e noutra a função que, dela, a sociedade espera. Diante da diminuição de membros, não faria sentido unificar as funções similares das IRs se a essência é comum? Ou o tempo histórico determinaria o futuro?

Bourdieu (1982), por sua vez, afirma que a religião tem um efeito de consagração, ou seja, de legitimação, em relação ao mundo natural e social. Converte o *ethos* (costume) em ética. A religião, segundo Bourdieu, tem uma função ideológica, prática e política; absolutiza o relativo e legitima o arbitrário. Com isso, ela assegura tudo que define socialmente esse grupo ou classe que a representa e que defende. Possibilita a legitimação de um estilo de vida e de relações sociais, que são arbitrárias e estão associadas a uma classe ou grupo.

Nota-se que, por vezes, as IRs assumem posturas ideológicas carregadas de forças e os seguidores facilmente são induzidos a acreditar nas palavras proferidas. O discernimento reflexivo diante de tais situações, que tendem a ser manipuladoras, pode causar conflitos. É o que chama de efeito de consagração como sacralização pela *naturalização* e pela *eternização*. Esse efeito ocorre pelas formas como “sacramenta” (“pelas sanções santificantes”) e converte em limites legais as barreiras económicas e políticas efetivas. Isso contribui para a manipulação simbólica das aspirações que são ajustadas às oportunidades objetivas. E inculca um sistema de práticas e de representações consagradas, que reproduzem, de forma transfigurada, a estrutura das relações económicas e sociais vigentes em determinada formação social.

A função sociopolítica da religião acontece porque os fiéis

“não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria fisiológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem [...]” (Bourdieu, 1982, p. 46).

Tanto no discurso quanto na atuação concreta é difícil haver neutralidade política. Como expressa Bourdieu (1982, p. 48), “[...] as funções sociais desempenhadas pela religião em favor de um grupo ou de uma classe, diferenciam-se necessariamente de acordo com a posição que este grupo ou classe ocupa, (1) na estrutura de relações de classe, e (2) na divisão do trabalho religioso.”

A sociedade, muitas vezes, busca na religião o que deveria buscar no Estado. E quando o religioso começa a propor uma reflexão, para haver mais consciência dos mecanismos históricos, muitos trocam de religião. Haver religiosos bem preparados que possam refletir, questionar, confortar e oferecer opções existenciais são necessidades que desafiam as funções mais sutis das religiões e das IRs e seus líderes atualmente.

A eficácia social dos esquemas de pensamento da religião está na sua capacidade de moldar consciências e transformar comportamentos, como se aqueles esquemas fossem naturais, transformando-os em *habitus*.

O *habitus* é uma noção *mediadora* que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar a “interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para o pensar, o sentir e o agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente. (Bourdieu, 2002, p. 261).

Dessa noção mediadora, temos uma percepção de que a manifestação religiosa favorece a socialização dos indivíduos e os confirma nessa vivência. É por intermédio do entendimento da realidade simbólica da religião que se pode captar a função social desta, em sua *consciência coletiva*, sendo que o ato social é a condição para a ordem social, pois este transcende o indivíduo, como entende Luckmann (1973, p. 26).

A função social e religiosa das IRs tende a ser conduzida por intermediações conjuntas, tanto das questões do contexto quanto do desafio, com o passar dos anos, da construção de um novo sujeito propenso a ter um novo *habitus*, com novas capacidades e disposições que deem respostas sem constrangimentos ao meio social atual, pois a estrutura mental já é nova.

A religião, por vezes, tem uma função no geral e isso deveria ser um projeto de vida que não necessite de evidência, com maior profundidade e menor amplitude. No geral, é evitar sofrimentos, expressar unidade social, solidariedade, ou pode até ser causa de conflito em algumas situações. A religião tem evitado problemas cognitivos ou incertezas emocionais que, de alguma forma, agravam a humanidade. Thomas O’Dea descreve as funções da religião:

[...] identifica o indivíduo com seu grupo, apoia-o na incerteza, consola-o na decepção, liga-o aos objetivos da sociedade, aumenta a sua moral e lhe dá elementos de identidade. Procura reforçar a unidade e estabilidade da sociedade ao apoiar o controle social, ao ampliar os valores e objetivos estabelecidos, e ao dar os meios para superar a culpa e a alienação. Pode também desempenhar um papel profético e revelar-se uma influência perturbadora e até subversiva em qualquer sociedade. [...] Portanto, a religião pode ser, não apenas um fator que contribui para a integração da sociedade, para a realização de seus objetivos e o fortalecimento do seu controle social. Pode não ser apenas um fator que contribui para a moral e o equilíbrio de personalidades individuais. Pode ser também desintegradora - uma causa de tensão e conflito (individual e social). (O’Dea, 1969, p. 28, 146).

As principais funções sociais da religião são amplas, apresentadas no Quadro 2, de acordo com Rodrigues (2007):

Quadro 2 - Síntese das Funções Sociais da Religião. Adaptado pela autora de Rodrigues (2007).

Referência transcendental para superação das incertezas, sentido da vida, conforto afetivo-espiritual, equilíbrio do ser humano, visando à maior integração social.

Ajuda controlar a escassez de recursos econômicos, prestígio e poder.

Justifica a desigualdade social, a divisão do trabalho, a subordinação e a hierarquia.

Unidade social, cultural e religiosa em períodos de crise ou mudança política ou econômica.

Fator de (não)coesão social: reconhecendo as instituições formais (Estado e Sociedade), a religião condena ou não, dependendo da ordem social.

Vale ainda salientar a função legitimadora da religião na sociedade, que pretende relacionar a realidade humana definida com a realidade sagrada. As construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e contraditórias, recebem aparência de segurança e permanência. A relação da atividade humana com a sociedade que produz a religião é dialética, pode-se ir para uma guerra, matar entre bênçãos. Há, portanto, uma relação entre a atividade humana, mediante o cosmos sagrado, e a presença do caos (Berger, 1985).

Neste sentido, há que salientar que os religiosos normalmente nas IRs, produzem bênçãos, ao menos nas funções sociais e religiosas franciscanas, de justiça e paz, onde o estudo for realizado.

1.3 As transformações institucionais no mundo contemporâneo e a construção de um novo *habitus*

Associar as concepções conceituais das instituições aos estudos sociológicos organizacionais e abordar intrinsecamente suas configurações, certamente, traz avanços importantes às posturas interdisciplinares e, no caso da teoria institucional, ao esforço de cientistas sociólogos, políticos e economistas que buscam o entendimento da finalidade da instituição, dedicando-lhes décadas de estudos. Os conceitos das instituições buscam questionamentos ou reflexões diante do específico da pesquisa, que abarca o recorte religioso, diante das transformações modernas, às respostas mediadas por um novo *habitus*, ou seja, um novo estilo de religioso e novas disposições institucionais para as IRs.

O vocábulo instituição vem do latim *instituere*, como significado de fundar, estabelecer, organizar algo que existe, ordenar, regular, formar, treinar alguém, regrar uma vida segundo princípios, instaurar, entre outros. O termo pode contemplar a ideia de obra ou empreendimento que se perpetua no meio social e na memória das pessoas. A configuração, que está nas entrelinhas do conceito, está para o ato do estabelecido, organizado e ordenado de uma vida com regras e princípios (Pereira, 2012).

O *instituere*, segundo uma regra de princípios pode estar na memória de algumas gerações das IRs e, inimaginavelmente, dos que estão iniciando seu treinamento formativo. O valor simbólico de uma instituição, para alguns membros, pode ser possuído de uma afetividade estrutural, enquanto para outros, uma passagem processual de determinado tempo, um sentido. Ordenar, regrar os tempos modernos necessitará o desenvolvimento de capacidades criativas para considerar em que período a pessoa quer e decide viver na instituição: na memória, no presente ou no futuro.

Para o sociólogo Everett Hughes, instituições originam-se conceitualmente da Antropologia, sendo um “empreendimento social implementado de maneira esperada e permanente” (Hughes, 1942, p. 307), pois a permanência das instituições ocorre em virtude de um conjunto de fatores contingenciais que surgem de relações inevitáveis “de fenômenos sociais com outros fenômenos sociais e com outros fenômenos que não são nada sociais.” (Hughes, 1936, p. 181).

Assim, a afirmação do autor propõe a reflexão mediante a origem de uma instituição e a perenidade dela diante dos fatores contextuais. Ao se tratar das IRs, há instituições que se originam por necessidades sociais, espirituais e, talvez, por outras inspirações.

O surgimento das instituições acontece em razão de estas atuarem como normas, com a necessidade de os indivíduos coexistirem uns com os outros. Instituição seria, dessa forma, um conjunto de regras que articulam e organizam interações econômicas, sociais, políticas e culturais entre os indivíduos e grupos sociais (Espino, 2001).

Ao examinar o conceito de instituições, Lourau (2004) define o termo a partir de diferentes acepções. Primeiramente, afirma que instituições são normas e estas incluem também as configurações de como os indivíduos concordam ou não em participar dessas mesmas normas. Entende-se por instituição, ainda para o mesmo autor, a forma como os indivíduos se relacionam socialmente com seu conteúdo histórico individual e com suas coletividades, bem como com as normas sociais já existentes.

No âmbito disposto, as IRs são instituições que se organizam com normas internas e externas tradicionalmente, relacionam-se com a sociedade à sua maneira e possuem sua organização econômica individual e coletiva.

As instituições são sistemas de regras que determinam a vida dos indivíduos, dos grupos sociais e das formas sociais organizadas. São sistemas de regras unidos que, atuando em conjunto, formam o tecido institucional da sociedade. Instituição não é um nível de uma organização que atua a partir do exterior, mas atravessa todos os níveis dos conjuntos humanos e faz parte da estrutura simbólica do grupo e do indivíduo. Ao termo instituição pode ser feita referência às constituições políticas, às leis, aos instrumentos e ferramentas de controle para a garantia e execução da lei, bem como dos preconceitos, modas e crenças. O que o indivíduo encontra estabelecido na sociedade, como as normas, costumes, tradições e condutas, é o que está instituído.

Portanto, existe uma relação sociológica entre instituição e instituído (Lourau, 2004). Ao fazer parte de uma IR, normalmente o conjunto de regras e normas já se encontra estabelecido, participando e aceitando o que está instituído. O tecido institucional determina aspectos da vida dos membros. Isso tem assustado as gerações contemporâneas.

Numa definição mais ampla, Eisenstadt (1968, p. 409) sugere conceber as instituições como “princípios regulatórios que organizam a maioria das atividades dos indivíduos em uma sociedade cujos padrões organizacionais são definidos a partir de alguns problemas perenes, básicos de qualquer sociedade ou ordem de vida social.” Nesse conceito, percebe-se a influência de um contexto normativo e previamente estabelecido. No contexto regulador os indivíduos vinculam-se aos comportamentos já estruturados. Essa concepção de instituição é de origem weberiana, pois a interação entre as pessoas e a sociedade não é aleatória, mas padronizada e coerente com a intencionalidade de suas ações que possuem como referência as normas institucionais (Emmendoefer, 2006).

Os princípios regulatórios, as constituições e diretrizes das IRs têm sido debatidos com frequência referentemente à necessidade de constantes atualizações, incluindo os documentos canônicos da Igreja, que determinam condutas que possibilitam ou reduzem

aspectos de uma época desatualizada. Porém, por vezes, é mais fácil amparar a castidade dos religiosos, dizendo, por exemplo, que é uma opção livre, quando se notam religiosos instituídos com controles intensos e comportamentos estruturados vinculados ao poder determinante, como desequilíbrio afetivo. Assim são as transferências missionárias que organizam as atividades dos membros à virtualização das relações fraternas entre outros.

Uma instituição pode ser compreendida como determinado padrão social que revela um processo de reprodução particular. Quando ocorrem desvios desse padrão, eles são neutralizados de forma reguladora por meio de recompensas e restrições. Instituições são padrões sociais que, quando reproduzidas, devem sua sobrevivência a processos da sociedade. O conceito de instituição remete a elementos configurativos, como ao isomorfismo institucional, um processo de restrição que força uma unidade de uma população a se assemelhar a outras unidades que enfrentam o mesmo conjunto de condições ambientais. Assim, o isomorfismo pode ser coercitivo, normativo e mimético (Dimaggio e Powell, 1991).

Na atual conjuntura, as IRs vivem a reprodução do que a Igreja vive. E a Igreja não constitui um todo completamente homogêneo. É um tempo de crise institucional em seu sentido existencial por sua amplitude de estrutura e deseja rever este sentido profundo na sociedade. As IRs assemelham-se a outras unidades religiosas, enfrentam o mesmo conjunto de problemas, envelhecimento de membros, ausência de perspectivas e novos candidatos voluntários para prosseguir, crise de reconhecimento social/anonimato.

O isomorfismo coercitivo acontece à medida que pressões formais ou informais são exercidas sobre uma instituição por outras instituições das quais depende. Ocorre também o movimento de coerção a partir de expectativas culturais por parte da sociedade onde a instituição atua, como, por exemplo, ordens governamentais e ambiente legal comum. O isomorfismo mimético ocorre pela incerteza simbólica ao tomar outras organizações como modelo paradigmático. Estão difundidos nesse conceito dois modelos relevantes: a dinâmica involuntária, da qual acontece a transferência ou rotatividade de funcionários; e a dinâmica explícita, que envolve o comércio e a indústria, em virtude da pressão sentida pela organização para oferecer programas e serviços. Já o isomorfismo normativo deriva da luta coletiva dos membros de uma profissão para definir as condições e métodos de seu trabalho e estabelecer uma base cognitiva e de legitimação para a autonomia de sua profissão. O comportamento e as atitudes dos indivíduos dentro da organização, como o estilo de vestimenta, vocabulário, métodos padronizados de discursar, de fazer piadas ou de se dirigir aos outros, fazem parte do isomorfismo normativo (Dimaggio e Powell, 1991).

As IRs vivem o isomorfismo coercitivo, pois sofrem pressões da sociedade onde atuam e dos fatores (expectativas) de seus destinatários, o público religioso, bem como de outras IRs. O

isomorfismo mimético acontece nas IRs diante das incertezas do futuro, ao utilizar as outras instituições como modelos, como é o caso do processo de reestruturação, sendo que cada instituição possui uma finalidade e os modelos tendem a fracassar. Já o normativo é muito comum nas IRs: há membros que se identificam com os ritos, a tonalidade do discurso, as vestes padronizadas, entre outros.

De outra parte, Berger e Luckmann (1974) relacionam instituição, sobretudo na sua origem, com hábitos de comportamento que uma geração vai transmitindo para a outra, também como fato social. Para Durkheim (1978, p. 92),

[...] é um fato social toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coação exterior; ou ainda, que é geral no conjunto de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais.

O fato social principiante de Durkheim traz três características básicas: a exteriorização (podendo ser tratada como coisa: maneira de agir, de pensar...) tende a provocar reações e comportamentos; a coletividade: é produzida e mantida por uma dada sociedade e quanto mais coletivo mais social; e a obrigatoriedade: é coercitiva, impõe-se para determinada sociedade, como, por exemplo, a língua e os fatores culturais.

Numa discussão atribuída no âmbito das organizações, Serva (2001 p. 6) cria um conceito de fato organizacional: “um complexo de elementos e de suas relações entre si, resultante e condicionante da ação de diferentes pessoas no desempenho de funções que limitam e orientam atividades ligadas à vida humana associada.” A intenção desse conceito é criar maior fluidez para as ações administrativas, a partir das reflexões humanas e sociológicas para as IRs, nos contextos contemporâneos.

Esse conceito de fato organizacional, refletido por Serva (2001), está alinhado com o pensamento de Guerreiro Ramos (1946), que também discorda de Durkheim referentemente à exterioridade (embora enfatizasse um fato social mais administrativo operacionalizado), sendo que os contextos sociais interagem na formação dos sujeitos. O fato organizacional é um produto da vida coletiva, brota da vida em comum, como também sinalizou Durkheim, e está presente nas sociedades dos grupos políticos, religiosos, corporações profissionais, etc. E quanto ao fator coercitivo, este tende a manifestar-se com maior ou menor intensidade, dependendo do grau de imposição exercido na organização. Em Guerreiro Ramos (1946), esse grau de imposição exerce efeitos coercitivos que tendem a condicionar as ações dos sujeitos no desempenho de funções.

A instituição tende a ser formada por comportamentos que foram habitualizados e se tornaram institucionais, ao mesmo tempo que pode haver maneiras e hábitos pessoais que

não criam nenhuma expectativa nem reciprocidade. Dessa forma, uma instituição somente acontece como fato social quando tem certa estabilidade, especialmente, quando vai além de uma geração. As pessoas que ingressam depois já encontram normas, costumes, padrões estabelecidos, um sistema legitimado. Isto, para qualquer instituição. O que é valor numa instituição, pode não ser em outra. Os valores que regem as instituições variam de instituição para instituição. IRs tendem a ser e a possuir características de fato social e fato organizacional, com suas dimensões objetivas e subjetivas, e estas interferem significativamente na gestão de mudança de estrutura e de sentido.

A socialização tem o sentido de internalizar as normas e valores de uma instituição, sendo a socialização, portanto, o processo pelo qual as pessoas assimilam as normas e valores e habilitam-se a conviver, a criar a sociabilidade. Assim, a vida institucional se faz num processo de externalização, internalização e objetivação. Pode-se dizer que, quando alguém conta determinado fato, visão ou situação, está externalizando. Aí há um fato social, um fato objetivo - uma objetivação - que é internalizado por outros. Nesse processo, a sociedade, e, nesta, as IRs e seus membros estão constantemente produzindo e reproduzindo suas instituições (Berger e Luckmann, 1974).

A institucionalidade compreende um amplo movimento que gera o instituinte (ferramentas de controle, como leis, constituições); um resultado: o instituído (o que já está estabelecido, como regras, normas); e um processo: a institucionalização (forma como acontece, por exemplo, a aceitação e a assimilação das normas na sociedade pelos indivíduos e pelas instituições). As instituições não estão desvinculadas da sociedade e dos indivíduos, nem dos processos estabelecidos entre eles e tendem a convergir entre as instâncias políticas, culturais, económicas e ideológicas (Baremblytt, 1992). Nesse conjunto, os membros das IRs estão diretamente envolvidos por meio de suas ações e reações.

Outro aspecto configurativo, que se refere à instituição, é sua condição para as estruturas sociais e para a agência. Ela tanto possibilita como limita a constituição da estrutura e da capacidade de agência⁶. Não se refere unicamente às estruturas sociais, mas também às práticas sociais que, nas palavras de Giddens (1984), possuem a maior extensão espaço-temporal. A existência de instituições demarca e permite a ação e a inexistência destas pode levar à ausência de referências (Machado-da-Silva, Fonseca e Crubellate, 2010).

A configuração atual da sociedade em sua capacidade de possibilitar a existência de instituições pode também agir com o propósito e com fatores que interfiram para a

⁶ Segundo Selznick (1992, p. 238), “agência denota competência, intencionalidade e calculabilidade. Ser um agente é atuar/agir com propósito.”

inexistência das mesmas. E, no caso das IRs, se vieram a demarcarem a ausência social, podem permitir um marco destrutivo de referenciais para a sociedade.

1.3.1 As Instituições: Trajetórias, Estruturas e Capacidades dos Atores

A teoria institucional, surgida no arcabouço das ciências sociais, no final do século XIX, pode trazer discussões atuais para as IRs similares e para o campo sociológico em seus mais diferentes contextos. A trajetória da teoria institucional traz marcas que delinearam a história e possibilitaram a inovação de estruturas por meio da capacidade de ação de seus atores em determinadas épocas. Houve disputas para estabelecer o monopólio da competência científica, compreendida como modo legítimo de falar e agir. Todavia, com objetivos revisados e analisados, a teoria institucional, submetida a questionamentos sistemáticos, continua sendo capaz de oferecer alternativas de análise para diferentes contextos e fenômenos sociais (Bourdieu, 1983).

Em seus estudos, Carvalho, Vieira e Goulart (2012) evidenciam a preocupação com a trajetória da teoria conservadora, anexada aos esforços investigativos para compreender o processo de institucionalização dos formatos organizacionais e das instituições padronizadas. Para vários autores, como DiMaggio e Powell (2001), March e Olsen (1993) e Scott (1995), a década de 1970 é identificada como a retomada da teoria institucional nas ciências sociais. A partir de então, o interesse pelas instituições foi reavivado como elemento fundamental para a compreensão da realidade social, por meio das ciências políticas, da economia e da sociologia.

A discussão dos processos internos e externos das instituições é a condição para este estudo que visa à verificação do processo de reestruturação das IRs e tal qual refinar o olhar para os formatos existentes e condicionados pela não notabilidade ou sutileza da crença ou sutileza de suas existências.

Em resposta às crises, limitações e críticas ao modelo behaviorista (escola comportamentalista), ao funcionalismo e ao marxismo, como abordagens formalistas, fundamenta-se a base da teoria institucional, denominada institucionalismo, diferenciada das teorias anteriores à Segunda Guerra Mundial. O adjetivo “novo” passou a ser utilizado, pois as abordagens tradicionais (behaviorismo, funcionalismo e marxismo) estariam relacionadas ao “velho” institucionalismo (Immergut, 1996).

Na prática, há quem questione a existência de oposição entre o velho e o novo institucionalismo. As preferências individuais e categorias básicas do pensamento, como self e ação social, são moldadas por forças institucionais (também das IRs), sendo isso possível por meio de sistemas e regras compartilhadas que limitam a inclinação e a capacidade de otimização dos atores. Em face disso, a teoria neoinstitucional, associada à ação estruturada

e determinista, seria uma versão renovada da não ação, ou seja, das ações condicionadas dos atores (Misoczky, 2003).

Existem diferentes temáticas abordadas pelo institucionalismo referentes ao ambiente institucional. A consideração de que rotinas e estruturas organizacionais são reflexos ou decorrências de normas institucionalizadas remete à legitimidade e ao ambiente. Ambiente é um conceito amplo que envolve aspectos institucionais e técnicos; substitui a ótica funcional, instrumental e racional, associada à abordagem tradicional, por uma visão relacional entre os atores sociais que compartilham estruturas sociais coletivas, reflexos de normas e rotinas legitimadas contextualmente. Pode-se dizer que é uma condição que reflete o alinhamento de uma organização normativa, reguladora e cultural de regras cognitivas e crenças existentes no seu campo e ambiente social (Scott, 2007).

Na instituição religiosa pesquisada isso é muito evidente: o ambiente cultural da África, as crenças europeias, o modo de viver de cada país da América Latina determinam uma IR diferenciada em sua estrutura organizativa e institucionalidade, porém o que as alinha é o objetivo religioso.

Nesse aspecto, para Oliver (1991), as instituições podem responder de modo diferente ao ambiente, mediante ações estratégicas que variam, desde a conformidade até a resistência, de acordo com as pressões do contexto, das capacidades internas e dos motivos que geram tais pressões, de como e por quais meios e onde são exercidas. Dependendo do grau de institucionalização, haverá maior ou menor margem para resistência ou mudança. A instituição, assim, continua sendo sinônimo de conformidade, de persistência a não ação de seus atores.

A discussão acerca da teoria institucional, para Machado-da-Silva, Fonseca e Crubelatte (2010), numa posição intersubjetiva, é mais bem analisada sob a ótica multiparadigmática, em que estrutura e agência se conectam de modo recursivo com base na interpretação, enquanto comportamento que possibilita a reciprocidade de tais elementos e simultaneidade na prática social, além de um processo desenvolvido, em longo prazo, com atores portadores de significados institucionais. A ótica multiparadigmática propõe a reflexão como processo em relação, entre instituição, ator social e ambiente, ampliando assim o conceito de institucionalismo com foco num modelo determinista.

O neoinstitucionalismo é um termo utilizado na ciência política para designar uma perspectiva teórica. Não constitui uma corrente de pensamento unificado. Possui, pelo menos, três métodos de análises diferentes, em expansão a partir dos anos de 1980 até meados de 1990. As três formas de análise do neoinstitucionalismo são construídas analiticamente com base em duas questões: 1) como construir a relação entre instituição e

comportamento individual, e 2) como explicar o processo pelo qual as instituições surgem e se modificam (Hall e Taylor, 2003). Para responder a estes questionamentos, nesta seção serão apresentadas as três versões de neoinstitucionalismo. São elas: o institucionalismo histórico, o institucionalismo da escolha racional e o institucionalismo sociológico. Por fim, será abordada uma reflexão referente às aproximações dos três neoinstitucionalismos, com a finalidade de os mesmos contribuírem para a análise do objeto pesquisado.

O institucionalismo histórico surgiu como reação ao funcionalismo estruturado e contra os grupos que dominavam a ciência política nos anos de 1960 e 1970. Esse tipo de institucionalismo é definido como procedimentos, protocolos, normas e convenções oficiais inerentes à comunidade ou à economia política (Hall e Taylor, 2003). O institucionalismo histórico se distingue dos demais por ser eclético. Os atores (ou no caso, os membros das IRs) fariam suas escolhas com base nos interesses, resultados e consequências pessoais, isto é, em cálculo utilitarista e, ao mesmo tempo, possuiriam diferentes visões de mundo, correspondentes a suas posições e contextos sociais, construídos, assim, politicamente. Cálculo e cultura combinar-se-iam para formar atores coletivos e com relações de poder assimétricas. Para Immergut (2006, p. 170), o comportamento dos indivíduos não revelaria suas reais preferências ou desejos, mas um “roteiro institucional”, no qual os atores avaliam o comportamento a ser adotado por intermédio da análise de cenários e do processo histórico.

O comportamento dos indivíduos nas instituições exerce influência sobre situações políticas, nas quais os indivíduos buscam maximizar seus resultados em relação a um conjunto de objetivos definidos e adotam um comportamento estratégico, onde examinam todas as escolhas possíveis para definir aquelas que oferecem benefícios máximos. Já em uma perspectiva cultural, as instituições tendem a analisar até que ponto o comportamento humano é estratégico e, dessa forma, limitado pela visão de mundo dos indivíduos. Tendem a considerar a satisfação da pessoa (superior aos objetivos da IR) que depende da interpretação de uma situação mais do que de um cálculo utilitário (Hall e Taylor, 2003).

Quanto à dinâmica comportamental dos indivíduos nas instituições, para Meyer e Rowan (1977), bem como para March e Olsen (1993), os símbolos, os rituais, as cerimônias, os relatos e as dramatizações na vida política cumprem uma função configuradora na sociedade contemporânea, para um mundo permeado de instabilidade e volátil, afetado por turbulências sociais e políticas (ou no caso da instituição em estudo). A sociedade burocrática na modernidade, para os institucionalistas, é responsável pela transformação das instituições sociais, políticas e econômicas. As instituições cresceram e adquiriram poder, tornando-se mais complexas e eficazes. Esse protagonismo crescente das instituições está na perspectiva institucional em ciências políticas e desempenha, assim, um papel dominante na

vida contemporânea, por meio de organizações formais, instituições legais e burocráticas (Carvalho, Vieira e Goulart, 2012).

Os estudos do institucionalismo histórico têm incidência direta sobre relações de poder (têm sido de interesse para as IRs, devido às hierarquias que perduram), sendo que os teóricos prestaram atenção, sobretudo, no modo como as instituições repartem o poder de forma desigual entre os grupos sociais. Isso confere um acesso desproporcional ao processo de decisão dos indivíduos. Adeptos desta escola também tendem a explicar o desenvolvimento histórico a partir de um conjunto de trajetórias e como as instituições produzem essas trajetórias, tendo em vista as mudanças institucionais, as situações críticas e a relação entre as instituições, ideias ou crenças (Hall e Taylor, 2003).

Numa outra perspectiva, a escola do institucionalismo da escolha racional, como tratam Hall e Taylor (2003), surge nos anos de 1970 em busca de respostas, da parte das instituições, na representatividade e na validação de propostas nas decisões do Congresso dos Estados Unidos. O elemento relevante dessa literatura diz respeito à impossibilidade de equilíbrio nas escolhas sociais. Em suma, a soma horizontal das preferências individuais dos legisladores, relativas a opções de políticas públicas postas em votação, não representa uma convergência para o bem da coletividade. Este tem sido um questionamento reproduzido para o estudo.

Os autores brasileiros Carvalho, Vieira e Goulart (2012) enfatizam a base intelectual do institucionalismo econômico, que equivale ao da teoria da escolha racional, citando os influentes de 1890, John R. Commons, Wesley C. Mitchell e Thorstein Veblen, apesar da diferença entre eles, que compartilhavam da crítica à precedência dos dados empíricos e ao foco na economia como lei universal. Outra ideia comum dos intelectuais desta tendência é a mudança constante da economia, em oposição à ideia prevalente de equilíbrio econômico.

O pensamento econômico da velha teoria institucional com sua excessiva atenção ao empirismo caracterizou os estudos institucionalistas como frágeis e ingênuos, e seus pesquisadores como colecionadores de dados por excelência. A não consolidação acabou por isolar e enfraquecer a abordagem teórica, ressignificada posteriormente com a teoria da escolha racional (Hodgson, 1994).

Os pressupostos comportamentais do modelo da escolha racional estão relacionados à maximização da satisfação de suas preferências ou gostos. Outro comportamento também é a tendência em encontrar soluções para a vida coletiva sem deixar lesados. É plausível que o comportamento de um indivíduo seja influenciado por um cálculo estratégico, cálculo utilitarista, e influenciado pelas expectativas de outros atores. Os atores desse modelo criam a instituição numa ótica dedutiva, posteriormente, enfatizam uma classificação de funções

para poder conceituar a instituição como ganho de valor obtido pela cooperação. Ganhos estes obtidos nas trocas entre seus membros (Hall e Taylor, 2003).

O ressurgimento do institucionalismo na economia foi por volta de 1970, com os estudos de Williamson (1995) e North (1996). O foco da teoria institucional se deslocou, na visão de Carvalho, Vieira e Goulart (2012), para a observação das conexões entre os custos de transação e a teoria das organizações, verificando as relações económicas ocorridas no universo das organizações. Para a teoria dos custos de transação, Williamson (1995) defende que o seu foco é a governança das relações contratuais e, em sua unidade de análise, está a transação, estabelecida pelo conjunto de regras do ambiente institucional, base para a produção, para o intercâmbio e a distribuição, moldadas pelas formas contratuais. O comportamento do indivíduo se refere à racionalidade e ao oportunismo.

Neste novo institucionalismo económico, o enfoque possui características schumpeterianas, o que significa que o modelo clássico considerado formal, matemático, elegante e preciso já se tornou insuficiente para o entendimento dos problemas das sociedades em fase de crescimento. É necessário reelaborar a noção de racionalidade sob a inspiração de Joseph Schumpeter e incorporá-la ao desenvolvimento da sociedade, o que significa reposicionar ideias, sistemas e ciclos económicos dinâmicos e não lineares que proporcionem inovações e atos empreendedores, dogmas e ideologias que influenciem no processo decisório da racionalidade (North, 1996). As decisões e suas consequências (inovações, atos empreendedores, reposicionamento de ideias), para Carvalho, Vieira e Goulart (2012), são fundamentais e caracterizam escolhas políticas e económicas e devem ser incorporadas ao sistema de crenças dos sujeitos envolvidos.

Com uma nova abordagem, a escola do institucionalismo sociológico surgiu no quadro da teoria das organizações, no final dos anos de 1970, na concepção de que as práticas aparentemente mais burocráticas das instituições devem ser explicadas em termos culturalistas. Os sociólogos institucionalistas escolhem uma problemática que envolve uma explicação do motivo de as organizações utilizarem determinados procedimentos, formas, ritos ou símbolos institucionais, com particular atenção à difusão dessas práticas. As características do institucionalismo sociológico consentem em certa originalidade. Primeiro, a forma como os autores desta escola definem instituições é de maneira global, incluindo os padrões formais, normativos, mas também os sistemas de símbolos, os esquemas cognitivos e os modelos morais que estabelecem os padrões de significação e guiam a ação humana. Outra característica é o enfoque da cultura como sinónimo de instituições, o que significa a aproximação a uma rede de hábitos, de símbolos e de cenários que forneçam modelos de comportamento (Hall e Taylor, 2003). Essa globalidade institucional sociológica é a proposta alternativa, sinónimo de uma IR, como unidades de significado.

Os estudos organizacionais ganham nova ótica, pois Scott (1995) afirma que os teóricos dos

anos de 1950 e 1960 iniciam um novo tempo, mediante o reconhecimento das coletividades particulares (organizações) como unidades com significado na sociedade. Nesse período, surge a necessidade de distinguir o significado social de uma organização e de uma instituição.

Assim concebendo, Selznick (1972, p. 5) define que “organização é um instrumento técnico para a mobilização das energias humanas, visando a uma finalidade já estabelecida [...] [Refere-se a] um instrumento perecível e racional projetado para executar um serviço.” Já instituição é “o produto natural das pressões e necessidades sociais, um organismo adaptável e receptivo.” E, como pensa Perrow (1986), a instituição é portadora de caráter específico, valiosa por si mesma, independente de produtos ou serviços que ofereça. Ainda, Selznick (1972) lembra que, ao estudar instituições, façam-se resgate de suas construções históricas e os fatores influenciadores junto ao meio social.

Nesse quesito, para Carvalho, Vieira e Goulart (2012), dada a institucionalização, as organizações tornam-se instituições e respondem agora às influências do ambiente, em suas variáveis concretas, como tecnologia, e também em variáveis de maior ênfase em algumas situações, como: valores, crenças e mitos compartilhados. A definição, significativamente alterada no final da década de 1970, traz como conceito de institucionalização: “o processo pelo qual processos sociais, obrigações ou circunstâncias assumem o status de norma no pensamento e na ação sociais.” (Meyer e Rowan, 1977, p. 341).

O neoinstitucionalismo sociológico distingue-se pelo modo de encarar as relações igualmente entre ação individual e instituições. Uma escola sociológica mais antiga resolvia o problema das relações entre instituições e ação, por intermédio de normas prescritivas associadas a papéis atribuídos. Os indivíduos internalizavam as normas associadas a esses papéis. Muito mais que a dimensão normativa, hoje ocorre o enfoque para a dimensão cognitiva, no modo como as instituições impactam, influenciam no comportamento das pessoas ao fornecer esquemas, normas e modelos indispensáveis para a ação e interpretação do mundo. Nesse modelo, a ação está estreitamente ligada à interpretação e nele pode-se constatar a influência do construtivismo social sobre o neoinstitucionalismo sociológico, espera-se que as instituições ofereçam significado à vida social (Hall e Taylor, 2003).

Nessa corrente teórica, ainda para Hall e Taylor (2003), espera-se que as instituições ofereçam condições para a atribuição de significados à vida social e possam influenciar nas preferências mais fundamentais dos indivíduos. A identidade e a imagem de si dos atores sociais são, elas mesmas, vistas em processo de construção, a partir das formas, imagens e signos oferecidos pela vida social, reforçando sempre o grupo, a convenção à qual pertencem. O que os teóricos do institucionalismo sociológico enfatizam é que aquilo que um indivíduo tende a considerar como uma ação racional é, ele próprio, socialmente construído. Tem-se então um universo de indivíduos ou organizações que procuram expressar ou definir

suas identidades de um modo socialmente apropriado. Assim se expressam DiMaggio e Powell (1997, p. 147) diante desse novo fenômeno: “[...] deu-se, até o momento, atenção sobretudo aos processos de legitimação e reprodução institucional [...] Ora, as instituições não são constrangimento para a ação: elas são, antes de tudo, produto da atividade humana.”

Os institucionalistas sociológicos sustentam que as organizações adotam, com frequência, uma nova prática institucional por razões que têm menos a ver com o aumento da sua eficiência do que com o reforço que oferece à sua legitimidade social e à de seus adeptos. Adotam formas e práticas institucionais particulares, pois têm um valor largamente reconhecido num ambiente cultural mais amplo (Hall e Taylor, 2003).

Ao relacionar os institucionalismos entre si, é possível observar que mudanças na compreensão de mundo têm contribuído significativamente para o avanço da teoria institucional, mesmo sendo visões diferentes, isto para as diferentes instituições. O institucionalismo histórico, no que diz respeito ao problema das relações entre instituições e comportamento, trata, de modo global, de um enfoque calculador e culturalista. Os teóricos do institucionalismo sociológico, neste quesito comportamental, definem as vias pelas quais as instituições podem influenciar as preferências dos atores, que os institucionalistas da escolha racional têm que aceitar como dadas (Hall e Taylor, 2003).

Na busca de uma mediana entre os três institucionalismos, numa perspectiva interdisciplinar, de forma aproximada e explícita pela ampla conceituação da teoria institucional, daquilo que se tem em comum, não se deveria perder as disposições incorporadas e as instituições, isto é, ambas as formas de regulação da ação coletiva (passada, presente e futura), além de levar em conta o holismo e a metodologia individual que deem conta da dinâmica contemporânea (Théret, 2003).

No que diz respeito às vantagens e às desvantagens de cada um dos modelos neoinstitucionais, Hall e Taylor (2003) analisam o enfoque de sua origem e a modificação das instituições. Pode-se examinar que o institucionalismo da escolha racional produziu as explicações mais elaboradas referentes à origem das instituições, focando principalmente no funcionalismo e na eficiência. Trata-se de uma abordagem incontestável, quando se refere à permanência das organizações. No entanto, essa abordagem reduz o quadro teórico que permite explicar a origem das instituições, e pode questionar algumas instituições em crise atualmente.

Noutra direção, o institucionalismo sociológico e o histórico tratam de suas explicações referentes às vantagens e desvantagens, considerando a origem e as mudanças das instituições, partindo do pressuposto de que as instituições novas são criadas e adotadas num mundo que já as tem em abundância. Considerando isso, os sociólogos institucionalistas, numa concepção mais ampla do que a legitimidade social e a eficácia, examinam o modo

como as instituições existentes estruturam o campo de visão dos atores que têm em vista uma reforma institucional e dirigem sua atenção para os processos pelos quais os atores criam novas instituições. O enfoque sociológico, com numerosos atores em práticas institucionais, muitas vezes engendra lutas de poder entre esses atores, coisa que uma excessiva atenção aos processos de difusão tende a negligenciar. Os cenários e os símbolos nascem não somente de processos de interpretação, mas também de conflitos, e isto poderia ser vantajoso para esta escola, pois tratam de significados, igualmente vantajosos para as instituições em reestruturação (Hall e Taylor, 2003).

Numa ótica institucional recursiva, estrutura e agência não existem nem se perpetuam por si mesmas, ou a partir da mera influência direta de uma sobre a outra, mas pela interação entre elas promovida pela interpretação de seus componentes, sob o efeito de legitimidade. E nesse sentido, isomorfismo ou homogeneização não expressam necessariamente não mudança e não ação, no que diz respeito à incapacidade de agência ou de escolha. A homogeneização não deriva de reprodução irrefletida, mas de regularidade, interpretada e reproduzida pelos agentes na prática social, consolidando-se assim como padrão institucionalizado. Esse cuidado pode ser um bom alerta para a Igreja e as IRs no isomorfismo mimético irrefletido.

De outro lado, o institucionalismo histórico parte do mesmo princípio de que o mundo está saturado de instituições e a criação de novas confere mais poder a certos atores. A necessidade de intensificar o intercâmbio entre as três escolas do neoinstitucionalismo é uma sugestão de Hall e Taylor (2003), com a intencionalidade de tratar de questões fundamentais, como a identidade dos atores em termos endógenos para uma análise institucional, a aproximação de posicionamentos e percepções subjacentes aos paradigmas individuais. É evidente que cada escola traz contribuições diferenciadas para o comportamento dos indivíduos e impacto na mudança das instituições. Nesse aspecto, o comportamento de um ator pode ser influenciado, ao mesmo tempo, pelas estratégias possíveis de outros atores e pela referência a um conjunto familiar de modelos morais e cognitivos, cada fator estando configurado às instituições existentes.

A influência e transferência contextual de valores, comportamentos dos indivíduos, símbolos, estratégias e estruturas na visão do neoinstitucionalismo implicam a criação do isomorfismo organizacional. As organizações são recompensadas pela legitimidade e sobrevivem por seus recursos; são pressionadas por meio da coerção, do mimetismo e normatismo, e o resultado disso é o isomorfismo (Dimaggio, 1988). As pressões miméticas vêm do resultado do desejo de parecer com outras organizações bem-sucedidas e já legitimadas pelo ambiente, a mimetização de suas práticas, estruturas e resultados. As pressões normativas são culturais e orientam nas tomadas de decisão e a pressão coercitiva resulta de forças de persuasão externa (Williams et al., 2009).

Num campo teórico comum das três escolas - o enfoque calculador e cultural da relação, que liga as instituições à ação -, Hall e Taylor (2003) defendem que as instituições influenciam a ação ao estruturarem as expectativas futuras dos atores, ainda que essas sejam diferentes. O ator deveria considerar expectativas determinadas do ponto de vista instrumental e do ponto de vista social. Nessas condições, sendo que boa parte dos comportamentos, tanto calculadores quanto culturais, são estratégicos ou guiados por objetivos, estabelecem um diálogo e a possibilidade de reconhecer que é possível ser um ator estratégico por um sentimento culturalmente apropriado.

Tal como os atores formulam estratégias e possibilitam a criação de novas instituições, Coser e Machado-da-Silva (2004, p. 5) afirmam que “[...] os atores buscam estabelecer e manter regras sociais como caminho para a produção de uma comunicação clara que evite ambiguidade e surgimento de conflitos nas relações.” A possibilidade de integração de noções estratégicas e culturalistas, bem como de crenças para analisar como os atores se orientam em determinada situação, tem permitido diversos equilíbrios possíveis. Em um ambiente institucional, o comportamento dos atores pode ser determinado por meio dos incentivos que as instituições podem oferecer aos atores, estilos de decisão desses atores, e, assim, podem-se compreender as crenças de acordo com comportamentos que constituem o objeto da análise culturalista, ao que o ator atribui maior valor de ganho absoluto (Hall e Taylor, 2003).

Os atores necessitam de referências para agir e a consolidação destas ocorre por intermédio das instituições, como o Estado, a indústria e as associações, entre outras. A definição de referências é a interpretação de estímulos contemporâneos fundamentados em estruturas sociais, que o institucionalismo aponta para a necessidade de considerar as manifestações coletivas, existentes nas estruturas sociais e comportamentos individuais (Dimaggio e Powell, 1983).

Entre as melhores possibilidades de integração do institucionalismo histórico está a seleção de novas instituições com objetivo instrumental, realizada pelos atores históricos com aspectos já determinados. Outras iniciativas reagem estrategicamente e condicionam a ação, mesmo modificando o ambiente institucional inicial (Hall e Taylor, 2003).

O neoinstitucionalismo, nos estudos de DiMaggio e Powell (1988), é revigorado ao introduzir elementos, como valores compartilhados, isomorfismo e legitimidade nas análises entre relações e organizações e entre organizações e ambiente. Essas variáveis de análise permitem ampliar os conceitos, do funcional/instrumental para uma concepção relacional de inclusão dos atores sociais que compartilham estruturas sociais comuns. Quanto ao isomorfismo institucional, este seria capaz de levar as instituições a se tornarem análogas (por mimetismo, normatismo e coerção), entretanto, não propriamente as tornando mais eficientes (Dimaggio e Powell, 1999). Ao tratar de legitimidade, em um contexto repleto de

turbulências e demandas sociais, a legitimidade institucional favorece a sobrevivência das instituições mediante processos institucionalizados, como é o caso, por exemplo, da responsabilidade social (Dimaggio e Powell, 1983).

1.3.2 A Socialização e Aculturação dos Indivíduos: Processos de Inserção Institucional

Em estudos institucionais, o objetivo dos aprofundamentos em geral tende a compreender os processos de interação que resultam da ação humana e do contexto social, cultural e político, bem como os padrões implícitos e a diversidade dentro das organizações (Pereira, 2012). Nesse bloco serão abordados alguns conceitos referentes à socialização, à socialização primária, secundária e repressiva, bem como a definição de *habitus* e aculturação.

Um dos primeiros sociólogos a expressar o conceito de socialização foi Durkheim (1987). Para ele, a fim de que o indivíduo possa tornar-se membro de uma sociedade necessita aprender regras, normas, condutas e códigos sociais. Esse processo de aprendizagem é denominado socialização. A socialização nas IRs tem-se apresentado como um desafio na contemporaneidade, como a aprendizagem e cumprimento de regras de condutas têm sido tensionados entre membros de diferentes gerações.

Ao ressignificar a concepção durkheimiana, autores mais recentes, como Berger e Luckmann (1974), aprofundam o conceito de socialização em duas modalidades: a primária e a secundária. A socialização primária (primeira socialização), o indivíduo experimenta ainda na infância. Nesta incluem-se as relações mais diretas, afetivas, próximas. A secundária (processo subsequente) introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. Aí estão presentes relações mais racionais, indiretas e comerciais.

Com sua postura teórica antropocêntrica, Guerreiro Ramos (1946) discorda de Durkheim, que não considera o contexto social como possibilidade de construção do sujeito. O fato de socializar os membros às instituições existentes ou às sociedades estabelecidas é motivo de reflexão. Para o autor, o drama da personalidade do ser humano consiste em que, de um lado, ele quer realizar uma missão, uma vocação, um destino único; e, de outro, encontra estilos sociais organizados, instituídos na suposição da identidade fundamental de todos os homens. Questiona ainda que, mesmo que as instituições procurem em tempos contemporâneos ajustar seus membros às suas necessidades e exigências de sentido e de realização humana, isto continuará sendo sempre problemático.

Essa reflexão pode ser iluminativa para a situação dos conventos e das necessidades de membros para a continuidade da missão.

Numa concepção weberiana, o ser humano num todo é visto como um complexo de

conteúdos, forças e possibilidades sem forma. Para Parsons (1955), a socialização ocorre nas diversas dimensões da vida dos indivíduos: na família, nos relacionamentos, amizades e diferentes grupos de interesses. Com base nas suas motivações e interações de sua vivência no mundo em mutação, modela a si mesmo com uma forma diferenciada e com fronteiras definidas e, ao mesmo tempo, dá-se a socialização, que acontece em todos os contatos sociais.

Já noutra perspectiva teórica, Guerreiro Ramos (1996) buscou uma sociologia com a preocupação na autonomia do sujeito. Para isto conjugou a experiência da vida política e criou um método sociológico denominado redução sociológica. Tal método pressupõe, basicamente:

Redução como método de assimilação crítica da produção sociológica estrangeira [...] redução como atitude parentética, isto é, como adestramento cultural do indivíduo, que o habilita a transcender, no limite do possível, os condicionamentos circunstanciais que conspiram contra a sua expressão livre e autônoma [...] redução como superação da sociologia nos termos institucionais e universitários em que se encontra. (Guerreiro Ramos, 1996, p. 11).

Sobre o conceito de sociologia, logo esse efeito traz diretamente o sentido de socialização, que é não negar o saber e a liberdade aos seres humanos. O sentido da sociologia é resgatar o homem ao homem e permitir-lhe ingresso num plano de existência autoconsciente. No mais autêntico sentido da palavra, é tornar-se e proporcionar um saber edificante (Guerreiro Ramos, 1996).

Por outro lado, no que diz respeito a uma ótica da socialização por mecanismos de repressão, Marx (1988) a trata a partir do materialismo histórico, no qual a burguesia é vista como a classe social que reproduz o capital. Para Marx, na sociedade capitalista as relações de produção são de exploração, a classe capitalista explora a classe trabalhadora. Com o controle dos meios de produção, e havendo interesses antagônicos entre a burguesia e o proletariado, surge a luta de classes entre elas. Para manter a sua dominação, a classe capitalista precisa manter o controle do proletariado por meio de um conjunto de instituições burguesas, onde se destaca o Estado, a principal forma de regularização das relações sociais no capitalismo. Essa reflexão de controle, também pode servir para alguns estilos na gestão das IRs.

De outra parte, nas instituições, a identidade cultural resulta do conhecimento que o indivíduo tem sobre sua participação em um ou em diversos grupos sociais; isto inclui todos os valores e significados afetivos atrelados ao seu envolvimento, considerando o ajustamento dos atores à determinada cultura e o processo de enculturação, aculturação e deculturação (Tajfel, 1974). Torna-se importante considerar para o presente estudo, que os membros das

IRs possuem sua cultura social e, ao ingressar em uma IR, submetem-se à nova cultura institucional.

Enculturação é parte do processo de socialização que inicia com a socialização primária, na sua primeira cultura, a familiar, iniciada em casa. A pessoa terá de lidar com a enculturação ao inserir-se na sociedade, na escola, numa socialização secundária. Quando o indivíduo já passou pelo processo de enculturação, fará processos de ajustamentos, terá de se aculturar à nova cultura (Harmers e Blanc, 2000).

Por aculturação entende-se que, ao se comunicar com membros dessa nova cultura, o indivíduo deve ajustar seu comportamento da cultura anterior para essa nova cultura. Dessa forma, aculturação compreende “uma combinação de aquisição de competências para se comportar de forma culturalmente relevante e a adoção de regras e atitudes culturalmente definidas com relação àquele comportamento.” (Harmers e Blanc, 2000, p. 123). Quanto ao processo de aculturação, considerando a enculturação como fase inicial, há indivíduos que não se adaptam à cultura em que se encontram expostos, ou por escolha, ou porque são (ou sentem-se) rejeitados pela sociedade (Grosjean, 1972).

Contrariando essa ideia, existem aqueles indivíduos que se ajustam em demasia a essa nova cultura. De acordo com Harmers e Blanc (2000), quando o indivíduo se adapta à nova cultura, perdendo elementos de sua primeira cultura, fala-se do processo de deculturação. Grosjean (1972) esclarece que este superajustamento a esta nova cultura pode ser em razão da total rejeição da cultura nativa ou de um forte desejo de ser aceito como membro da nova cultura. Nem um processo de adestramento cultural, nem de superajustamento que negue a cultura primária fazem bem para um membro que ingressa e permanece em uma IR.

Adentrando em uma cultura institucionalizada estruturalmente, Oliver (1992), para explicar mudanças estruturais do comportamento social e para obter esclarecimentos acerca do rompimento da legitimidade de práticas de significados e do desafio à adaptação a elas, propõe um processo de mecanismos sociais, funcionais e políticos localizados dentro e fora das organizações como fatores fundamentais para um processo de desinstitucionalização.

1.3.3 *Habitus*: O Sentido entre o Indivíduo e as Instituições

As raízes da palavra *habitus*, segundo Wacquant (2007), estão fundamentadas no pensamento filosófico de Aristóteles, por meio da palavra *héxis*, elaborado na doutrina da virtude. Significa um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta os sentimentos e desejos em uma situação e, como tal, a conduta humana. No século XIII, o termo foi traduzido para o latim como *habitus*. O mesmo autor afirma, ainda, que no decorrer da história sempre houve teóricos que se utilizaram do *habitus* como ênfase de

debate (Durkheim, Mauss, Schutz). Porém, é em Bourdieu que se encontra a mais completa definição:

O *habitus* é uma noção *mediadora* que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar a “interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, o sentir e o agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente. (Bourdieu, 2002, p. 261).

Nesse conceito, nota-se a abrangência reflexiva do conceito de *habitus*. O autor propõe o rompimento estabelecido pelo senso comum a respeito de capacidades treinadas e propensões estruturadas entre o indivíduo e a sociedade. Desafia ao conceito de ter uma noção mediadora, captando a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade, ultrapassando o estabelecido.

A teoria do *habitus* não é uma corrente unificada. Universos irregulares tendem a produzir sistemas de disposições divididos entre si que geram linhas de ação irregulares e, por vezes, incoerentes. O *habitus* não está, necessariamente, de acordo com o mundo social em que evolui, podendo falhar e apresentar discrepâncias em certos momentos (Bourdieu, 1990).

A institucionalização, para Tolbert e Zucker (1999), é uma tipificação de ações tornadas habituais por tipos específicos de atores que estão predispostos a resolver conflitos e estes dizem respeito a determinados comportamentos. Ações em hábito dizem respeito a comportamentos adotados por indivíduos ou por grupos e exigem esforços para o exercício da ação. Conforme Zucker (1988), para que ocorra um processo de institucionalização, faz-se necessária uma *objetivação*, adquirida a partir da *habitualização*⁷; e, ainda, a *sedimentação*, relacionada aos membros que desconhecem a origem das tipificações.

De outra parte, *habitus* diz respeito às disposições incorporadas pelos sujeitos sociais ao longo de seu processo de socialização. Integra experiências passadas, atua como uma matriz de percepções, de apreciações, de ações. Essa matriz de disposições fornece os esquemas necessários para a intervenção na vida diária. Conforme trata o autor, essas disposições não são fixas, não são a personalidade, nem a identidade dos indivíduos: *habitus* é um operador, uma matriz de percepção e não uma identidade ou uma subjetividade fixa. É oportuno destacar que o autor traz a ideia de disposições incorporadas, nas quais as instituições são interpeladas permanentemente, sendo parte de um sistema que é durável, mas não imutável

⁷ Este conceito pode ser analisado na ótica de socialização primária e secundária descritas por Berger e Luckmann (1974).

(Bourdieu, 2002).

Por conseguinte, a habitualização está presente nos indivíduos. Hábitos são formados mecanicamente no cotidiano. Com a convivência, a socialização e a reciprocidade, conhecem-se os hábitos uns dos outros. Esses hábitos podem ser comportamentais e, uma vez que vão sendo coletivos, tornam-se habitualizados, com institucionalidade. Toda instituição é formada por comportamentos que foram habitualizados e se tornaram institucionais, ao mesmo tempo que pode haver maneiras e hábitos pessoais que não criam nenhuma expectativa, nem reciprocidade. Uma instituição num sistema de socialização deve considerar que o fato social é suprageneracional, ou seja, vai além de gerações, as pessoas que entram depois já encontram normas, costumes, padrões existentes. Isso vale para qualquer instituição. Quando entra um membro novo, vai receber e se adaptar às regras vigentes, pois o sistema já está legitimado (Berger e Luckmann, 1983).

Para as IRs, permanece o desafio entre os membros e a instituição de encontrar uma mediação que, no contexto presente, considerando as capacidades dos indivíduos, possa ser traçada tanto para os membros quanto para as instituições; formas suprageneracionais inovadoras de um novo perfil de religioso, uma matriz nova, que caracterize e responda ao coletivo e à sociedade habituada ao tempo atual, sem perder os valores essenciais.

1.3.4 Compreensão estrutural e gestão das instituições: a burocracia

Inicialmente, as pessoas viviam em seus ambientes familiares, conviviam com as pequenas comunidades, que supriam as necessidades, uns colaborando com os outros. Com o tempo, foram surgindo organizações maiores. Organização como grupo de pessoas, para atingir objetivos específicos. As organizações tendem a desempenhar funções importantes na vida das pessoas. Por vezes, não se tem controle sobre essas funções, pois as próprias organizações também podem interagir com outras organizações. Este estudo, especificamente adentrado na sociologia das organizações, visa nesta tese a compreender diretamente a burocracia em seus diferentes aspectos, tendo em vista que as IRs estão classificadas tradicionalmente em linha macrossociológica como organizações pertencentes à estrutura burocrática da Igreja Católica. O entendimento do conceito baseado em Weber traz elementos essenciais para o estudo compreensivo e para a gestão de mudança em longo prazo de uma cultura religiosa das instituições e seus membros.

Na concepção de Weber (2003), referente às organizações, todas as grandes organizações da sociedade tendem a ser burocráticas. Burocracia é uma palavra com prefixo de origem francesa: *bureau*, que significa escritório ou secretaria, e *cracia*, do grego, que significa governar. Burocracia, portanto, como o poder dos funcionários. Inicialmente, era somente o poder dos funcionários do governo, depois se generalizou às grandes organizações da sociedade. Desde o início, a burocracia recebeu opiniões depreciativas, até a atualidade, por

ser ligada às formalidades, à ineficácia e ao desperdício. Outros gestores, porém, percebem-na como cautelosa, precisa e perspicaz. A análise de Weber (2003) abre um caminho sobre esses dois extremos. Acredita que a burocracia é inevitável, sendo a única forma de lidar com as implicações administrativas de grandes sistemas sociais: à medida que as tarefas se tornam mais complexas, é necessário um controle de gestão. Assume e crê que a burocracia tem deficiências (Giddens, 2010).

No sentido de aproximar uma *forma pura* de organização burocrática, Weber (2003) propõe o tipo de burocracia ideal. Nesse tipo, são as características de hierarquia que regulamentam o governo e a conduta dos funcionários em todos os níveis da organização: os funcionários assalariados e em tempo integral, separação entre vida pessoal e funcional do empregado e nenhum membro da organização é dono dos recursos materiais com que opera. Weber acreditava que quanto mais uma organização se aproximasse do tipo ideal de burocracia, mais eficaz seria para com os objetivos para os quais foi criada (Giddens, 2010).

Notoriamente, Weber (2003) tem dedicado o seu estudo e aplicabilidade da burocracia para as organizações formais, não enfocando as informais e pequenas sociedades. Nas burocracias, os pequenos grupos tendem a ser muito eficazes quando informais, pois, segundo estudo de Peter Blau (1963), ao analisar as relações informais, este tem percebido que os grupos sociais informais de funcionários que conversavam e tentavam resolver situações sem consultar superiores, mas ao mesmo nível, entre colegas, diminuía a ansiedade, permitiam a iniciativa e a responsabilidade. As redes informais tendem a se desenvolver em todos os níveis das organizações, na prática os superiores também se consultam entre si sobre as situações. Medir a eficiência entre a formalidade e a informalidade não é tão simples. Enquanto as relações informais podem tornar o ambiente mais agradável, pode haver funcionários preocupados em subir de carreira ou proteger seus interesses.

Em organizações industriais, nas quais se exige inovação e flexibilidade, a burocracia foi concebida por Burns e Stalker (1966) em dois tipos: mecânicas e orgânicas. Nas mecânicas, o sistema de burocracia funciona, pois há uma hierarquia vertical com canais claros de comando, o empregado é anônimo e responsável por tarefas rotineiras, e é clara a divisão: topo e base. As organizações orgânicas são, ao contrário, flexíveis, com fluxos e diretivas de comunicação difusas, movendo-se em várias trajetórias e não apenas na vertical, com o envolvimento de todos. No entendimento de Burns e Stalker (1966), as organizações orgânicas estão muito melhor equipadas para lidar com as mudanças da inovação, como as das telecomunicações, da biotecnologia, com soluções mais rápidas e criativas. As mecânicas, são relevantes assuntos de globalização, flexibilização e desburocratização, como discussões atuais (Giddens, 2010).

A *bureaucracy* weberiana traz dois aspectos que “*without regard for persons*”⁸ e com “*calculability*”⁹ na cultura moderna, é também a palavra de ordem do mercado não considerar pessoas, mas os desempenhos individuais atribuídos a funcionários que têm formação especializada e buscas de interesses económicos verdadeiros. As regras calculáveis são o mais importante para a burocracia moderna. A peculiaridade da cultura moderna e, especificamente, de sua base técnica e económica, exige essa “calculabilidade” dos resultados. A burocracia desenvolve-se de forma mais perfeita quanto mais desumanizada, mais completamente conseguir eliminar do amor oficial de negócios, do ódio e de todos os elementos puramente pessoais, irracionais e emocionais que escapam aos cálculos. Isso é avaliado como sua virtude especial pelo capitalismo. Quanto mais complexa e especializada se torna a cultura moderna, mais exigente se torna o profissional em sua objetividade, ao invés de estruturas antigas movidas pela simpatia e favor pessoal, pela graça e pela gratidão (Weber, 2012, p. 83).

Quanto à burocracia, Max Weber, embora fosse consciente da especialização funcional, mostrou pouco interesse na relação entre funções em organizações burocráticas. Talvez em razão de sua preocupação com a liberdade e autoridade política, pois que o interesse nas burocracias governamentais criou uma imagem de organizações de relações verticais. Seu interesse consistia em interpretar regras gerais formuladas no topo. Pode ter havido menos, e ainda pode haver menos, fluxo de trabalho horizontal exigido pela “tecnologia” para atingir a meta da organização no governo, em comparação com a indústria. De fato, à medida que as organizações diferem nessa exigência, essa é uma dimensão que deve ser analisada (Landesberger, 2012, p. 91).

A dimensão horizontal da burocracia, não enfatizada por Weber, pode ser considerada mais apropriada para alguns contextos relacionados à relação entre funções. Com perspicácia tem-se analisado um estudo focado em funções, por Landesberger, relacionado especificamente na prática da relação entre superior e subordinado. Foi concluído que há uma dependência mútua, mesmo que desigual, nas relações horizontais. O departamento de produção de uma organização é, obviamente, dependente do departamento de vendas para a sua própria existência, mas o departamento de vendas, por sua vez, pode ser prejudicado pela operação defeituosa do departamento de produção. Essa dependência mútua baseia-se no fato de que

⁸ *Bureaucratization offers above all the optimum possibility for carrying through the principle of specializing administrative functions according to purely objective considerations. Individual performances are allocated to functionaries who have specialized training and who by constant practice increase their expertise. “Objective” discharge of business primarily means a discharge of business according to calculable rules and “without regard for persons* (Weber, 2012, p. 83).

⁹ *However, the second element mentioned, calculable rules, is the most important one for modern bureaucracy. The peculiarity of modern culture, and specifically of its technical and economic basis, demands this very “calculability” of results. When fully developed, bureaucracy also stands, in a specific sense, under the principle of sine ira et studi. Bureaucracy develops the more perfectly, the more it is dehumanized, the more completely it succeeds in eliminating from official business love, hatred, and all purely personal, irrational, and emotional elements which escape calculations. This is appraised as its special virtue by capitalism* (Weber, 2012, p. 83).

várias funções são essenciais, uma vez que estão ligadas a processos reais necessários à organização para atingir seu objetivo. Algumas funções, no entanto, são mais essenciais e dependerão da autoridade vertical na qual o subordinado é mais dependente do superior do que ao contrário. A diferença entre esse tipo de dependência mútua e seu paralelo vertical é que, provavelmente, haverá mais igualdade na dependência mútua de dois departamentos do que entre superior e subordinado. E a dependência, entre as relações horizontais como um todo, configura-se mais como uma rede na qual muitos pontos estão interligados e, portanto, interdependentes, e não uma única linha (Landesberger, 2012, p. 91).

Foi considerada uma semelhança final entre as relações horizontais e as verticais nas funções burocráticas e com algumas diferenças definidas: tanto a autoridade quanto as responsabilidades para as funções podem ser divididas uniforme ou desigualmente. No caso da linha de autoridade vertical, autoridade e responsabilidade podem ser altamente concentradas, geralmente no topo, ou podem ser uniformemente espalhadas, horizontalmente. É destacada a ideia de autoridade vertical atualmente pela tentativa de modernização na gestão com programas tecnológicos de controles, gerências e outras possibilidades informais da moda que, na verdade, possuem um efeito comprovado de centralização no topo (Landesberger, 2012, p. 91).

Ao propor o modelo burocrático, Weber pensou em seu conceito central diferenciando pessoas de escritório, onde os empregos eram definidos pelas necessidades da organização e não pelas pessoas dentro dela. Assim, na época, iniciou uma importante ruptura com a tradição. A chave da burocracia era, então, a definição racional de ocupações. No modelo burocrático podem-se considerar pontos de conflito, como o desperdício da inteligência, a capacidade dos membros, a partir da segmentação do trabalho; a incapacidade de controlar os sistemas informais escondidos na organização; confusão de linhas de responsabilidade - este trabalho é meu/seu - e políticas contra a própria organização. A arte para liderar nesse modelo é a capacidade de observar e compreender processos ocultos, informais, e transformá-los em direção ao apoio de metas coletivas (Heckscher, 2012).

Em organizações burocráticas há pouca tentativa formal de estruturar a política informal; esse domínio continua atrofiado, com pouca aprendizagem cumulativa. Mesmo nos casos mais favoráveis, sob a melhor liderança, a política lateral é sistematicamente limitada, esta não contribui de modo máximo para o funcionamento da organização. A informalidade é construída a partir de contatos pessoais e não necessariamente envolve pessoas com conhecimento relevante para decisões. Geralmente, funciona apenas em grupos homogêneos, e os grupos fora da hierarquia são vistos como particularmente ameaçadores. Conseguir o esforço de uma equipe coerente, por meio dos limites burocráticos, é extremamente difícil. Quando surgem conflitos entre diferentes grupos, existem poucos mecanismos para resolver a disputa. O conflito continua a ser uma questão de conversa informal, ao invés de diálogo aberto, e é tratado por meio de táticas secretas e negociações difíceis. Quando há diferenças

de visão entre os níveis da hierarquia, um ciclo vicioso de poder e resistência é facilmente estabelecido (Heckscher, 2012).

A evolução das burocracias é limitada. As rotinas na burocracia são pontuadas por intensos períodos de revolução vindos do topo. Isso resulta, mais uma vez, principalmente, em uma restrição segmentada, pela forma como é projetada, apenas o topo da organização tem uma imagem completa de todo o plano de mudança. O modo como é administrado formalmente quase sempre envolve reestruturação. E a reestruturação, troca de responsabilidades e cargos, é sempre um processo altamente doloroso e perturbador. A possibilidade de uma evolução mais suave e gradual é limitada pelo formalismo do sistema. A limitação da visão para o topo significa ainda que a mudança na burocracia está entrelaçada com o carisma dos principais líderes que, necessariamente, têm um tempo muito limitado no cargo para compreender suas aspirações (Heckscher, 2012).

É a partir da rigidez da estrutura do modelo burocrático nas organizações que Heckscher (2012) salienta a necessidade da reestruturação dos níveis superiores e das irracionalidades e disfunções de uma organização que busca o equilíbrio do sistema como um todo. O processo de mudança eficaz tem sua própria dinâmica: é crescente, sutil, e não pode simplesmente seguir mudanças estratégicas revolucionárias. É gerado da compreensão de muitas pessoas, tenta melhorar o todo, e ele se acumula por longos períodos. A atenção à reestruturação passa do modelo burocrático para o pós-burocrático. Neste, o grande conceito é de uma organização, na qual todos assumem a responsabilidade pelo sucesso do todo.

O modelo pós-burocrático pode ser denominado de tipo interativo, por sua característica fundamental de diálogo, que é definido pelo uso da influência e não pelo poder, compromisso com objetivos compartilhados, alto grau de confiança, performance de todos e interdependência dos membros. A interdependência e a confiança em torno da estratégia são os integradores-chave para, de diferentes maneiras e com diferentes valores, atingir a missão organizacional. Os funcionários precisam entender os objetivos-chave profundamente, a fim de coordenar suas ações de forma inteligente e rápida. É indispensável vincular as contribuições individuais ao encargo de forma criativa. O foco na missão da organização deve ser complementado por orientações na ação. Estas, contudo, assumem a forma de princípios e não de regras. A atuação por princípios traz vantagens e perigos: a vantagem da flexibilidade e o perigo da distorção dos fatos ameaçando o sistema. Organizações pós-burocráticas devem gastar tempo desenvolvendo e revisando princípios de ação (Heckscher, 2012).

Em virtude da fluidez das relações de influência quanto aos cargos e à autoridade, os processos de tomada de decisão devem frequentemente ser reconstruídos e refletidos. Não podem ser diretamente lidos de uma tabela. A escolha de quem vai para onde é determinada pela natureza do problema e não por posições hierárquicas. Assim, processos são necessários

para *decidir como decidir*, ou seja, tomada de decisão por meta. As relações em tal sistema são formalizadas e especializadas em alto grau: é uma questão de saber para quem se direcionar, num determinado problema ou questão, em vez de uma rede estável de relações de amizade, como a versão comunal na burocracia. No sistema pós-burocrático, a avaliação mútua e de pares é constante, para que ele funcione progressivamente e aberto aos limites (Heckscher, 2012).

Embora a variedade de desempenhos individuais tenha sido o ponto de tensão em muitas empresas inovadoras, no momento o critério principal no sistema pós-burocrático é o julgamento justo: é a objetividade e a igualdade de tratamento. Um sistema pós-burocrático constrói uma expectativa de mudança constante e, portanto, atribui prazos para suas ações. Um elemento na estruturação de um processo é determinar pontos de verificação para revisar o progresso, para fazer correções, estabelecer um período de tempo para reavaliar a direção básica e os princípios do esforço. A capacidade de gerenciar períodos de tempo variáveis é uma grande vantagem desse sistema para atingir metas e cumprir objetivos (Heckscher, 2012).

Pesquisas comportamentais em organizações burocráticas, feitas por Adler e Borys (2012), têm concluído que resultados humanos atitudinais têm sido conflitantes. A forma burocrática de organizações, de um modo negativo, reprime a criatividade, promove a insatisfação e desmotiva os funcionários¹⁰. De acordo com o ponto de vista positivo, ela fornece orientação necessária e esclarece as responsabilidades, amenizando o estresse da função¹¹ e ajuda as pessoas a serem e se sentirem mais eficazes. Essas duas visões têm procurado reconciliar parcialmente o conceito de burocracia, apontando para a capacitante e a coersiva.

A distinção entre capacitação e coerção sugere caracterizar as organizações em duas dimensões, com o tipo e grau de formalização como variáveis contínuas. Nesse sentido, podem ser provocadas respostas positivas e negativas, uma zona de indiferença entre coerção e capacitação, sendo que essa estrutura bidimensional implica que os resultados atitudinais da formalização dependam tanto do ajuste do grau de formalização com a rotina da tarefa quanto do tipo de formalização. Podem-se esperar resultados atitudinais positivos em organizações com um grau alto ou baixo de formalização (tecnicamente exigida), desde que o tipo de formalização seja capacitante. Resultados negativos devem ser esperados em organizações com um grau alto ou baixo de formalização (tecnicamente necessária), sempre

¹⁰ Teóricos da contingência têm sido menos futurísticos quanto aos efeitos atitudinais da formalização. Morse e Lorsch afirmam que a formalização prejudicaria o senso de competência dos funcionários. Resultados negativos de atitude atribuídos à formalização são frequentes devido a um desalinhamento dos requisitos de tarefas e organização, planejamento do trabalho (Morse e Lorsch, 1970).

¹¹ A Teoria do Estresse das Funções fornece um possível mecanismo subjacente para uma relação positiva entre formalização e resultados atitudinais. A formalização reduz o conflito de cargos e a ambiguidade, aumentando assim a satisfação no trabalho e reduzindo sentimentos de alienação e estresse (Kahn et al., 1964).

que o tipo de formalização for coercitivo e isso não necessariamente comprometa a inovação (Adler e Borys, 2012).

Com uma visão feminista em relação às organizações burocráticas, Ashcraft (2012) revela uma “divergência organizada” e rompe as suposições dominantes sobre racionalidade, poder e formas de organização. A prática feminista¹² contemporânea coloca em destaque as formas dissonantes e suposições comuns em questão. As feministas são praticamente uma antítese da burocracia, lutam pelo empoderamento e emancipação com relações contraburocráticas (de justiça de gênero, igualdade de funções e cargos, regras flexíveis, valorização de organizações sem fins lucrativos *versus* competitivas). Isso obriga os pesquisadores a imaginarem uma organização produtiva fundada na incompatibilidade e no conflito, pois os hábitos burocráticos persistem, apesar da consciência de que eles são inadequados para ambientes complexos e de ritmo acelerado. Por mais difícil e precária que seja, a dissonância organizada sugere o potencial de usar a fragmentação e o dissenso de nosso tempo para induzir à mudança social. Nesse ponto, o trabalho coletivo e híbrido é proposto pelo feminismo, numa luta de espaços flexíveis e coletivos.

Nas abordagens apresentadas referentes às organizações racionais burocráticas, notam-se elementos que se reproduzem na sociedade. Essa força de reprodução pode ser compreendida como um padrão social que revela um processo de reprodução particular. Quando ocorrem desvios desse padrão, eles são neutralizados de forma reguladora, por meio de recompensas e restrições, isto se nota nas IRs, ao reproduzir modelos já existentes de reestruturação de outras entidades, com objetivos diferentes, são notáveis os desvios da missão originária tanto das instituições quanto dos membros.

Na mesma direção, estudos conduzidos pelo sociólogo Erving Goffman (1968), ao investigar o fenômeno social na perspectiva dos indivíduos em instituições controladoras, tendo em vista o significado produzido no entorno, procuraram entender o funcionamento do que chama instituições totais, por intermédio das experiências que os indivíduos passam por elas. As instituições totais são hospitais, mosteiros, reformatórios, prisões, que impõem coercitivamente aos seus residentes um sistema de existência completamente isolado do mundo exterior. Em seu estudo, concluiu que as rotinas internas dos ambientes são planejadas e supervisionadas conforme o grau de obediência revelado pelos indivíduos, sendo essa obediência chamada de mortificação do eu. Os recém-chegados são humilhados de diferentes formas até seu conceito anterior ser quebrado. Os indivíduos encontram-se rodeados por um mundo rigidamente organizado e meticulosamente supervisionado. O indivíduo assume nova identidade, com novas restrições. Goffman descobriu, ainda, que essas

¹² Historicamente, as feministas sustentavam que a burocracia é uma manifestação estrutural da dominação masculina, que as características definidoras do modelo endossam a subordinação das mulheres e feminizavam outras, e, então, preservam as relações opressivas de gênero (Ferguson, 1984).

instituições têm características em comum e os indivíduos se ajustam ao sistema, levando com calma e fazendo minimamente o necessário para evitar problemas.

Outro aspecto relevante nas organizações burocráticas é sua função legitimadora. Elas possuem características da tradição, com ênfase moral: *é assim que se faz*, para que os significados se tornem objetivamente acessíveis e subjetivamente plausíveis. É a tradição teórica que integra diferentes áreas de significação e abrange a ordem institucional em uma totalidade simbólica. Os processos simbólicos são processos de significação que se referem a realidades diferentes das pertencentes à experiência da vida cotidiana. A legitimação realiza-se por meio de totalidades simbólicas que não podem absolutamente ser experimentadas na vida cotidiana. Todos os setores da ordem institucional estão integrados num quadro de referência global/universal. No interior do universo simbólico os domínios separados da realidade integram-se em uma totalidade dotada de sentido que os explica e talvez também os justifique (Berger e Luckmann, 1974).

Para as IRs, o modelo pós-burocrático traz reflexões que podem ser talvez consideradas, diante dos processos simbólicos institucionais para a atualidade. Também é viável considerar que, de fato, a burocracia é limitada em suas reestruturações e diante de horizontalizações, corre o risco de maiores verticalidades e hierarquias. Nesse contexto, a interatividade com coletivos internos, sejam feministas ou outros, faz-se necessária, sendo o diálogo um instrumento para o alcance de metas e objetivos revisados com constância. Manter a prudência perante o flexível é pauta para membros aproveitadores, e isto requer a astúcia dos gestores da mudança.

1.4 O sentido produzido pelas instituições religiosas em sua trajetória histórica

Uma das instituições da sociedade é a Igreja, com seus processos próprios de normas, regras, internalização, objetivação e externalização de valores. Entre as sociedades pré-moderna e moderna, a instituição Igreja realizou um evento denominado Concílio Vaticano I, que deixou marcas relevantes na sociedade. As sociedades pré-modernas, predominantemente feudais, tinham estrutura político-religiosa: os reis e o clero, a nobreza e o povo, os servos. Eram ordenadas por esses grupos sociais, já determinando o lugar de cada pessoa desde o seu nascimento. Uma marca da subjetividade dominante era o comunitarismo. A rede simbólica em torno da comunidade abarcava aproximação, compromisso moral, coesão social, sentimentos de pertença, de partilha, motivações e desejos comuns. A organização da comunidade é originária da instituição familiar e da Igreja, lugares de segurança do regime feudal e de estabilidade (Pereira, 2012).

A religião na sociedade pré-moderna apresentava uma função ordenadora, explicativa e legitimadora. O pensamento filosófico estava centrado em Deus. A lentidão do desenvolvimento cuidava para que se experimentasse uma sensação de imutabilidade constante. Nesse contexto, enquanto alguns mosteiros gozavam de prestígio político com extensos latifúndios, outros viviam em extrema pobreza, passando por inúmeras dificuldades (Pereira, 2012).

A sociedade moderna, por sua vez, centralizando sua estrutura política no Estado Moderno, com respeito pelos direitos humanos fundamentais de igualdade, liberdade e fraternidade, legitima um diferencial na forma de agir e decidir, sem submissão às formas tradicionais de autoridade.

A Igreja foi a mais atingida pela força revolucionária da modernidade, considerada pela burguesia como instituição detentora de riquezas e privilégios. Ao final do séc. XVIII e início do séc. XIX, segundo afirma Pereira (2012), os sacerdotes e bispos foram expropriados dos seus bens e condenados à morte, à extrema pobreza e abandono, ou ao exílio. Quanto às congregações religiosas, os votos religiosos foram acusados de ser contrários aos direitos humanos e o movimento revolucionário da modernidade nacionalizou casas, confiscou bens, proibiu a emissão de votos e a admissão de novos membros.

Nesse período, a Igreja como instituição milenar recusava-se a aceitar mudanças e fragilizava-se gradativamente. A vida religiosa consagrada¹³ era experimentada como instituição reconhecida, possível de ser levada adiante. O Concílio de Trento (1545-1563) foi a alavanca que proporcionou uma segurança ilusória:

A atitude defensiva de Trento pode ser constatada em duas frentes: a uniformização da liturgia, na língua e nos ritos; e a uniformização do clero, centrada de maneira predominantemente no pensamento medieval e realizada em língua latina. A dinâmica realizada de maneira homogênea procurava garantir, ilusoriamente, a unidade universal. (Souza, 2003, p. 108).

Esse novo modelo de Igreja e a visível falta de comunicação entre o laicato e o clero foram firmando a ideia de que Igreja é o clero, e a inserção de novos sistemas filosóficos nascidos do Iluminismo pretendia substituir a religião pelo culto à razão, com a justificativa do progresso individual, da secularização ou do laicismo. Enquanto significasse a independência do Estado diante da Igreja, o laicismo não teria sido funesto. O poder civil teve a pretensão de impor limite à religião, pretendendo fazer unicamente de seus interesses temporais a norma de sua ação. Nesse período, algumas fundações de novas congregações religiosas

¹³ Expressão utilizada neste texto para conceituar os *membros* que aderem uma IR. Ler mais: Queiruga (2003, p. 12- 26).

foram realizadas num sistema conservador, e o clero era pensado na qualidade de intercessor diante de Deus, devendo rezar e cuidar do culto divino, não lhe cabendo se preocupar com atividades sociais e pastorais (Libânio, 1971, p. 47).

Mas nem toda a vida religiosa se encontrava absorvida pelo sistema feudal. A própria revolução moderna fez nascer uma forma diferente de vida religiosa consagrada:

[...] uma onda de homens e mulheres inspirados que tiveram a graça de perceber as contradições das mudanças sociais e políticas e souberam dar uma resposta adequada aos desafios que a nova sociedade liberal lhes lançava. Foram numerosos fundadores, no século XIX e início do século XX, que, com sua força carismática, conseguiram mobilizar muitos cidadãos generosos. Por sua abertura à sociedade nascente e pela aceitação de novos desafios, fora dos muros dos conventos, acabaram alargando seu campo imaginário e simbólico da Igreja, [...] e assim saíram, não só pela Europa, mas por vários continentes, visando à evangelização do Reino de Deus. (Pereira, 2012, p. 22).

As congregações que foram surgindo aproximaram o clero da população. Na primeira metade do século XIX, cerca de uma centena de congregações foram criadas, por iniciativa praticamente espontânea. O que contribuía para isso era o fato de os bispos não serem favoráveis às grandes ordens religiosas, pois temiam perder a ajuda dos grupos que trabalhavam para a Igreja nas bases das dioceses. As novas congregações eram organizadas de forma prática, em resposta às situações concretas. Alguns grupos surgiam para se ocupar de pessoas pobres, outros dos deficientes, das prostitutas ou da educação popular. No século XIX, quando conseguiram se livrar do domínio episcopal, tais congregações tornaram-se missionárias por meio de ações na educação, na saúde e em obras sociais. A instituição Igreja não via com bons olhos as novas formas de instituições religiosas, e o sistema liberal vigente tinha dificuldade de aceitar os novos dispositivos instituintes no catolicismo. Nos séculos XIX e XX, a Igreja, apesar das resistências, concedeu aprovação pontifícia a mais congregações religiosas do que em todos os séculos anteriores juntos (Pereira, 2012).

Congregações religiosas surgiram como instituições para se dedicarem à missão de atrair novamente os fiéis. Dois meios foram adotados: os colégios católicos dedicados à formação da liderança cristã de vanguarda e as obras de atividades hospitalares e assistenciais. Muitos(as) religiosos(as) migraram da Europa para o Brasil, bem como para outros países, com esse intuito. Apesar dos resultados obtidos nessas áreas, a complexa conjuntura de pós-guerra, na década de 1950, pressionava por mudanças mais substantivas e profundas nas IRs. Os movimentos que foram surgindo pressionaram por renovação na vitalidade da Igreja e das IRs para que estas respondessem às necessidades contemporâneas. As manifestações foram em diversos aspectos e áreas, como o movimento bíblico, o movimento litúrgico, o da renovação da catequese, o Movimento da Ação Católica e o Movimento por um Mundo Melhor.

No Brasil, além da presença desses, havia também as experiências de educação de base e da Ação Católica Brasileira, que propiciaram condições para o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação (Caliman, 2013).

No que se refere à vida religiosa, destaca-se nesse período pré-conciliar do Vaticano II, o congresso mundial das instituições religiosas, em 1950, proposto pelo Papa Pio XII, em Roma, para discutir as exigências e as necessidades da época, ainda que no estilo romano. Em consequência desse congresso, no qual se admitia a necessidade da vida religiosa ser descentralizada, nasceu, em 1954, a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). Pereira (2012) menciona que até essa época nem se cogitava a possibilidade de trabalho conjunto entre as instituições religiosas, de equipe ou de integração na atuação pastoral, formativa ou social-política.

O Concílio Vaticano II, uma grande reunião dos bispos do mundo inteiro, que ocorreu entre 1962 e 1965, foi um acontecimento marcante na história da Igreja. O contexto da época respirava ainda as consequências da Segunda Guerra Mundial e da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Os países conflitavam-se na “guerra fria”, fomentada pelas potências mais identificadas com o capitalismo e com o comunismo, com manifestações de crises diversas e conflitos frequentes. No âmbito interno, a Igreja, ora medieval, ora imperial, com autoridade centralista, vertical e burocratizada, começava a se esgotar. A proposta que ora se apresentava seria a possibilidade de dialogar sobre uma sociedade alternativa (Miranda, 2012).

Esse evento eclesial trouxe a possibilidade de uma nova visão de mundo e de reorganização institucional. A renovação eclesial realizada pelas reflexões e decisões conciliares propiciou, para o Brasil, um plano de trabalho e implantação das diretrizes do Vaticano II, com linhas de ações a partir de pesquisas de caráter social, religioso e histórico, acerca dos principais aspectos da realidade brasileira e da inserção e atuação da Igreja nessa mesma realidade (Beozzo, 2009).

Uma das marcas desse Concílio foi o esforço de atualização da Igreja ao novo contexto socioeconômico, cultural e político. Nesse sentido, diante da valorização dos direitos e da dignidade do ser humano, a Igreja enfatizou a dimensão ecumênica de sua atuação e seu processo de abertura e diálogo frente ao pluralismo religioso. A diversidade religiosa deve ser reconhecida em sua alteridade, capaz de reconhecer o irreduzível e irrevogável nas diversas tradições, bem como plausível de riqueza e valor (Teixeira, 2005).

Mais recentemente, ao tratar dos cenários, Pereira (2012) preconiza que a crise das matrizes da modernidade e das ciências, o individualismo acentuado, a queda do socialismo, os anos rebeldes da década de 1960 e os novos atores sociais, os novos padrões da sociedade, a cultura urbana, a ausência de representação simbólica, a sociedade pós-moderna, a

valorização da plasticidade e do culto ao corpo, a crise dos paradigmas científicos e outros sintomas constituem um pano de fundo do contexto da Igreja pós-Vaticano II, bem como das IRs.

O Concílio Vaticano I, realizado em 1869 e 1870, preocupava-se em fortalecer o centralismo institucional na Igreja, acentuando a infalibilidade papal. Já o Concílio Ecuménico Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, veio fomentar o diálogo com o mundo moderno, a valorização das igrejas locais e a compreensão do laicato¹⁴ como sujeitos da Igreja. A pastoralidade e a atualização, características essenciais desse Concílio, exigiram que a Igreja conhecesse seu público por meio do diálogo como instrumento de conhecimento, para levá-la a escutar, aprender, repensar-se e atualizar-se. Como havia um descompasso entre a Igreja e a sociedade, essa atualização e renovação, propostas pelo Vaticano II, ficaram conhecidas no âmbito da Igreja Católica como *aggiornamento*¹⁵ (Miranda, 2012). Mas, como aconteceu em outros concílios da Igreja - Niceia, Calcedônia e Vaticano I -, no Vaticano II não foi diferente: houve resistências internas frente às mudanças institucionais e um clima de turbulência, como afirma Ratzinger (1982).

Por volta dos anos de 1960 e 1970, as instituições religiosas realizaram inúmeras e significativas mudanças: várias substituíram o hábito religioso pelo traje civil; religiosos foram viver em pequenas comunidades nas periferias; facilitou-se o acesso e incentivo de religiosos a estudarem em cursos superiores fora de suas organizações; aumentou o número de candidatos pardos e negros; teve fim a segmentação de religiosas que tinham maior poder aquisitivo familiar ou intelectual; e iniciou-se uma percepção crítica de justiça social (Pereira, 2012). Evidentemente, essas mudanças foram acompanhadas de um engajamento comprometido junto às classes populares e aos explorados da sociedade, testemunhando sua fé e profissão religiosa no compromisso concreto com os destinatários do Reino: os empobrecidos e excluídos.

Nessa época, muitos dos que decidiram permanecer nas instituições religiosas na América Latina, nas décadas de 1960 e 1970, abraçaram a nascente corrente da Teologia da Libertação, que surgiu se definindo pela opção preferencial pelos pobres. Essa corrente teológica fazia uso de categorias marxistas de análise da sociedade, como a luta de classes e os modos de produção, as formas de alienação e a ideologia, e tinha como textos-base os escritos de Gustavo Gutiérrez (teólogo peruano) e de Leonardo Boff (teólogo brasileiro), dentre outros. Mas ocorreram, outrossim, duas conferências de bispos latino-americanas e

¹⁴ Laicato é uma expressão referente à hierarquia interna da Igreja Católica dirigida aos fiéis comprometidos.

¹⁵ A esta expressão da língua italiana foi atribuído, nos meios eclesiásticos, o significado de atualização, ou configuração de acordo com os novos tempos.

caribenhos - Medellín (1968) e Puebla (1979) - que praticamente assumiram e seguiram os princípios dessa teologia.

No Concílio Vaticano II foram escritos e aprovados dezesseis documentos da Igreja, sendo os mais destacados a *Lumen Gentium* (Luz dos Povos) e a *Gaudium et Spes* (Alegria e Esperança). Tratando do objetivo da renovação da vida religiosa surgiu o documento específico para as instituições religiosas, denominado *Perfectae Caritatis* (Da Perfeita Caridade).

Um ponto de discussão foi a relação da vida religiosa com o mundo contemporâneo e com a vida cristã. Tradicionalmente, a concepção da vida religiosa era a *fuga mundi*. O religioso devia fugir do mundo, estar separado dos demais para estar mais próximo de Deus. A ênfase desse estado de vida situava-se na espiritualidade e vivência comunitária, essenciais para o catolicismo. Esse era o caminho da perfeição, um estado de vida especial. Com o Concílio Vaticano II, a visão de mundo mudou e surgiram novas orientações (Caliman, 2013).

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1964) sobre a Igreja no mundo de hoje traz concepções de que se deve estabelecer um diálogo com outros setores da sociedade e estar a serviço da humanidade. Não faria sentido um caminho que distancia a vida religiosa da vida cristã em sociedade, pois isso faria compreender que a vida religiosa não seria um caminho especial, ela é um modo de chegar a ser cristão orientado por um carisma específico. Em resposta a esse carisma, as instituições religiosas constroem suas identidades institucionais (Sobrino, 1982).

Um modo tradicional de se classificar as instituições religiosas acontecia pela forma contemplativa ou ativa. O Concílio Vaticano II (1962-1965) evitou falar em vida religiosa ativa, pois transparecia ativismo. Passou-se a falar em instituições de vida apostólica. O foco do debate é este: a vida contemplativa não é privilégio de alguns e que, segundo Caliman (2013), o objetivo de todas as IRs é defender a vida, sem perder a identidade institucional.

Nas últimas décadas, as IRs continuaram seu esforço de adaptação aos contextos sociais e às demandas da realidade. Mais recentemente, a história da Igreja foi marcada, surpreendentemente, pela renúncia do pontífice Bento XVI, Joseph Ratzinger. Com a eleição do argentino Cardeal Bergoglio, Papa Francisco, em 2013, a Igreja Católica criou expectativas de uma nova época, um novo modelo institucional. Ao encontrar-se com os coordenadores das instituições religiosas, em Roma, no final de 2013, o Papa Francisco referenciou o sentido da vida religiosa para a Igreja atual, ao se expressar:

[...] os religiosos e as religiosas deveriam ser pessoas capazes de despertar o mundo. [...] Então, qual é a prioridade da vida consagrada? O Papa responde: a profecia do Reino, que não é negociável. A ênfase deverá cair sobre os profetas, e não em brincar de sê-los. Naturalmente, o demônio nos

apresenta suas tentações, e uma delas é: apenas parecer sermos profetas. Porém, não se pode jogar com estas coisas. Eu mesmo tenho visto coisas tristes a esse respeito. Não, os religiosos e as religiosas são homens e mulheres que iluminam o futuro. (informação verbal)¹⁶

Na concepção do Papa Francisco, as IRs necessitam reforçar o que é institucional na vida consagrada e não confundir o instituto com a obra apostólica (hospitais, escolas, asilos e outros). Para ele, o carisma continua, é forte; a obra passa. O instituto é criativo, busca sempre novos caminhos. Quanto à formação para a vida religiosa consagrada, Francisco afirmou que deve ser terna, inculturada, interativa, não sequencial e não policialesca. Para o Papa, as fronteiras geográficas necessitam disposição para colocar-se em movimento. Mas há também fronteiras simbólicas que não são predeterminadas e não são as mesmas para todos. As realidades de exclusão se apresentam como as prioridades mais significativas, necessitando de discernimento. O primeiro critério é encaminhar as pessoas mais talentosas a essas situações de exclusão e marginalização.

Os superiores gerais, reunidos com o Papa, em novembro de 2013, também demonstraram preocupação quanto à diminuição de novos membros ingressos nas IRs, principalmente, nos institutos masculinos, dos que não são ordenados sacerdotes. Quanto a isso, o Papa sugeriu nova discussão canônica: “Realmente, não acredito que a crise vocacional entre os religiosos que não são sacerdotes seja um sinal dos tempos, dizendo a nós que esta vocação chegou ao fim. Em lugar disso, deveríamos compreender o que Deus está nos pedindo” (informação verbal), ou seja, como devemos atuar nos dias de hoje.

Quanto à motivação vocacional, ou seja, para o ingresso a uma IR, o Papa Francisco (Bergoglio, 2013) afirma que as instituições religiosas atravessam uma mudança de geografia humana e diz ainda acreditar na juventude, na vida religiosa e no clérigo jovem como futuro da Igreja. No momento atual, há uma tendência de maior número de membros nas IRs em Igrejas mais jovens, onde há um ambiente de maior inculturação¹⁷ religiosa, como é o caso da África e da Ásia. O desafio da inculturação, porém, é para todas elas. No campo dos desafios enfrentados pelas IRs, Queiruga (2003) afirma que hoje se faz necessário não ser mera repetição de um modelo institucional, mas que elas sejam significativas para o contexto atual.

Já o Padre João Batista Libânio (2006) trata, em congresso internacional, sobre a vida religiosa consagrada, de que o desenho estrutural e religioso europeu se distingue da América Latina. Na América Latina, há uma matriz sincretista predominante, uma religiosidade de

¹⁶ Entrevista concedida pelo Papa Francisco aos coordenadores de Instituições Religiosas, em novembro de 2013.

¹⁷ O termo inculturação, de frequente uso nos círculos da Igreja Católica, expressa a integração entre a vida e a ideologia cristã com determinada cultura.

fundo, que está em processo de fragmentação e subjetividade de consciências. Considera-se também o arguente pluralismo religioso e o crescente número de agências religiosas como prestadoras de serviços. Enquanto que, na Europa, a religião e, conseqüentemente, as IRs estão sendo submetidas a um violento processo de secularização.

Os elementos que contextualizam as afirmações são referentes ao mundo contemporâneo e dizem respeito ao medo da liberdade e da responsabilidade dos membros. Nota-se a perda da consciência histórica e ética, a influência do contexto neoliberal e midiático. Percebe-se confusão entre vocação e profissão, uma vez que os membros não dão conta de fazerem de sua vida profissional uma missão e fazem de sua vocação um tarefismo. A falência financeira das instituições, forma de gestão e fonte de manutenção; pós-modernidade com forte impacto, descaracterizando as IRs, perdendo a originalidade e o carácter espiritual; regresso às aparências por marketing, formas de vestir, falas padronizadas; formação carregada de moralismo, onde as religiosas novas não devem ficar sabendo dos problemas existentes por imaturidade; criação de uma IR virtual e sacramental, acobertada em seus individualismos institucionais e isolada em suas vidas comunitárias.

Nesse mesmo âmbito, Salazar (2018) aponta, ao reescrever a síntese de Medellin 2018, que os desafios contemporâneos das IRs e da Igreja apresentados pelo documento são a idolatria ao dinheiro, a divinização ao mercado, a consideração de que a Igreja não é a única proposta de sentido, em razão das mudanças rápidas e profundas. O individualismo, o relativismo, a autonomia da sociedade e dos membros que fazem projetos de vida comum quase impossíveis. O secularismo, a modernidade espiritual e uma espiritualidade sem Deus, que fazem dos membros uma vivência sem fé e desânimo da vocação. A autorreferencialidade, que promove o aburguesamento e a acomodação de projetos missionários mais arriscados. Os escândalos afetivos e de poder, que colocam em descrédito a atuação da Igreja e das IRs. E o modelo de Igreja piramidal, desde a cristandade, que não obteve significativos avanços após os concílios e que produz desumanização em seus sistemas de animação e governo.

Ainda Francisco (2018), por ocasião da “Mensagem do Papa Francisco para o 55º. Dia Mundial de Oração pelas Vocações em 22 de abril/18”, afirma, com afinco, que são três os aspectos necessários para, nesses agitados tempos, responder a uma vocação individual: escutar, discernir e viver. O Papa salienta que o chamado do Senhor não possui a evidência própria de ouvir, ver ou tocar na nossa experiência diária. Deus participa de forma silenciosa e discreta, sem se impor à nossa liberdade. Não poderemos descobrir a chamada especial e pessoal que Deus pensou para nós se ficarmos fechados em nós mesmos, nos nossos hábitos e na apatia de quem desperdiça a sua vida no círculo restrito do próprio eu, perdendo a oportunidade de sonhar e tornar-se protagonista daquela história única e original que Deus quer escrever conosco.

Segundo Francisco, hoje esse comportamento vai se tornando cada vez mais difícil, imersos como estamos numa sociedade rumorosa, na abundância frenética de estímulos e informações que enchem a nossa jornada. O barulho exterior, que às vezes domina as nossas cidades e bairros, corresponde frequentemente a uma dispersão e confusão interior, que não nos permite parar, provar o gosto da contemplação, refletir com serenidade sobre os acontecimentos da nossa vida e realizar um profícuo discernimento, confiados no desígnio amoroso de Deus a nosso respeito e, assim, discernir, ler por dentro, dialogar os acontecimentos antes de qualquer decisão. Para ele, a alegria do Evangelho permite o encontro com Deus e os irmãos e não pode esperar pelas nossas lentidões e preguiças e não se faz necessário um tempo favorável; a vocação é hoje! A missão cristã é para o momento presente! E cada um de nós é chamado - à vida laical no matrimônio, à vida sacerdotal no ministério ordenado, ou à vida consagrada - para se tornar testemunha do Senhor, aqui e agora (Francisco, 2018).

A construção da trajetória das IRs perpassa pelas marcas da institucionalidade da Igreja, fatores da sociedade e da religião, elementos estruturais, configurações, limitações, bem como fatores de integração, perspectivas e impulsos renovadores proporcionam contextos de continuidade, a partir da capacidade de seus membros. Os processos institucionais interferem diretamente nas instituições, considerando as experiências de socialização dos atores envolvidos nos contextos onde vivem e a relação destes com a reestruturação, ou seja, a gestão da mudança entrelaçada por fatores sociais e religiosos e os membros religiosos.

1.5 Categorização a partir dos conceitos teóricos

As categorias conceituais balizam o aporte teórico ao conjunto reflexivo da análise. Para esta pesquisa, conforme a teoria ora abordada, foram eleitos temas considerados para análise, de importância à temática do estudo em questão, observando a problemática e os objetivos do estudo. A categorização é o procedimento de agrupar dados, considerando o que existe de comum entre eles. Os critérios podem ser semânticos, originando categorias temáticas. As categorias podem ainda ser constituídas a partir de critérios léxicos, com ênfase nas palavras e seus sentidos, ou podem ser fundadas em critérios expressivos, focalizando em problemas de linguagem. Cada conjunto de categorias, entretanto, deve fundamentar-se em apenas um desses critérios (Moraes, 1999).

Nesse sentido, Olabuenaga e Ispizúa (1989) atribuem ao processo de categorização o entendimento de que na sua essência deve ser um processo de redução de dados. Sendo que as categorias representam o resultado de um esforço de síntese de uma comunicação, destacando nesse processo seus aspectos mais importantes. Será apresentado no Quadro 3 um agrupamento temático na tentativa de referenciar aspectos mais importantes da

abordagem teórica, resultando em uma síntese para melhor analisar o que diz respeito às IRs e à influência dos fatores sociais e religiosos no processo de reestruturação no contexto contemporâneo.

Quadro 3 - Categorias de análise e descritores. Elaborado pela autora, a partir do quadro teórico.

Categoria	Descritores
Contexto Contemporâneo	Influência dos fatores sociais Influência dos fatores religiosos
Missão Institucional	Vocação individual Carisma émico Estrutura Organizativa
Desafios situacionais (percepções de mudanças)	Pensamento organizativo Quadro de membros Posicionamento de sentido

Capítulo 2: Métodos e Técnicas

O estudo proposto traz a experiência pessoal da doutoranda como membro de uma Instituição Religiosa (IR). Coordenar o processo seletivo no passado e, atualmente, ser parte da gestão da instituição tem sido uma das fontes de identificação com o problema da pesquisa e facilitou o acesso à informação. Os autores Strauss e Corbin (2008) salientam que a experiência do pesquisador pode ser considerada uma das formas de se chegar a um problema de pesquisa. Necessário se faz salientar que a proponente da investigação não tem intenção de emitir juízo de valor ao objeto pesquisado, mas de utilizar as ferramentas da investigação científica para melhor compreender o fenômeno apresentado pela IR, num contexto contemporâneo que exige mudanças. Entende-se que a investigação científica deva ser posta a serviço e ao alcance de diferentes grupos humanos sem discriminar suas crenças ou sua cultura.

Pertinentes se fazem aqui o conceito e o uso por parte da pesquisadora da “neutralidade axiológica”, defendida por Weber, como a disposição para abster-se de enunciar juízo de valor ao empreendimento científico. Para o autor, um juízo de valor significa tomar posição de forma concreta e determinada diante do objeto pesquisado e são as fontes subjetivas dessa tomada de posição, dos pontos de vista valorativos que decidem por determinado fim, não devem ser buscados em um conceito abstrato, mas em um sentir e em um querer concretos, individualmente configurados e constituídos, ou mesmo, em certas circunstâncias, na consciência de um dever ser determinado e de novo concretamente configurado (Weber, 2006, p. 184).

Nesse caso em particular, entende-se que a pesquisa possa trazer aprendizagens, não somente para as IRs, mas para outras organizações do terceiro setor e até do setor privado que necessitem de um constante processo de reestruturação e inovação de suas estruturas e elementos configurativos. É substantivo considerar que o contexto contemporâneo é provocativo e os fatores sociais e religiosos que influenciam ou determinam a vida de muitas pessoas merecem ser investigados melindrosamente como objeto de tese.

A compreensão do fenômeno a ser pesquisado necessita ser ampla, pois os dados da realidade são complexos e precisam ser examinados atenta e holisticamente (Godoy, 1995). O ambiente a ser examinado pelo estudo em questão será uma instituição religiosa feminina que conta com 548 membros. Neste estudo, conforme o Direito Canônico, entende-se instituição religiosa como uma

[...] sociedade na qual os membros, de acordo com o direito próprio, fazem

votos públicos perpétuos ou temporários a ser renovados ao término de um determinado prazo, e levam vida em comum. Assumem livremente essa forma de vida nas instituições religiosas, canonicamente erigidas pela competente autoridade da Igreja, as pessoas que, por meio dos votos ou de outros vínculos, conforme as leis próprias dos institutos, professam os votos de: castidade, pobreza e obediência unindo-se de modo especial à Igreja. (CDC, 573, §2).

Portanto, o estudo terá foco nesta IR, existente no contexto da Igreja Católica Apostólica Romana (aqui denominada de Igreja). Esta IR, previamente citada, está organizada com uma sede geral (administrativa) na Colômbia. Para organização dos seus membros e atividades específicas está regionalizada em seis locais: Bogotá (156 membros), Medellín (203 membros), Áustria (39 membros), Quito (27 membros), Rio Grande do Sul (110 membros) e Santa Catarina (41 membros). Esses locais são denominados províncias, sendo, portanto, 2 na Colômbia; 1 na Europa; 1 no Equador; e 2 no Brasil. Dessas presenças, os 576 membros abrangem 14 países em suas atividades: Brasil, Bolívia, Equador, Peru, Chile, Colômbia, Cuba, Venezuela, Espanha, Suíça, Áustria, Mali, Chade e Panamá.

Esta pesquisa se insere na grande área da Sociologia, no campo específico da Sociologia da Religião e com viés na Sociologia das Organizações, particularmente, no que se refere ao estudo dos contornos institucionais - sistema de regras, estrutura de funcionamento, ritos, para o entendimento do processo de reestruturação institucional. Para o estudo ser realizado compreendeu-se que seria necessário transitar na compreensão teórica de diferentes áreas, em vista de a problemática se evidenciar complexa e subjetiva ao sentido institucional.

O estudo pretende realizar uma abordagem qualitativa, para a qual Godoy (1995) atribui um interesse maior pelo processo e na qual o investigador parte de um foco amplo que vai se tornando mais direto e específico no transcorrer da investigação. Doutra parte, o método qualitativo não espera o amplo alcance da verdade, do que é certo ou errado, mas sim tem como finalidade a compreensão da lógica que permeia a prática que ocorre na realidade (Minayo, 2005). Esta é uma pesquisa qualitativa, pois seus objetivos possuem características que tratam da subjetividade, um foco amplo em que a realidade vai sendo compreendida e trazendo significados no decorrer da investigação, já que o principal interesse é compreender e analisar quais os fatores sociais religiosos que são determinantes num processo de reestruturação de uma IR num contexto de modernidade.

Nesta pesquisa será feita a reflexão provocada pela captação de dados de natureza subjetiva. Eles estão presentes quando os membros da IR relatarão suas percepções frente aos processos e dimensões de reestruturação, aos impactos de mudança social que são influenciados pelo contexto social, aos dados colhidos por meio dos instrumentos pretendidos neste estudo: entrevistas, observação participante e investigação documental.

A pesquisa, quanto aos seus fins, acredita-se ser de caráter exploratório, como afirma Godoy (1995), pois se está lidando com uma temática ainda pouca investigada, ao menos ao ligar o estudo da sociologia da religião e o da sociologia das organizações, para compreender o objeto. Trata-se, também, de um estudo descritivo e interpretativo, pois, ao mesmo tempo que se busca descrever o fenômeno, elabora-se uma interpretação para uma compreensão da realidade pesquisada. Para atender à investigação desse fenômeno é necessária a base teórica e conceitual sociológica, com aspectos das teorias da religião e das organizações.

De foco qualitativo, esta pesquisa propõe a realização de um estudo de caso. Como sugere Yin (1989), em eventos contemporâneos, em situações onde os comportamentos relevantes não podem ser manipulados, onde é possível se fazer observações diretas, entrevistas sistemáticas, esse método possibilita ao investigador lidar com uma completa variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - no desenvolvimento do projeto. A IR em causa possui um problema de partida da contemporaneidade, por ser uma instituição formada de comportamentos que não podem ser manipulados e necessitam de verificações precisas para uma investigação qualificada.

As aplicações para o estudo de caso sugerem explicar as ligações entre as intervenções da vida real e as pesquisas que são muito complexas, descrever o contexto da vida real no qual a intervenção ocorreu, avaliar, ainda que de forma descritiva, a dada intervenção e explorar aquelas situações em que as intervenções avaliadas não possuam resultados claros e específicos (Yin, 1989). Com isso, aplicado na pesquisa à IR pretendida, as intervenções serão aproximadas ao máximo da vida real dos membros, para que se possa atingir resultados mais contundentes com os objetivos do estudo em questão.

Em relação às fontes de evidências, conforme recomendado por Godoy (1995), a pesquisa foi realizada com o uso de múltiplas fontes de coleta de dados para favorecer a análise qualitativa. Assim, foram adotados os seguintes instrumentos de pesquisa:

- a) **Investigação Documental:** foi realizada uma pesquisa documental como fonte importante de informação para subsidiar a pesquisa, relatando a história geral das IRs no contexto da Igreja Católica. Os principais documentos pesquisados: Constituições da IR, Crônicas, Livros de Atas, Planos anuais e quinquenais da IR. Documentos de Assembleias, Direito Canônico, Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, Livros de História da Igreja e Livros da História e Teologia da Vida Religiosa Consagrada. No decorrer da investigação, como foco do estudo, foi documentalmente tratada a história da IR em questão: Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora (IFMMA). Ainda, numa abordagem construtivista e investigativa da IR em estudo, foram analisados a estrutura e o funcionamento organizativo em textos oficiais, históricos e documentados.

- b) **Entrevistas:** foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada e guiada pela entrevistadora, de forma presencial, com a finalidade de acessar informações das coordenadoras das sedes provinciais e da coordenação geral da IR, bem como guias específicos para Formadoras, Leigos Seguidores do Carisma e o Assessor do Processo de Reestruturação. A pesquisadora aproveitou um evento da IR, que ocorreu em outubro de 2017, na Colômbia, e realizou as entrevistas. Foram obtidas respostas aos objetivos da pesquisa e à pergunta de partida, uma vez que as pessoas entrevistadas, eleitas por todos os membros, de todos os países, detêm conhecimento e cargos com poder de decisão máximo referente ao processo de reestruturação em cada local. Os critérios para a construção do roteiro foram escolhidos observando os níveis de: profundidade, especificidade, não diretividade e amplitude (Silverman, 2011). Optou-se por manter a entrevista na língua original, visando uma maior riqueza etnográfica e fidelidade às ideias das pessoas entrevistadas.
- c) **Observação Participante:** no contexto específico das entrevistas, foram realizadas observações das posturas das entrevistadas (como se expressaram, tonalidade da voz, expressão da face, o olhar, a gesticulação, desenvoltura da fala, vestimentas); estrutura organizativa (o ambiente escolhido para a entrevista, a receptividade, observando os pontos fixos da entrevistada, se permitiam interferências ou não, aberturas, rituais do momento). Foram feitas anotações para compor a narrativa e análise reflexiva em confronto com a abordagem teórica.

Da coleta de dados realizada para compor o estudo em questão e analisá-lo, foi utilizada a teoria da argumentação como uma das técnicas construtivas de discurso crítico, narrativo e reflexivo, considerando que esta possibilita a análise complexa dos materiais empíricos, como a observação participante, a entrevista discursiva e grupo focal. A tarefa principal do entrevistador foi ler as entrelinhas, sabendo que seus entrevistados se preocupam, antes de tudo, em manter as aparências. A leitura do texto e suas ações internas exigem um caráter interpretativo, por vezes, de singulares virtudes investigativas (Cardano, 2017, p. 17).

Segue um resumo referente aos procedimentos metodológicos (Quadro 4) e objetivos deste estudo, tendo como foco responder à pergunta sobre quais funções sociais da religião são determinantes na sociedade pós-moderna, num processo de reestruturação da IR Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora.

Quadro 4 - Síntese dos procedimentos de pesquisa. Elaborado pela autora.

Objetivos	Instrumentos/fontes de coleta	Quando
Compreender como ocorre a influência do contexto social com os membros de uma IR.	Entrevistas, fontes documentais e síntese de instrumentos.	2017
Mapear dimensões de reestruturação de IR.	Entrevistas. Observação. Síntese de Instrumentos. Documentos Atuais.	2017/2018
Analisar historicamente as IRs num contexto de Igreja.	Investigação documental (documentos da Igreja, da congregação e das províncias): Constituições, Diretórios, Planos anuais e quinquenais da IR. Documentos de Assembleias.	2017/2018

Capítulo 3: Apresentação e análise dos dados

Neste capítulo, os dados são apresentados seguindo as categorias conceituais de análise e seus descritores elaborados a partir do quadro teórico da literatura. Os dados foram coletados através de três fontes principais: documentos, entrevistas e síntese de instrumentos. Como fonte complementar, foram utilizadas informações escritas em notas de campo, referentes a observações no terreno. O Quadro 5 sintetiza os procedimentos para a apresentação dos dados.

Quadro 5 - Síntese referente à apresentação dos dados. Elaborado pela autora.

Fonte de dados	Categoria conceitual (e descritores)	Abordagem teórica (principais autores)	Objetivos específicos	Objetivo geral
Entrevistas	Contexto contemporâneo (fatores sociais e religiosos)	Weber, Durkheim, Bauman, Berger e Luckmann	Compreender como ocorrem as influências do contexto social aos membros da IFMMA.	
Fontes documentais (Constituições, dados da secretaria geral, livros da congregação, planejamentos) Entrevistas	Missão Institucional (Vocação individual, Carisma émico, Estrutura Organizativa)	Sociologia da Religião (Weber, Durkheim, Bourdieu, Hervieu-Léger, Teixeira, Rodrigues)	Mapear as dimensões da reestruturação da IFMMA.	Compreender e analisar quais os fatores sociais e religiosos que são determinantes num processo de reestruturação de uma IR.
Fontes Documentais (sínteses de instrumentos utilizados no processo de reestruturação) Entrevistas	Desafios situacionais (Pensamento organizativo, Quadro de membros, Posicionamento de sentido)	Instituições Religiosas (Pereira, Hughes, Berger, Luckmann, Heckscher; Documentos da Igreja e da IR IFMMA)	Analisar os desafios da IR IFMMA num contexto de Igreja, como percepções de mudança.	

3.1 Percepções do contexto da IR na contemporaneidade

O olhar perceptivo e analítico da situação da Instituição Religiosa, bem como os demais questionamentos desta análise, foi realizado na modalidade de entrevistas individuais semiestruturadas, com as seis Superiores Provinciais, sendo estas representantes de 14 países e atualmente responsáveis pela gestão das Províncias: duas no Brasil, uma na Áustria, uma no Equador e duas na Colômbia; 01 entrevista com o Governo Geral, cuja sede é Colômbia; 01 entrevista com o assessor do processo de reestruturação; 01 entrevista com leigos seguidores do carisma, não religiosos, um olhar externo, portanto; 01 entrevista com formadoras

(lideranças internas envolvidas diretamente no cotidiano das juventudes): do Brasil, Medellín e Bogotá. Os demais dados foram obtidos com a participação de todos os membros, por meio de diferentes instrumentos, que são citados na pesquisa como síntese de instrumentos da reestruturação.

No que se refere à percepção situacional vivenciada pela IR IFMMA, no contexto contemporâneo, a pesquisadora teve, em praticamente todos os casos, que salvaguardar a identidade dos membros, buscando preservar princípios da ética na pesquisa. Devido ao fato de a pesquisadora conhecer praticamente todos os entrevistados, foi mais acessível a imersão, atendendo melhor os objetivos da pesquisa. Observou-se abertura além das expectativas, acolhimento e disposição para colaborar com o estudo e oferecer respostas na coleta de dados.

Na ótica do contexto social e religioso institucional, a religiosa Superiora 01 apresenta-se inquieta e assim se expressa:

Estamos en un momento de transición. No podemos nos quedar estancadas en el camino. Así como el mundo vá evolucionando, nosotras también tendremos que abrirnos a las nuevas perspectivas, renovar los pensamientos, cambiar los paradigmas y abrirnos a todo eso con el corazón muy limpio. Actualmente nos hemos acomodado dentro de un sistema. Cayó en una rutina. Hay que cambiar! Hay que haber una indicación muy clara de donde queremos llegar. Hay que haber cámbios personales, estructurales y de pensamientos. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 09/10/17).

Esse movimento de abertura, de não estancamento, percepção de necessidade de mudança, numa ótica de “sistema acomodado, rotinizado”, pode provocar tanto uma desinstalação e flexibilidade diante dos novos tempos e linguagens quanto uma insegurança enquanto gestora: “*hay que haber una indicación muy clara de onde queremos llegar. Hay que haber cámbios personales, estructurales y de pensamientos.*”

Bem refletia Bauman (2007), que as sociedades atuais agem em seus comportamentos como “sociedades do medo”. O medo é um reflexo oculto que paralisa e tende a estagnar situações, afrouxar vínculos e desestabilizar a clareza dos caminhos de onde se quer chegar. A coletividade do medo provoca insegurança, debilita estruturas coletivas e acomoda pensamentos. Os momentos de “cambios” são exigentes, como sair de uma gaiola mental. E, nesse sentido, as “antigas gaiolas” podem racionalizar um tempo exigente de rompimento com os “poderes de dominação” (Bauman, 2000). Desse modo, faz-se necessário que, diante dos contextos inseguros, o medo não prevaleça sobre os objetivos pretendidos.

Nota-se, entretanto, a capacidade de ir além, como diz Giddens (2010), de cultivar uma imaginação que permita conceber um comportamento em processo de construção, mais amplo. Essa capacidade de compreensão do mundo institucional passa pelo desejo de ter mudanças de pensamentos e estruturas.

Entretanto, o discurso apresentado pela religiosa entrevistada deixa transparecer que os membros se encontram perdidos em seus objetivos e assegurados por suas estruturas. A linguagem superficial, indireta e utópica, permite observar que os membros podem permanecer numa dinâmica da linguagem motivada pela coersão institucional do desejo de mudança (Hall e Taylor, 2003) e não aderir a uma prática mutante no cotidiano que transforme. As estruturas institucionais e burocráticas asseguradas podem, apesar do discurso em favor da mudança, gerar acomodação dos membros da organização. Nota-se que a narrativa tende a pressupor uma culpabilidade generalizada que não pontualiza as percepções situacionais da IR e da atualidade. Evidenciam-se, nesse caso, portanto, elementos inconsistentes, fatores amplos que podem não expressar a realidade.

Ao tecer o contexto das IR IFMMA, a Superiora 02 apresenta uma visão em outro ângulo:

Me parece que estamos viviendo un Momento Histórico, el espacio de Dios por la Congregación, debido al proceso que estamos haciendo de Reestructuración. Este proceso camina también con la Iglesia. No ha estado estancado, sino, siempre a camino. Algunas hermanas están contentas, en la expectativa de lo que vá a salir; otras aún no entraran totalmente en el proceso y otras están intentando conocer mejor la propuesta. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 09/10/17).

Observa-se, na entrevista, que a gestora situa a IR em um processo de reestruturação, dando passos de renovação histórica, com a Igreja, nesse caso a católica, especificamente aqui, com as intervenções e apelos prováveis do Papa Francisco, e apresenta a realidade de que nem todas as religiosas estão de acordo e conseguem acompanhar uma renovação institucional. Esse processo de reestruturação, por certo, não está claro e nem delineado adequadamente, ou, ao menos, não está sendo discutido adequadamente, porque, nas palavras da superiora, muitas irmãs não entraram totalmente no processo e outras ainda precisam tomar conhecimento da proposta.

As religiosas, como indivíduos da sociedade, tendem a questionar o contexto em que vivem e poderiam também desejar compreender como surge a ordem social, como é feita a manutenção da institucionalização e legitimação daquilo que é transmitido (Berger e Luckmann, 2004). Nem todas as religiosas no momento atual podem (ou querem) aceitar os papéis impostos, as regras, normas com a recompensa, prestígio social ou punição, como se fosse um teatro representativo. Os conceitos são construídos e tendem a ser mutantes (Berger, 1985). A decisão de representar um papel temporário ou assumir, de fato, pode ser

uma questão de ordem social e não de opção. Faz-se oportuno um olhar eclético perante os membros geracionais, que inclui diferentes culturas e o *modus operandi* de cada pessoa em relação à sociedade e à instituição em si com toda a sua estrutura vital, embora unificada num projeto comum.

Num tempo de verdades adaptáveis, Bauman (2000) contribui com suas reflexões de que a sensação é de mobilidade, flexibilidade, leveza, sendo que a pós-modernidade teria o objetivo de aperfeiçoar os valores sólidos para o atual momento. Assim, a IR parece estar observando o movimento da sociedade e da Igreja para a adaptação e atualização de valores e, em seu discurso, considera-se sempre a caminho. Talvez observando o caminho.

Nota-se o esforço em adaptar os membros ao momento vivido pela IR. Contexto futurista amparado na história e movimento institucional pendular da Igreja. Não há considerações das novas gerações nesse contexto, perspectivas de aberturas entre sociedade e IR, desafios profissionais e missionários. Há a preocupação de que os membros se encaixem na proposta apresentada. Deseja-se que o caminho figurado pela entrevistada possa ser traduzido pelo tempo necessário para um membro optar ou não pela proposta imposta, por ora, de renovação.

Já a Superiora 03 apresenta características de um olhar atento às mudanças mais globais:

Esse momento é uma urgência dentro da realidade do mundo, em que a gente tem que se atualizar, renovar estruturas para responder melhor; olhando o mundo, é uma grande urgência. Não podemos seguir num estilo monástico, simplesmente com o que sempre fizemos. Eu sinto isto. É necessário nós revisarmos o nosso modo de ser. O nosso modo de organizarmo-nos. O nosso modo de decidir na sociedade onde nós estamos. A preparação para esse momento. Então este é um momento de urgência, de mudança. (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 06/11/17).

De fato, as mudanças ocorrem aceleradamente. A percepção dessa necessidade a partir do modo de ser, estruturar-se organizativamente, para os tempos atuais, o modo de tomadas de decisões, a preparação para isso e como dar respostas assertivas e urgentes têm sido uma preocupação da entrevistada para com a IR.

A expressão até de forma que angustiante, em que a configuração atual necessita de novo sentido, aparenta uma angústia ativa, quase como aquela que mede uma agonia no final da vida e retrataria a pobreza, o declínio (a geometria social, por Simmel-1858-1918), ou a de um estado real de uma situação institucional que em certas ocasiões não têm alternativas perceptíveis de sobrevivência, sente-se a agonia, a estranheza e o conflito terminal e urgente na sociedade.

É possível considerar que, embora a existência institucional tenha uma finalidade com essência comum entre os membros e uma finalidade em si (Durkheim, 1996), o sentido esperado e transmitido para a sociedade pode ser compreendido diferentemente. Há uma discrepância de acordos e desacordos frente ao entendimento de um posicionamento de sentido e a naturalidade processual de mudança no contexto de contemporaneidade. Como é perceptível pela entrevistada, Superiora 3, a vitalidade institucional perpassa pela renovação, já pode não ter o mesmo fio condutor, por diferentes fatores, como culturais, religiosos e sociais, o pensamento de outros membros.

A insegurança tornou-se um ritual que extravasa aos conventos e a crise também formal das Igrejas tradicionais, como a católica. Os aspectos relacionados à atração, retenção e desligamento de membros têm sido pauta de discussão em vários momentos. Isso diz respeito à gestão, desde o recrutamento dos membros até as formas internas mais elementares de conduzir o cotidiano em suas formas de organização. Os ritos e rituais, as formas padronizadas de falar, os horários determinados, a forma de conduzir as orações, as vestimentas, as cores amenas dos prédios religiosos, a organização do refeitório, entre outros. Esses fatores determinantes, instaurados na idade média quando eram muitos os religiosos e foram surgindo as formas de vida e as organizações conventuais onde viviam 30, 50 membros, para facilitar a vida, já faz muito tempo que não respondem para pequenas comunidades com 03 a 04 pessoas com outra dinâmica no século XXI.

Observa-se uma notável dificuldade no ambiente religioso de tomar decisões profícuas e de assumir compromissos coletivos que sejam de estrutura leve. Parece que há um prazer em sofrer. Nas tomadas de decisões coletivas sempre há o desprazer que não permite sentir a alegria de conviver com a participação e organização gerida no compromisso participativo equitativamente leve.

Numa mesma direção está a Superiora 4, propondo:

En los tiempos de hoy, yo veo una Congregación dónde perdimos mucho de fuerzas e inteligência. ¡Muchas jovenes se van! ¡Nos abandonan! ¡O las sacamos! Porque ellas no son como nosotras queremos que sean. Porque hoy las gentes jovenes son muy diferentes de como nosotras fuimos y de lo que somos. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellin/CO no dia 10/10/17).

Essa entrevistada assume que o motivo de vocações desistentes foi por desencontros com a IR. Os processos internos, normalmente, já estão legitimados e quem vai aderindo à IR, em nome dos ritos e compromissos religiosos, necessita ir assumindo o que já se encontra estabelecido. Nem todos os membros, principalmente aqueles das novas gerações, possuem capacidades de adaptação ao que já encontra estabelecido e, diante dos contornos

institucionais impostos, acabam por se desmotivarem e desistirem da vocação até então acreditada em existir como verdade absoluta¹⁸.

Embora sutil, nas entrelinhas há uma notável classificação histórica do perfil de um membro adequado, para o seguimento em uma IR. A crise nesse sentido se apresenta quando a instituição percebe que cria um modelo para si e este deixa de se comunicar com a sociedade. Nessa direção, a Igreja, enquanto instituição, historicamente possui seus pontos de convergências e divergências no diálogo permanente com o mundo.

A visão de uma instituição que têm perdido capacidade intelectual por motivos internos é uma das afirmações que contextualizam conflitos geracionais codificados pela legitimidade de regras estabelecidas. De acordo com dados da Secretaria Geral (2019) da IR, desde o início (1888), foram 1.765 membros que aderiram à IR e professaram seus compromissos religiosos. Destes, 572 desligaram-se da instituição por iniciativa própria e 15 membros foram convidados a se retirarem oficialmente da IR por faltas graves, após advertências, com a aprovação canônica. Para muitas foram atribuídos conceitos de que estiveram na instituição para iniciarem seus estudos profissionais. Observou-se, nos escritos em crônicas documentais e relatos orais, que as religiosas recrutadas, nos anos 1920 a 1960, possuem baixa escolaridade ou mínima. Eram membros utilizados para os serviços práticos e treinados para as obras. Depois dos anos 1960 a 1980, as religiosas, em sua maioria, possuem alguma formação, com especialidades feitas a distância e conciliadas com o auge da inserção e as obras. Dos anos de 1990 até a atualidade, todas as religiosas vindouras estão sujeitas a diversas capacitações em razão das mutações dos serviços missionários.

O quadro atual, com 576 membros, apresenta 177 religiosas com nível básico de aprendizagem: sendo 37 com o primário (até 05 anos de ensino); 85 com o ensino médio completo (antigo segundo grau); 55 com magistério (complemento pedagógico para ser professora); e 123 com graduação que habilita a uma profissão licenciada ou técnica, ou bacharel. Atualmente, 124 possuem os certificados de atualização em suas profissões e especialidades, tanto em áreas profissionais quanto pastorais. Quanto ao mestrado, a instituição possui 70 religiosas diplomadas com a titularidade e um membro com o Doutorado em andamento (Secretaria Geral, 2019).

Nota-se que para a convivência entre os diferentes graus de formação, também tendem a gerar discrepâncias e dificuldades na retenção de talentos. Principalmente quando a força de atrito resiste a uma instituição com a formação de membros em um período onde a capacidade técnica, acadêmica e profissional era desconsiderada para ser um religioso e responder aos sinais dos tempos. Se isso for um instrumento racional aos âmbitos da fé, abre-

¹⁸ Ver Cenci. R.; Fillippim, E. (2017): Atração e Permanência de Membros em Instituições Religiosas Católicas.

se aqui um questionamento à força braçal nos anos que se foram e nos atuais as exigências de subsistência para novas gerações.

A entrevistada apontaria para a perda de membros por incômodos pessoais de membros que não puderam em suas épocas terem a oportunidade de desenvolverem suas capacidades? Ou seriam decisões precipitadas por conflitos geracionais, como o desentendimento na convivência de quem chegou com ideias diferentes em alguns entendimentos, e isso teria burlado a regra constitucional? Como equilibrar as diferenças de culturas, idades, contextos? O que seria mais viável: conviver com uma instituição de manutenção dos membros existentes ou renovar o quadro?

Nesses questionamentos, como pesquisadora, observei que a religiosa pesquisada deixa silêncios em suas afirmações. Mas quando responde é ponderada. No entanto, a instituição, diante de um quadro de pessoas, sejam com menor grau de instrução, sejam idosas, tem o dever de ampará-las até ao fim da vida, de acordo com normas constitucionais da Igreja, ou seja, se um membro não pede para sair após fazer seu juramento, a IR, a não ser por motivo justificavelmente grave, não pode mandar embora. Nesse âmbito, é condizível que alguns membros, mesmo insatisfeitos, permaneçam na IR, e são amparados pela estrutura institucional. E, nem todos, mesmo que seja pela fé, possuem perfis e capacidades de convivência. Nesse ponto, Cenci e Fillippin (2017) afirmam que os jovens têm mais coragem para pedir para sair, pois muitas vezes não encontram na vida comunitária o elo humano para a busca do sagrado.

Ainda, a mesma entrevistada, afirma:

Hoy, hay muchos jovenes que quieren hacer misión y no quieren seguir la vida religiosa. Ellos vivencian la espiritualidad, pero no como nosotras. Ellos viajan, conocen a otros países, otras culturas y hacen trabajos voluntarios. Son “Trabajadores Sociales” pero, no creen, no siguen la vida religiosa. Quieren una vida más sencilla, más contemplativa [...] No quieren donar la vida de una manera “extremista” o “radical”. El Voluntariado Social es más atractivo. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellin/CO no dia 10/10/17).

O reinventar-se é uma dinâmica que desafia, principalmente, instituições tradicionais. A fala da entrevistada deixa questionamentos para o que a juventude de hoje procuram. Não seriam as IRs espaços de missões, de vida simples e contemplativa? A fala traz questionamentos ao retratar uma crença de que no contexto atual as pessoas não queiram buscar uma vida radical, extremista e, nesse caso, encontram respostas e acolhimento aos seus anseios de vida dedicada ao campo religioso no voluntariado social. Parece contraditório e, ao mesmo tempo, de suma importância, questionar uma inversão de valores: não estariam as IRs sendo as trabalhadoras sociais nas quais os jovens já não encontram a vida simples e contemplativa? E

a rigidez estrutural exigida e vivenciada não seria talvez o elemento visivelmente mais crível de radicalidade? Nesse aspecto, o projeto temporário de voluntários sociais tende a ser uma missão de vida mais atrativa e coerente, pois se trata de opção, itinerância e desapego - mesmo que por pouco tempo - e de uma vida de compromisso temporário.

Nesse contexto de compreensão, talvez a religião, definida entre o sagrado e o profano por Durkheim (1996), seja uma das maneiras de compreender a vivência dos grupos de voluntariados sociais, que se aproximam com disposição para realizar uma missão com valores caritativos. Porém, sentem-se como coagidos a ajustar-se a rituais com os quais não se identificam, no caso de uma IR ou uma religião específica, e, como consequência, não aderem à mudança de vida para nenhuma sacralidade. Nem o modo de viver atrai, nem a mudança de vida seria uma proposta considerada motivante para essas gerações; apenas reafirmam a sua adesão à solidariedade coletiva.

Na realidade, os jovens, de acordo com o estudo realizado em dissertação de mestrado por Cenci (2016), têm buscado instituições que reafirmam suas identidades com clareza e as vivam em suas práticas. Nesse aspecto, os próprios jovens, diferentemente do que diz a pesquisada nesta entrevista, buscam sim por instituições que, inclusive, vivam o radicalismo e não a superficialidade. Talvez o fato de querer evoluir com a sociedade propiciou à instituição perder a radicalidade na vivência da sua essência. Isso, quem a busca, percebe que pode na atualidade igualar os membros ao voluntariado social.

Num olhar mais arguente, a Superiora 5 inclui a questão da vivência no contexto e relata:

No contexto em que vivemos hoje, sendo parte deste mundo, penso que a IR IFMMA vive um tempo de crise, talvez incapaz de ver algo novo e de vislumbrar uma luz no fim do túnel. Muitas, não todas, se esquecem de fazer memória histórica de que sempre houve e haverá crises e que precisamos enfrentá-las, buscando sempre enxergar os “sinais dos tempos”, à luz da Palavra de Deus, assim como nos aconselha Madre Bernarda. Como membro desta província, me incluo e pergunto: será que a realidade do mundo me toca? Pela reação da maioria, ainda parecem estar acomodadas, tocando a vida do jeito como há muitos anos viveram. Outras estão preocupadas com a sobrevivência e outras se esforçam para ser fiéis ao chamado para um momento novo. Algumas ainda, se perguntando se vale a pena continuar, e outras, mais vividas, relutando contra mudanças. Todas participam do processo, porém de formas diferentes. Umassimilam, entendem e assumem de verdade. Outras talvez entendam, mas pouco se comprometem de verdade, pouco se esforçam para mudar seu jeito de viver. (Diário de campo, entrevista realizada em Brasil no dia 25/05/18).

Como se observa, o tempo vivenciado é marcado por sentimentos já experimentados em outros momentos históricos. O ideal é não passar por esse período sem deixar-se tocar, sem

esforço para que se faça algo, acomodadas, como faz referência a entrevistada. Não perder o chão da realidade contribui para vislumbrar luzes de esperança. O espírito da realidade, já questionava Marx, pode contribuir para a alienação, a acomodação, para atitudes amorfas ou para resistências institucionais.

De outra parte, como a entrevistada cita, é a valorização ou a menção direta ao esquecimento referente à transmissão da memória. No contexto de modernidade religiosa, conforme Hervieu-Léger (2005, p. 122), há um vínculo estrutural entre a memória e a religião, seja coletiva, seja individual, sendo a crença parte intrínseca do debate das modernas sociedades. Hervieu-Léger se preocupa não com o conteúdo da crença, mas com a mutação de suas estruturas. Essas mutações estão cada vez mais fragmentadas em sua memória e, conseqüentemente, com problemas de transmissão. A fragmentação da memória coletiva desestrutura profundamente a conduta do corpo social, deixando-o em crise e tornando as sociedades incapazes de pensar condutas futuras. A fragmentação da tradição torna as sociedades com amnésia em relação ao presente e sem saber como conduzir o futuro das instituições, sejam instituições individuais ou coletivas. Esse fenômeno está ligeiramente conectado com a secularização, que fragiliza as estruturas de plausibilidade religiosa, à medida que desintegra a memória coletiva.

Nos 130 anos de história, a fidelidade à origem tem, de acordo com a entrevistada, oscilado no percurso. A tríade: missão da instituição, realidade atual e membros são os vetores inseparáveis para a análise. O sentido da missão da IR depende da resposta à realidade, do porquê a IR existe e da intensidade com que os membros se identificam e apostam nesta vivência coletiva. Não ao contrário, de quanto o contexto reconhece a plausibilidade individual dos membros. Se esse aspecto ocorrer, a missão tende à descaracterização institucional e ao fortalecimento da meritocracia.

É característico das aproximações neoinstitucionais (Hall e Taylor, 2003), movimentos de coerção. Normalmente, esse comportamento deve-se ao fato de possuir insegurança ao lidar com as diferentes situações da atualidade. Considerando que cada membro de uma IR é um agente institucional, com capacidades individuais de agência, pode se afirmar que o ator social em diferentes momentos pode apresentar uma postura recursiva multipragmática. Conforme Machado-da-Silva, Fonseca e Crubelate (2010), este, reportando membro da IR, apresenta vários recursos e desejos que confundem não somente a instituição, mas a si mesmo. Tanto o efeito recursivo ao agente quanto da coersão numa instituição podem trazer ao cotidiano motivos de descrédito, dependendo das manifestações relacionais da convivência.

As religiosas do Governo Geral, cientes do contexto e da realidade da congregação - isso significa uma ótica ampla das seis províncias - possuem a responsabilidade da coordenação da instituição como um todo. Uma delas se expressa pela coordenação:

¡Es un momento que no es fácil! Hay un índice de mortalidad y pocas vocaciones. Miramos con realismo. Es un momento de mucha esperanza y búsqueda, abertura y con un mundo vital en proceso de relectura de sí y del carisma congregacional. Hay varios miembros al lado del camino queriendo ver que va a acontecer, con dificultad de entrar y caminar junto. Tenemos dificultades de hacer camino en provincias conjuntas, caminamos a veces aisladas. Sin embargo, lo que se percibe, sobre todo, es el deseo de cambio en todas. La congregación puede ser comparada a un vehículo viejo que exige constantes conciertos. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 11/10/17).

Nota-se racionalidade nas afirmações e quanto ao contexto em que a IR vive. Não perde o contexto de vista e não aparenta insegurança emotiva, gestual, como resposta transmissível na capacidade de gestão diante da realidade.¹⁹ Ela, diante do cenário, faz menção ao mundo vital, como primordial para releitura de si e da missão institucional de maneira reflexiva.

Habermas (2001), em sua teoria da ação comunicativa, trouxe o mundo vital como um processo renovado de sentido racional (origem weberiana), como um lugar transcendental de encontro evolutivo do ser humano em sua individualidade e coletividade, à medida que se expressa recebe um retorno e redimensiona sua ação. A releitura de cada mundo vital²⁰ na instituição religiosa, neste específico, como menciona a representante da coordenação entrevistada, traz o propósito de redimensionar novos canais de comunicação e reflexão em vista a mudanças de comportamentos das religiosas.

Diante do exposto na entrevista, apresentam-se os traços influenciados pela história. De acordo com dados da Secretaria Geral (2019), desde o início da fundação, 130 anos de história, faleceram 614 membros. Por um lado, o realismo e, por outro, a narrativa positiva de um mundo possível. As dificuldades apresentadas de unificar processos para todo o corpo podem ser corrosivas e, de fato, resultar em isolamentos. Como há o interesse de todos os membros no processo de mudança o ideal seria o envolvimento estratégico e progressivo em pequenos projetos conjuntos e não a unificação do todo, principalmente, pelo fato de se tratar de uma instituição com características burocráticas.

¹⁹ Nota de campo: as religiosas, durante as entrevistas, aparentam tranquilidade, olhares atentos e esperançosos, transmitem a realidade com respeito para com as respostas, ao tempo e entre si, não há discussões ofensivas, há diálogo e escuta objetiva. Sabe-se o percurso, metas claras e objetivos da reestruturação da IRFMMA. O grupo todo conhece todos os membros e têm ciência das dificuldades. A entrevista foi realizada no dia 11/10/17 na cidade de Medellín/Colômbia. O ambiente foi numa casa religiosa da Instituição pesquisada, em uma sala cedida especificamente para a entrevista. O diálogo teve duração de aproximadamente 1 hora.

²⁰ Foi aplicado um instrumento denominado Mundo Vital, fundamentado em Habermas, para cada religiosa retomar sua vida reflexivamente e, posteriormente, realizar um exercício na comunidade/fraternidade com as religiosas onde vivia. Esse instrumento foi elaborado e encaminhado pela equipe de reestruturação da IRFMMA.

Foram também entrevistadas as formadoras que atuam com os jovens no processo inicial de sua formação e atuam com a formação permanente das religiosas, com a responsabilidade do cuidado para que as consagradas estejam integradas na formação humana, cristã, congregacional e profissional, em todas as idades e etapas formativas. Na visão de uma dessas, denominada aqui como Formadora A, tem-se a afirmação:

Analizo como una Congregación abierta; que sale al paso de los signos del tiempo. Una Congregación que sigue en sintonía con la Iglesia. Que no es omisa. Una Congregación que está inquieta por responder como estar allí. Una Congregación en “búsqueda”. Una Congregación con muchas dificultades en varios ángulos: por la diversidad de culturas; por diferencias en general. Una Congregación con muchas Hermanas adultas, ancianas y pocas jóvenes. Un contexto que tiene un proceso de reestructuración con muchas interrogaciones. No comprendemos el camino que estamos siguiendo, una sensación de que todo queda en los papeles. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 09/10/17).

A afirmação da Formadora A chama a atenção para a última parte desse extrato, como diferencial das demais colocações, sendo que, se as religiosas percebem no processo formativo que há muitas interrogações na reestruturação proposta, isso pode ser aparentemente negativo, ou não! Interrogações podem ser positivas, desde que *no se queden en los papeles*, diante das realidades apresentadas pela formadora: uma congregação inquieta, em busca, com dificuldades, com muitas irmãs idosas e poucas jovens. Ao olhar para o todo da entrevista, nota-se a preocupação de Nucio Ordine (2013), ao aprofundar reflexos de valores úteis diante de uma sociedade mercantilista.

Em uma instituição, a sensação de não mudança, de interrogantes sem respostas e desânimo, pode ter relação com a condução do processo de reestruturação em paralelo à gestão da mudança na IR. Assim como o grau de envolvimento dos membros, a forma de hierarquia utilizada, o método de trabalho entre uma coordenação e os demais membros, a credibilidade dos que estão à frente da gestão, a delegação de novas lideranças e a autonomia destas. Primeiramente, se de fato há o desejo de mudança em todas, é contraditório notar nas mesmas falas que haja pessoas que não queiram ou pensem que isso poderá ser passageiro. Ao participar, o membro pode se manifestar. O que se tem percebido em leituras dos relatórios é que as religiosas sentem a pressão para a mudança, mas não sabem o que querem mudar. Então, seguem o modelo de quem já fez, organizam junções de províncias por consenso geográfico, *grosso modo* e, para isso, chamam de reestruturação, para equilibrar numericamente, e aproveitam para trabalhar os fundamentos da espiritualidade.

Para este movimento, não há como não pôr questionamentos. Em pouco tempo, o projeto de reestruturação muito provavelmente terá de ser adaptado, se chegar a ser consolidado. Trata-se de um isomorfismo, com contornos diferenciados, inclusive, dentro da própria IR. A

desvantagem é a probabilidade de a IR e as novas configurações gastarem grande tempo em torno de si próprias e de seus membros, com conflitos e aproximações internas. É arriscado estimar que haverá um tempo desperdiçado e não utilizado com a finalidade originária da IR, a missão. Então, qual o sentido da reestruturação?

Nesta, a Formadora que representa a província, denominada B, expressa seu entendimento diante do contexto de sociedade:

¡Estamos en movimiento! En un proceso de desacomodación, de mucha apertura a la acción del Espíritu, con deseo profundo de responder al Señor de los tiempos, siendo que hay disponibilidad e iniciativa. Tenemos muy claro el “Que”, todavía no tenemos claro el “Cómo”. Yo creo que esos son los caminos que estamos en búsqueda. (Diário de campo, entrevista realizada em Cartagena/CO no dia 13/10/17).

Ainda observando Ordine (2013), tende a persistir nas consagradas entrevistadas uma mescla de envolvimento, influência de quantificação, de respostas valorativas de utilidade daquilo que é útil socialmente. O “como” do processo de reestruturação não poderia estar na disponibilidade, no desejo profundo de responder ao Senhor, na abertura, na busca e ou na iniciativa? Ou isso, para este tempo contemporâneo, seria de todo inútil? Quais seriam então os *sinais dos tempos pós-contemporâneos*, não passariam pela inutilidade desses cenários?

Mesmo que para todas as gestoras e os membros tenha sido apresentado um mapa do caminho a ser percorrido, há alguns passos que todas as religiosas necessitam responder, participar, comprometer-se. Talvez alguns membros aguardem tudo pronto e determinado, pois estão num grau de quem, na sociedade, tem um comportamento influenciado pela legitimação de regras e se envolve por obediência. Outros, porém, não concordam com a maneira como esteja sendo conduzida a gestão da mudança e desacreditam, com influência negativa. Há também membros que propõem, dialogam e refletem em alternativas para a IR, de fato comprometidos com o presente e futuro.

Verificam-se, numa linha muito aproximada, as formadoras de duas províncias (Formadoras C), que fazem anuência à situação por ora percebida por elas:

A realidade do contexto da IFMMA apresenta-se bastante envelhecida, com sobrecarga de funções para cada irmã dar conta. Percebo que há falta de espaços para decisões e um poder perpetuado. De certa forma, há um esfriamento da mística, da profecia e um certo desencanto pessoal. Há também mais lideranças leigas assumindo com a vida religiosa. E percebe-se evidentemente que o que encanta as jovens é o espírito missionário; por outro lado as desencanta, pois o vigor esfriou. Em algumas situações as jovens admiram muito as religiosas idosas, porém algumas, em pleno vigor,

infelizmente aposentaram a vida, por acomodação da estrutura. (Diário de campo, entrevista realizada em Brasil no dia 26/08/17).

As entrevistadas trazem o elemento do poder, como fator de descontentamento, pela sua perpetuidade²¹. Nesse sentido, a reestruturação necessita de cuidados para que, mesmo alterando as formas estruturais de gestão, as pessoas (todos os membros da IR) possam ser trabalhadas, num modelo pós-burocrático de imersão na estrutura, com novo sentido, para que pessoas não se perpetuem num cargo.

Como contribui Heckscher (2012), numa releitura de Weber, a burocracia atualmente repensada tem seus fundamentos no diálogo, é interativa e interdependente, seu foco não é o poder. Está voltado às ações, metas e atitudes. Seus resultados são consequenciais. Os demais elementos que são oferecidos para a análise do contexto podem ser questões de percepções ou de prioridade das consagradas para cada tempo, como o esfriamento da mística, da profecia, o desencanto pessoal. Há de se considerar que a linguagem de uma jovem religiosa referente à profecia ou à mística, ou o encanto religioso, no início do século XXI tende a ser diferente ou desconhecido (ou até para ela pode ser conhecido) da religiosa que tenha vivido em 1990, 1980, ou 1970. E o que tornou a IR IFMMA com a mística e profecia mais fria, menos engajada, teria sido a estrutura? E o desencanto pessoal citado, teria qual causa? Qual motivo fez com que as religiosas se “esfriassem e desencantassem”?

As inquietudes apresentadas pela formadora pesquisada traz à tona uma versão que difere do expresso pelas superiores. Esta que está envolvida entre as jovens de formação inicial tem seu parecer de que os espaços de participação na IR são reduzidos e que os cargos de poder fazem circularidade entre si, com o passar dos anos. O poder na IR dá-se por eleição (e nomeação por simpatia) e, sendo a maioria de idosas, estas garantem normalmente os mesmos cargos por gerações. Se a mudança passasse a ser para os cargos de gestão, com capacidades mais técnicas, religiosas diferentes também poderiam assumir.

Quanto aos membros aposentados, muitos em pleno vigor, nota-se que, como aponta a entrevista, há um cansaço institucional. Talvez pelo motivo de que, nas décadas anteriores, o objetivo essencial da vida desses membros tenha sido trabalhar. Agora, uns na fase de envelhecimento demonstram fragilidades, por não lhes ter sido oportunizado, quando jovens, estudar, ser missionários em alguma fronteira e outros desgostos que amarguram o final da vida. E evitar isso para o contexto atual, para as gerações vindouras, parece um castigo, imposto para si, que deva agora ser transmitido até o fim dos tempos.

²¹ Nota de campo: houve um claro manifesto expressivo de rejeição de como são organizadas as eleições para os cargos decisivos da IRFMMA. Onde as províncias são maiores, são sempre as mesmas delegadas escolhidas, não apresentando alternativas. Reclamou-se da falta de confiança, na prática, entre as Irmãs mais jovens para assumir cargos. Foram reunidas representações das formadoras brasileiras em Chapecó/Brasil, para expressarem livremente suas opiniões referentes aos questionamentos da pesquisa. No contexto, não estavam presentes as superiores.

Por outro lado, há pessoas que, movidas pelo espírito missionário, sejam leigas ou jovens, vão dando continuidade à IR e à essência do que talvez as próprias religiosas possuem certas limitações no viver. Segue a continuidade da entrevista:

Em relação às jovens que são acompanhadas e desejam entrar, é visível a queda no número de interessadas, para serem religiosas. São raros os pais que apoiam a vocação missionária. Temos tido muita procura de pessoas, e o que nos questiona, para vida religiosa, com problemas mentais e com algum problema de infelicidade e querem ser missionárias. Seria porque vivemos (no mundo) um cotidianismo de tristes? E as pessoas querem nos buscar para um desabafo. Há evidentemente um esforço de vivenciar entre as religiosas e o povo a experiência do sagrado, mesmo que com pouca visibilidade e de forma silenciosa. Uma observação que talvez dificulte seja que a identificação com o traje, com a roupa, faça com que percamos um pouco a identidade visual com quem não nos conheça, ou junto às massas. (Diário de campo, entrevista realizada em Brasil no dia 26/08/17)²².

No retrato dessa entrevista, é necessário considerar a diminuição de filhos e jovens nas famílias, o envelhecimento da população e a liberdade das pessoas para as distintas escolhas diante das mais complexas, voluntárias e múltiplas opções. Os pais e as famílias, considerando diferentes culturas, são fundamentais no apoiar ou não uma escolha de um filho ou de uma filha, para ser um religioso. De acordo com as entrevistadas, a experiência do sagrado e identidade visível tem sido uma necessidade para os tempos atuais. Exteriorizar o sagrado, o *habitus* (Bourdieu, 2002), a interioridade da consagração, pode ser que seja a identidade mais desafiante para as consagradas da pós-contemporaneidade.

A vestimenta da vida consagrada ou dos clérigos surgiu como um traje especial somente depois de uma assembleia na Igreja, chamado Concílio de Niceia, no século IV. Anteriormente a isso, vestiam-se com as roupas simples do local. Quem instaurou a forma simples de vestimenta foi Jesus Cristo com seus apóstolos, nenhum entre eles vestia-se diferente, nem Ele, por ser o Mestre. A partir de Niceia foi determinado que, entre o grupo, o mestre teria veste diferenciada. Clérigos e religiosos passam a ter suas vestimentas próprias. Em 1962, no Concílio Vaticano II, outra assembleia decisiva, retoma-se o assunto e deixa-se livre: os religiosos que desejam vestir-se de forma simples como o povo local e os que querem se manter diferenciados.

²² Observa-se as animadoras vocacionais, as religiosas responsáveis pelo recrutamento das jovens e as formadoras, com certo cansaço mental. Cansadas de apresentar um ideal de vida. Observa-se, na fala destas, que os conselhos (coordenações provinciais) têm dificuldade de encontrar uma comunidade religiosa para receber as jovens, devido a problemas fraternos de relacionamentos internos. Isso tem sido uma “grande dor de cabeça!”.

A veste do religioso franciscano chama-se hábito, na cor marrom, a ela é atribuída uma mística. Veste-se ao corpo uma cor sóbria, que representa a própria terra, o húmus, a humildade. E o traçado da roupa dos religiosos é o da própria cruz, envolta pelo cordão em forma de rosário, devoção católica. Essa roupagem pode representar *status* ou ser alvo de distanciamento em relação ao entorno, dependendo da sociedade em que o religioso vive.

O escritor belga que dedica sua vida ao estudo da origem do Cristianismo e sua História, Eduardo Hoornaert (2018, p. 8-28), em seu artigo *Medellín 1968 did not fall from heaven*, aponta para o silenciamento de séculos (século XII em diante) acerca da pobreza evangélica, numa Igreja autocentrada e autorreferenciada. A Igreja torna-se uma grande empresa na época dos grandes papas Gregório VII (1073-1085), Inocêncio III (1198-1216) e Bonifácio VIII (1294-1303). Nesse período, era a Igreja que controlava a vida das pessoas e das instituições públicas. Líderes eclesiásticos eram valorizados conforme se mostrassem bons empresários e eficientes administradores. A expressão “*Igreja reformada, povo fiel*”, recapitulada com frequência nos documentos da época, deve ser interpretada dentro desse marco referencial.

Nessa opção histórica em que a Igreja assume em seus construtos, forma-se uma corporação clerical. O clero é uma corporação e seu efeito sobre o povo é corrosivo. Antes, o líder cristão se relaciona com a corporação, torna-se membro de um clero e escuta, primeiramente, ao bispo do que as pessoas da comunidade para onde foi enviado, a fim de realizar a missão em nome de Deus. É um processo que se estende por séculos. Passa por vínculos e iniciativas de comunidades de base e, atualmente, experimenta as dificuldades de aproximação com a sociedade de uma Igreja em saída, como aponta o líder Papa Francisco.

Esses aspectos relacionados aos fatores históricos e específicos da religião trazem à memória situacional da IR elementos similares. Nesse construto, faz retomar que o franciscanismo como movimento religioso, que surgiu no século XIII, foi ousado em ser afetado pela síndrome da sacerdotal corporativa, criando uma vida religiosa de irmãos e não de hierarquia. E, nesse mesmo ponto, provocado por Francisco de Assis, ressaltado pela irmandade universal, trata-se de despertar, já há 800 anos, a consciência leiga adormecida. A vida religiosa de Francisco de Assis é a de irmãos e irmãs leigos que buscam viver a minoridade na sociedade de hoje, século XXI. Essa consciência realista precisa ser retomada entre os franciscanos e franciscanas, clérigos, e também entre fiéis, sem saudosismos e idealismos.

Numa visão um pouco distinta, pois já não são as religiosas que se expressam, mas sim leigos²³ que olham para a vida das religiosas, após longa caminhada de conhecimento da vida dessas, arriscam dizer o seguinte sobre a vida e o contexto das mesmas:

Veo que algunas hermanas están decepcionadas. La Congregación se dice misionera, pero, as veces están involucradas en proyectos, incluyo en la hierarquia interna, en la estructura, sintiendose atadas, cierrandose en si mismas y no al contacto de las personas. Trabajo hace años con las hermanas e miro en diferentes aspectos. Primero, una apertura progresiva a la presencia de los laicos en toda la Congregación y toda la Fraternidad. Estamos en una epoca de cambio de los laicos. Hubo revision de obras y ahora estamos hablando en reestructuración, para mi es un volver a la necesidad de estar pensando el nuevo. Se está logrando un proceso de unidad entre las Provincias. Una propuesta comun de haber coherencia entre los procesos. Procesos interprovinciales y formativos compartiendo metodologias (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 14/09/17).

Os entrevistados possuem diferentes olhares. Os leigos Franciscanos do Carisma surgiram há 20 anos. Em sua maioria, são lideranças, funcionários e ex-funcionários, que atuaram muito tempo com as consagradas. Ou mesmo amigos que desempenharam ações concretas evangelizadoras, nas diferentes áreas de atuação, em nível de mundo, nos 14 países. Estes, ao conhecer o carisma, transmitido pelas religiosas, encantaram-se e foram aderindo por meio de uma estrutura permitida pela Igreja, organizada por uma Associação de Leigos Franciscanos da Madre Bernarda, atualmente, com, aproximadamente, 2.000 membros. Essa associação possui uma coordenação autônoma, com uma assessoria espiritual do carisma do Governo Geral e das Províncias. Vivem em suas casas e atuam com uma missão indireta, principalmente, com o testemunho de vida. Às vezes fazem programações específicas, mas a ênfase é o ser.

O franciscanismo, desde sua fundação, foi livremente um dom socializado em seu modo de ser. Os aderentes surgem já no século XIII. Nota-se a efervescência conjugada às IRs dos grupos laicais que aderem aos carismas dos fundadores, por incentivo da própria Igreja, para que o leigo assumira uma missão na sociedade com uma espiritualidade. Neste ensejo, a busca crescente pela espiritualidade da IR IFMMA tem crescido significativamente nos últimos dez anos, enquanto que o número de vocações para a instituição tem diminuído. Seria um processo de avivamento da consciência laical adormecida tomando seu espaço na sociedade e na Igreja? Ou, sinais da possibilidade de vivência do carisma de forma laical? Diante dos

²³ Denominamos aqui os Leigos seguidores do Carisma na IRFMMA. Leigo é um atributo às pessoas não consagradas na hierarquia da Igreja Católica e não há conexão direta com o significado da palavra em sua origem: que seria ignorância em determinado assunto.

questionamentos dos leigos para a vida religiosa, não é difícil de perceber que a forma como vem sendo relevada em suas obras, assegurada financeiramente e intolerante entre seus membros, está fora do tempo.

Como é observado, convivem de modo muito próximo com as religiosas, observam seus comportamentos e compartilham de suas vidas. Os leigos atribuem a decepção ou o acúmulo de funções das religiosas às questões administrativas que elas necessitam assumir para a própria subsistência. Elogiam a forma de unidade das províncias, de pensamento mais global. Segue a continuidade da reflexão:

Para mí hasta antes del Capítulo de 2015 creo que las Provincias dieran pasos grandes en término de unidad de la Fraternidad. Hay resistencias. Siempre encontramos generaciones que resisten a los cambios. Todos estamos afrontando situaciones de crisis. La vida está en crisis. Las familias, los jóvenes están en crisis. La vida profesional está en crisis. El sentido de la vida para las nuevas generaciones está en crisis. Estamos en una sociedad con dificultad para definir horizontes, para definir opciones de vida, a eso se debe también la falta de vocaciones. Delante de la realidad veo que la Congregación no ha estado estancada. Está en proceso de búsqueda. ¡Hay fuerzas transformadoras, hay propuestas de cambio, basta unirse y cambiar! (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 14/09/17).

O acento remetido ao contexto pelos Leigos Franciscanos é de um olhar que, para os entrevistados, é estruturante, pois ainda estão em um processo inicial. Evidenciam-se dificuldades para expressar o todo. Talvez o desejo de unidade ressaltado seja um chamado particular para tratar da unificação das consagradas com a estrutura laical. A IR está em processo de busca e não está fechada, ao que se percebe, dependerá dos passos dos caminhantes nas gerações futuras. Há de se considerar as experiências de outras instituições ou até a proposição de unificações possíveis. Porém, como bem trata na teoria institucional, Dimaggio e Powell (1997), sobre os modelos a seguir e a legitimação destes, o isomorfismo dependerá da reprodução da atividade humana, esta poderá ser luz ou tropeço no caminho. Foi uma expressão de luz, segundo as entrevistadas.

A entrevista propõe um passo praticamente vital: a união de forças. Na sociedade, nota-se que o trabalho feito em redes ou parcerias fortalece para um mesmo fim. Diante do mesmo carisma, os grupos aderentes possuem grande dificuldade de sintonizar os passos quando trata principalmente das questões financeiras. Seria positivo se a força laical pudesse participar das ações decisivas da IR com as religiosas, assessorar processos formativos e fraternidades. Pois, consta nos dados que as religiosas devem assessorar os leigos; não poderia também ser ao contrário?

Desde 2015, após a decisão de um quinquênio de reestruturação (2015-2020), existe um assessor que trabalha junto à execução do governo geral, a partir das metas aprovadas em assembleia. E este, um experiente teólogo e sociólogo, assessor de mais de 10 IRs no mundo, expressa-se em relação ao contexto da IR IFMMA:

En primer lugar es una realidad diversa: diversidad de procesos; diversidad institucionales de las provincias; diversidad personales (hermanas). En segundo, hay un ansia, un deseo de cambio, pero con algunas resistências. Todavía, aún, no tenemos claro una perspectiva, porque es una relectura del Carisma. No se tiene claro las consecuencias de los cambios que se van a dar. Creo que el conjunto de las hermanas traen las expectativas con respeto al “¿Que?” Cómo quieren el ¿Gobierno General? ¿Lo que quieren los Gobiernos Provinciales? Pero, ¿lo que va a hacer? ¿Cómo van a conducir? Porque hubo una cultura anterior que decia a dónde ir. ¿Porque ir? Romper esa cultura está custando. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 13/10/17).

Traduz o entrevistado, o corpo de uma sociedade institucional em busca, com uma visão implícita de um processo com a impressão do desejo de mudança que avança e também com a visão das resistências que prevalecem na história e na cultura arraigada. Nessa arte, o assessor é o questionante, o interrogador que vai equilibrando as condições do pensamento e das reflexões junto às pessoas envolvidas.

Nesse quesito, Habermas (2005) pode contribuir com o pensamento de renovação continuada, numa alusão de equilíbrio social (equilíbrio institucional religioso), afirmando que o pensamento pode ser contaminado pela atualidade do espírito do tempo, desejoso de enfrentar a pressão dos problemas, porém carregado de energias utópicas e com o contrapeso conservador das experiências históricas.

O pensamento apresentado pelo assessor traz a amplitude do processo institucional da reestruturação. A proposta de ser participativo, com um método que possa romper uma cultura de receber tudo imposto ou pronto. Nesse aspecto, pode correr o risco da negação do envolvimento dos membros que rejeitam a proposta, como do comprometimento dos interessados. As maneiras de observar a aceitação ou o conflito são as mais diversas e colocam os membros (de qualquer idade) em crises por diferentes motivos e em diferentes aspectos: na vida fraterna, na resistência em relação à missão, nas questões económicas, nos votos evangélicos, desafios à autoridade, desconcerto de suas existência e crise vocacional.

E continua a afirmar:

Hay una adhesion al proceso de reestructuración en el conjunto de hermanas, todavía no tienen mucha claridad. Un proceso como esse

requiere razones fundamentales. És necesario determinar que cambios haremos. ¿Qué cambios queremos? ¿Cuál la dirección? Necesitamos un enfoque participativo y un proceso de asimilación. Otra cosa que yo he observado es que hay “líderes” en la Congregación, pero, no líderes para la Acción Apostólica, la Acción Misionera. Hay que desarrollar el liderazgo en la Congregación. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 13/10/17).

Na percepção do todo, sua função provocativa, enquanto assessor, não é determinar razões e mudanças, mas torná-las reflexivas, possíveis e evidentes. Nota-se a adesão e a preocupação da direção, clareza do enfoque participativo, do preparo de lideranças internas, para que de fato se tenha uma construção institucional e a socialização dos comportamentos e do viver. Em Berger e Luckmann (1974), a socialização de valores e a vida institucional em sociedade se fazem em um processo de externalização, internalização e objetivação. Esses aspectos podem ser considerados também como um possível método para clarificação das razões da IR IFMMA, em sua busca por novas estruturas e sentido.

O assessor entrevistado tem observado um aspecto relevante em suas análises: o grau de liderança dos membros da instituição religiosa é para as ações externas, ou seja, para o trabalho. Isto torna deficiente a autoridade relacional entre membros das 111 casas (fraternidades) que necessitam de líderes para fazer a ponte entre as culturas, a dinâmica formativa, a gestão de mudança, o processo participativo entre gerações e conflitos. Torna-se uma necessidade preparar lideranças para os tempos emergentes, para viver e ser entre os membros, muito mais do que para as ações pastoralistas ou obras.

Outro enfoque que o entrevistado traz é o elemento de falta de lideranças na IR. Mesmo que haja um retrato de que as lideranças observadas estão desenvolvidas para as funções externas (ações apostólicas e missionárias) e com déficit para os processos *ad intra* da instituição, nota-se, nas reflexões weberianas, que um líder, primeiramente, necessita trazer em si, em qualquer circunstância, o reconhecimento das capacidades carismáticas, o desenvolvimento de “um dom”, um germe de existência oculta, que é posto à prova pelas pessoas do meio ao qual pertence. Segundo (Weber, 1999), o líder se faz líder pela prova dos dons carismáticos e pelo reconhecimento das pessoas com as quais convive. Se se acabar o reconhecimento do meio em que vive, é uma pessoa comum.

No decorrer dos anos da congregação religiosa, um sacerdote-professor, Doutor em Direito Canônico, após acompanhar o processo minucioso de canonização²⁴ da fundadora Maria Bernarda Butler, em Roma, em 2008, encantou-se com a missão da IR. Solicitou permissão da Igreja e das religiosas para iniciar o ramo masculino da IR IFMMA. Não aprovado oficialmente,

²⁴ Avaliação, análise e ritual que a tornou Santa, pela Igreja Católica, após a realização de 02 milagres de cura.

até a consolidação de um grupo, o então fundador do ramo masculino se expressa como percebe as religiosas, que já estão com 130 anos de existência (1888-2018):

Hoy día se está perdiendo el mensaje verdadero del Evangello, percibo isso en la congregacion, como lo vivió Madre Bernarda. Los motivos son la vida comoda; vida totalmente segura donde todo lo tenemos; onde és un “abrir de boca” e decir: necesito esto... y cuando no se tiene entonces, uno se siente mal, se cuestiona y sale en búsqueda de sentido a su vida, dejando al lado “el verdadero llamado de Dios”. Los medios de comunicación, internet, TV, celulares y tantos otros, influyen los jóvenes e los invitan a una vida comoda, siendo también responsables por el afastamiento de la vida religiosa. Hay que volver al principio, enamorarse de la Palabra. Cuando tienen todo, no quieren cambiar de vida y vivir con poco. Además de eso, veo que falta acompañamiento, información cristiana y soporte psicológico en la fase inicial. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 14/10/17).

Como uma mensagem de sentido, o entrevistado que está iniciando um grupo com seguidores do carisma ao sacerdócio - no momento, com mais sete jovens querendo viver o chamado de Deus de modo simples, do jeito como viveu Madre Bernarda - motiva as religiosas a voltar às origens e ao enamoramento do Evangelho. Atribui a vida acomodada como a principal causa do afastamento das vocações e, entre estes, os meios de comunicação e a falta de acompanhamento, de formação cristã e suporte psicológico. Nesse aspecto, o conceito de instituição, a clareza de missão e princípios regulatórios que, por ora, já estejam estruturados e objetivados são para que as pessoas busquem determinada vida e não fiquem divididas, como aplica Emmendoefer (2006).

A mensagem do Evangelho foi o que viveu a fundadora Maria Bernarda Butler, missionária atenta às realidades sociais de sua época. Atualmente, o entrevistado aponta ser este o desvio de conduta das religiosas. Ao invés da Palavra de Deus conduzir suas vidas, há forte intervenção dos fatores sociais que conduzem a vida dos membros. Aponta para a falta de acompanhamento dos membros, de suporte psicológico e formação cristã mais consistentes na fase formativa inicial, como solução. Maria Bernarda Butler, já afirmava, em 8 de maio de 1916, em uma de suas cartas, que “a razão da atual crise da vida religiosa é a ausência de virtudes inspiradas e baseadas do Evangelho.” (Carta SMB n.83 p.235).

Em síntese, é possível apontar os principais fatores sociais e religiosos que determinam o processo de reestruturação da IR IFMMA, na ótica dos entrevistados, conforme sistematizado no Quadro 6.

Quadro 6 - Principais fatores sociais e religiosos que determinam o processo de reestruturação da IR IFMMA, ótica dos entrevistados. Elaborado pela autora.

Fatores sociais	Fatores religiosos
<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade da mudança, imposta pela evolução da sociedade. • Atitude de abertura, flexibilidade e insegurança frente a processos novos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Acomodação e segurança num sistema seguro e rotinizado. • A religião está tentando caminhar e dialogar com a sociedade.
<ul style="list-style-type: none"> • Crise de expressão social, não reconhecimento. • Consideração como trabalhadoras sociais. • A juventude não deseja assumir estilos radicais de vida de forma definitiva. • Membros imbuídos de individualismo e secularização. • Membros envelhecidos, pouca atratividade, alto índice de desligamentos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de mudança de estruturas, pensamentos e pessoas. • Crise de valores religiosos. • Religiosas em crise de fé. • Esperança no sentido na reestruturação da IR. • Dificuldade de viver a vida em comum. • Vivência do sentido essencial, transcendental, de modo temporário.

3.2 A Missão institucional: desde a fundadora aos tempos atuais

A IR Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora começou com Maria Bernarda Butler (1848-1924), mulher oriunda da pequena cidade de Auw, Suíça. Maria Bernarda²⁵, antes de fundar a IR IFMMA, iniciou sua vida religiosa num convento, claustro²⁶ de Maria Hilf, na Suíça, onde exerceu funções administrativas, tendo sido mestra de noviças, coordenadora e superiora do convento (abadessa). No convento de vida contemplativa, demonstrava um perfil de liderança, com características que se diferenciavam das demais religiosas, diante das dificuldades da época. Assim relatou o escritor Beda Mayer, a respeito do comportamento da religiosa no convento, diante de intervenções canônicas, solicitando mudanças imediatas no claustro:

[...] ao receber as primeiras provações, reformar a vida em clausura, como Superiora do Convento, a pedido da Igreja, por ocasião da visita Canônica Episcopal e descumprimento das regras, em meados de 1880. Com disposições determinadas, decidiu “tomar as rédeas do convento”, iniciando ela, por uma vida extremamente penitente, para afugentar o maligno do convento. Foi tentada, martirizada aos jejuns e ao sono e às vias-sacras descalças a que se propusera. O resultado foi que aos poucos as Irmãs foram tornando-se vigorosas e ela pôde tomar decisões importantes, como o arrendamento de terras e outras reestruturações internas. (Mayer, 2006, p. 70)²⁷.

²⁵ O nome de batismo de Maria Bernarda era Verena Butler; a Igreja Católica, antes do Concílio Vaticano II, mudava o nome dos/as religiosos/as a partir da consagração, como “sinal de mudança de mundos”.

²⁶ Um claustro possui uma vida contemplativa, introspecção, voltado mais para a oração.

²⁷ Os claustros estavam enfrentando problemas com a administração das heranças que as religiosas recebiam.

O convento Maria Hilf surgiu em Altstätten (norte da Suíça). Segundo Rosa Amália Lopez (1941), havia um grupo já existente de piedosas mulheres (jovens, senhoras e viúvas) que já viviam a serviço da Igreja, porém não professavam votos religiosos. Essa permissão foi concedida, em 1258, pelo então abade de Saint Gallen, após a revolução das Cruzadas. Em 1522, depois do Concílio de Trento, o grupo vinculou-se à Terceira Ordem Secular Franciscana e mudou-se para fora do povoado. Em 1616, sob a direção dos capuchinhos, foi inaugurada uma Igreja/mosteiro, dedicada a Maria Auxilium Christianorum - Maria Hilf.

Em complemento, Beda Mayer (2006) afirma que o monastério de Maria Hilf teve dois séculos, até 1798, de grande florescimento. Porém, com a Revolução Francesa, os soldados ocuparam os bosques do convento como refúgio e levaram grande parte dos bens, deixando somente o que era demasiado pesado. As religiosas, em um número de 18, tiveram de fugir e foram abrigadas em Voralberg (Áustria), restando apenas 04, as mais anciãs. A abadia de Saint Gallen, em 1803, proibiu o convento de admitir religiosas, até 1816. Mesmo com o retorno das refugiadas, uma grave crise financeira instalou-se nas dependências da instituição e elas se viram na obrigação de mudar a rotina. Trabalhavam o dia inteiro para poder manter o sustento. A presente realidade de sobrecarga reduziu o número dos membros para 08, em 1815. Relata o historiador que o espírito do convento, com o excesso do trabalho, sofreu por falta de “vida ordenada”.

Com o claustro Maria Hillf estabilizado, Maria Bernarda solicitou ao sacerdote que as acompanhava espiritualmente permissão eclesiástica para uma missão além-fronteiras. Não foi muito simples canonicamente; porém, a licença foi concedida e, juntamente com seis religiosas jovens, partiu para Chone, um povoado do Equador, em 1888. Entre a América do Sul e a América do Norte, Maria Bernarda optou pela região mais necessitada. Não obstante, a intenção da religiosa não era fundar uma nova instituição, mas tornar o claustro já existente espiritual e ativamente missionário. Chegando ao destino, Chone, o contexto influenciou à tomada de decisões, mudando os rumos planejados previamente. As religiosas eram admiráveis em seu modo de vida, como afirma a autoridade eclesiástica do Equador, Bispo Schumacher:

Não me canso de admirar essas pobres Franciscanas; andam descalças, dormem no chão duro, jejuam diariamente até às onze da manhã e não tomam nenhum refresco pela tarde. Trabalham como jornaleiros e rezam muito. O povo não pode compreender tal heroísmo. Em vão tenho me esforçado para um pouco de mitigação desse rigorismo por parte da Madre Bernarda que intenta o rigor primitivo de Santa Clara e São Francisco. É admirável como débeis mulheres podem perseverar em tal estado de sacrifício. (Mayer, 2006, p. 115).

Beda Mayer (2006) relata que a vida das europeias em Chone era dificultosa. O vilarejo apresentava-se em condições miseráveis, principalmente na educação das crianças e na saúde dos enfermos. Foram essas as prioridades, diante de demandas diversas. Foram sete anos de imersão com essa população. Em razão das perseguições aos cristãos, na “Revolução Liberal”, comandada por Eloy Alfaro, tiveram de proceder a fuga para Colômbia, chegando a Cartagena no dia 02 de agosto de 1895.

Diante das circunstâncias da época, sociais, económicas e eclesásticas, a religiosa obrigou-se a legalizar o novo grupo que iniciava, como instituição, com sede na Colômbia, recebendo aprovação pontifícia em 1938. O grupo na época contava com 294 membros, sendo a maioria composta por missionárias da Europa que se mudaram para a América, e 33 casas religiosas em missão.

El Decreto N° 8557-37 C.81 de 1938 hizo patente la Aprobación de la Congregación, por SS. el Papa Pio XI, en la audiéncia del 05 de julio de 1938, concedida al Prefecto de la Sagrada Congregación de Religiosos-Cardenal La Puma. En la misma fecha, el Sumo Pontífice aprobó y confirmó las Constituciones propias de la Congregación. (Burin e Rubio, 2000, p. 171).

Denomina a Instituição, inspirada no claustro de Maria Hilf (Maria Auxiliadora): Hermanas Franciscanas Misioneras de Maria Auxiliadora. A adesão de Maria Bernarda ao franciscanismo como forma de vida é perceptível no seu modo de viver, como a penitência, a oração e o forte espírito de iniciativa na missão. Kajetan Esser (1966) afirma que Francisco de Assis, italiano (1182-1226), no ano de 1209/10, agindo por própria iniciativa, tentou uma forma de vida que tivesse significação para toda a Igreja. A Cúria Romana não se interessava pelos novos Irmãos, os Frades Menores, que estavam surgindo. Os testemunhos contemporâneos afirmavam que essa comunidade de Irmãos era algo totalmente novo na Igreja, que apresentava um caráter de endeusamento. O que os diferenciava das ordens da época era a vida de penitência, sendo a regra o próprio Evangelho. Eram poucos ou ninguém que conseguia superá-los em pobreza e humildade.

Ainda sobre a Ordem Franciscana, Lázaro Iriate (1979) relata que esta passou por várias crises na tentativa de reformas. Já na primeira década, com surpreendente crescimento incontrolado e a impossibilidade de formar os membros no projeto ideal de vida. Em 1221, três mil frades reuniram-se em capítulo e, no ano de 1222, cinco mil no capítulo das esteiras²⁸. Pela proposta de vida, surgiram entre os que aspiravam à ordem, clérigos e doutores da Igreja; estes letrados foram considerados os desvirtuadores do projeto primitivo. Houve uma divisão na Ordem, entre os que permaneceram fiéis ao espírito originário de Francisco, os Frades Menores, e os que reformaram a Ordem: os Observantes (Reformados,

²⁸ Reunión de todos os segmentos franciscanos para discutir assuntos em comum.

Recoletos, Descalços) Conventuais e os Capuchinhos. Os que reformaram a Ordem, por volta de 1517, tiveram uma crise geral, de 1768 a 1880, com intervenção da Cúria Romana para reorganização das províncias, algumas iniciando do princípio. Foram impostas exclausurações por descumprimento geral da vivência religiosa franciscana e reduzido o número de 82,1% de membros, para garantir a fidelidade ao carisma.

A história do Franciscanismo prosseguiu e, teologicamente, continua muito viva, segundo os seus seguidores, por obra do Espírito de Deus. O que manteve o carisma vivo foi a abertura humana ao espírito (criticada pelo rompimento dos letrados) e a diversidade inclusiva que hoje é infinitamente mensurada em dados. O Carisma se fortaleceu com a reunião da fraternidade universal, convocada pelo Papa Leão XIII, em 1884, onde rompeu com as classes e contribuiu para com a organização (e paz) do conjunto das iniciativas franciscanas. A organização ficou assim estruturada: Primeira Ordem, diretamente ligada a Francisco; Segunda Ordem, das Damas Pobres, dos mosteiros, das Clarissas e Capuchinhas; e Terceira Ordem, Regular, para congregações que bebem na fonte da espiritualidade do carisma, e Secular, para os leigos que se inspiram nessa mesma espiritualidade (Iriate, 1979).

Maria Bernarda afirmou em uma das suas cartas que “seremos sempre uma pequena congregação.” (Butler, Ct.36, p. 24). A quantidade de religiosas não era sua preocupação, mas o cumprimento da proposta, bebendo da fonte do Evangelho, assim como o fez Francisco de Assis e rege a Terceira Ordem Regular. Algumas religiosas a consideravam uma santa na perfeição, em virtude da vida dura que se propusera a viver. A motivação era tal que, desse grupo, saiu uma nova congregação: as Irmãs Missionárias de Maria Imaculada. Esse novo ramo surgiu pela iniciativa de uma colega da Madre Bernarda, a Madre Caridade, que foi indicada para dirigir a criação de um novo colégio. Madre Caridade, guiada divinamente, segundo a perspectiva êmica, tornou essa obra independente e transformou-a em novo ramo, nova instituição, desvinculando-se da Madre Bernarda. Já o grupo dirigido por Bernarda, prosseguiu por assim determinado:

A congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora é um dom que o Espírito do Senhor concedeu à Igreja, por meio da Madre Bernarda Butler, sua Fundadora. É um Instituto Religioso de direito pontifício, regido pelo Direito Universal, Regra e Vida dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Assis, pelas presentes Constituições e Diretório Geral. (Const. Cap. I, § 1, p. 49).

O diferencial proposto por Maria Bernarda, canonizada em 12 de outubro de 2012, pelo SS. Papa Bento XVI, consiste num modo de viver, na identidade da IR IFMMA, denominado carisma institucional, regido pelas constituições:

O Carisma ou Patrimônio espiritual da nossa Congregação, vivido e transmitido pela Madre Bernarda, provém de sua profunda experiência de

amor misericordioso de Deus Uno e Trino. Esta experiência a levou a optar pela vida apostólica missionária, para glorificar a Deus, como operária de seu Reino, na prática das obras de misericórdia, nos apostolados próprios da Congregação, com caridade, humildade, simplicidade evangélicas. (Const. Capl, §2, p. 49 e 50).

[...] Nossa vocação missionária não se circunscreve em tarefas específicas, mas se identifica com a própria vida, enquanto seja participação consciente na missão de Jesus e da Igreja, nas obras próprias da Congregação. (Const. Cap I. p. 50).

Atentas à inspiração do Espírito Santo, façamos nossas as preocupações da Igreja, dispostas a estender nossa ação apostólica a todas as partes do mundo, e adaptando-nos às circunstâncias e necessidades dos tempos e lugares, tendo como finalidade a construção do Reino de Deus. (Const. Cap I p. 50).

Foi confirmado o carisma, no documento *Pedagogia Missionera*, que trabalha a expressão que as religiosas devem ter em seu modo de ser e atuar:

Nuestro carisma se expresa en la vivencia y anuncio del Evangelio, en fraternidad franciscana, para la Gloria de Dios (Uno e Trino) y extensión de su Reino, con el criterio y las obras de misericordia. [...] Por nuestra consagración y carisma, todas somos y debemos ser misioneras, independiente de lo que hagamos y dónde estemos por obediencia. No solo hacemos misión, somos misión con nuestra vida consagrada franciscana; por doquier nuestro corazón arde por la misión y sus latidos repiten: “Soy y debo ser misionera”. (Hermanas Franciscanas Misioneras de Maria Auxiliadora, 2000, p. 26).

O contributo dessa forma de vida teve o perfil de uma mulher com características peculiares. Maria Bernarda é descrita por Hammester (1995) como uma pessoa conectada com sua interioridade, silenciosa, possuidora de dons místicos (inspirações, visões), profética, penitente, orante, perpicaz administradora, considerava-se pecadora, confiança inabalável, nítida humildade e pobreza, talento pedagógico e incansável na prática do bem e da justiça com os mais sofredores.

A Igreja, em uma de suas súmulas de reconhecimento, declara o seu perfil carismático: “Madre Bernarda era uma alma privilegiada que Deus cumulou das mais preciosas graças e visitou com divinas infusões, que parecem ultrapassar os limites da ordem natural.” (Summ. p. 405, 985, n. 2).

O contexto social e religioso era de fatores que influenciavam diretamente as fundações da IR. Após a fundadora, Maria Bernarda, a instituição teve 09 sucessoras, sendo 05 europeias, 03 brasileiras e 01 colombiana. Atualmente, a IR IFMMA está com 111 casas missionárias, em 14 países (Colômbia, Panamá, Cuba, Venezuela, Equador, Chile, Peru, Brasil, Bolívia, Suíça, Áustria, Espanha, Mali, Chad), distribuídas em 06 sedes denominadas províncias (02 no Brasil, 02 na Colômbia, 01 na Europa, 01 no Equador). O número de religiosas hoje, de acordo com dados da Secretaria Geral das IFMMA (2018), é de 576.

O estilo de vida fraterna cotidiana, o processo admissional, a presença missionária, a organização administrativa e económica dos bens e da vida em comum, são critérios tratados detalhadamente nos Diretórios da IR, que as religiosas revisaram na última Assembleia Geral Ordinária, em 2015, estando no período de provisoriedade, e serão aprovados em dezembro de 2020. O desafio do contexto moderno para a IR, novos campos de missão, novas culturas, o envelhecimento dos membros, a sustentabilidade da IR, os votos religiosos, são temas que entrarão em pauta.

Atualmente a vida comunitária está organizada em pequenos grupos de membros, distribuídos para atender a missão da IR das 111 fraternidades. São casas localizadas entre a população, em sua maioria, e algumas fraternidades juntamente às obras hospitalares e colégios da instituição. Em cada casa estão, em média, 04 religiosas, sendo que há situações onde vivem 06 ou 07 e, em outras, 02. Nas comunidades religiosas há uma organização específica, amparada pelas Constituições (1988), nas quais um dos membros é nomeado autoridade local para coordenar o grupo. E entre os membros fazem a distribuição de responsabilidades e tarefas, como: organização económica, de crónicas, secretaria e arquivos e memória histórica da comunidade local para cada ano.

Cada pequena comunidade está vinculada a uma província, sendo atualmente 06. Essas províncias possuem uma coordenação eleita por todos os membros, cada 05 anos, para coordenar a missão, formação, administração e identidade da IR entre os membros que lhe pertencem. Cada província está conectada à sede geral, que atualmente está na Colômbia, e também possui um governo para gerir as províncias e trabalhar com a animação do todo. Convém registrar que a sede geral está ligada diretamente a Roma e também segue as prescrições canónicas.

O exercício apostólico da missão, chamado carisma da IR IFMMA, acontece desde o processo formativo até o final da vida de uma religiosa. O processo formativo está organizado por meio de um Plano de Formação (2016) e este inicia com um diagnóstico da realidade. Enfatiza as tecnologias como aspecto positivo e a pluralidade cultural. As etapas que desafiam a vida religiosa atualmente são o recrutamento, chamado na IR de animação vocacional. As demais etapas seguem com os desafios da jovem viver com as religiosas. São etapas iniciais: o postulante, para quem deseja iniciar o caminho que, atualmente (2019), conta com 09

jovens formandas, em Colômbia; o noviciado, uma etapa de maior aprofundamento espiritual, conta com 08 noviças. A partir do noviciado a jovem passa a ter todos os direitos e deveres constitucionais como membro da IR. O juniorato, uma experiência missionária que antecipa o compromisso definitivo para a consagração de um membro religioso, atualmente, conta com 25 jovens. O juniorato é personalizado e dura, aproximadamente, dez anos. A pessoa nesse período faz, em paralelo, a escolha profissional na qual deseja atuar na missão e aprofunda os estudos da sua etapa formativa.

O manifesto narrado no Plano de Formação (2016) das religiosas traz a dificuldade delas formarem fraternidades formadoras e terem formadoras capacitadas para as novas gerações juvenis. Não há disponibilidade de membros que queiram assumir o desafio de tal compromisso, pela possibilidade de receberem muitas críticas diante da responsabilidade. A falta de conhecimento, de apoio, de método, somada à inferior procura e a estruturas rígidas de pessoas nas fraternidades formadoras tem sido motivo de reflexão e revisão de paradigmas na instituição.

A instituição tem centralizado, diante da escassez de formadoras e vocações, os grupos formativos num local, por critério de língua ou país (Plano de Formação, 2016). Isso tem como objetivo a pluralidade cultural, unidade congregacional e possibilidade de ter a formação em convivência grupal. Também está ciente de que a demanda formativa não é uma prioridade somente da fase inicial da vida religiosa, mas de todos os membros: todas as faixas etárias necessitam de formação permanente, com estudos semanais e retiros mensais, como a instituição propõe.

O exercício missionário da instituição religiosa está organizado por intermédio da atuação na evangelização, educação, saúde e social. Atualmente, as religiosas estão administrando 04 escolas particulares na Colômbia, sendo que o prédio pertence ao governo. E administram, dão aula (com professoras leigas) e são proprietárias de 11 escolas particulares, das quais 08 em Colômbia, 01 no Equador e 02 no Brasil. Todas as escolas preparam até o ensino médio completo e, na Colômbia, a maioria é somente para meninas. As escolas com forte filosofia católica, principalmente em Colômbia, possuem uma tradição catequética: as religiosas preparam internamente as jovens para os sacramentos, com projeto de vida, e os pais buscam tais escolas por esse motivo; praticamente, um regime de internato, com capelão e missa semanal. O desafio missionário é como trabalhar com um número de alunos e alunas, um total de 17.000 matriculados, em 2019, com linguagens para o contexto moderno educativo, mantendo traços do carisma e da fé.

Em relação à saúde, a instituição conta com 07 centros de atendimento: 01 clínica de alta referência cardiológica no Brasil, administrada pela instituição, na qual os atendimentos, na sua maioria, são gratuitos para a população; 01 clínica de atendimento particular no Brasil, de propriedade da IR, integrado ao atendimento da pessoa idosa; 02 clínicas na Colômbia, de

propriedade da congregação e atendimento missionário de várias religiosas; 01 ambulatório de propriedade da IR, no Equador, coordenado pelas religiosas; 01 centro de saúde para a mulher, na África, coordenado pelas irmãs. Os atendimentos realizados, em 2018, foram de aproximadamente 50.000 particulares e 500.000 gratuitos.

A instituição realiza sua missão também em 05 centros de acolhimento para pessoas com idade avançada: na Colômbia, 01 de acolhimento particular, onde as irmãs se dedicam; no Brasil, 02 de acolhimentos particulares também coordenados pelas religiosas; na Espanha, 01 de acolhimento administrado pelas religiosas e de propriedade de uma paróquia; na Áustria, 01 centro de acolhimento com a presença de religiosas. Nessa missão atendem-se 500 idosos por ano.

Enquanto IR, os projetos missionários sociais e/ou de evangelização possuem relevante evidência e importante método. Envolve a comunidade em determinada ação, promove a autonomia dos vulneráveis e a construção de atividades de aprendizagens. As missionárias têm optado por essas ações de promoção humana entre as classes minoritárias, onde elas estão inseridas. Existem, aproximadamente, 20 projetos em andamento. Estes são mutantes, de acordo com as realidades. Mas, nos 14 países, são desenvolvidas ações de evangelização, missão entre as mulheres, deficientes, migrantes, indígenas, idosos, meio ambiente, vulneráveis, etc. É uma população incontável, atendida diariamente pelas religiosas. Esses projetos, alguns são mantidos com dinheiro de uma instituição de pessoas que fazem doações no período da Páscoa e no Natal, na Suíça. Outros são inseridos em editais de cada país para manutenção com auxílio do governo, e outros, cada província mantém suas despesas. Tenha-se em consideração que a IR realiza a maioria das ações religiosas missionárias em caráter de voluntariado missionário. O atendimento anual aproximado, segundo dados da Secretaria Geral 2019, tem sido de 100.000 (cem mil) pessoas diretamente, por intermédio desses projetos. E, de forma indireta, 500.000 (quinhentas mil) pessoas, referenciando, aqui: construções de templos, salões para eventos, cozinhas comunitárias, visitação a museu religioso, hortas comunitárias, reformas hospitalares e eventos de conscientização e espiritualidade.

O exercício do poder na IR tem sido fundamentado na autoridade servicial. O primeiro cargo instituído foi o de fundadora e superiora da comunidade religiosa, sendo da Sra. Maria Bernarda Butler. Esta teve que redigir uma regra de continuidade institucional, aprovada por Roma em 1895, que, após, a entidade teria seguimento e forma de vida. A regra prevê a eleição por todas as religiosas de uma Superiora Geral, com 04 conselheiras que administram e coordenam o todo da instituição. A Superiora dedica sua vida para a animação geral das religiosas e da IR e as conselheiras cuidam da administração dos diferentes setores: (1) económico e administrativo; (2) dimensão formativa; (3) secretaria; e (4) missão da instituição. Da mesma maneira segue cada província, com a eleição de superiores provinciais com 04 conselheiras responsáveis pelas províncias. As eleições acontecem com sondagem de

votação em todas as fraternidades e, posteriormente, com a escolha de delegadas para participação em assembleias realizadas em nível local e congregacional (Constituições IFMMA, 1988).

O modo de eleição entre as diferentes IRs é similar e tem sido considerado ultrapassado em sua manutenção de poder, como constatam, nesta pesquisa, as entrevistadas formadoras. Os membros não somente questionam o modelo de eleição, mas também os membros eleitos. Por outro lado, contata-se um número reduzido de líderes preparados para o contexto interno da instituição. Nota-se um perfil tradicional de manutenção de estruturas. Os cargos também de alguma maneira garantem a perenidade das obras. Há uma tendência de sobressair mais o pessoalismo cultural na escolha dos nomes para assumir um cargo, do que um construto coletivo de capacidades e habilidades.

Nos 130 anos de existência, as gestoras, cada qual com sua tonalidade, foram marcando a história, umas com proatividade, outras com perfil conservador, ou com o diálogo, umas com a capacidade de escuta, outras com a imposição. Cada marca da história carrega o registro da Superiora, mas também o compasso da religiosa. Há registros de membros subversivos, por isso, advertidos e encaminhados para casa. Há membros que, com suas participações, mudaram o rumo da IR para melhor. Outros, que sempre foram sujeitos a ordens, à obediência e ao medo, e, ao ficar calados, passaram pela IR dessa maneira. Enfim, cada membro eleito foi eleito porque houve quem o elegeu.

Num contexto mais amplo, não menos empoderado, retornamos ao ponto vértice, que por motivos históricos, culturais e de forte temperamento de superiores da época, como relatam os escritos, é imprescindível, apesar das separações e conflitos, considerar os pontos de aproximação de Maria Hilf, bem como as Franciscanas de Maria Imaculada e da recente Spirituales Weggemeinschaft, com a IR IFMMA. Elementos de época, quantidade de membros, situação atual, raiz do carisma êmico tendem a romper fronteiras institucionais. Para ilustrar esse movimento, segue o perfil do encontro matricial que poderá ser uma fonte para analisar possíveis tendências.

Quadro 7 - Perfil do encontro matricial. Elaborado pela autora.

Instituição e Ano	Local de Origem	Qtidade Membros na Fundação	Auge de membros	Membros Atualmente	Missão Institucional
Maria Hilf (matriz) 1522	Áustria	18	40 (1879)	06	Contemplativas
Franciscanas MMA 1888	Equador	07	830 (1960)	576	Missionárias e sinais emergentes
Franciscanas M I 1933	Colômbia	03		410	Educandários e sinais emergentes
Spirituales W 1998	Suíça	06	12	12	Mosteiros abertos ao povo

Em visita ao terreno (em dezembro de 2018), em Pasto, na Colômbia, próximo da fronteira com o Equador, sede onde se encontra a casa originária da IR Franciscana Maria Imaculada, foi possível obter informações com as religiosas²⁹ que consolidaram o exposto no decorrer histórico supracitado. A IFMI desmembrou-se diretamente da IR IFMMA, que tem o mesmo ramo de Maria Hilf, de Áustria.

Atualmente, portanto, encontram-se, em Colômbia, duas sedes de IRs oriundas de Áustria, que conservam, inclusive, um museu histórico e os restos mortais das fundadoras. Uma em Cartagena de Indias, sendo o santuário e museu de Maria Bernarda Butler, Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora. E, em Pasto, museu e santuário de Maria Caridade, Brader, fundadora das Franciscanas de Maria Imaculada. Os motivos desse desdobramento fundamental não foram esclarecidos em sua totalidade. Nos documentos pesquisados e nas narrativas tradicionais há um histórico silêncio de ambas as partes, tanto por parte da fundadora Maria Bernarda Butler quanto por parte da Maria Caridade Brader.

Em observação, foi possível perceber que as religiosas narram a fundação com perspectiva de obediência ao confessor que orientava na época tanto Maria Bernarda quanto Maria Caridade, em Chone, Equador, onde viviam juntas. Nota-se nos traços vivenciais expostos pela história uma conduta de simplicidade por parte de Madre Caridade, desde o modo de vestir até as penitências e sofrimentos enfrentados, como foi a travessia do Equador até a Colômbia, a cavalo, por vales e montanhas perigosos.

Considerando a totalidade do enredo, é possível afirmar que um dos principais motivos da separação entre as duas instituições foi a condução do bispo Dom Schumacher, confessor tanto de Maria Bernarda Butler quanto de Maria Caridade Brader. Não obstante, ele (o Bispo) tomou parte direcionadora ao perceber a liderança para o potencial na área educacional em Caridade Brader, com fundamentos pragmáticos para questões econômicas vindas da Europa, enviou sacerdotes e também o seu final de vida, diante da morte, foi aos cuidados da instituição Maria Imaculada, a qual auxiliou na fundação e nas obras educativas. Para a época, pode ter sido a melhor interpretação do contexto com fatores sociais e ameaças religiosas determinantes.

O que a história conservou em sua memória foram fatos parcialmente revelados, colocando as duas instituições em situações desagradáveis desde a separação. Ou os motivos de Maria Bernarda não ter se adaptado às exigências missionárias da América Latina, ou ser muito exigente na vida de austeridade com as Irmãs; ou de Maria Caridade, por ser mais culta, não querer seguir os princípios da pobreza, entre outros. Este é o insumo que se colhe das duas partes, ouvindo a história da separação de ambos os lados, relatada por membros das IRs.

²⁹ Diário de campo, em 06/12/2018, com Irmã Maria Clara e Irmã Carmém Isabel, membros responsáveis da equipe de reestruturação institucional.

Porém, há que se manifestar o relato impressionante e velado a partir do silêncio que as duas religiosas fundadoras fizeram a partir da separação das IRs. Em Pasto, há uma capela do Calvário, onde a Madre Caridade refugiava-se para seus longos silêncios. As religiosas relatam que quando falava de Madre Bernarda, referia-se sempre a uma Santa e silenciava. Em Cartagena, por igual, Maria Bernarda passou seus dias silenciosos, escrevia muito e quando tratava da Madre Caridade, silenciava-se. Uma vez, Madre Caridade procurou Bernarda para unificar as IRs, esta responsabilizou as Irmãs, as quais não aceitaram. Ficou no silêncio uma marca de traição, para a religiosa, organizada pelo confessor e financiada pelas missionárias da Europa que mantinham os educandários da nova instituição de Pasto. Talvez Madre Caridade não tivesse ciência disso.

Ao conhecer a missão das religiosas em Pasto, a similaridade do carisma é admirável. O jeito de viver, as vestimentas. A diferenciação é notada somente na titularidade da IR. Não há clareza para a IR dos pontos que provocaram a separação. Houve, sim, o esforço para a sobrevivência dos membros até então, considerando as mais diferentes dificuldades das primeiras europeias que, ao chegarem à América Latina, estavam lameadas dos pés até a cabeça, por atravessarem grande parte das montanhas a cavalo, enfrentando semanas sem rumo, com chuvas, tempestades, frio e fome³⁰.

Para o atual momento, as religiosas consideram que a unidade, inclusive futura das IRs, seria o caminho mais esperançoso de sobrevivência. Nota-se abertura e sugestões de processos futuristas para um carisma que unifique vivências formativas, preparações de votos, retiros, formações pedagógicas do carisma para educadores, animadoras de fraternidade e outros momentos conjuntos que possam fazer reavivar o carisma pelo qual as duas mulheres tiveram a mesma graça de receber dons e fortalecer a mesma raiz no seu tempo.

3.2.1 O carisma da IR IFMMA e o reconhecimento da sociedade

Numa perspectiva êmica, o carisma é para as IRs o vetor que as impulsiona a serem conduzidas, em sua missão. Essa missão institucional priorizada pelo fundador é entendida como dom de Deus pelos membros. Na linguagem do universo religioso, por se tratar de *dom* e *graça*, o carisma é essência vital, na percepção dos membros. Esse é um construto êmico do carisma e, nessa perspectiva, segundo Lett (1996), esses construtos são significativos por terem sido apropriados pelos membros do grupo cultural em estudo. Está de acordo com as percepções e com os entendimentos considerados apropriados pela cultura dos observadores internos (*insiders*). A validação do conhecimento êmico está relacionada com o consenso da população local, que deve concordar que esses construtos sejam coincidentes com a

³⁰ Diário de Campo, em visita a museu de Madre Caridade Brader, em Pasto, no dia 06/12/2018, com Irmã Maria Clara e Irmã Carmém Isabel, membros responsáveis da equipe de reestruturação institucional, das Irmãs Franciscanas de Maria Imaculada.

percepção comum e que retratam as características da cultura do grupo, no caso, a vida consagrada religiosa.

Ao tratar do carisma êmico da IR IFMMA, a Superiora 1 traz elementos de como o percebe no momento atual, no intuito de atualização de sentido e renovação de estruturas.

Yo pienso que el carisma, no podemos leerlo como se vivió en el tiempo de Madre Bernarda y San Francisco. El carisma hay que saberlo interpretar y saberlo actualizar en los signos de los tiempos. Yo pienso que no es cumplimiento de leyes de una Institución. El carisma Franciscano es más libre. Nos permite sentirnos abiertos al Espíritu y vivirlo de acuerdo como es. No puedo acomodar el carisma a mis caprichos, a mis gustos, es un carisma que puede dar respuestas. Carisma es solidaridad. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 09/10/17).

Nota-se que o rumo do sentido e a missão institucional, conforme a entrevistada, perpassam pela leitura do carisma originário. Sugere e questiona que a missão institucional está além de leis e normas, é mais livre e permite abertura. Está para o coletivo antes que para o individual. Nesse aspecto, no entendimento de estrutura coletiva e do ser religioso, Queiruga (2003), renomado teólogo da América Latina, faz referência para o cuidado de não tomar uma instituição como posse aos favores ou benefícios individuais, bem como apelar ao Espírito Santo tantas petições e colocá-lo numa jaula mental racionalizada, com as mesmas repetições de modelos estruturais.

Numa abrangência convergente, é possível refletir e compreender a função do carisma êmico da IR IFMMA para a sociedade e sua influência e sentido religioso para a contemporaneidade. As senhoras religiosas fazem a apropriação reflexiva de que há elementos identitários do carisma, que são funções da religião, que podem definir, integrar e estabelecer objetivos solidários coletivos além da moral individual, se lidos aos sinais dos tempos (O'Dea, 1969).

A religiosa entrevistada traz elementos de que, numa linha tênue, o carisma da IR poderia ser repensado. Questionar o favorecimento de um carisma para benefícios pessoais diante de um coletivo, considerar a mudança de época, assumir livre e não por obrigação, responder com relevância à sociedade de hoje são os fatores que refletem novas posturas diante do redimensionamento da instituição. Não se faz necessária nova fundação nem novo carisma, basta o olhar novo e o assumir dos membros que sejam comprometidos.

É este olhar que os membros vão decidir, de forma livre e não sublimada, como vão viver a castidade, a obediência e a pobreza, proposta como meios de vivência para todos os religiosos. Como vão manifestar a afetividade e não negar? Como vão assumir as relações entre membros, primeiramente? Os membros estão dispostos a assumir, questionar, (des)construir, ou dar continuidade à estrutura, ao aderirem à IR? Esses questionamentos

podem fazer parte da atualização êmica do carisma, não simplesmente aceitando a forma legal.

Um ponto interessante a ser enfatizado é que as IRs, ao pensar as estruturas ou a burocracia, associam-nas, logo, com suas obras construídas há 100 anos, chamados pelos religiosos de *elefantes brancos*. Prédios grandiosos, colégios ou hospitais, universidades ou casas onde vivem os próprios membros, na sua maioria, missionárias e missionários europeus, que, com suas heranças paternas, os financiavam para, de alguma maneira, exercer a missão na América Latina. São, de fato, um património imensurável, de valia cultural e monetário, em que, atualmente, nem todas as obras respondem à finalidade inicial. Talvez para muitas IRs esses *elefantes brancos* sejam a única garantia financeira; aí, sem eles, a crise não seria somente de vocações, mas também monetária.

Desfazer-se dos bens, na instabilidade oscilante económica dos últimos anos, seria como dar um salto no escuro. A maior “estrutura” está da cabeça de cada membro, na forma como organiza, participa e toma as decisões. A manutenção dos membros pode estar em perigo caso não se tenha um projeto claro para as obras da IR. A evangelização gratuita precisa sustentar-se na gestão das obras particulares.

Num contraponto incisivo e esperançoso, a religiosa Superiora 2 propõe sua ótica:

Yo creo que tenemos un Carisma muy bonito, que es vivir la simplicidad, la alegría, la fraternidad. Y pienso que es una respuesta que se debe dar al mundo hoy, porque el mundo está muy dividido. Tenemos medios de comunicación, a veces nos encontramos muy cerca y al mismo tiempo muy distantes. El Carisma es una alternativa, pero depende de la vivencia que tengamos. Tenemos que hacerlo “realidad” al nos tratarnos, al querernos ayudar y también con las personas con quién trabajamos. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 09/10/17).

A percepção de que o carisma é uma alternativa traz força na resposta da entrevistada e valores religiosos (*insiders*) para a sociedade. De alguma maneira, com maior ou menor intensidade, a IR traça sua trajetória e vivência. E trata-se da realidade simbólica das diferentes vivências do carisma das quais se pode captar a função essencial, religiosa e social da IR, em sua consciência coletiva, pois que as ações de cada religiosa transcendem o individual e são alternativas para uma resposta de socialização geradora da missão institucional (Luckmann, 1973).

O surgimento das IRs se deu ao propósito de respostas às percepções contraditórias que existiam na sociedade e a abertura ao diálogo que ampliou o campo do imaginário simbólico da Igreja e, assim, a evangelização mobilizou uma forma concreta de vitalidade e reorganização institucional, por intermédio da presença dos religiosos, principalmente, entre

a educação, saúde e assistência social (Pereira, 2012). Atualmente, a resposta vital do carisma parece não responder nos campos como foi em sua fundação. Há que se fomentar novo diálogo e corajoso *aggiornamento* com o mundo moderno. O atual líder da Igreja Católica, Papa Francisco (2018), insiste na mudança do futuro institucional, ao fato de uma travessia geográfica humana, geracional e contextual.

O carisma como alternativa para o contexto atual faz refletir que as pessoas estariam cansadas e o que a IR poderia oferecer como diferente? Na época de Francisco foi a pobreza radical em meio a tantos movimentos mendicantes que estavam surgindo. Atualmente, o que tem atraído muitas vocações são as Comunidades de Vida, estilos que vivem a pobreza em sua radicalidade, vivem com uma prática de jejuns e penitências, vivem sem tecnologias, abandonam seus pais, algumas comunidades vivem na rua e de doações. De outra parte, apresentam fragilidade emocional pelo contexto em que são submetidos e práticas intensamente conservadoras³¹. Seria este o estilo mais adequado? Como responder com equilíbrio e maturidade socialmente, de maneira que pessoas se sintam atraídas para um projeto que, além de ser uma resposta alternativa, seja um *dom maior*, um carisma renovado?

O carisma, como forma de viver, pode ser uma resposta para as sociedades de hoje:

El Carisma es una respuesta hoy, pero depende del testimonio de vida que yo como Consagrada lo dé. Que yo me sienta con la identidad de una Hermana Franciscana, y que esa identidad yo la pueda transmitir a los otros. A veces estamos tan envueltas en nuestras obligaciones que nos olvidamos de la oración, que es nuestro principal, servir a los enfermos, ayudar en la catequese, en las pastorales. Tenemos que volver a mirar el "central". Reflexionar la Palabra. Tener un tiempo a más para la oración, para el amor a la Eucaristia. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellin/CO no dia 09/10/17).

Para as consagradas, a resposta do carisma depende do testemunho de vida místico. Manifesta a entrevistada preocupação com a demanda missionária e o pouco tempo que possuem para o cultivo pessoal e o equilíbrio entre as diferentes obrigações do cotidiano. Nesse aspecto, observa-se que os fatores da sociedade influenciam a rotina e a conduta da vida religiosa e os fatores internos, os valores do carisma vivenciados pelas consagradas da IR, sendo uma alternativa para a contemporaneidade, como afirma Rodrigues (2007).

Numa versão mais contundente, Berger (1985) salienta que a atividade humana, por mais bem intencionada que esteja e definida como sagrada, intrinsecamente é frágil, precária e

³¹ Observação em Comunidade de Vida. Servos da Misericórdia, em 11/10/2017. Notas do Diário de Campo/Brasil.

contraditória. Em algum momento pode-se ir para a guerra e matar entre bênçãos! Esse conceito manifesta a presença do caos da humanidade perante a sacralidade. O que é manifesto pela entrevistada é, talvez, um dos elementos justificativos de que a aparência de segurança faz contradizer as obrigações sagradas próprias da IR, ou da humanidade frágil.

O perfil de cada religiosa, o mundo vital de cada membro traça a vitalidade do carisma. São as relações equilibradas, a fraternidade revigorada com a presença enriquecida de cada membro, a prioridade das metas dos projetos de vida e da missão alinhadas, que farão valer o esforço da doação e do viver. O contrário também é verdadeiro: cada membro mata o carisma e o afasta de si. As relações cada vez menos consensuadas para a vivência fraterna. O pensamento ambicioso e egoísta de metas individuais e consumistas. O decreto a si mesmo de obstaculizar o coletivo mediante fofocas e ridicularização entre membros.

Na perspectiva de uma identidade em construção, a Superiora 3 analisa o carisma como uma missão espiritual identitária da IR IFMMA, em construção contínua no mundo atual:

Nós somos convidadas a termos uma espiritualidade expressiva, sólida e alegre. Nossa presença seja misericordiosa, iluminada pela origem de Santa Maria Bernarda, de esperança e fraternidade, à luz de São Francisco, ambos fenômenos do Evangelho. A sociedade quer conhecer o Deus que vivenciamos. O carisma é meio para chegar ao Transcendente junto ao povo. A identidade como IFMMA precisa ser clara. Não qualquer pastoralista. A visibilidade como mulher consagrada precisa estar impressa em nossa interioridade e exterioridade. O problema é que não nos veem como mulheres plenas, e o que não está na cara não está no coração. Certamente situações de convivência, deixamos a desejar como irmãs fraternas e como operárias do Reino. Talvez um dos aspectos mais frágeis da vida religiosa, hoje, seja a vivência da fé. O projeto comum da vida religiosa só é compreendido pela fé. Uma fé madura, empenhada, cultivada e manifestada. Perdemos muito porque nos cultivamos pouco, ou porque os membros já não possuem esta visão antropológica da fé. (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil, no dia 06/11/17).

Desse relato é importante destacar a opção de fé madura que, cultivada, é transmitida como identidade do carisma. A vida religiosa somente é compreendida num projeto de fé, em que o ator se confia; no caso, a consagrada, numa dimensão por um conjunto de valores que, acredita-se, sejam universais, específicos, algo que se faz em confiança. É nesse ritual uma entrega, que aguarda retribuição. Nesse intervalo, conforme Teixeira (2005), entre o crer/confiar e aguardar uma resposta/retribuição, há o campo da articulação simbólica, que permite a institucionalização do crer, ou seja, a crença (o valor pessoal adquirido na formação religiosa passaria a ter valor simbólico e institucionalizado). Esse intervalo vai gerir redes de trocas simbólicas, abre-se especificamente para redes de débito e crédito. Cada

peessoa vai elaborando um itinerário para com suas crenças institucionalizadas (des)articuladas. Caso esse itinerário da crença esteja desarticulado ou em débito, transmite para a sociedade certa incredulidade ou incerteza quanto ao crédito.

Essa entrevista chama atenção, também, para um segundo pilar que a socióloga francesa Hervieu-Léger (2005) traz em seus escritos sobre as dimensões de identificação da mensagem religiosa. A dimensão ética manifestada e/ou desejada, valores da tradição do carisma, associados ou dissociados, legitimados por alguns membros por intermédio de recursos imaginários ou vínculos mais longínquos, às vezes pode identificar na pertença a uma IR, por exemplo. Porém, o amor mais elevado aos evangelhos, ao Transcendente, poderá fazer com que membros optem em ser religiosos, mas não aderir a ritos próprios, como participar de uma via-sacra.

A entrevistada traz para a reflexão provavelmente o ponto ápice da mensagem do carisma, a fé. Haveria membros que teriam deixado de crer na mensagem do carisma, no Transcendente, no cultivo da fé e teriam deixado de ser pessoas plenas? A maturidade da fé, transmitida, vivenciada, manifestada, teria exaurido suas forças e créditos na sociedade? Se já não pela fé, como manifestar a identidade clara? Seria pelas vestimentas? Como aponta a pesquisada, a interioridade e a exterioridade necessitam ter a mesma visibilidade, para ser crível neste contexto.

Num percorrer paralelo, a Superiora 5 também enfatizou a reflexão a partir da experiência de fé das religiosas:

Todo o fundador/a conforme o dom que recebeu de Deus procurou viver e testemunhar um aspecto do Evangelho de Jesus. Madre Bernarda bebeu da fonte Trinitária o amor misericordioso de Deus Uno e Trino. Portanto, a essência do nosso carisma está justamente em viver e manifestar ao mundo que nos cerca este aspecto de Evangelho: o amor, a misericórdia para com os mais necessitados, os pobres. O mundo de hoje exige de nós uma profunda comunhão de fé. A sociedade espera de nós e, sobretudo da Irmã Franciscana, essa experiência de fé e testemunho. Eu acredito que, em algumas comunidades, e em muitas irmãs, revelam o rosto misericordioso de Deus, próprio do nosso carisma. (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 25/05/18).

Com a atualização da Igreja após o Concílio Vaticano II, entre as décadas de 1970 e 1980, uma crise de fé foi instaurada com desistências e reconfigurações de identidades entre as IRs, o assumir das periferias. Como lembra Pereira (2012), porém o permanente desafio de manifestar ao mundo o Evangelho por meio da vivência é contínuo e exigente. Como acredita a entrevistada, há a revelação do rosto misericordioso de Deus, próprio do carisma, em muitas consagradas nos tempos atuais.

Para esta religiosa o carisma está sendo manifestado por meio do testemunho dos membros e da experiência de fé destes, bem como das comunidades em que estes vivem. E é através dos membros que o rosto de Deus é revelado, principalmente junto aos mais pobres e vulneráveis. O testemunho de pobreza também diz muito no acolhimento e opção pelo pobre que a religiosa faz. No entanto, há membros que vivem com o pobre na missão e seu coração não opta pelo pobre. E há membros que optam pelos pobres e fazem a experiência de pobre sem poder ir para o meio deles. São situações que, inclusive, questionam os tipos de vulnerabilidade e de pobreza, pois que este pobre que aqui se retrata é o sem condições de viver, sem comida e considerado o último da sociedade.

Alguns aspectos do carisma são vivenciados com maior ênfase, como afirma a Superiora 4:

El Carisma lo veo como una vida de interioridad, una vida de unión con Dios. El punto fuerte es la oración y la pobreza. La oración que nosotras la vivimos y la pobreza la vivimos para los otros. No a nosotras, sino, a los otros para que podamos vivir en Congregación. Vivir la sencillez y de verdad, estar con el prójimo. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 10/10/17).

A entrevistada traz o tema da pobreza como eixo central para a reflexão da missão institucional. Notoriamente, as origens em Francisco de Assis (1204) manifestaram (e manifestam) um eco de vivência para mais de 800 anos admiráveis da vida em mendicância. Entre tantos grupos mendicantes da Europa, o destaque de Francisco era a imitação total do Evangelho, chegando a ser chamado de “um outro Cristo”, no modelo de humildade e minoridade, como preconiza o historiador Iriarte (1979). Nesse quesito, como seguidoras da fonte franciscana, ou seja, da possibilidade humana de seguir o “divinamente impossível”, resta o apelo, da entrevistada, de como propor o ser pobre, viver pobre e transmitir a pobreza num mundo contrário a isso.

Cada religiosa traz do carisma elementos que são fortes para a sua vivência, como argumenta a entrevistada: a simplicidade, estar com o próximo, a pobreza, a vida de oração e interioridade. Porém, muito além de pilares que constituem o carisma, como meios de vivência, é a coluna vertebral que impulsiona o corpo para que fique em movimento. É ter claro o cerne e como cada membro vai colocar em prática, de maneira que o carisma não seja uma teoria abstrata, idealista, fora da realidade, nem demasiadamente audaciosa, nem obsoleta, tampouco longe das origens.

A coordenadora geral, responsável pela IR IFMMA, assim define a identidade da congregação:

El carisma como misión revelada en el amor misericordioso de Dios Uno e Trino; la vida fraterna con característica franciscana a servicio de la misión y centrada en la Trinidad; la opción por los pobres viviendo las obras de

misericordia. Expresase el carisma en la sociedad con lo mejor de todas. Pero algunas hermanas están fragmentadas; otras tienen dificultad de reconocer la voz de Dios, consecuentemente de asumir la obediencia en la dimensión humana. Muchas hermanas lo justifican todo, hay un síndrome de justificación, donde debería ser la fe, el fundamento de nuestra opción. Todo esto se manifiesta exteriormente, porque se vive interiormente. Hay mucho que se traja. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 11/10/17).

Os elementos, como a missão institucional revelada pelo amor misericordioso de Deus Uno e Trino, na vida fraterna, compartilhada, colocando os bens em comum e no serviço missionário com os pobres, por meio das obras de misericórdia, as consagradas reconhecem membros fragmentados com dificuldade de assumir o projeto coletivo, os compromissos religiosos (votos) assumidos como opção de fé livre e apontam possível dificuldade na gestão, já que há religiosas que estão com uma síndrome de justificar tudo. A preocupação disso é que o manifesto exteriormente é a provável vivência consolidada interiormente. As responsáveis pela gestão da IR declaram que nessa dimensão há muito a ser trabalhado.

Nesse aspecto, o terceiro pilar de identificação de Hervieu-Léger (2005), a dimensão cultural, as religiosas, como membros da instituição, reúnem o conjunto dos elementos cognitivos, simbólicos e práticos, que constitui o patrimônio de uma tradição particular, e sim, este, por vezes, como tratam as entrevistadas, traz justificativas favoráveis a si: a doutrina, suas interpretações, as histórias de vida, os códigos rituais, os costumes, as representações e os modos individuais de pensar, vestir, alimentar, os quais, associados aos sistemas de crenças, impõem ao coletivo um marcador identitário de escolhas e comportamentos a partir de suas raízes.

A concretização do carisma na vivência fraterna parece ser um meio eficaz de revigorar a vida religiosa e vocação pessoal de cada membro, com fundamentos na fé trinitária. Outro elemento apontado é *com os pobres*. O pobre e a realidade pobre convertem, tendem a humanizar, quando forem obras de misericórdia. À escuta dos gritos da humanidade, começam a ser obedientes a Deus, e não mais simples justificativas às autoridades. O diálogo pode ser crível, participativo e coletivo. As boas ações passam a ser visíveis.

Num pensamento mais objetivo, a Formadora A traz seu entendimento: *“el carisma es vivir el Evangelio como hermanas menores. Siguiendo la voluntad de Dios a través de una vida contemplativa. Viviendo la fraternidad de manera racional, consistente y misionera.”* (Diário de campo, entrevista realizada em Cartagena/CO no dia 09/10/17). Como se percebe, esta religiosa aponta para a contemplação, um dos elementos que, no contexto atual, as entrevistadas acreditam necessitar retomar, bem como reavivar o cultivo à oração e à mística como ponto essencial.

As Formadoras B destacam o êxodo como uma constante na vida da congregação e da história franciscana. A coragem para arriscar-se e assumir como agentes o percorrer do caminho é o desafio para a permanência viva e eficaz do carisma:

El carisma franciscano es muy atractivo, con sus características específicas. La fraternidad como un pilar fundamental, siento que atrae muchísimo a la vida misionera. La vida misionera es muy fuerte en la práctica. Debemos considerar como Congregación agente. Tenemos muy fuerte la parte carismática en sus orígenes. En la Congregación nosotras nacimos en éxodo. Nuestro caminar empezó en éxodo desde Madre Bernarda, en éxodo, esperanza y riesgo. Lo que no fue muy fácil pero, lo asumimos. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 13/10/17).

O discurso apresentado pela entrevistada traz uma linguagem com elementos do ideal institucional. A figura de linguagem também não trata de uma *fuga mundi*, mas em tons mais realísticos faz refletir que a fraternidade e a vida missionária seriam para o contexto atual desafios para a IR. O carisma pode ser muito atrativo se continuar em êxodo e permanente reposicionamento na sociedade!? Seria isso que a entrevistada gostaria de dizer? Novamente, as palavras do Papa Francisco (2018) podem iluminar a reflexão: “Então, qual a prioridade da vida consagrada!? Não brinquem de enganarem-se!”

O desejo de doação para necessidades maiores está implícito nos membros e é atrativo para as pessoas com as quais convivem: ser missionárias em outros países e além-fronteiras. Ser útil integralmente para povos que nada possuem em regiões de extremas necessidades é o desejo de muitos jovens. Porém, quando se deparam com a IR e necessitam manter as obras, trabalhar para a subsistência da instituição, muitos veem seus sonhos distantes ou quase impossíveis. No embalo da cultura do aqui e agora, a jovem já quer entrar na IR e ir para África. Para muitos jovens, o que basta é a boa vontade de mudar o mundo. Muitos acabam nesse contexto desligando-se da instituição. Outros, de fato, fazem a preparação e são excelentes na missão além de suas fronteiras, e outros membros, ainda, redimensionam o sentido do próprio ser missionário, percebendo que há várias maneiras de conceber esta palavra e fazem da sua própria vida um êxodo, enquanto outros fazem desta um risco entre as diferentes culturas.

Já as Formadoras C assumem a visibilidade do carisma como vivência misericordiosa e presença visível, na opção pelos pobres, sonhos, simplicidade e alegria do ser, numa sociedade intolerante em direitos humanos:

Entendo que o carisma é vivência da misericórdia e missionariedade, nesse mundo cada vez mais intolerante com a privacidade dos direitos em relação aos idosos, aos homossexuais e violência contra as mulheres. Por parte da sociedade há percepção da vivência do carisma pelas religiosas, através da

acolhida e dos sinais visíveis: anel de tucum, tau, a roupa decente, camisas com motivos que indicam nossa opção e sonhos, a simplicidade e, principalmente, o jeito franciscano e alegre de ser. (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 26/08/17).

Nesse aspecto, a vida consagrada religiosa não torna as pessoas especiais, ou com privilégios, pelo fato de assumirem um projeto de vida institucional, como afirma Calliman (2013). Deve, sim, comprometê-las aos sonhos humanitários da missão que lhes foi confiada. Os sinais da consagração não sobrepõem autoridade, ao contrário, devem indicar serviço humilde, sinais da identidade institucional e do seguimento missionário.

A virtude, o *habitus* (Bourdieu, 2002), a interioridade expressa de forma que a sociedade reconheça na exterioridade que essas pessoas são, além de suas capacidades treinadas, objetivadas no seu agir e modo de pensar. A virtude pode ser criativa, além de constrangimentos, pode ser livre e responder as situações do mundo contemporâneo com a vitalidade geracional e uma identidade em contínua construção na sociedade, sem preconceitos, pela opção de vida que fora feita.

Espera-se dos membros de uma IR uma postura cada vez mais tolerante em relação às pluralidades existentes na sociedade. No entanto, a IR não apoia, não permite e não consagra membros lésbicos, por entender que estes apresentariam dificuldades no assumir a consagração, principalmente, no que diz respeito à convivência fraterna. A instituição também decide pelo não acolhimento de viúvas e separadas por possíveis pendências com filhos, netos ou ex-maridos, que impeçam o livre seguimento para a missão (Diretório IFMMA, 1988)³².

Já os leigos seguidores do Carisma veem a missão da IR da seguinte maneira:

Yo veo desde el principio, para mi vida, como una “Maestra”. Como aquella persona que te va dirigiendo en la espiritualidad, en el carisma. Que te coloca en el camino hacia sus valores, hacia la Fraternidad, la minoridad y la misericordia. Pero, la veo como que “entrando” e que tú seas para el Reino de Dios estando allí. “Se percibe que las hermanas ya no son las mismas de hace algunos años”. Había más el “ir al encuentro de las misiones”. “Tengo observado en los últimos años, que la Congregación logró un proceso de “unidad” entre las Provincias. Son significativas y están dando pasos fuertes en término de unidad en la Fraternidad, en la dinámica de apostolados y en las presencias. (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 14/09/17).

³² A assembleia revisou este texto em 2019 para ser aprovado em dezembro de 2020 e não teve modificações.

Os leigos insistem na dinâmica da unidade que percebem nas províncias, apostolados e presenças missionárias. Reconhecem a IR como mestra, direcionadora. Trazem os elementos visíveis do carisma, como a minoridade, a fraternidade e a misericórdia. Reclamam de que as religiosas já não são as mesmas e deixaram de ir ao encontro das missões. É oportuno trazer aqui, para esta discussão, Bourdieu (1982), pois afirma que a religião tem um efeito e representação santificante e de consagração do naturalizado. Do modo como as pessoas observam externamente, as consagradas, em suas relações com a sociedade, no modo de gerir o administrativo para sustentarem-se e a função em si da opção de vida das religiosas, acabam por ser vistas numa ótica além do natural, embora vivam num contexto e de práticas totalmente naturalizadas.

Observa-se que, geracionalmente, a instituição está numa evolução de práticas organizativas de burocracias, como a defendida por Weber (2003), mais ligada às formalidades e vinculada, inclusive, à grande sociedade burocrática denominada Igreja. Esse trânsito perpassa para práticas pós-burocráticas, considerando os elementos da informalidade, competição entre cargos e elementos de desumanização para cumprir com a modernidade e a objetividade. Tentativas de autoridade vertical e/ou horizontal, pontos de conflitos, desperdício de inteligência, confusão de linhas de responsabilidades, rigidez e limites. O processo de mudanças inicia com reestruturações sutis e lentas. Os leigos franciscanos vão fazendo parte das mudanças, mesmo sem entender o que acontece. Inicia a pós-burocracia: um tipo interativo de inclusão de outras pessoas, com foco voltado às pessoas, na missão, sem a IR adonar-se do carisma, com revisão de princípios, com metas, julgamentos justos (Heckscher, 2012).

As missões são a percepção visível de uma instituição missionária. Sair de si, em busca da unidade, também é um processo missionário, talvez o mais difícil e trabalhoso. Contar com forças internas para passos desconhecidos, como aquela instituição que guia e é guiada pela espiritualidade, sem medo: as religiosas, os leigos, as formandas, o povo com quem as religiosas e leigos alcançam na missão. O vínculo que une é maior.

Para o assessor do processo de reestruturação, a identidade carismática segue com essa percepção:

Ha habido “un giro” porque aquí se ha pensado mucho en esta lógica: vida fraterna, vida espiritual, formación y misión. Así se ha pensado, así lo encontré. Hoy este giro se desconfiguró. Hoy la lógica que se maneja es: La Misión, La Fraternidad, La Espiritualidad y La formación. Primero la Vida Fraterna, “Como amar a Dios”. Para mí es el “giro” más grande que se ha dado. ¡Cambió! Y es que tenía que ser así, ¡porque son misioneras! Fueron fundadas para la misión, para anunciar el Evangelio. Y por ahí creo que estarían entendiendo el Carisma. Hay un compromiso de fe transformador de la realidad, eso se ve en los colegios, en las obras misioneras, en las

obras apostólicas y expresando el deseo de responder. Es una manera transparente de la espiritualidad. Pero, no estoy tan seguro de que todas las hermanas anuncian a Jesús desde lo que hacen. Porque me parece que hay un corte. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 13/10/17).

Na visão do assessor, a proposição e estudo do carisma (metodologia) trabalhado com todas as províncias (e com todas as religiosas) tende a ser uma realidade de mudança. As coordenadoras entrevistadas parecem relatar e mencionar, mesmo que em outras palavras, ou somente numa direção, certa unidade. Nas entrevistas, não há ênfase ao trabalho de assessoria, mesmo que todas estejam, de alguma maneira, envolvidas no trabalho, o que parece ser positivo. Os elementos mais trabalhados na releitura do carisma e destacados como sínteses são a vida fraterna, a espiritualidade, a formação e a missão, que foram colocados como fundamentais para o equilíbrio da IR IFMMA.

O questionamento do entrevistado, assessor da instituição, de que pode ter um corte institucional, talvez esteja no que a socióloga francesa alerta para a contemporaneidade, como a quarta dimensão para identificação religiosa. Trata-se da dimensão emocional, que diz respeito à experiência afetiva associada à identificação: o sentimento de “fusão das consciências” ou “emoção das profundezas”. É o fato novo de cada vez menos essa experiência nas sociedades modernas produzir o sentimento coletivo do “nós”, resulta cada vez menos em pertença comunitária. Cada vez mais são experiências elementares de comunhão, ligadas à identificação emocional. A vida fraterna terá suas implicações nesse contexto (Hervieu-Léger, 2005).

A revisão do método de como escutar a vida, desde a missão, planejar a fraternidade, viver a espiritualidade e formar-se, com o fundamento de que a IR é missionária, causa um estranhamento no cotidiano, pois a maioria dos membros não está acostumada a planejar suas atividades desde a missão e partilhar na vida fraterna. Vão para a missão com uma série de ações de cunho pessoal, não representam a entidade religiosa. O desafio das missionárias com este método está em visitar sua prática pastoral (ou atividade em obra) para projetar a vida da sua comunidade religiosa, com menos atividades e maior profundidade nas ações que fazem. Desse modo, os resultados tendem a ser melhores e fraternos, com espiritualidade e com a marca do carisma expresso.

O sacerdote fundador do ramo masculino traz o fascínio do carisma, seu encanto e experiência pessoal:

La primera cosa que me fascina del carisma es eso que Dios reveló a la Bernarda, que es la vida franciscana, porque ella pudo vivir aquello que ella sintió. Cuando veo Bernarda, veo en la vida de Francisco, la vida de Cristo. Bernarda vivió el Evangelio. Tuvo una vida sencilla, al lado de los

que nada tenían. Todo muy diferente de las comodidades de hoy. Pienso que vivir el Carisma es enamorarse de la Palabra. Yo pienso que si nosotros acogemos a esos jóvenes y nos enamoramos de la Palabra de Dios, o sea, no tanto los estudios bíblicos, siendo eso es necesario y fundamental, sino, más bien el contacto diario con la Palabra. Madre Bernarda nos enseña en sus escritos que ella en la oración, hablaba con Dios, estaba con Dios. Y así entonces, viviendo aquí en fraternidad como hermanos, podremos salir para enseñar a vivir en fraternidad. Y eso es lo que fascina las personas a vivir en total radicalidad y viviendo en la providencia. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 14/10/17).

A proposta de vida do carisma original, hoje convite de vida - e o que move os Hermanos e Sacerdotes Franciscanos de Madre Bernarda - é, sobretudo, a radicalidade com que viveram os fundadores. Sem propriedade, com testemunho fraterno e enamorados por Deus, viver da e na Providência. Como aponta o entrevistado, isso ainda está muito distante da real prática das comunidades religiosas franciscanas de hoje. Entre o desejo do seguimento e a acomodação criada pela estrutura, notam-se limites. Talvez o primeiro impedimento para que haja *novos ares*, como diz o teólogo Miranda (2012), num descompasso entre instituições e sociedade, seja fazer uma releitura da providência franciscana. Qual seria a surpresa se o motivo fosse o medo de partilhar as economias entre os franciscanos da contemporaneidade? E entre as IR IFMMA e os seguidores do carisma? E as instituições originárias, como o convento Maria Hilf, Maria Imaculada e IFMMA? Será que um fundo comum económico já não seria uma Providência que tornaria mais livres os membros, com maiores opções para missões, sustentos de membros e, inclusive, mais atratividades em termos de carisma, já que é o mesmo? Segue a missão institucional êmica da IR IFMMA em abertura e, ao mesmo tempo, com as preocupações e influências dos contextos sociais e religiosos, para que se pense num sentido além do restrito.

A proposta dos jovens no ramo masculino, conforme o entrevistado, é formar uma comunidade de vida fraterna num estilo radical, vivendo de doações, com o mínimo necessário para comer e vestir. Estes foram atraídos pelo tempo de oração e adoração e partem também para missões dois a dois, visitam doentes e oferecem a bênção. O que entusiasma a vida dos jovens é o aprofundamento nos escritos de Maria Bernarda e São Francisco, dos quais procuram viver, fazer penitências e jejuns³³. Os jovens relatam impressionados que, ao serem convidados para fazer parte da comunidade masculina, a única exigência foi a disposição e a roupa do corpo. E observam as estruturas físicas e mentais das religiosas com tristeza, pois percebem apego aos bens materiais acima da finalidade de suas vidas religiosas.

³³ Nota ao diário de campo em conversa informal com jovens formandos, do ramo masculino da IRFMMA, no dia 14/10/17, em Medellín/CO.

Diante do exposto, sintetiza-se no Quadro 8 a missão institucional com a finalidade de mapear as dimensões que abrangem a reestruturação da IR IFMMA, conforme a pesquisa realizada. Para tal, foram adotados os descritores de compreensão de vocação individual, carisma êmico e estrutura organizativa:

Quadro 8 - Dimensões que abrangem a reestruturação da IR IFMMA. Elaborado pela autora.

Vocação Individual	Carisma Êmico	Estrutura Organizativa
<ul style="list-style-type: none"> • Fundadores com perfil mendicante. • Características que os diferenciavam dos demais membros. • Pessoas silenciosas e conectadas com a interioridade. • Ultrapassavam os limites da ordem natural. • Possuidores de dons místicos. • Confiança na Providência Divina. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivência do Evangelho. Vida Missionária. Pobreza. Prática das obras de misericórdia. Em fraternidade. • Missão da instituição deve prevalecer aos interesses individuais. • O carisma é uma alternativa, depende da intensidade da vivência. • Uma resposta de sentido, identidade, convite a voltar ao essencial. • Fragilidade na vivência da alegria e maturidade da fé. • Há religiosas que manifestam o rosto misericordioso de Deus. • A vida fraterna possui fragilidades da missão institucional, não se manifesta o que não se vive. • A vida missionária é muito atrativa, é tempo de êxodo! • A sociedade quer uma identidade visível, para que as religiosas sejam críveis. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Proposta inicial de uma pequena instituição!” • Há sinais visíveis de unidade congregacional. • Fraternidades com vínculos frágeis. • Menor abertura de presenças missionárias. • Entrega de administrações de obras para leigos assumirem. • Preocupação com a dinâmica financeira das obras, subsistência dos membros, leis dos países. • Obrigações administrativas e funções ocupacionais dos membros distanciam o religioso da essência carismática.

3.3 Desafios situacionais para a IR IFMMA

Os desafios apresentados neste bloco dizem respeito aos relatos das entrevistas e sínteses de instrumentos aplicados no processo de reestruturação da IR IFMMA, com a participação de todas as religiosas da instituição. As entrevistas trazem os desafios preconizados pelos entrevistados, com preocupações frente ao presente e ao futuro da IR, em diferentes aspectos. A Superiora 1 traz suas preocupações:

Estamos en proceso de reestructuración, proceso de cambios. Hay un compromiso por la relectura del carisma. Como decimos, no mirarlo en la teoría, sino, en la parte existencial. Partiendo del Carisma ir dando pasos, estudiando la vida Fraterna. Comprender qué estilo de vida fraterna estamos viviendo. Tener vocación para compartir, alejarse de las cosas personales y saber vivir con los que tienen necesidad. Tenemos que cambiar la mentalidad. Tenemos que “recrear” nuestra vida religiosa para que llame la atención a las nuevas generaciones. Todo eso sin olvidar del Evangelio, pues nuestra misión es Evangelizar. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 09/10/17).

Nesse processo de mudança, os pontos centrais para recriar a vida religiosa tratam de clarificar a missão da IR e propor para o futuro novos estilos de vida e relações fraternas, a fim de atrair as novas gerações. Para isso, o itinerário que a entrevistada propõe é a mudança de mentalidade. Ela não traz propostas de quais estilos de fraternidade, porém da necessidade de compreensão. O que está em destaque é o elemento relacional.

A Conferência Latino-Americana dos Religiosos³⁴ traz para a reflexão elementos que propõem a transformação vital dos membros e das instituições, como pessoas e instituições descentradas de si mesmas e não autorreferenciadas e indiferentes da realidade. A proposta é uma IR ou IRs reinocêntricas, com impactos mais esperançosos e identitários coletivos em vista da missão do Reino de Deus e não em torno dos seus próprios carismas específicos, pois estes tendem a morrer lentamente (Paredes, 2018).

Num modelo pós-burocrático, Heckscher (2012) considera que os desempenhos individuais e as relações entre os membros devem ser abertos aos limites e, frequentemente, refletidos e reconstruídos - não pode ser uma relação estável de amizade e sim uma relação mais elevada. Tendo em conta isto, se nas IRs forem preservados os “dons mais elevados” (expressão do Apóstolo Paulo na 1ª. Carta aos Coríntios, 12,31) e não as condições superficiais, será progressiva uma mudança de mentalidade entre os membros, de forma consciente.

A estrutura mais desafiante a ser rompida, trabalhada ou repensada é a mentalidade, como bem aponta a entrevistada. Dar-se conta do modo de agir, da estrutura cognitiva do pensamento moldado, da funcionalidade das atitudes pessoais e assumi-las como processo de mudança progressiva, já é um passo. É cada capacidade mental renovada, aberta e em construção capaz de trilhar o caminho ao coração. Ou talvez os sentimentos possam levar a novas ideias para compreender, admirar, contemplar a existência, a fraternidade e recriar a IR.

Em continuidade, a Superiora 2 segue com as considerações:

Estamos viviendo un momento transitorio, de reestructuración. Necesitamos reflexionar acerca de eso. Comprender los cambios que queremos hacer. Nos organizar para entender cómo vivimos eso y como viviremos, con que personas queremos estar, como vamos vivir la fraternidad. Podría ser un modelo más equitativo, un modelo de “perdón”, “acogida” y “aceptación”, donde habría normas más flexibles y que esas normas nos dirían por donde andar. Una organización de acuerdo con las necesidades que tengamos, con criterios, aliñamientos que podamos todas

³⁴ Organização Latino-Americana dos Religiosos com coordenação disponível aos religiosos dos países de toda a América (CLAR).

vivir. Principalmente aliñamientos de “Unidad”. Deberíamos tener algo común para la vivencia carismática entre todas. Además de la organicidad estructural, no debemos dejar al lado la oración. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 09/10/17).

Os elementos que compõem os desafios e sugestões são novamente a vivência em fraternidade: num estilo equitativo, de acolhida, perdão e aceitação, com normas flexíveis. Uma IR com critérios e alinhamentos onde todas possam viver e que contemple as necessidades de cada consagrada: alinhamentos de unidade, considerando os elementos do carisma. Na organização da estrutura, há que se cuidar para não deixar de lado a oração.

Nesse desafio, acrescenta-se o resultado referente à participação de todas as religiosas, via questionário enviado para cada uma estabelecer seu parecer referente a novas propostas sobre a vida comunitária, e como retorno se obteve institucionalmente num grau máximo “abertura para aceitar as alterações propostas”. Num comparativo à IR específica, isso remonta à análise da socióloga Danièle Hervieu-Léger (2005), em sua hipótese de que a vida comunitária é um dos pilares identitários da religião e, nesse pilar, trata-se do conjunto das marcas sociais e simbólicas que definem as fronteiras do grupo religioso. Essa dimensão comunitária remete à definição formal das pertencas ao grupo. Define as práticas mais extensas ou intensas, fixa as obrigações mínimas e impõe as regras que podem gerar mudanças radicais aos ingressantes. De qualquer maneira, aceitar ou não participar pode trazer um traço discriminante da identificação.

De outra parte, é possível observar o desejo da entrevistada de implicitamente manter uma unidade estrutural de modo interativo e flexível. O modelo pós-burocrático, de fundamento weberiano e aprimorado por Heckscher (2012), traz características que, em sua essência, apresentam o diálogo e o foco em objetivos; no caso, bem aplicados no sentido do alinhamento requerido para a vida fraterna, solicitada para a IR. Porém, o perigo desse modelo, também apresentado pela entrevistada, é a distorção entre os membros, quando se trata da flexibilidade, a qual pode ameaçar o sistema, se não se gastar tempo para revisar princípios de ação periodicamente. Nesses termos, uma instituição que se propõe à abertura reestruturante e compreenda em sua essência esse propósito, não se aniquila ao propósito de se revigorar constantemente, revisando seus objetivos de crescimento, a fim de não se aposar da amorfia, do esvaziamento temporal.

Alinhamentos de unidade para a estrutura da IR são a proposta da entrevistada. De fato, pode ser uma reflexão se os níveis de combinação da identidade entre os países pudessem convergir e trabalhar em rede, por exemplo, a educação, como um projeto alinhado e todos os membros que desejam ou possuem habilidades para este fim, transitar, capacitarem-se e disporem-se para os diferentes espaços educativos da IR, reforçando a missão. Igualmente a saúde, o social, a evangelização missionária além-fronteiras, pensando metas institucionais

como um projeto em curto, médio e longo prazo para cada linha, unificando a IR por projetos.

Em sintonia, segue o depoimento da Superiora 3:

Quanto aos desafios do futuro percebo que há falta de utopia e descrédito em relação à vida religiosa, e que a instituição, pessoa e as estruturas burocráticas são pesadas, ao mesmo tempo que se aguarda um messianismo e não há um empenho pessoal dos membros. Mais ou menos assim: “Vamos ver o que vão fazer e o que vai mudar”. Há um desafio muito grande em relação à missão, pois umas compreendem que missão é tudo fora, outras tudo dentro, outras ainda que missão é simplesmente conviver. E nisso de cada uma ter sua verdade sobre a missão, onde fica o projeto de Jesus? Outra questão desafiante para o mundo atual é pensar mais leve, com pessoas líderes e qualificadas, com figuras novas, com cores novas, que entendam e acolham pessoas idosas, que tenham visibilidade para os novos tempos e uma formação para responder às realidades e presenças dos novos contextos. Para isso precisamos nos abrir, aproveitar novos espaços, outros contextos profissionais e diferentes conhecimentos e aprofundamentos teológicos. (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 06/11/17).

A entrevistada trouxe elementos do presente e futuro que balizam a IR, como a verdade individual referente ao conceito de missão. O pensamento êmico de missão tenderia a prevalecer ao individual, num projeto coletivo, segundo o seu entendimento. Outra situação é, em razão de as IRs serem estruturas tradicionais, no contexto atual, pensarem e viverem mais leve, com pessoas mais qualificadas, em diferentes áreas, que possam responder aos tempos e realidades atuais. Vislumbrar novos contextos profissionais e áreas de missão como espaços sagrados. Essa percepção traz horizontes diferenciados, como se expressa: com cores novas.

É oportuno realçar que tanto a utopia quanto a missão passam a ser categorias teológicas reflexivas, antes que espaços contextualizados. Em aprofundamento, para Paredes (2018), ambas, a missão e a utopia, podem ser *espaços de periferias*, existenciais ou geográficas, nos quais a linguagem permite abertura para o fascínio e o movimento do reencanto institucional. Há um mundo que permite sonhar com as entranhas e com os pés a caminho, desde situações diferenciadas dos anos que já se foram, como é o caso das catástrofes naturais, o tráfico de pessoas, a corrupção e impunidade, a injustiça e a iniquidade mundial, a sensibilidade pelo desenvolvimento humano e sustentável, os novos movimentos juvenis, de gênero e sociais, a cultura digital e de redes sociais, a voz das mulheres, feminicídios e novas gerações, entre tantas outras periferias que surgem com contexto pós-moderno. As IRs são desafiadas a mergulhar além, fora de si mesmas.

Um dos primeiros passos para uma reestruturação é acolher a Instituição que se tem, com os membros que estão aí neste momento, não é utopizar outra. É esta, colocar os pés bem na realidade e esperar, andar com esperança neste caminho, nesta sociedade, neste tempo! E quanto à missão, de cada membro buscar sua verdade adaptando para sua realidade, talvez seja a Missão, a Verdade a Realidade que deva encontrar a religiosa para que ela possa fazer a experiência da leveza e não se sentir resistente.

Já o olhar da Superiora 4 faz referência aos novos membros e a convivência com estes, como o desafio do presente e futuro:

En los días de hoy para tener vocaciones tenemos que aprender a aceptar las personas como ellas son, con sus virtudes y limitaciones. Estudiar posibilidades de incentivar vocaciones e crear condiciones de aprendizaje en todas las áreas. Compartir informaciones. Aceptar responsabilidades. Saber convivir en grupo. Entender la estructura institucional y la responsabilidad de la Congregación. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 10/10/17).

Evidencia-se a preocupação com a continuidade da IR, por meio de membros que possam compor o corpo institucional. É uma realidade que as instituições do século XVIII e XIX estão passando, as altas taxas de desligamentos e as baixas taxas de adesão às IRs. Por esses motivos, os jovens das novas gerações da vida religiosa da América Latina estiveram reunidos em setembro de 2017 e manifestaram inquietudes, sintetizadas por Pastore (2017), dentre as quais as mais relevantes são: a superficialidade na vivência da fé, praticamente uma banalização do sagrado e uma horizontalização do mistério na experiência comunitária; excesso de atividades apostólicas; exigências múltiplas das novas gerações (organização administrativa das casas, pastorais juvenis, vocacional, celebrações, administração de obras, formação contínua para a vida religiosa e formação profissional); situação de desânimo, cansaço e estresse, não há descanso! Os superiores veem os religiosos jovens mais pelo que produzem do que pelo amor e entusiasmo de serem consagrados. Diante dessas manifestações, *entender a estrutura institucional* faz todo o sentido, como enfatiza a entrevistada.

O mais difícil para a IR é renunciar à quantidade e manter a qualidade dos membros. Saber dizer não para as pessoas que buscam e não têm perfil para a convivência em grupo, pois essas seguem em isolamento, preferem as redes sociais. É um critério para a vida franciscana a vida em fraternidade, além de colocar as coisas em comum, comunidade, viver como irmãos. Isso requer habilidades, como: diálogo, alegria, escuta, presença nos momentos de grupo e em que os membros estabelecem os encontros, combinar a vida em comum e participação nas decisões. Nem todos os que se interessam para a vida religiosa, possuem características para a vida fraterna. Podem ter características para a vida comunitária ou

contemplativa, mas talvez não franciscana. Nesse critério, faz-se necessário não aceitar tais membros, mesmo que haja a diminuição de candidatas (Plano de Formação, 2016).

No entendimento da entrevistada 5:

Como irmãs franciscanas podemos ser muito significativas, pois não nos faltam elementos para podermos dar uma resposta também significativa para o mundo moderno. Madre Bernarda se deixou tocar pelo mundo de sua época e também tocou o mundo, com ações bem concretas: ajudando os pobres e doentes com amor misericordioso. Jesus nos deixou bem claro o modelo de como ele organizou o seu grupo de seguidores (apóstolos). Os atraiu, uniu-os entre si e os enviou em missão. Temos como base em nossa organização a vida fraterna. Esta organização, se bem vivida, é um grande testemunho e modelo para os tempos presente e futuro. É lógico que precisamos mudar o jeito de vivê-la, atualizando para as exigências do mundo atual. Se a fraternidade é bem organizada, acontece a partilha, a entreaajuda, o cuidado com a vida e com o meio ambiente. (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 25/05/18).

E como referencia a entrevistada, há a necessidade de atualizar, mudar o jeito de viver a vida fraterna. Pastore (2017) acena alguns tópicos indicados no congresso das novas gerações, que as comunidades religiosas sejam espaços de partilha da mística e dos sonhos que movem as inspirações originárias dos membros, isso enriqueceria se fosse entre diferentes idades, congregações e igualdade no diálogo entre superiores e formadores, a partir do critério da fé. Outra marca da vivência comunitária é poder viver de forma mais familiar, humana, num clima mais sensível de gratuidade, com vínculos presenciais e livres, como seguidores felizes a Jesus. Uma opção comunitária para além dos próprios narizes, das “alfinetadas”, do *nada está bom para mim*, para uma comunidade aberta ao acolhimento de propostas eclesiais e que caminha respeitosamente e na firme opção e grito pelos pobres, porque antes faz a experiência dessa vivência dentro de casa. Uma comunidade que “senta ao calor do fogo”, que se fortalece da experiência de Deus e reconhece a força do chamado, com luz e entusiasmo para sempre reconfigurar e ressignificar as motivações evangélicas.

A religiosa entrevistada apresenta aqui o modelo da vida fraterna como sinal de reestruturação. Quando Jesus convida seus seguidores e forma a fraternidade é cuidadoso para que consigo permaneçam os que tinham condições de levar adiante o seu projeto. Os que percebia sem estrutura pessoal, Jesus ou os enviava para casa, devolvendo-os para a comunidade de origem, ou deixava bem claro quais as condições para o seu seguimento. Como exemplo, traz-se aqui o texto de Lc 9,57-62. Dentre outros aspectos, Jesus destaca como condições para segui-lo o desprendimento (“O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”); a urgência e disponibilidade (“Deixe que os mortos sepulsem seus próprios mortos”); o desprender-se da família (“Quem põe a mão no arado e olha para trás, não serve

para o Reino de Deus”). Temos também como muito ilustrativo o fato do homem rico que se propôs a seguir Jesus, no Evangelho de Marcos 10,17-22. Trata-se de um homem bom e cumpridor dos mandamentos (“Mestre, desde jovem tenho observado todas essas coisas.”). Mas, Jesus lhe diz: “Falta só uma coisa para você fazer: vá, venda tudo, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me.” Quando se deparou com a proposta de viver o desapego, a igualdade, o amor e a partilha, “o homem ficou abatido e foi embora cheio de tristeza, porque ele era muito rico”, diz o evangelho. Está claro que tanto o seguimento de Jesus na vida comum do dia a dia, como o seguimento pelo caminho da vida religiosa, passa por atender determinadas condições pessoais. Por outro lado, o evangelho mostra que Jesus arrisca a acreditar no ser humano até o fim. É o caso de Judas Iscariotes. Jesus o aceitou no grupo até o final da vida, e foi participante de sua última ceia, mesmo sabendo que Judas o iria trair (Mc 14,18) e mesmo que, por vezes, Judas tenha fraudado dinheiro da caixa comum (Jo 12,6)³⁵. O processo de formação pode converter e transformar o ser humano em muitos aspectos e redimensionar atitudes. Como regularmente acontece nas etapas formativas da vida religiosa.

A fraternidade para os tempos atuais e em convivência com as diferentes gerações, que possuem experiências familiares com religiões diferentes, com influências sociais frágeis, ecléticas e passageiras, remete a um lugar, a ser um espaço de vivência humanizadora. Nesse espaço, os vínculos se reestabelecem pelo amor fraterno, chamado de oblato, que é maior do que o vínculo sanguíneo. No convívio, a vida não é utopia, é o agora, a alegria dos que experimentam e cooperam no mesmo projeto.

Ainda a Superiora 5 relata o desafio que a organização burocrática representa hoje para a IR IFMMA:

O principal da vivência do carisma não é a burocracia e sim o espírito. Porém, quando institucionalizado necessita de uma organização que facilite uma melhor vivência do mesmo; uma burocracia que não seja pesada, que não envolva muitas irmãs, para isso necessita-se diminuir nossas obras e/ou contar com leigos para administrá-las, imbuídos do nosso carisma. Que não seja legalista demais; em primeiro lugar é indispensável a vivência da pobreza franciscana, a qual professamos. Que as irmãs que têm possibilidade e condições realizem algum trabalho para a sobrevivência, ao menos para o sustento da fraternidade; que tenhamos o mínimo de capital, alguma reserva, que, aliás, é exigida pela Igreja para emergência e não tanto acúmulo; que nos exercitamos para ter uma economia solidária, levar uma vida sóbria, saber se planejar quando precisamos algo; que o uso do dinheiro ou outro modo como cartão, etc, não seja só para si, e sim,

³⁵ As citações de Jo 12,6; Mc 14,18; Mc 10,17-22 e Lc 9,57-62; referem-se à Bíblia Católica da Ed. Pastoral, 2019.

partilhá-lo. (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 25/05/18).

Nota-se a ênfase das consagrações aos elementos organizativos, ou a dificuldade em lidar com estes e há uma dialética entre o pensamento da sustentabilidade e manutenção das obras, da sobrevivência de si em relação à priorização da reserva do capital, que gera a economia individual *versus* o entendimento da pobreza, da providência, da mendicância, do não acumular, de uma vida mais sóbria e solidária.

Nas IRs, a burocracia trata-se de processos morosos administrativos de serem solucionados e transitam por diferentes instâncias e diretrizes antes de se ter um veredito. As IRs religiosas, como IRs organizadas civilmente, cumprem uma legislação cível e, tradicionalmente, a legislação canónica. Praticamente respondem a duplos processos legais para existirem. Nessa referência, que a entrevistada faz, nota-se que o principal da existência não são as “normas e regras”, mas, sim, o espírito do existir. Vários membros estão disponíveis atualmente para responder ou necessitam aperfeiçoar-se para responder à parte técnica estrutural da IR. O que não seria o essencial da missão da IR, outros membros estão a dedicar seus esforços a trabalhos para subsistência das obras, gerando desencontros e discordâncias entre o presente e o futuro da instituição, bem como seu foco.

O espírito capitalista está a tomar conta dos conventos, pois as gestoras abordam a dificuldade de lidar com vários membros em relação à partilha económica equitativa. Há um espírito de consumismo que prepondera, para suprir as necessidades individuais primeiramente, e isso acaba prejudicando o coletivo. Nota-se que a IR pesquisada vem adotando assessorias para seus diretórios e constituições para ver novas formas de tratar determinadas situações em âmbitos jurídicos e contábeis, já que o trabalho formativo e de conscientização, feito por vários anos, não tem auxiliado na tomada de consciência de alguns membros. Há, também, o desprezo desses membros que intentam aos gastos financeiros da forma que bem entendem, contra as gestoras responsáveis pela parte financeira da IR, como desafio à desobediência às regras do coletivo e incentivo para que outros membros possam prosseguir nesse rumo. Para tais, isso é a reestruturação, gastos exorbitantes a seu próprio favor³⁶.

O governo geral, com uma fotografia da realidade global, assim pensa os desafios situacionais:

La realidad de pobreza del mundo es un gran desafío para que nosotras podamos asumir con mucha fuerza el voto de pobreza, pero el individualismo es algo que coge nuestros pies. Una sociedad de constantes

³⁶ Nota de complemento da entrevista, com a Superiora 5, em 25/05/2018, no Brasil.

cambios, de consumo, cultura tecnológica muy acelerada, liquidez en las relaciones y descarte de la persona. Nos falta reconocer las propias hermanas que viven con nosotras. Fenómenos religiosos radicales. ¿Cómo entender hoy los retos en la formación? Están muy exigentes. ¿Cómo vivir los estilos de fraternidad de acuerdo con la misión? Mirar los orígenes con apertura y libertad, al estilo de Jesucristo e San Francisco, con instituciones sin propiedades, compartiendo las obras, que sean itinerantes. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 11/10/17).

As observações enfatizadas pelas entrevistadas dizem respeito ao assumir do voto de pobreza, o reconhecimento das relações humanas com as próprias consagradas na vivência fraterna e os estilos fraternos para a missão, as exigências do processo formativo, viver aqui para diante sem adquirir mais nenhuma propriedade e que as presenças e obras sejam itinerantes.

Diante dos fatos observados pelo Governo Geral, da realidade de pobreza global, do individualismo, da cultura tecnológica acelerada, da liquidez das relações e do descarte da pessoa, da falta de reconhecer a própria irmã da fraternidade, dos fenômenos religiosos radicais, esses são desafios para o assumir no futuro da formação da vida religiosa, do motivar e ter novos estilos de vida fraterna, de economia e novas vocações, diante de um cenário exigente. Por conseguinte, diante desses fatos sociais, dessa sociedade dada, Durkheim (1952) relacionou o contexto conturbado da época com a *anomia*, um sentimento de ausência de objetivos e de orientações amplamente aceitas pelas pessoas, provocados pela vida moderna. A impressão que se tem é de que, por mais respostas que se tenha para a situação atual, estas são recebidas teoricamente e assimiladas de acordo com um entendimento individual específico e praticamente num quadro de entendimento crítico, de que não haveria o que fazer, ou que estaria elucidado, como um desespero mental em época de crise.

Na escuta ativa das religiosas que atuam no processo formativo, a Formadora A propõe:

Tenemos un equipo de hermanas que tienen buenas ideas, que consiguen resultados trabajando con equipos organizadas. Tenemos que dar más posibilidades para que las jóvenes que tenemos en formación inicial dediquen más tiempo a la pastoral vocacional y no tanto con dictar clases y rellenar formularios. Hacer actividades de promoción vocacional. ¡Motivarlas! Revitalizar más la experiencia de oración personal y comunitaria. En esa oración comunitaria están las liturgias, la participación en la eucaristía y el contacto con las personas. Hacer menos actividades internas para que tengamos más tiempo para hacernos aquello a que fuimos consagradas: ¡evangelizar e servir! ¡Levar Dios a los otros y traer los otros hacia Dios! Volver a los puntos que son los valores de la vida franciscana. Respirar y hablar de nuestra espiritualidad. De tal manera que nosotras seamos “signos” para la sociedad y no que acabemos confundidas con la sociedad. Acreditar en nosotras mismas. Creer que Dios tiene un plan para

cada una de nosotras. Pensar que es posible cambiar. (Diário de campo, entrevista realizada em Cartagena/CO, no dia 09/10/17).

No descrever seu pensamento, a consagrada entrevistada, que atua diretamente na formação inicial de jovens que desejam ser religiosas, considera imprescindível que a desburocratização interna aconteça, para que as jovens possam ter uma agenda mais livre, bem como as consagradas na atuação missionária. Assim, a sociedade poderia reconhecer a presença junto ao povo e simplesmente serem sinais de Deus.

O que essa formadora traz como pensamento pode ter traços da autora Ashcraft (2012), que defende a tese feminista de um empoderamento nas instituições burocráticas, com práticas flexíveis e coletivas que possam induzir a uma mudança social - chama isso de divergência organizada, num sentido híbrido da burocracia. Hábitos burocráticos podem persistir, porém, há a consciência de que o trabalho entre os membros pode gerar mudanças. De outra parte, se as questões continuam seguindo no modelo tradicional, tendem a reproduzir um padrão predominante, de forma reguladora, por meio de recompensas, restrições e punições, chamado de isomorfismo, conforme defendido por Dimaggio e Powell (1991).

A preocupação dessa formadora entrevistada, de que um desafio institucional seja o ser confundida com a sociedade, pode ser preocupante. Menos no Brasil, toda a IR usa a veste apropriada, o hábito religioso. Nota-se que as situações de problemas se complementam, uns por rotinização interna de trabalhos, outras por pastoralismo externo. E, por fim, o sentido da vida essencial passa a ser questionado. Não se trata aqui da vida religiosa ser melhor ou pior do que a vida das pessoas da sociedade; trata-se de ser uma alternativa diferenciada na sociedade pelo seu modo de ser missionário.

No mesmo sentido, as Formadoras B, que atuam com juventudes, retratam sua experiência, desafios e preocupações. Nesse caso, o Projeto Pan Semilla trabalha com crianças (sementes), adolescentes (flores) e jovens (pão). Não especificamente para a vida religiosa, mas trazendo todos os valores, com a linha missionária do carisma franciscano:

En el momento estamos trabajando con el proyecto “Pan Semilla”. Este proyecto es una caminata de las “semillas” hasta que se conviertan en pan. Y estamos acompañando los distintos semilleros vocacionales, respetando la identidad de cada grupo. Y estamos intentando transversalizar la identidad de nuestro carisma. Y en ese momento estamos viviendo una experiencia muy significativa que es el II Congreso Misionero, donde están jóvenes que quieren definir su vocación. Buscando también a través del movimiento “el alma de la asociación. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellin/CO no dia 13/10/17).

O método de trabalho utilizado nesse reduto possui finalidade institucional. Trata-se de uma reprodução social de processos simbólicos. Os processos simbólicos são de significação e passam a retratar e avaliar experiências cotidianas. A legitimação ocorre a partir de totalidades simbólicas que não podem ser experimentadas somente na vida cotidiana e a IR passa a ser uma “detentora” referencial desse universo simbólico vocacional, no caso específico do Projeto *Pan Semilla*, e capacitada, dotada de sentido para o discernimento que justifica e interfere na decisão no quadro de envolvidos (Berger e Luckmann, 1974).

O transversalizar a identidade do carisma para um projeto de crianças até que amadureçam e tomem suas decisões, independentemente de serem religiosas ou não, é apostar na diversidade vocacional e acompanhar vidas. Ampliar este contexto é sair do próprio universo e isso pode favorecer outros cenários. Como, por exemplo, num colégio desta IR ou de IRs diferentes, começar a incentivar o trabalho voluntário social e ou preparar jovens para intercâmbios nas missões além-fronteiras. Isso poderá ser um bom incentivo que abra portas para alternativas de discernimentos vocacionais possíveis e próximas.

O construto a seguir apresenta os desafios citados pelas Formadoras C que trazem a dificuldade de envolvimento dos leigos seguidores do carisma ao trabalho de animação e a propaganda vocacional. Consideram que um dos maiores desafios é permanecer com o vigor missionário e o encanto vocacional em todas as etapas da vida:

O desafio para o trabalho formativo é somar força com os leigos. Deixar as estruturas que não respondem mais e sermos ousadas. Retomar a abrangência da missão, admitir que temos forças ociosas e outras acomodadas, nesse caso ressignificar pessoas e reorganização administrativa e estrutural de trabalhos articulados em equipes interprovinciais, onde o critério principal não seja o financeiro. Considerar um dos primeiros desafios, talvez o maior, animar-se a si mesmo e sustentar o vigor missionário alegre e feliz até o final da vida como a melhor animação vocacional para todas as pessoas que se aproximam e em toda parte. (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 26/08/17).

Num ascender, Paredes (2018) questiona em âmbitos reflexivos as IRs, em seus processos iniciais de formação, afirmando que certa despreocupação com o número de candidatos seria salutar. Também não é benéfico fazer de uma IR a pastoral vocacional, o processo seletivo, o investimento máximo prioritário. As IRs necessitam ser olhadas e admiradas em conjunto numa perspectiva mais evangélica, como um dia surgiu, o instituto poderá um dia desaparecer. As atenções não deverão ser obsessivas na sobrevivência particular, mas no crescimento do todo, do Corpo de Cristo, como comunidades de Jesus, transcendentais. Nesse sentido, amplia-se o significado na busca também pelo sentido do existir, consagrar-se e por resultados institucionais.

O mesmo autor ainda posiciona-se a respeito da influência social e religiosa, dizendo que há diferentes alternativas, caminhos novos, movimentos, grupos laicais, voluntários, e afirma que não percebe secura vocacional, percebe sim uma distribuição muito melhor equilibrada tanto na Igreja Católica quanto nas diferentes Igrejas em suas múltiplas formas de vida. As queixas de diminuição de número podem representar divisões internas, dificuldades com o diálogo geográfico plurirracial, pluricultural e a herança carismática definida em uma nação.³⁷

O desafio da formação continuada para os membros e o cultivo pessoal podem ser os fatores que venham a ganhar os maiores pesos nas crises de relacionamento, de uma não aceitar transferência, de outra justificar o não fechamento de uma fraternidade e outros membros já afirmarem terem cumprido sua parte nesta fase de reestruturação da IR. Pois, diante do todo, olhar para si e decidir querer continuar será o melhor que terá pela frente. Uma opção livre e sem encontrar culpados.

Numa dinâmica de percepção externa, o sacerdote que está iniciando o grupo do ramo masculino na Colômbia considera que a espiritualidade da providência e do desapego são desafios essenciais, ter uma vida simples, sem preocupar-se tanto com os bens materiais. Dar mais ênfase ao exemplo de vida.

Vivir más la espiritualidad. Salir de la vida cómoda, donde tenemos todo. Vivir una vida de simplicidad, de desapego a las cosas del mundo. No preocuparse tanto con el "tener cosas" materiales. Creer que Dios nos ha llamado a vivir e anunciar el Evangelio y que proveerá todo lo que necesitamos. Fascinar los jóvenes con nuestro ejemplo de vida. Enseñarle enamorarse de la Palabra. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO no dia 14/10/17).

Diante da nova fundação, é possível perceber, em paralelo com as entrevistas anteriores, um misto vivenciado pela IR IFMMA, com 130 anos, que vive o declínio vocacional em razão da influência social de valores na IR e da nova instituição (ordem masculina do carisma), que vivencia valores da religião com influência na sociedade, o inverso, portanto. Neste, porém, os desafios são espelhados. Salienta-se o que Rodrigues (2007) afirma sobre as funções sociais da religião: a referência transcendental, espiritual, do sagrado ou profano; o desapego dos bens materiais e a escassez de recursos econômicos, a providência divina e o testemunho de vida religioso, social e moral.

³⁷ Ler mais em Paredes (2018), sobre Racismos Vocacionais. O termo faz referência ao domínio cultural e vocacional a uma determinada região geográfica. Por exemplo: numa colônia de italianos, dificilmente um indígena teria vocação para ser religioso.

O fascínio pelo exemplo de vida, esta é a proposta desafiante, do entrevistado do ramo masculino. Atualmente, cabe a cada membro o questionamento, como consagrada, se o testemunho do projeto de Jesus Cristo fascina pelo seu exemplo de vida religiosa. Só isto basta para a animação de novas vocações, na missão de todas as fraternidades onde a IR está presente atualmente em 576 membros.

Os Leigos seguidores do Carisma acreditam que os maiores desafios perpassam em razão da liquidez da contemporaneidade, das resistências que ocorrem nos processos compartilhados de mudanças. Quer-se mudar, porque a onda é mudar, mas não se muda, pois exige acompanhamento, formação e processo:

Estamos en una sociedad líquida. Una sociedad con dificultades para definir horizontes, para definir opciones de vida sólida, con efectividad, que se ha resistido a los cambios. Pero, he visto mucho esfuerzo por calificar los procesos formativos y los procesos de acompañamiento. Es necesario acompañar los procesos y compartir metodologías. Mirar que la dinámica relacional es algo de muchas críticas. Porque cuesta entender quién puede asumir algunas funciones. Pues, a veces, son muy complicadas. Hay una intención fuerte de cambiar, de que las personas no se identifiquen con los encargos, sino con la espiritualidad. (Diário de campo, entrevista realizada no Brasil no dia 14/09/17)

Outro prisma, no qual Bauman (2000) traz a fragilidade humana como reflexão, trata como o tempo, o espaço, a história e a velocidade entre estes são uma relação variável e flexível da capacidade humana, muitas vezes, com obstáculos e poderes de dominação. Por vezes, essa relação frágil trata de sair de “antigas gaiolas”, como processos de libertação e somente se reloca em processos adestrados com novas ordens e/ou grupos de referências, chamados de modernidade. Fator proponente pelos entrevistados que apresentam desafios semelhantes aos das IRs, sendo que estes se propõem uma proposta singular e alternativa de vida diferenciada. A legitimação institucional está a considerar, inclusive, os desafios em sinônimos.

A intenção observada pelos leigos do carisma, de que os membros da IR possam ser identificados mais pela espiritualidade do que pelos cargos, mais pela missão fraterna do que por missões individuais, é um trabalho que a IR vem construindo com esforço e como desafio. Notam-se resistências, mas também acolhimento. Quanto aos leigos do carisma, há por parte dos membros da IR uma boa relação, porém observa-se que alguns leigos sentem que poderiam contribuir mais com a IR. E por parte da IR, sente-se, por vezes, como algo invasivo, principalmente, no assumir em algumas obras³⁸.

³⁸ Notas de diário de campo complementar, em 09/12/17, em Cartagena/CO, com Governo Geral.

O assessor propõe alternativas para a IR que preconizem a formação de líderes para a ação missionária, com direção e orientação, numa atuação de constantes mudanças:

Hay en la Congregación un proceso de cambios. Un proceso con enfoque “participativo” donde vamos a ir buscando entre todos la mejor manera de conducir la Congregación. Un proceso que preconice la formación de líderes para la acción apostólica misionera, creando áreas de orientación direccional. Pero, hay que cambiar las formas de liderazgo, para que promueva el liderazgo comunitario. Siguiendo un modelo de reorganización “trinitario”, donde se respeta la “diversidad”, se genera la “unidad” en esa diversidad y en donde esa diversidad generando unidad, fluya en amor. Se convierta en amor. No puede haber estructuras verticales, sino, “horizontales” y de circularidad, de corresponsabilidad y con bastante participación. (Diário de campo, entrevista realizada em Medellín/CO, no dia 13/10/17).

O entrevistado aponta o desafio de lideranças que promovam a participação coletiva, seguindo o modelo trinitário, que respeitem a diversidade na unidade e essa unidade gere amor. As estruturas sejam horizontais e circulares: de corresponsabilidade e com participação. Retoma-se Heckscher (2012), no modelo pós-burocrático, que, de alguma maneira, haverá reestruturações e estas serão sempre perturbadoras até acontecerem. As mais eficazes são as que acontecem de forma lenta, progressiva e coletiva. Nem sempre as formas horizontais são as mais eficazes, pois podem ter alto grau de centralização ao topo. O indicativo é uma forma de gestão por interdependência, na qual os serviços estejam interligados, o que converge com a circularidade ou o modelo então trinitário (Landesberger, 2012).

O percorrer da reestruturação foi sendo construído com instrumentos e a participação de todos os membros da IR. Um dos primeiros desafios foi fazer a releitura do carisma com todas as religiosas. Para tal, utilizou-se um instrumento reflexivo, construído pela equipe de assessoria da reestruturação, fundamentado em Habermas, no que diz respeito à retomada individual do mundo vital, com relato dos sentidos, imaginários simbólicos e horizontes de cada membro da IR. Desse exercício, realizado por todas as religiosas da instituição, registraram-se as sínteses documentais de que foi possível aprofundar e integrar os elementos e marcos referenciais do carisma, com base na assimilação e experiência de cada religiosa na instituição. De acordo com dados da Secretaria Geral (2018), cada religiosa percebe as lacunas e está consciente do processo de revitalização que procede como desafio a partir da história refletida e compartilhada em comunidade.

Nota-se, também, como um marco que trouxe resistências: o instrumento que fora assimilado em fraternidades referente à possibilidade de suprimir, atualizar, adaptar ou ressignificar presenças missionárias para favorecer o reposicionamento de sentido num contexto de pós-

modernidade. Conforme um assegurado Projeto Missionário Fraternal, com excessivas atividades para um considerável número diminuído de membros em cada contexto, houve no geral um consenso de todos os países de que há fraquezas e resistências no fechamento de obras, missões, e generosas justificativas para mantê-las. Por outro movimento, há a abertura e a necessidade de assumir novas presenças com corajosos pontos de decisões.

Ainda da Secretaria Geral (2018), trazem-se desafios de todas as religiosas para as questões administrativas e econômicas; na prática, assume-se não adquirir mais propriedades e assumir uma vida mais itinerante enquanto IR. Os mapas geográficos de organização institucional também são sugeridos e há ideias dissonantes, sendo uma parte da instituição sugerindo manter províncias, com algumas remodelações para facilitar as influências do e no contexto e outra parte sugerindo remodelar em regiões, supondo uma única congregação, caminho este de maior unidade da IR. A decisão para os rumos institucionais aconteceu em assembleia para este fim, em dezembro de 2018, com religiosas eleitas para tomar as decisões.

Como síntese dos desafios situacionais, tendo presente o objetivo específico desta tese de doutoramento, de analisar a IR IFMMA num contexto de Igreja, os descritores que facilitaram a investigação foram o pensamento organizativo, quadro de membros e o posicionamento de sentido:

Quadro 9 - Síntese dos Desafios Situacionais (Percepções de Mudanças). Elaborado pela autora.

Pensamento Organizativo	Quadro de Membros	Posicionamento de Sentido
<ul style="list-style-type: none"> • Dar passos a partir do carisma. • Uma organização com alinhamentos acessíveis, de unidade. • Privilegiar uma leveza burocrática. • A fraternidade é a base para o exercício da vida religiosa. • Diminuir obras e focar no essencial do carisma. • Dificuldade de viver a pobreza, possuindo tantos bens. • Estrutura religiosa, considera-se preponderante aos leigos do carisma e neste momento não têm preparo para assumir o eferescente crescimento. • Estruturas mais circulares e menos verticais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Retomando a credibilidade e a utopia. • Pessoas com virtudes e limitações. • O pensamento plural, tecnologia acessível. • As relações fraternas cuidadosas e comprometidas. • Membros com boas ideias com abertura para efetivação das mesmas. • Há leigos somando no quadro missionário. • As novas gerações equilibrando a subsistência da IR. • As gerações aposentadas estão vibrantes (carisma). • Coragem para deixar a IR. • Agregar e perceber a essência de uma vida realizada. • Membros presenciais e concretos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Provocar mudança de mentalidade, existencial. • Abertura a contextos missionários e a ousadia de novas presenças qualificadas. • Ter uma vida sóbria. • O desafio dos leigos (voluntários, ordem masculina) sentirem-se autônomos ao carisma e não legitimados na IR. • A expressão mais identitária e menos quantificada. • Um sentido alternativo, diferenciado para a época, contexto atual. • Unidade institucional, desapego econômico. • IR mais reinocêntrica, foco originário.

Capítulo 4: Reflexões Sociológicas a partir da pesquisa

Ao compreender e analisar os fatores sociais e religiosos, determinantes no processo de reestruturação da IR IFMMA, foi possível constatar que tais fatores, por vezes, estão conjugados. A pesquisa, em síntese, retrata que os fatores sociais determinantes para os membros da IR IFMMA são: necessidade de mudança imposta pelo desenvolvimento da(s) sociedade(s); abertura, flexibilidade e insegurança frente a novos processos; crise de reconhecimento e expressão social; compromissos temporários; individualismo e secularização; condição humana de envelhecimento, inutilidade e descarte social. Já os fatores religiosos que influenciam os membros no processo de reestruturação são: acomodação e segurança num sistema seguro e rotinizado; a religião e a vivência da fé em movimento e diálogo com a sociedade; a mudança de estruturas, pensamentos e pessoas; crise de valores religiosos; membros em crise de fé; novo sentido para IR; dificuldade de viver a vida em comum e a vivência do transcendental de modo definitivo.

Para tal contexto, observa-se que as respostas da pesquisa trazem elementos que pretendem ser propositivos de mudanças, que apontam para discernimentos de uma realidade que, em certas ocasiões, é ambígua e dialética, perplexa e paradoxal em seus fatores sociais e religiosos. Pressupõe liberdade entre os sujeitos, desde a existência, horizontes de valor e criticidade frente ao contexto histórico atual, solidariedade entre os pobres e com os pobres, fronteiras inter-religiosas, dimensão profunda de fé e experiência mística, além de uma instituição estrutural, renovação de reflexões humanas, de esperança e utopias possíveis. Trabalho silencioso, pluralista, alternativo, com elementos da vida religiosa inegociáveis. A pós-modernidade provoca para as IRs um olhar para o pequeno, o lúdico, o simples, de um modo esperançoso, como afirma Libânio (2006).

A compreensão do contexto da IR IFMMA foi analisada a partir dos construtos teóricos sociológicos do entendimento e visão de mundo. A imersão diante das percepções de diferentes óticas, entre o quadro teórico e a pesquisa empírica, relacionando as narrativas reflexivas frente aos fatores sociais e religiosos, constatou que a IR IFMMA, por intermédio de seus membros, contornos sociais, regras, processos simbólicos, ritos e ações, tem a influência ativa determinante num processo de reestruturação e reposicionamento de sentido, tanto em fatores sociais quanto em fatores religiosos. E, ao mesmo tempo, é influenciada por esses fatores. Dessa maneira, é um processo de duplo sentido, uma vez que o diálogo da IR,

contornos e membros estão inseridos como atores sociais, na busca por diferenciação de valores.

Os fatores sociais podem determinar um objetivo religioso. O contexto contemporâneo pode favorecer para que os membros permaneçam conectados aos seus princípios, reinventem-se ou, quiçá, desviem-se do padrão estabelecido. Fatores religiosos podem comprometer ou facilitar a comunicação com a sociedade e/ou estabelecer vínculos produtivos e reconhecidos. A instituição em análise possui um delineamento que compromete o fluxo entre os fatores sociais e religiosos e a linguagem ativa com o contexto contemporâneo e o seu reconhecimento. Há uma tendência à reprodução social do existente na sociedade, o que dificulta a recontextualização do posicionamento do sentido da IR. Há membros com certa liquidez, inconsistência existencial e desvio de padrão, próprios da sociedade líquida, fator social, o que compromete o sentido religioso (do membro e da IR) em sua profundidade.

Em terreno, considerou-se a celeridade cada vez maior dos membros que comporta um imediatismo e ativismo de complexa reversão, justificado pela atração da exterioridade, pela imersão social e pela necessidade de subsistência dos membros. A aceleração constante gera uma mentalidade de urgência por fatores de informação, por acúmulo, por consumo, e essa agitação coloca os membros numa velocidade que fragmenta vínculos próprios da IR, da vida comunitária fraterna. Justifica-se ao viver na contemporaneidade, ao adaptar-se ao contexto e observa-se superficialidade em termos de identidade religiosa subjetiva para sobreviver às situações hipermodernas. Esse contexto de pós-modernidade traz uma cultura diferenciada, membros com características e necessidades relativizadas, produzidas pelo secularismo. Com facilidade conflitam com gerações já existentes na IR.

A missão institucional da IR IFMMA traz o arcabouço de Francisco de Assis, Clara de Assis e Santa Maria Bernarda, perfis fundacionais mendicantes. Para a idade média eram diferenciais e projetos de vida alternativos, pessoas silenciosas e conectadas com a interioridade, com dons tidos como sobrenaturais, místicos e confiantes na providência divina. A mendicância, com estilo próprio, foi entendida como luz para a época. Para o tempo contemporâneo há de se descobrir o estilo requerido. Normalmente, pelo movimento histórico, a vida religiosa se apresenta como alternativa silenciosa, de impacto e presencial. Diante da trajetória dos fundadores, a IR IFMMA é possuidora dos dons mais elevados que lhe coube para prosseguir uma missão contundente. Mapear as dimensões da abrangência dessa missão institucional, primeiramente no âmbito fundacional, pode ser ao empreendimento de que, quanto ao tempo objetivo da obra para a qual foi criada, não haveria necessidade de continuidade. Os fundadores mesmo, ao que se sabe, não pretenderam uma obra vitalícia estrutural. Essa obra necessita de aspectos reestruturantes identitários, adequados aos motivos dos membros que estão atualmente na IR. Os membros da IR IFMMA, conforme apontam as entrevistas, não estão cientes e muitos são portadores de uma linguagem idealista, ou não crível quanto à necessidade de reestruturação.

No que se refere ainda à missão da instituição, o carisma êmico, intuído e acreditado pela IR, sobre o jeito de viver identitário de todos os membros, os entrevistados apontam para os aspectos centrais: a vivência do evangelho, a vida missionária, a pobreza, a prática das obras de misericórdia, a vivência em fraternidade; a missão da instituição que deve prevalecer aos interesses individuais; o carisma como resposta alternativa, a alegria, a maturidade da fé; a identidade visível para ser crível; não se manifesta o que não se vive.

A identidade da instituição está alinhada ao propósito da fundadora como essência missionária, conforme as realidades emergentes. Como meios para a atuação, esta deixou a prática das obras de misericórdia, que são amplas e com possibilidades de constante atualização. A desvantagem é o perigo de prevalecer interesses individuais sobre o coletivo e justificar como identidade. Nessa dimensão, o cálculo utilitário dos interesses, escolhas, motivações individuais ou grupos organizados deve ser analisado e mapeado num processo de reestruturação, pois pode trazer prejuízos ao coletivo ou aos impactos sociais.

A pesquisa aponta que o carisma intuído na época foi para responder às necessidades daquela situação. Os movimentos históricos, com seus retratos sociais ou religiosos de outros tempos, também vão nessa direção. Nesse sentido, a capacidade intuitiva, criativa e reflexiva dos membros à ressignificação de um carisma, pode ser dialética. Podem existir épocas para outros carismas e carismas que já não podem ser atualizados para essa época. Pode ser que em determinadas situações a realidade necessite de respostas novas, com outras pessoas, outra sociedade, religiosidade, outra instituição, outro carisma, novo sentido. A sensação de dever cumprido, resultado imediato, como causa/efeito, pode ser um dos alertas próprios da modernidade, como sinal de processo superficial paliativo. E, por maior esforço que se faça de adaptação, os sinais emergentes do contexto contemporâneo poderão ser em vão se o esforço não for intenso, progressivo e coletivo. O quadro de membros da instituição IFMMA tem apresentado, nos últimos 30 anos dos seus 130 anos de existência, 40% de declínio de suas forças e esse é um retrato de muitas IRs do mundo. Altas taxas de desligamentos, envelhecimentos de membros em 70% a 80%, baixas taxas de atratividade e frágeis estratégias de retenção dos membros que existem nas instituições.

No que se refere aos desafios para um sentido e percepções de mudança, são proposições apresentadas pelos pesquisados: consciência da humanidade com virtudes e limites; a necessidade de recuperar a utopia e a credibilidade da fraternidade; o pensamento plural e a tecnologia acessível facilitam a aproximação; relações fraternas cuidadosas e comprometidas, sem o descarte ou indiferença de algum membro; abertura para efetivação das ideias; espaço para leigos, missão em novas fronteiras da IR; as novas gerações equilibrando a subsistência da IR; as gerações aposentadas vibrantes com o carisma; membros no esforço de agregar e perceber a essência de uma vida realizada.

É possível considerar, diante do proposto, que os membros são os atores religiosos e sociais, bens ativos e quem mantém uma entidade, no caso a IR em estudo. A ausência de pessoas incide na falência institucional. Em dados propostos como desafios e preocupações para os membros, o que se está considerando é a subsistência material, econômica e financeira, inclusive, como despreocupação das novas gerações. O apontamento deste estudo é que, considerando o lado econômico, como um fator social, bem como a possível partilha dos bens, fator religioso, aspectos influenciadores quanto à atitude dos membros e suas preocupações, muito provavelmente ocorre que, se esses fatores continuarem incidindo nas tomadas de decisões, nos próximos 30 anos a IR não terá membros para tomar conta de suas excessivas preocupações. Reitera-se que os ativos prevalentes de uma IR são pessoas e estas estão cada vez menos numéricas.

Neste parecer, vale considerar que tanto para estruturas, seja por reformas, quanto em âmbito de pessoas e carismas no nível de transformação, seja macrosociológico seja microsociológico, os paradigmas necessitam de mudanças. E, nesse aspecto, as mudanças são situadas e afetadas por tempos e culturas relativas e secularizantes, o que compromete o seu desenvolvimento. Evidenciam-se resistências em épocas históricas, o que necessita de se ter clareza, em transformações essenciais e reformas estruturais, e não ao contrário. O poder pode ser empecilho para o paradigma de transformações e o convite para ir além do fundamentalismo institucional é uma realidade que desafia as IRs.

Nos aspectos da estrutura organizativa da instituição, foram considerados e propostos como desafios: há sinais de unidade no corpo institucional entre os objetivos; as fraternidades possuem fragilidades em seus vínculos; houve um declínio na abertura de frentes missionárias; obteve-se avanços na confiança de leigos administrarem as obras da IR; há preocupação com a dinâmica financeira de obras; dificuldade na subsistência dos membros e economia do futuro mediante as leis dos países; tensão entre ocupações trabalhistas dos membros e obrigações religiosas; importância de pensar mais leveza burocrática; estruturas mais circulares e menos verticais; uma organização com alinhamentos acessíveis para toda a IR.

A teoria da burocracia weberiana, nos aspectos estruturais da gestão da mudança, propõe diálogo com a pós-burocracia (Heckscher, 2012), num sistema interativo, aberto, interdependente, não com base vertical, nem horizontal. A proposta é que seja construído com o diálogo, com foco na missão da instituição, metas e objetivos, com funções definidas, flexibilidade entre os pares e revisão constante de objetivos. As IRs seguem um direito próprio, canônico, que determina que em sua estrutura de poder haja a necessidade de verticalidade e horizontalidade em determinadas decisões. O que o modelo pós-burocrático traz para o diálogo é a base do poder como interdependente, com a influência convergente e ativa dos membros. O modelo apresentado não elimina os poderes do Direito Canônico, mas propõe a efetivação das forças de base de forma colegiada.

É importante considerar que para a elaboração do modelo de gestão de uma IR há uma constituição aprovada por assembleia geral e diretórios. Sugere-se que, em cada país, em razão das leis vigentes, faça-se um estatuto próprio como entidade religiosa, com a finalidade de subsistência e manutenção das associadas religiosas, com inserção das próprias constituições e diretrizes, provinciais ou de determinada região. Não é recomendado que as IRs façam estatutos sociais para manutenção das religiosas, pois estes não permitem a finalidade religiosa (somente social), em virtude dos impostos e legalidades próprias de cada país. As obras ou projetos devem ter estatutos com finalidades separadas e prestações de contas ao fisco de acordo com o fim. A ideia de um fundo de reserva missionário para manutenção do carisma, para todas as entidades que já existiram e estão surgindo, poderia ser um estatuto, por exemplo, com suas regras específicas³⁹.

A seguir se descreve a apropriação considerada, com base no estudo realizado, diante da compreensão do contexto vivenciado pela IR, sociedade e identidade religiosa, um possível modelo de gestão, na dinâmica pós-burocrática:

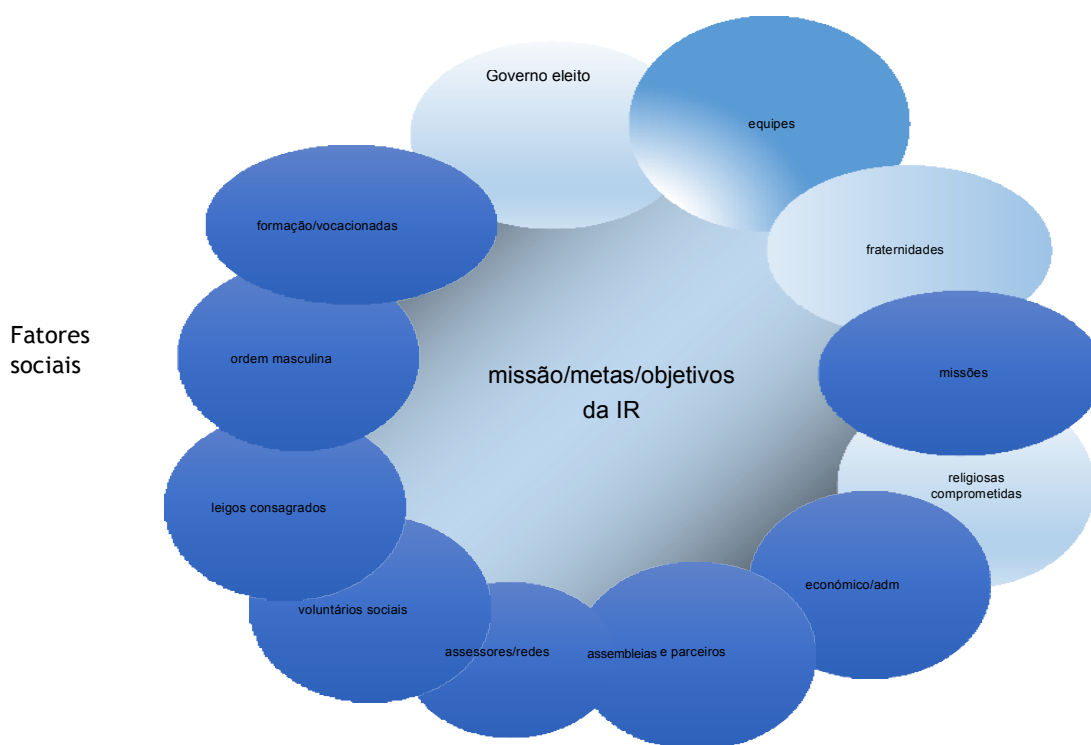


Figura 1 - Possível modelo de gestão, na dinâmica pós-burocrática. Elaborado pela autora.

Num posicionamento de sentido, os pesquisados apresentam perspectivas de mudanças, iniciando com passos a partir dos objetivos do carisma; tendo consciência de que é difícil falar de pobreza com tantos bens e diminuir obras é o caminho; é a fraternidade o espaço

³⁹ Informação pessoal do Prof. Dr. Pe. Valdinei de Jesus Ribeiro - Canonista Verbita - Curitiba.

sagrado para a ressignificação da vida religiosa; a mudança de mentalidade propiciará algumas pessoas desistirem; uma vida sóbria fala por si; o efervescente crescimento dos leigos seguidores do carisma torna a IR insegura e pode torná-los dependentes; abertura a contextos missionários ousados e com novas presenças qualificadas; um sentido alternativo e diferenciado para os tempos dessa atualidade; desapego e partilha econômica, unidade institucional; IR mais reinocêntrica.

Foi possível constatar em tese que rompimentos institucionais em versões passadas aconteceram com processos desestruturantes e descontínuos, na sua maioria, e foram atribuídos como a mão de Deus. Ao fato e fator religioso não se nega e nem se questiona, atribuiu-se o silêncio para evitar maiores conflitos. O que se traz é que fatores determinantes puderam ser condutores de desdobramentos históricos desnecessários, ou necessários para o contexto, a fim de direcionar a história daquela época. Conhecer motivos é fundamental para fazer nova leitura e propor novos rumos de unificação. Como exemplo, demonstrado pela nossa etnografia, as duas religiosas que saíram da Áustria para serem missionárias no Equador e lá houve o direcionamento do bispo local para a separação de líderes e nova fundação, sendo que a história ficou sempre nas entrelinhas, deixando de ser esclarecida, gerando tensões entre ambas as instituições.

Diante do exposto, considera-se oportuno trazer o reconhecimento da identidade religiosa conforme as quatro dimensões propostas por Hervieu-Legér (2005), plausíveis de atenção para um processo de reposicionamento institucional: os aspectos *comunitários*, singulares, fraternos, individuais de cada membro, considerados com o *emocional*, a consciência afetiva do todo, entre os aspectos *culturais*, a memória do grupo, os saberes, a *ética*, os valores universais e a consciência de cada membro garantem a regulamentação e a trajetória de identificação institucional, mesmo que na maioria das situações possa haver tensões das agregações ou entre os membros.

Nesse sentido, além do entendimento da complexa relação entre religião e sociedade, que objetiva o interesse principal desta tese de doutoramento, referente à influência dos fatores sociais e religiosos no processo de reestruturação da IFMMA, o questionamento correlato de como uma IR pode ser significativa para a sociedade contemporânea torna-se oportuno, alternativo e sugestivo para entidades da sociedade que buscam renovação, aprendizado e possuam características de institucionalidades semelhantes. Refinar processos, observar rituais simbólicos, reconhecer economias e focar objetivos têm sido mediações de instituições onde o *habitus* é virtude. Constata-se, apesar de uma linguagem de significação idealizada⁴⁰, em algumas situações, por parte dos pesquisados, que há na IR um processo de posicionamento de sentido virtuoso, mediado por fatores externos e internos.

⁴⁰ Discurso que pessoas de instituições religiosas adotam como forma de proteção.

A socialização de valores e a unidade institucional tendem a ser construídas pela trajetória dos membros e a capacidade de aculturação, perante a construção social em cada realidade, cultura e país. Se a relevância tender à habitualidade da natureza ao *habitus*, a IR terá antes situações viciosas em sua externalização. A proposição originária dos fundadores foi sempre uma ideia unificante. O fortalecimento na virtude originária, mediada pelo *habitus* que unifica, internaliza e provoca a externalização. Talvez seja uma provocação para as 04 instituições desmembradas, que no atual contexto procuram forças de sentido, e num médio e longo prazo (50 anos), o retorno à casa materna: a família franciscana. E por que não, dialogar com a possibilidade de percepção de sentido a partir dos dois mil leigos que já se sentem parte do carisma como matrimoniados ou solteiros e/ou a ordem sacerdotal, bem como os voluntários sociais do carisma. Não estaria nesse movimento a recontextualização do sentido IR IFMMA?

Uma pista para compreensão, de acordo com a figura a seguir:

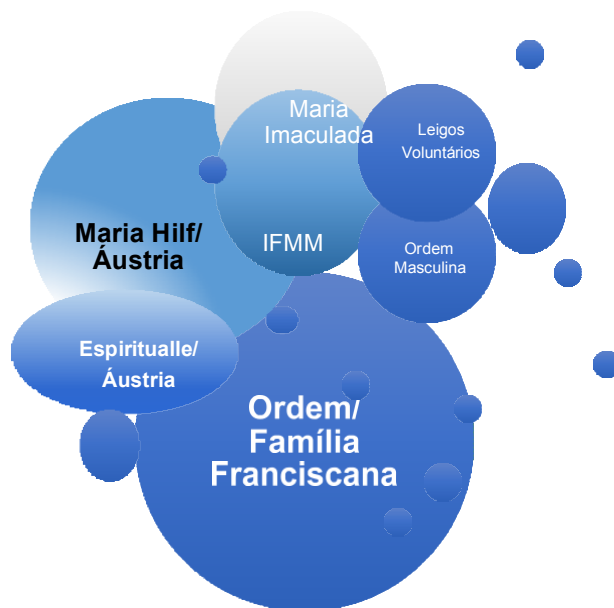


Figura 2 - Recontextualização do sentido IR IFMMA? Elaborada pela autora.

Teoricamente, a Igreja já vive um movimento de abertura em relação à “posse” dos carismas religiosos e de seu modo de consolidação. Nenhuma IR é dona de um carisma, à medida que o trata como dom da Igreja por seus fundadores (Doc 105, 2016). Percebe-se, entre as religiosas, os leigos (casados), os voluntários (casados e solteiros) e a nova ordem de sacerdotes que, embora todos tentem aproximar o carisma para suas formas de vida, há uma tendência de adestramento institucional. Isso a pesquisa evidenciou na forma organizativa, estrutural, na forma de consagração, formativa, mesmo que as formas de vida tenham

objetivos diferenciados. A subordinação legitimada acontece na maioria das situações em razão da dependência econômica.

As questões econômicas e administrativas são consideradas pontos frágeis entre os membros e acentuam-se nas relações fraternas, o que facilmente tensiona a convivência. Os desencontros do compromisso pessoal com a pobreza, o encastelamento em cargos por longas datas e o exercício do poder com autoritarismo, o adonamento de projetos e determinadas geografias missionárias, são elementos de questionamentos expressos pelos entrevistados no decorrer do estudo. Há de se considerar o respeito à memória afetiva dos membros que já participaram da construção histórica da IR e ultrapassar barreiras para uma economia de subsistência unificada, um fundo comum solidário e alternativo (entre leigos, sacerdotes e religiosas) que possa emanar mais humanidade e a pobreza partilhada dos fundadores de Assis.

No terreno, constatou-se que o processo de reestruturação está voltado com ênfase aos membros da e para a IR IFMMA. Há dificuldades de ter olhares mais abrangentes. Nota-se pessimismo, praticamente uma *anomia*, estado de desespero (ou acomodação) por parte de alguns membros. A utopia passa a ser um processo considerado distópico, primeiramente observado em cada membro. Nota-se que a IR se encontra limitada no seu estado religioso de ser crível. Encontra-se descrente em alguns momentos, com baixo grau de fé reconhecido e baixo *status* social. Esse sentimento é de si. Há que recuperar as forças interiores, a capacidade de sonhar e amar a si. Os fatores de influência da sociedade acontecem em cada membro, mas nota-se que poderiam ser muito mais expressivos com força institucional. Há uma crise de reposicionamento por qualificação e quantificação, por envelhecimento de membros, o que gera o sentimento de inutilidade, de falência. Sem saber o que fazer, a insegurança provoca o medo e faz muitos religiosos perderem-se, até buscarem alternativas medicamentosas, e outros, infelizmente, não conseguem retornar e, de alguma maneira, seja real ou metafórica, somente veem pela frente como luz o suicídio.

Por outro lado, evidenciam-se olhares dinâmicos da IR IFMMA, desde o pontificado do Papa Francisco, bem como pela missão concretizada em locais periféricos. A IR está certa de que os Leigos seguidores do carisma poderão ser progressivamente a renovação da IR e a IR do futuro (Salazar, 2018). A minoridade do cotidiano, onde os religiosos com vida ativa estão, expande-se aos poucos e silenciosamente, num estilo partilhado e missionário, de um jeito oculto, sem desejos de autorreferencialidade, em lugares onde os sacerdotes não estão, onde muitos possuem nojo dos pobres, onde a “vida cheira podre e vômito”. Aí, a vida religiosa silenciosa, pouca, tem seu chamado específico e corajoso, sem medo, sem demora e sem nojo! (Salazar, 2018, p. 3).

No propósito de reencanto institucional, há de se trazer os resultados da pesquisa, de que a resistência ao fechamento das missões ou antigas obras existentes pode ocorrer pelo fato de

que a expressão “periferias existenciais”, apresentada pelo Papa Francisco, esteja sendo uma categoria reducionista aos limites do ego adaptativo geográfico. Enquanto isso, na proposta real, conforme teólogos e especialistas, como Paredes (2018, p. 17), as periferias desafiam a amplitude que proporcionam, além da coragem, o preparo dos membros para as novas exigências, para responder às demandas da sociedade como sinais diferenciados. E cita: as catástrofes naturais; o tráfico de pessoas; a corrupção e impunidade; a injustiça e a iniquidade mundial; a sensibilidade pelo desenvolvimento humano e sustentável; os novos movimentos juvenis de gênero; a cultura digital e a robótica entre adolescentes e crianças; o feminicídio, entre outros. O repensar a missão da IR e seu sentido mais profundo poderá causar estranhamento em novas missões, em razão da sociedade que se apresenta. E, talvez, já se façam algumas ações em determinadas áreas, a diferença é a prioridade, faz-se de tudo em larga escala e o mínimo em profundidade, com resultados eficazes.

Quanto à vivência em comum, um dos elementos que mais foi evidenciado como frágil, e também como primeiro passo para possíveis soluções de conflitos refletidos, aportado pelos entrevistados, é que, na vida fraterna, os indivíduos estão deixando prevalecer fatores individuais, quando, embora seres sociáveis, que convivem em sociedade, deveriam deixar prevalecer o coletivo, que objetiva o comum, pela IR, os fatores religiosos. Porém, Pastore (2017), especialista em convivência, diz que o melhor para adaptar valores sociais e religiosos entre gerações seria aproximar a fraternidade de um convívio familiar, mais humanitário, mantendo o objetivo da instituição. Segundo ele, a contemporaneidade facilita, nesse pormenor, a vínculos de humanidade. Do contrário, as novas gerações terão cargas elevadas de estresse até compreenderem a consanguinidade como proposta teológica e assimilarem o vínculo religioso que, por muitas vezes, passam a vida toda sem existir de fato entre os coabitantes do mesmo espaço, o que fragmenta e tensiona o real do ideal proposto pelas IRs.

Constata-se uma preocupação e desafio frente à quantificação vocacional. A crise vocacional é tratada como uma crise social e não somente como religiosa, por seus mais diversos fatores (culturais, demográficos). Mas, internamente, há um peso de culpabilidade por não responder ao testemunho atrativo, embora se saiba que não é somente isso. Há uma tendência de geografia humana, em que a fragilidade habita, o toque sensível para certos apelos da graça, ou da segurança, já não se têm elementos fundantes para tal afirmação. O que se sabe é que as novas igrejas cristãs na Índia, na África, entre os muçulmanos, no Haiti pós-terremoto, aí há índices propícios para novas vocações. Um processo, como diz o Papa Francisco (2018), totalmente fora dos esquemas dos conventos tradicionais. Basta saber se a IR está disposta a sair dos esquemas arraigados para alcançar maior número de adeptos. Esse também seria o espelho mais aproximado do desafio enfrentado também pelos fundadores dessas instituições.

Uma consideração que a pesquisa trouxe foi o reconhecimento da dificuldade da adaptação frente às novas culturas geracionais de membros das IRs e, em contrapartida, a resistência projetada como força de atrito aos tais desligamentos aos últimos 30 anos. Os dados

coletados mencionam as “inteligências perdidas”, boas pessoas que poderiam fazer parte da vida e missão institucional e que, por motivos aparentemente fúteis, foram desligadas. Além do âmbito racional, os números de desligamentos da secretaria geral da instituição pesquisada são triplicados, comparados aos de permanência. Da análise sobre os membros desligados por solicitação, aconselhamento, pressão institucional ou roteiro institucional⁴¹, depreende-se a reflexão de que, com cada pessoa, o carisma êmico poderia ter-se fortalecido enquanto vitalidade, no entendimento dos fatores religiosos mais elevados. Como também, *insights* elevados serem cultivados com os fatores sociais e a missão da IR. Em outro âmbito, algumas desistências foram espontâneas, sem tensão e tranquilas.

No contexto de afirmações, a pesquisa de campo aponta que o ambiente das migrações é favorável para as missões, *igreja em saída* e novas vocações. Os cenários atuais dos migrantes têm sido os mais polêmicos em termos geográficos globais, de aceitação e conflitos entre as humanidades em todos os continentes. As IRs e as Igrejas de todas as denominações não poderiam renovar seus quadros sendo mais atitudinais, alargando suas fronteiras com os que migram? Com isso poderia haver um reposicionamento atual de missão para renovação da mentalidade dos membros e para os carismas. Se procederem aos vínculos com os migrantes no sentido êmico dos carismas específicos, cada qual com suas especificidades ou pequenas ações, tenderiam as sociedades a não necessidade de construção de muros separatistas, os hospitais poderiam ter novos rostos, os grandes colégios das IRs ganhariam finalidade, as universidades particulares ganhariam cores, línguas e culturas, os conventos que estão para fechar (ou já fechados) poderiam ser centros de acolhida, abrigo, espaços de cultura, oração, humanização. Aí poderá ter novo e autêntico significado para o atual contexto, ter novo crescimento demográfico nos países que estão preocupados com o envelhecimento em seus asilos, e as IRs seriam dignas de vocações, com êxito, por superar o fator social preponderante do momento, a insegurança.

Outro fator retratado pelos pesquisados e considerado aqui nesta tese é o sentido dos votos, compromisso que todo o membro religioso assume, a saber: a pobreza, a obediência e a castidade. Há diferentes opiniões referentes ao assunto. É válido trazer que o religioso assume publicamente a entrega do seu ser como compromisso livre de fidelidade a Deus. Os votos são meios pelos quais ele assume a vivência religiosa; são meios também para dedicar-se à fraternidade, à oração, à missão. Pode-se constatar que o meio (os votos) está sujeito a não cumprir a totalidade do objetivo final. E, para tal, existem diferentes meios, sendo que a melhor maneira de equilibrar a forma de vida consagrada dos membros seria a resposta madura individual atualizada e não reducionista a um meio de vivência.

⁴¹ Para Immergut (2006, p. 170), o comportamento dos indivíduos não revelaria suas reais preferências ou desejos, mas um “roteiro institucional”, no qual os atores avaliam o comportamento a ser adotado por intermédio da análise de cenários e do processo histórico.

O rompimento ao sistema de crenças estabelecido pode ser a primeira fase da releitura do conceito do que são os compromissos religiosos, que muito provavelmente está compenetrado internamente entre os membros. Além de fazer a releitura dos votos, é necessário renová-los oportunamente, trazendo os elementos da releitura a público para serem refletidos. Após essa renovação do compromisso religioso dos membros, com a releitura realizada, dentro de uma mentalidade fluente e atualizada, o conceito imagético também tende a ser ampliado entre todos, assim como o assumir do próprio objetivo da entrega. É o novo religioso que vai assumindo a entrega, como um roteiro institucional, parafraseando Immergut (2006), um roteiro de entrega, com o passar dos anos! Pode ser que se passe a vida toda e o roteiro histórico nunca permita entregar a totalidade de determinado meio, como a vivência relacional fraterna, ou um voto (por limites não julgáveis aqui), mas viva intensamente outro aspecto. O roteiro das escolhas e entregas, entre fatores sociais e religiosos, tende a ser fascinante, humano e frágil. Isso para qualquer entidade pessoal, familiar, pública, política e, do objeto de estudo, a religiosa. Essa situação não desqualifica a vivência do objetivo final, ao contrário, fortalece quando admitida de análise e considerações.

Outro fator de consideração para as IRs trata os pesquisados, quanto às controvérsias existentes entre os modos internos de cultivo da interioridade por intermédio da oração, meditação, tempo de descanso, projeto de vida, relacionados à evolução espiritual e a exteriorização de uma vida ativa na missão, na sociedade, numa dinâmica acelerada. Há, inclusive, a expressão de que atualmente a IR “não pode manter o ritmo de horários e a vida de oração do monastério”. Por outro lado, há a insegura preocupação da vida ativa, em que os horários do sistema contemporâneo deixam a vida sem a oração fraterna. Constata-se, para tal, que a rotinização da vida é um fator relevante para o funcionamento da ordem de uma sociedade. Se não há rotina, pode deixar de haver a ordem social, a manutenção e sua institucionalidade (Berger e Luckmann, 2004). O que ocorre é que a ordem ou (des)ordem não garante a assimilação, internalização como valor, apenas como habitualidade. Para tal, há os desencontros e estes se apresentam num nível de assimilação e não de habitualidade. A assimilação apresenta a interiorização consciente com a diversidade de possibilidades organizadas para que os membros possam fazer da vida ativa diferentes espaços criativos que são extensivos à missão, e a consciência assimilada os torna orantes e os faz retornarem ao encontro fraterno em comunhão e oração.

Numa outra constatação, é oportuno falar da solidão, do silêncio, do presencial. Considera-se altamente altruísta e benéfico estar em companhia de si mesmo, para que o Divino possa agir. Ser presença silenciosa, agradável e ouvir, auscultar-se a si, para sair de si e ir ao encontro. Os vínculos mais profundos de si tendem a ser serenos e não passam por grandes modificações de que a pessoa não se dê por conta. A pesquisa aponta para a sensibilidade dos fundadores com a misericórdia, com os membros da fraternidade, com o pobre, com as necessidades gritantes. Parece ser um caminho notório e questionante que o diferencial para

as IRs dos nossos dias não passa por palcos ensurdecadores e midiáticos, mas pelo silêncio. Não tendem aos aplausos, reconhecimentos e engrandecimentos, nem aos shows ou milagres, e sim à solidão profunda. Não à grandiosidade da conexão virtual, mas à pequenez do presencial.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a IR não é um projeto que tem a obrigatoriedade de acolher ou reter qualquer membro, muito menos permanecer anos com *slogans* emblemáticos, que já não dizem a seu respeito, a IR é possuidora de dons que não são para si e também não de direito a julgamentos inadequados. Considera-se antropologicamente relevante na maturidade da fé, sociologicamente ideal e religiosamente utópico, se, em âmbitos de mudanças, de significado para a sociedade e revisão de estruturas, num momento histórico congruente, o Reino de Deus (sem carismas) for a essência e muitas IRs unirem suas forças num mesmo propósito, sem isomorfismos!

O coordenador da Igreja Católica, Papa Francisco, citado em diferentes momentos pelos entrevistados, como figura de renovação, com palavras, documentos e personalidade inspiradora para os membros e para os fiéis, tem proporcionado reflexões também contrárias. Constata-se que há autoridades das IRs não favoráveis ao líder e, mesmo as que estão com ele acordadas, têm utilizado argumentos internos aproveitando-se de falsas afirmações, colocando-as na autoridade papal, para efetivar o argumento. O acesso rápido a informações permite conferências e os membros não concordam com tais atos impositivos para garantir a credibilidade de determinado assunto.

Ainda vale recordar que o Papa Francisco, referentemente a determinadas propostas, tem sua opinião clara e objetiva. Em 2017, num congresso de superiores gerais em Roma, foi apresentada a ideia de renovação das matrizes vocacionais, abolindo a vocação do religioso masculino, pela praticamente ausência de quantidade de “Irmãos”. O Papa, simplesmente, após ouvir a todos disse tratar-se de estratégias humanas desfocadas e não de um problema de ausência de vocações por falta da Graça Divina. Nota-se, nesse parecer, que, humanamente, os fatores religiosos tendem a se associarem com a prevalência e o convencimento justificado aos fatores sociais e determinam ações do comportamento perante situações das IRs, que dizem respeito às vidas e ao impacto na sociedade.

Sobre tal aspecto, vale ressaltar em reflexão que as épocas tiveram suas significativas mudanças, a ponto de as mentalidades continuarem por vezes obcecadas em uma determinada cultura, como a rural, por exemplo. Como se as vocações para as IRs, ou o sacerdócio, estivessem neste meio, exclusivamente. Ou se esta vocação fosse para determinadas pessoas, enfim, estereótipos culturais codificados pela sociedade, sustentados e reforçados, por muitos anos, também pelos próprios ambientes internos.

Este paradigma tem suas razões e questionamentos. O mundo popular rural, até pouco tempo atrás, caracterizava-se por ser constituído por famílias grandes (vários filhos, em geral, todos os que poderiam ser gerados na faixa etária fértil da mãe/esposa), pequenas propriedades ou nenhuma propriedade e trabalho braçal e familiar como única forma de sobrevivência. O trabalho, portanto, envolvia a todos (das crianças aos idosos) e o tempo todo. Trabalho pesado e estafante. A vida social, para além do círculo familiar, era limitada à comunidade dos vizinhos, reunidos em torno de uma capela. Tratava-se, pois, de pequenos mundos isolados e culturalmente rudimentares. A vida, nesses ambientes, era, no geral, insegura e incerta: o clima nem sempre favorecia as colheitas que também poderiam ser atacadas por pragas, assim como os animais poderiam ser atacados por doenças. Se os produtos perdessem preço no mercado, o dinheiro poderia não ser suficiente para as despesas básicas, conduzindo ao endividamento. Se houvesse, nesse meio tempo, algum problema de saúde na família, a situação tornava-se dramática. O futuro dos filhos era sobremaneira incerto. As pequenas propriedades não dariam o sustento para novas famílias que se formavam com o casamento dos filhos mais velhos. A maioria deles, necessariamente, teria de sair de casa atrás de novos projetos de colonização agrícola ou de empregos no mundo urbano.

Nesse ambiente, as IRs encontravam solo fértil. Meninos e meninas consideravam válida a hipótese da vida religiosa. Sob todos os ângulos, parecia uma vida boa e importante. Padres, religiosas e religiosos eram figuras estruturantes das comunidades. Eram pessoas especiais: inteligentes, bem educados, falavam com desenvoltura, se vestiam bem. Todos se dirigiam a eles com respeito. Faziam o bem. Os pais, padrinhos e demais adultos da comunidade vislumbravam para os adolescentes, pelo menos para aqueles que eram tidos como capazes de ter sucesso escolar, na vocação religiosa, uma oportunidade de fugir das inclemências do tempo, dos trabalhos estafantes, do isolamento, dos maus tratos e do futuro incerto. Além disso, seriam pessoas reconhecidas, importantes e felizes, a exemplo do que viam nos religiosos de suas relações. Os adolescentes acabavam gostando da ideia. As meninas, face ao tratamento dado pelos maridos às esposas, ou seja, face ao tratamento dado pelo pai à mãe, pelo padrasto à mãe, pelo pai à madrasta, pelo irmão à cunhada, pelo cunhado à irmã, pelo vizinho à vizinha, etc., tinham ainda mais razões para seguir a vida religiosa, mesmo que isso significasse, para algumas, deixar a vida afetiva, própria da idade fértil. Para muitos (meninos e meninas), a entrada no convento ou no Seminário significou uma libertação, o privilégio de ter uma vida protegida e com o necessário para viver (viver muito melhor do que prometia a vida lá de fora). Junte-se a todas essas características e fatores o fato de as famílias rurais de nossos dias já não terem, na sua maioria, uma vivência religiosa e comunitária tão intensa e assídua como há algumas décadas. E isso, inegavelmente, também é fator de diminuição do número de adolescentes e jovens que se animem à vida religiosa consagrada, porque o pouco envolvimento com as práticas de fé e da Igreja e escassas motivações para ideais fundamentados na fé não influenciam os projetos de vida desses jovens.

O mundo popular rural quase desapareceu e, de maneira geral, deixou de estar isolado. Os objetos do mundo urbano (eletricidade, televisão, telefonia celular, meios de transporte e de diversão, etc.) estão ao alcance do mundo rural. Mas o fato mais expressivo é que esse mundo rural encolheu. Não há mais filhos sobrando na disputa pela herança. Ao contrário, é difícil encontrar sucessores rurais para grande parte das famílias que ainda labutam no campo. A escola e o trabalho urbano estão à disposição também dos jovens rurais, às vezes, com mais vantagens comparativamente aos jovens urbanos. O mundo rural não é mais, portanto, um lugar privilegiado para o recrutamento vocacional. Com algumas características semelhantes às que eram típicas das comunidades rurais de colonização de descendência europeia (o celeiro das vocações), no Brasil, hoje, restam as comunidades indígenas e as comunidades dos povos das florestas. Um trabalho vocacional nesses ambientes ainda poderá ter algum sucesso similar aos redutos privilegiados do passado.

O mundo urbano sempre pareceu um pouco desajeitado para o recrutamento de vocações. Todavia, o trabalho das comunidades eclesiais de base conseguiu alguma inserção bem-sucedida, embora enfrentando uma luta desigual com outras igrejas cristãs, organizadas em bases mercantis e intensamente missionárias, por vezes até proselitistas. Algumas dessas organizações religiosas não têm nenhum pudor em transformar a espiritualidade em produto comercial. Nesse caso, o pastor é, via de regra, um caixeiro viajante que vende mercadorias espirituais, com marketing, usando táticas especiais que se aproximam de eventos miraculosos. O pastor não precisa ter comportamento exemplar, nem erigir a sua pessoa como modelo a ser seguido. Ele apenas se apresenta como mediador entre as necessidades das pessoas e a força milagrosa da divindade. Ele, em si, não conta, apenas seu discurso convincente. Pode ser claramente um impostor, como casos divulgados fartamente em reportagens na mídia brasileira, já que se esconde atrás do véu cinzento da credulidade das pessoas humildes. O desafio posto para a pessoa que quer integrar uma organização dessas é muito diferente do que é colocado àquela que busca uma IR. O nível de preparação e o conjunto de renúncias exigidas por esta não existe naquela. Apenas a habilidade em convencer (e, no limite, manipular) as pessoas. Nesse terreno, as IRs ainda não encontraram a fórmula adequada para obter adesões em quantidade suficiente para garantir a renovação de seus quadros consagrados. No entanto, deverão perseguir esse objetivo. É claro que não poderão utilizar o método que as religiões mercantis utilizam, porque, nesse caso, tornar-se-iam como elas, o que significaria sua própria destruição⁴².

A demanda social e os fatores da sociedade, que as gerações atuais percebem historicamente como ativismo dos membros, enfatizaram-se com o Concílio Vaticano II, após 1968, em que a vida religiosa ativa passou a vestir seus trajes civis para viver mais próxima das pessoas e os membros passaram a definir as suas atividades de colégios, hospitais, da inserção, nos

⁴² Contribuição do Historiador e Teólogo Professor Dr. Jaime Giolo, 2017.

trabalhos de casa (pois os membros tinham cargas horárias de 44 horas), e denominaram todo o fazer como missão, já que o sonho dos membros de serem missionários além-fronteiras, no caso das IFMMA, distanciava-se, pelas necessidades de subsistência das obras. Foi um consolo para alguns membros e uma confusão do carisma para outros, no sentido do Ser, pois se missão é o fazer, o que seria o Ser? As gerações vindouras não se sentem atraídas pelo *fazer*, mas para *serem* missionárias, que até pode ser em alguma obra, mas há outro sentido na entrega. O diferencial perceptível é que muitos membros, por consequência das situações, desejaram ser missionárias e tiveram de aceitar um trabalho profissional para poder manter a IR e foram ou são também missionárias, umas reconhecidas outras não. Atualmente, as poucas que desejam, querem, primeiro, *ser* missionárias da IR e aceitam, talvez, um trabalho reconhecido, ou não, para contribuir financeiramente com a fraternidade.

É preciso considerar que o problema da vida em comum das fraternidades, que é apresentado também como a possível solução da vida institucional ressignificada, pelos pesquisados, tem, em pauta, o que Hervieu-Léger (2005) traz: não é o conteúdo da crença que está em voga, mas a mutação de suas estruturas. Sabe-se o valor e o conteúdo crível da fraternidade como pilar fundamental franciscano para qualquer instituição que deseja sobreviver, mas o que está em diálogo é a fragmentação das estruturas viscerais. A transmissão de atitudes corrosivas viscerais (indiferença, falta de perdão, fuga ao telemóvel, fofocas, controles virtuais, descarte de pessoas, desigualdade no tratamento, chamar atenção pelo ego) deixa a IR incapaz de pensar condutas futuras, bloqueia objetivos, não percebe dons pessoais e institucionais e deixa a instituição com amnésia em relação ao presente. É comum, nas fraternidades, traços relevantes de secularismo nos membros, perda de foco, descredibilidade dos membros e mutilação do corpo institucional por prevalecer o egocentrismo. Considera-se que recuperar a transmissão da memória com seu conteúdo da crença na vida fraterna é o passo para o alinhamento da mutação das estruturas que estão em desintegração.

Em tempos em que a sociedade tende à massificação, as IRs com fundamentos franciscanos possuem inspirações não mercantilistas, que podem ser diferenciais de prenúncio, como diz Ordine (2013), considerar instituições inúteis, não violentas, de paz e de bem, sem provocar na interioridade uma guerra, já são diferenciais proféticos para “os ninhos de vespas”, conforme Bauman (2000), da atual modernidade rancorosa e armada em tudo. Essa essência equilibrada tem harmonia e projeto universal embasados nas palavras de Francisco de Assis, fundador dos franciscanos:

O mesmo [Frei Bernardo] contou na mesma ocasião que, um dia, o bem-aventurado Francisco, em Santa Maria, chamou Frei Leão e disse: “Frei Leão, escreve”. Este respondeu: “Já estou pronto”. “Escreve - disse - o que é a verdadeira alegria. Vem um mensageiro e diz que todos os mestres de Paris entraram na Ordem: escreve que isto não é a verdadeira alegria.

Igualmente, que [entraram na Ordem] todos os prelados ultramontanos, arcebispos e bispos, o rei da França e o rei da Inglaterra: escreve que isto não é a verdadeira alegria. Do mesmo modo, que os meus irmãos foram para o meio dos infiéis e os converteram todos à fé; e, além disso, que eu tenho tanta graça de Deus que curo os enfermos e faço muitos milagres: digo-te que em tudo isto não está a verdadeira alegria. Mas o que é a verdadeira alegria? Volto de Perúgia e chego aqui na calada da noite, e é tempo de inverno, cheio de lama e tão frio que gotas de água se congelam nas extremidades da túnica e [me] batem sempre nas pernas, e o sangue jorra de tais feridas. E totalmente na lama, no frio e no gelo, chego à porta e, depois de eu ter batido e chamado por muito tempo, vem um irmão e pergunta: Quem és? Eu respondo: Frei Francisco. E ele diz: Vai-te embora! Não é hora decente de ficar andando; não entrarás. E, como insisto, de novo ele responde: Vai-te embora! Tu és simples e idiota. De maneira alguma serás acolhido junto a nós; somos tantos e tais que não precisamos de ti. E eu novamente me coloco de pé diante da porta e digo: Por amor de Deus, acolhei-me por esta noite. E ele responde: Não o farei. Vai ao lugar dos Crucíferos e pede lá. Digo-te que, se eu tiver paciência e não ficar perturbado, nisto está a verdadeira alegria e a verdadeira virtude e a salvação da alma”. (Teixeira, 2004, p. 194).

Enquanto membro de uma IR franciscana, se suportar com paciência, não ficar perturbado, encontrará a paz. Francisco, possivelmente, encontrou a harmonia porque era pobre. Eis o desafio perturbador das IRs, de encontrarem a perfeita alegria, a verdadeira virtude, o sentido em tempos conturbados. A pobreza da exterioridade e na interioridade permitem a pacificação e o profetismo sem rancores. Esse relato também pode fazer refletir que a busca pela virtude pode ser dolorosa e não reconhecida pelos próximos, dentro da mesma instituição. Se isso for harmonizado com tranquilidade, o caminho está correto. A verdadeira alegria traz dores suportáveis, com a maturidade pacífica (não passiva) e a certeza do sentido e da evolução enquanto instituição pessoa, fraternidade e Igreja. Do contrário, o convite da imperfeição da alegria provoca tristeza evangélica e, como também afirma Francisco de Assis, a perturbação fraterna que não provém da pobreza e sim dos conflitos económicos do poder, do “deus dinheiro é o esterco do diabo.” (Fontes Franciscanas, 2008, Cap 2, p. 62).

O espírito reformista em instituições, dos fundadores Francisco de Assis (1200) e Maria Bernarda Butler (1800), de almas idênticas, era movido pelo silêncio inquieto e orante. O que surpreendia eram as atitudes de enfrentamento corajosas às autoridades eclesiais e estatais, de forma precisa, em razão do seu exemplo de vida ter antecipado a mudança que desejavam conquistar. Francisco de Assis não pôde controlar o número de seguidores que o procuravam para segui-lo. A ordem espalhou-se de forma que, até então, não há conhecimento de quantificação. Registros afirmam que ele mesmo teria ficado muito triste, pela tamanha amplitude poder ter desviado a fonte originária. Maria Bernarda afirmou aos membros que

sempre seria uma pequena instituição de seguidores. Talvez aos créditos que teria lido em Francisco. O que se pode dizer desse predito é que a IR, por certo, em dom, não pertenceria nem a Francisco, nem a Bernarda, nem sequer ao controle da qualidade e da quantificação. Se fosse dessa forma, o que pensariam estes ao sentido dado e extensivo que as proporções dessa herança teriam tomado atualmente?

Ainda no extensivo pensamento de regulamento e modo de pensar regras, membros podem sentir-se questionados e partirem para um discernimento, como foi o tempo proposto em 1962 a 1965, pelo Concílio Vaticano II. Outros membros, como citam documentos, optaram em grandes proporções por desligamentos das IRs, por perceberem que esse seria o fim. Ou, ainda, encontrarem outras maneiras de compreender a consagração. Quando há um movimento de mudança com fatores externos e internos, pode haver membros que se encontrem em *gaiolas mentais*, membros com boas inspirações e que tendem a sair da IR com outros propósitos, novos ideais de vida, formando novos estilos de vida religiosa e missão. É relativamente comum e importante nesse tempo considerar as experiências de retrato temporário, com experiências de missão prática e objetiva, com fascínio e envolvimento emotivo e includente, com seguidores de muitas partes do mundo, com encorajamento para fronteiras de risco, com alto preparo profissional, com diversidade de idiomas, pluricultural e inter-racial, experiências mistas e plurirreligiosas, experiências itinerantes e nômades, com experiências de diversidade na unidade. Esses estilos tendem a estar dissociados da rigidez das regras institucionais e podem ter a fragmentação do definitivo, mas possuem a firmeza da resposta ao contexto. Enquanto as IRs tradicionais podem ter a firmeza e a segurança temporal e, no entanto, não conseguir responder com firmeza ao contexto atual.

Com referência à realidade do contexto atual, aos passos de pequenas e significativas mudanças, dependendo do prisma pelo qual são observadas, podem ser refletidas na perspectiva da mudança de um tempo. É possível especificar esse processo como uma mudança de sensibilidade dos homens e mulheres deste tempo, que tem a ver com seus valores e que define sua mentalidade. Este passo é dado em três níveis: intimamente relacionados entre si, em uma direção vertical e em uma direção horizontal. É um deslocamento da sensibilidade do passado em favor da sensibilidade para o futuro; da sensibilidade da ortodoxia (única verdade) em favor da sensibilidade à ortopraxia (voltada ao corpo voltado à prática!); e, mais intensamente, da sensibilidade pela verdade em favor da sensibilidade para o significado: hoje as coisas tendem a não valer mais pelo que custam, mas pelo que significam.

Esse deslocamento, de proporções insuspeitadas, coloca em jogo valores de fundo que, se não combinados, refletem diretamente nas IRs. A sensibilidade ao passado, o valor da fidelidade para com o futuro, o valor da novidade, por trás da sensibilidade pela ortodoxia está em jogo o valor da contemplação; enquanto que, por trás da sensibilidade para a ortopraxia está em voga o valor da ação. Por trás da sensibilidade pela verdade está em reflexão o valor da

objetividade, enquanto que, por trás da sensibilidade pelo significado pode estar em jogo o valor da subjetividade.

Essa abordagem da humanidade depende ou produz, conforme o caso, determinado contexto existencial que, gradualmente, transforma-se em *modus vivendi* de indivíduos e sociedades. Há contextos de periferias do ser que promovem circunstâncias aparentes de satisfação afetiva e de dependência em relações de poder. Há uma tendência de a humanidade ter diminuído a capacidade de surpreender-se e de acostumar com fatores da realidade, de comover-se diante do sofrimento alheio, tudo é percebido como normal. Uma das consequências mais imediatas desses fenômenos é a tendência quase incontrolável de esquecer, que acompanha a redução da capacidade de percepção; cada vez há mais pacientes com Alzheimer, entendidos como falta de memória, em vez de indivíduos, de sociedades. O teocentrismo social tem sido consideravelmente substituído pelo antropocentrismo das sociedades. Há uma notável mudança de conceitos, como de autoridade divina para a autonomia humana e conceitos teologicamente evangélicos para caridade, outros apenas para ética e justiça. Pode-se notar, nesse sentido, uma perda do espaço de Deus, que se traduz em um mundo secularizado ou secularista e, portanto, se não ateu, pelo menos ateizante. Ou mais livre, mais consciente.

A realidade social tende a estar marcada por manifestações de profundas mudanças. A possibilidade quase ilimitada de análise e conhecimento permite à ciência aprofundar-se no mais íntimo segredo das células e no mais recôndito e distante do universo. A crescente manipulação da genética, até recentemente era impensável. As descobertas da Psicologia, que estão modificando conceitos tradicionais sobre comportamento e responsabilidade humanas. Automação e internacionalização no processo de produção e comercialização que estão modificando as relações de trabalho e provocando uma nova organização do sistema econômico e social. A ameaça de destruição total (atômica e ecológica) que está gerando uma nova consciência da defesa da vida. Os acontecimentos imprevisíveis que em poucas semanas derrubaram regimes aparentemente sólidos na Europa Oriental, o que quebra as previsões atuais do futuro. As ondas de ódio e rejeição de grupos e segmentos sociais, em nome de privilégios de classes e grupos cada vez mais radicais e extremistas. O despertar de culturas antigas (na América Latina dos indígenas e negros) e das nacionalidades que questionam as formas atuais de cultura e organização. A crescente organização dos pobres do terceiro mundo que modificam as relações entre os povos. O despertar do valor das mulheres (direitos, dignidade, igualdade) como nunca antes havia sido visto na história humana, o que pressagia mudanças inimagináveis na configuração das sociedades. As tradições religiosas antigas, com vigor missionário que parece superar o do cristianismo. O crescimento do fundamentalismo, em determinados grupos, em quase todas as religiões, que se torna o terreno fértil de forças irracionais ameaçadoras. A mídia que transforma o mundo em uma aldeia e condiciona, incontrolavelmente, o comportamento humano e o pensamento, direcionando-o às vezes para interesses econômicos, políticos e ideológicos de certos grupos.

Outro foco de análise sobre a realidade do mundo, que está diretamente conectado com as IRs, trata da organização interna das comunidades e organismos eclesiais e, portanto, com a realização de seus membros, é a mudança nos conceitos de comunidade e liderança, exercício de autoridade e participação na gestão. A renovação a esse respeito tem sido quase vertiginosa nos últimos 40 anos.

Em geral, existem quatro modelos que definem a organização normalmente: o do triângulo, o do pentágono, o circular e o do átomo. No primeiro caso, os limites da organização estão claramente definidos, enquanto no segundo eles se tornam incrivelmente incertos, no terceiro e quarto são ambos claros e flexíveis. No contexto, depende do corpo que lhe é atribuído, relacionamento interno e externo, com outros que são equacionados ou reivindicam os mesmos objetivos.

Os valores que determinam a vida do grupo, o exercício da liderança que é dado e o nível de crescimento que reflete, também expressam o modelo a que pertencem. Mais especificamente, no triângulo, afirmam-se os valores que dão segurança e garantem dependência, onde o líder exerce um papel diretivo, justamente porque o nível de crescimento do grupo é igual ao da infância. No modelo do pentágono o valor da independência é absolutizado e é por isso que a liderança é anárquica e o nível de crescimento corresponde ao da adolescência. No modelo circular são afirmados valores que asseguram a interdependência dos membros do grupo, o líder exerce seu papel fundamentalmente por meio do diálogo; tudo isso reflete ou produz um nível de crescimento que corresponde ao da idade adulta. No modelo dos valores do átomo tenta-se afirmar a inter-relação do grupo que o identifica com outras entidades comunitárias; diríamos que aí a liderança é exercida de forma integrada e o nível de crescimento corresponde à maturidade.

Nota-se um panorama preocupante na sociedade cristã, a Igreja sente-se ao mesmo tempo vitalmente enfraquecida. De acordo com o estudo, bem como afirmações das autoridades eclesiais em documentos, como Aparecida (2005), reconhece-se que estão afetados seriamente fenômenos, como: o clericalismo, o tradicionalismo, a involução, o secularismo, a falta de autocrítica, moralismo, a fraqueza de sua opção pelos pobres, o sacramentalismo e uma espiritualidade individualista. É fácil concluir que esses fatores têm a ver com os ministros da Igreja, chamados a formar através do carisma, a responsabilidade de viver e perceber: “O pluralismo cultural e religioso da sociedade de hoje com suas fortes repercussões na Igreja. Considerar outras fontes de significado que competem com a Igreja, relativizando e enfraquecendo seu impacto social e sua ação pastoral.” (Aparecida, 2005, p. 74). A identificação institucional da Igreja, por mais precisa que seja, necessita para sua sobrevivência do mundo onde está inserida, pois muitos paradigmas socioculturais determinam o comportamento de seus membros, mesmo quando são postos em questionamento.

Diante da realidade em mutação, que o Papa Francisco chama de reviravolta histórica, as comunidades religiosas não permaneceram intocáveis. As organizações aderiam à proposta da reestruturação consciente e responsável de suas obras, de suas fraternidades e províncias, para a reconfiguração de suas instituições, tendo em vista a redefinição do processo de seus carismas êmicos. No fundo, é a adaptação a um mundo em mudança sem perder a novidade do Evangelho, ou seja, mantendo o seu núcleo, de modo que o estilo de vida constitui-se em uma direção alternativa para o mundo contemporâneo.

Há, de fato, uma proposta para os clamores contemporâneos, de acordo com o estudo, onde conscientemente estão sombras e luzes: a desigualdade, mudança rápida, o individualismo, o secularismo, a autorreferencialidade, os escândalos de abuso de poder e modelo da Igreja do Cristianismo; consciência da dignidade da mulher e da antropologia dos pobres, a presença dos carismas congregacionais dos leigos, o pontificado do Papa Francisco, a fome e sede da Palavra de Deus, a dinâmica relacional da civilização de atual e o potencial das novas gerações.

A renovação e evangelização possuem uma perspectiva missionária com convicções: origem dos carismas, a novidade laical carismática congregacional, a mística e profecia da IR, a vida consagrada em saída e pobre, busca de ser uma IR que desperte o mundo, a antropologia dos pobres. São caminhos futuros de vida, verdade, liberdade dos membros e de gestão, que consideram a cultura do encontro e das relações pluriculturais, a experiência mística de Deus, o testemunho de pobreza, o cuidado da casa comum, o papel dos leigos, a saída missionária, diálogo como fundamental na gestão.

Ao analisar a influência dos contornos institucionais, para compreensão do que faz chegar a uma instituição necessitar de uma reestruturação, mediante o processo de atratividade e/ou permanência de pessoas nas IRs, foi possível constatar, em pesquisa realizada no mestrado (Cenci, 2015), com um recorte pesquisado a partir da percepção das juventudes (ingressos nos últimos 10 anos e egressos, desistentes nos últimos 10 anos das IRs), referente às instituições com seus contornos, configurações e fatores motivacionais, bem como os fatores que geraram insatisfações aos envolvidos, resultados que contribuem para a reflexão.

Ao ingressar em uma IR, muitas vezes os sistemas de normas, conjunto de regras e princípios regulatórios já se encontram instituídos. Os indivíduos sentem-se pressionados pelas orientações reguladoras e normativas do contexto e, ao discordarem do estabelecido, podem expressar desejos mais profundos, não permanecendo nos limites passivos do já estabelecido. Nesta medida, questionamentos tornam-se provocações e estranhamentos que apontam para uma atualização das estruturas hierárquicas das IRs no âmbito de uma gestão participativa e adequada aos novos contextos sociais. Essa capacidade de mudança depende do grau de institucionalização aliada à persistência da ação dos atores do processo.

O sistema de restrições e de punições aplicados nas IRs em desvios de padrão é visto de forma negativa e neutralizante pelos sujeitos pesquisados (egressos e juventudes). As pressões isomorfistas e coercitivas exigem um movimento de ajustamento dos membros. Há os que adotam competências e atitudes de aceitação, mas também há outros que reagem e não se ajustam, não se socializam, não se aculturam, nem adquirem os hábitos deste modelo institucional. Observou-se que a disciplina institucional, as capacidades treinadas, as propensões estruturadas para pensar, a exteriorização da interioridade por meio do estilo de vestimenta e de vocabulário padronizado, tendem a ser contornos com peso sentido na atratividade numérica de membros para as IRs em tempos atuais.

No que diz respeito à compreensão e ao contexto das IRs no Brasil, foi possível verificar que existe uma população de 35.651 membros, com 418 instituições predominantemente femininas. Enfrentam uma crise de adesão e têm desligamentos significativos de membros nos últimos 20 anos, sendo que somente a população feminina diminuiu 4.899 integrantes.

Quanto ao objetivo que visa aos motivos que atraem os membros para uma IR, os encantamentos iniciais manifestados por comportamentos, analisados a partir de contextos históricos e cenários individuais, indicam que estes compõem um roteiro institucional individual de manifestações profundas e desejos que dizem respeito às preferências fundamentais dos indivíduos e estas que tendem a ser clarificadas e aprofundadas com as experiências cotidianas. O sistema simbólico de crenças e de configurações humanas, os ritos e símbolos institucionais estão difundidos na diversidade de contextos e guiam as ações humanas e suas opções.

Ao analisar os fatores de atratividade, na ótica das instituições, em consonância com o relatado pelas juventudes, foi possível indicar uma tentativa de alinhamento das IRs com as preferências fundamentais dos indivíduos. Foi possível constatar que, ao captar uma motivação de um sujeito para uma IR, é necessário romper com o senso comum, com aquilo que as sociedades estão propensas a legitimar, e buscar compreender a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade dos desejos mais profundos da realização humana, com a atenção e escuta personalizada dos sujeitos, por meio de métodos multidisciplinares.

Analisou-se também que, quanto ao processo decisório dos indivíduos, há grande influência dos sistemas de crenças e valores da base familiar (socialização primária) e o significado que os membros encontram expresso no sagrado, nos rituais e símbolos na nova cultura que influenciam em suas escolhas. No entanto, constatou-se que para a atratividade existem instituições, modelos e princípios que precisam ser repensados, pois não há razão de existirem como meras repetições que já foram exitosas, pois necessitam hoje fazer sentido e ter um significado para o contexto atual.

Verificaram-se os fatores de insatisfação ser gerados a partir da vivência da institucionalização, uma vez que as IRs compartilham com seus membros e as sociedades valores, crenças e tecnologias. Os egressos relatam que foram desmotivados por discordarem do sistema de normas e regras, pela percepção de situações contraditórias entre os membros das IRs.

Na ótica institucional dos gestores, os fatores de insatisfação que proporcionaram desmotivação e desistência dos membros parecem ser aceitos, legitimados e habitualizados em seus sistemas internos. As instituições apresentaram alguns dados discrepantes do que relatam as juventudes e os egressos. Os aspectos relacionados ao que as instituições apresentam como resposta com maior relevância, referente ao discernimento de que a vida religiosa não seria opção de vida dos que optaram pela saída, foram dados refletidos pela revisão bibliográfica, que podem estar equivocados, tanto da parte institucional quanto dos membros desistentes. Talvez o comportamento atitudinal de alegar uma justificativa superficial para a saída seja a forma mais adequada de sair com a menor burocracia e o melhor relacionamento que evite conflitos. Isso sem analisar as necessidades contextuais desse membro indeciso, os sistemas normativos, os princípios regulatórios e disposições incorporadas que compõem o roteiro institucional dos seus desejos profundos que, mais clarificados, identifiquem de fato as preferências fundamentais. A visibilidade desses fatos são, posteriormente, membros que saíram aparentemente felizes e iniciam um processo de desencanto institucional pós-desligamento.

Há evidências coerentes com a insatisfação dos jovens relacionadas, ao que denominaram os entrevistados, de perda do foco das IRs, de aburguesamento institucional e de ativismo dos membros. Ao mercantilismo nas IRs também se atribui o desvio do foco (missão), visto numa espécie de buscas de resultados negociáveis, ou seja, mais estilo de produção do que estilo de vida. Outro fator trata do cálculo utilitarista, isto é, a maximização dos resultados, interesses e benefícios individuais, os quais têm interesse nas relações e distribuições do poder. Isso se refere ao uso do dinheiro e sua distribuição. O cálculo utilitário tende a esgotar ao máximo as utilidades e interesses pessoais para depois pensar nas relações coletivas. Isso também pode ser considerado, ao tratar do ativismo numa atitude inversa, se membros maximizarem benefícios particulares num ambiente onde prevalece o coletivo, a tendência é obter sobrecarga de trabalhos para alguns. O ideal do cálculo utilitário numa perspectiva distributiva igualitária seria a soma dos interesses individuais para a maximização dos resultados e benefícios coletivos. Constatou-se que no ativismo, como dinâmica comportamental dos indivíduos, pode estar presente a adesão dos indivíduos a determinadas ações pela identificação com experiências já realizadas e estar associado a uma perspectiva de assumir conscientemente o excesso de atividades, convicto de motivações contextuais.

A socialização dos indivíduos em uma IR, considerado ambiente de aculturação, por situações de medo, falta de afeto, insegurança do futuro e incompreensão, tendem a ser reflexos de

ambientes controladores e controlados com rotinas legitimadas e normativas. Por outro lado, existem iniciativas e programações que favorecem o desenvolvimento de processos relacionais favoráveis para guiar as ações humanas nas IRs. No processo de aculturação e socialização dos novos membros acontece o discernimento dos matizes dos processos históricos, trajetos e trajetórias de vida, fundamentais para uma opção de permanecer na IR. A capacidade de ação dos membros, diante do ideal proposto e do real vivenciado, pode estar envolvida por desejos nem sempre explícitos. Conhecer várias instituições, com suas identidades institucionais por meio dos arcabouços oferecidos (estágios, mídias, rituais...), pode facilitar nos processos decisórios.

Observou-se que, enquanto as pessoas na sociedade tendem a buscar informações de conhecimentos generalistas e serem especialistas em uma área para nesta atuarem, em muitas IRs há dificuldade de descentralizar atividades específicas para leigos, gerando a necessidade de conhecimentos abrangentes, centralização de poder, ausência de certos conhecimentos e desvio da missão essencial da instituição. Tais fatores podem afetar a permanência de membros nas IRs.

No que se refere à socialização dos indivíduos, verificou-se a necessidade de as IRs serem abertas no processo formativo, considerando as disposições incorporadas dos sujeitos, com equipes multidisciplinares que atuem de modo cooperativo nas deficiências de habilidades formativas perceptíveis pelos formadores. Notou-se que existe uma tendência dos formadores para o encaminhamento ao tratamento psicológico e uma reação de efeito para este encaminhamento, em casos de dúvidas e crises em relação às preferências fundamentais das motivações de permanência em uma IR. Outras áreas do conhecimento podem favorecer e acessar este campo do ser humano diretamente, inclusive, a Psicologia, dependendo da abordagem.

Considera-se que há tensões latentes entre as IRs e os indivíduos. Conclui-se também que os principais contornos, que atraem para o ingresso nas IRs, estão relacionados às relações humanas, experiências diferenciadas (desafios) e aspectos ligados ao formalismo. Quanto aos contornos que fazem os membros permanecerem nas IRs, estão aqueles centrados na missão institucional, em atividades e modo de vida que façam sentido na sociedade atual, numa espiritualidade viva, num método formativo dinâmico e numa convivência saudável entre os membros das IRs. Quanto aos contornos institucionais que desmotivam os membros, conforme os sujeitos pesquisados, estão: a imposição de regras, a falta de confiança, o desvio do foco das IRs e a falta de participação nos processos decisórios.

O contexto desafiante para o carisma da IR faz perceber, diante da pesquisa desta tese, que os tempos contemporâneos são apaixonantes e difíceis numa dinâmica de gestão de mudanças, para manter a fidelidade originária. Percebe-se que uma das maiores inquietudes é a idolatria ao dinheiro, a divinização do mercado, que estão fazendo com que os pobres não

estejam na periferia nem em uma classe inferior, mas sim excluídos da sociedade. Essa consideração impacta a opção da vida religiosa missionária, faz rever a opção pelos pobres, o reposicionamento geográfico da missão e o estilo de vida sóbrio dos membros que fazem voto de pobreza.

Nota-se que as mudanças rápidas das tecnologias provocaram profundas transformações nos estilos de vida das gerações, das culturas, das religiões; e as alternativas múltiplas propõem a diversidade e o pluralismo como melhor proposta de sentido. Esse giro histórico está agora refletindo na crise de atração para instituições que antes garantiam seus membros, como propostas universais legitimadas. Esse fenômeno tem contribuído para um efeito positivo na revisão da vitalidade adormecida e garantida de instituições milenares. As novas gerações das IRs estão com novo olhar sobre fronteiras geográficas e existenciais, que desafiam o profetismo da vocação, da missão e do carisma, em uma cultura virtual, com consciência intergeracional, interrelacional, intercultural e intercongregacional, provocando desacomodação.

A influência do individualismo e o relativismo da sociedade atual estão dificultando projetos de vida comum. A autonomia que empodera os membros, ao invés de ser mediada pelo acordo dialogado, em muitas situações tem-se tornado competitiva e tem freado a aprendizagem formativa dos iniciantes ou da fraternidade, tornando-se um autonomismo. A força dos membros para primeiramente satisfazer os seus interesses é superior ao comunitário, o que dificulta o alinhamento de projeto de vida individual personalizado com fraterno. O secularismo, a mundaneidade espiritual, uma espiritualidade sem Deus, ou sem fé, que estão nos interiores das igrejas e das IRs, têm provocado desencanto vocacional e descredibilidade. Regras habitualizadas, ritos costumeiros, posturas e expressões, sinalizam a vivência de uma espiritualidade com fé ou secularizada.

Enquanto membros, fraternidades e IR, um dos riscos é a autorreferencialidade. Esta abarca o conformismo, a acomodação, o aburguesamento, a autossuficiência, o ativismo, os quais debilitam e desumanizam as relações fraternas. Ofuscam a proposta alternativa de sentido como IR e bloqueiam a projeção missionária. Os escândalos de todo tipo de abuso de poder de alguns religiosos e sacerdotes, até mesmo fundadores de IRs, são fatores religiosos que colocam a credibilidade institucional em jogo, inclusive, a opção de vida de membros. O macroinstitucional reflete diretamente na IR IFMMA.

Observa-se que a reprodução do sistema piramidal do modelo de Igreja da cristandade é atual e, infelizmente, não recuaram a propostas reformistas das Assembleias do Concílio Vaticano II (1962-1965) e Medellín (1968). Continuam a produzir autoritarismos desumanizantes, exclusivistas e machistas em suas formas de conduzir os sistemas de animação e formação eclesiais, canônico e em relação às instituições religiosas femininas. Por outro lado, há

consciência da dignidade da mulher, da progressiva reflexão da antropologia da pessoa do pobre, da sensibilidade e o cuidado com o planeta.

A presença de leigos, com seu compromisso e testemunho junto ao carisma da IR, em sua condição batismal, compartilhando seus ideais e sua missão de maneira qualitativa e quantitativa, de forma expansiva, está sendo um sinal visível para a família institucional. Desde sua condição laical, constituem progressivamente a antecipação da IR do futuro ou o futuro da IR, com um olhar renovado, evangelizador e missionário. É uma ótica diferenciada de narrar a Teologia e interpretar a história. Uma cultura nova pode estar sendo gestada profeticamente, sendo despertada a partir da espiritualidade da comunhão, da inclusão do laicato, do encontro do carisma como dom de irmãos e não como hierarquia.

A prioridade da pessoa humana em fraternidade necessita ser considerada: é um membro que cansa, que vive alegrias, que tem sentimentos, que precisa ser escutado e acolhido, como parte da espiritualidade e missão da IR. Propõe-se que os membros da fraternidade bebam da fonte de seus vínculos fraternos internos e sejam fortalecidos com o entorno. Não beber do entorno é encontrar a secura internamente. São os pequenos detalhes que podem dar significado ao cotidiano, à mudança de vida e ao sentido da conversão pessoal, bem como ao cultivo interior para cada pessoa.

Faz sentido todo o processo de sair de si institucional, de movimentar-se, de entrar em longa crise, de perceber os reflexos da sociedade, da religião, da cultura epocal, de adentrar em conflito com os membros se o objetivo for de uma (ao menos intrínseca) superação. Essa superação está para a IR uma busca, uma saída missionária para ir aos mais distantes e aproximar-se novamente dos mais esquecidos. Para tal, cada membro terá que fazer redimensionamentos de suas vidas e presenças geográficas. Isso gera revisão de estruturas físicas, conflitos e alegrias pela percepção de sentidos novos, ressignificados. Um movimento discipular, com a substituição dos paradigmas da organização de províncias pela força de projetos em comum, ou redes.

A unidade almejada ganha força no curto prazo por tratar de um trabalho em rede, de somente uma IR. Não são redutos institucionais, que pensam por si. São projetos maiores unificados que vão fortalecendo a entidade, como a saúde com metas em comum, a educação revigorada, o social, a evangelização missionária e estes projetos somam os membros afins dentro da mesma IR. Com o fortalecimento da ressignificação dos projetos, pode ser ampliado para as IRs que possuem o mesmo carisma institucional (Maria Hilf, Maria Imaculada e Espiritualles W.) com pequenas experiências afins, como as práticas formativas, a educação e progressivamente a unidade institucional. São vantagens do ponto de vista institucional, para o enriquecimento do carisma, como também para um futuro agrupamento.

Em tempos tradicionais históricos da vida religiosa, os membros partiam para os conventos de clausura, numa espécie de *fuga mundi*, todo um movimento de segurança e de controvérsias históricas quanto a isto. Porém, aqui se trata de que os conventos conservadores ou comunidades de vida, conforme dados em Cenci e Phillipim (2017), têm aumentado significativamente seus números de ingressos nos últimos anos. Seria um novo movimento de *fuga mundi*? Há de se considerar que os fatores sociais de espetacularização, reconhecimento e externalização são fatores que, por um lado, atraem e, por outro, afastam, permitem a fuga. Haveria uma nova onda de distanciamento do mundo, neste século? Haveria uma busca do espiritual mais intimista e negação do social, negação de um compromisso evangélico que vai às causas mais profundas das mazelas sociais, denunciando e lutando por transformação, negação dos conflitos? Busca-se a segurança de um “espaço puro”, a meditação, os fatores religiosos, em razão da facilidade do ingresso, permitido pela crise de membros a esta população em todos os espaços, ocultando identidades altruístas e sociáveis com a realidade e seus enfrentamentos calamitosos?

Num âmbito mais interno, a pesquisa constata que o ramo masculino em formação na instituição IR IFMMA, no momento com o desejo de formar sacerdotes, poderia ter a consideração da abertura para a consagração de religiosos missionários, não sacerdotes, se o desejarem os membros. Esse grupo iniciante poderia ir aos espaços desafiadores em missões nas quais a IR não tem coragem de arriscar, como a Índia, Haiti e locais da África, em que há florescimento vocacional. Esse poderia ser um projeto piloto da IR IFMMA, em termos ressignificantes, assumido integralmente pelas religiosas. Em outra dimensão, os leigos seguidores do carisma deveriam ter sua autonomia coordenativa, mas eles poderiam ter um projeto de missão continuada e, anualmente, assumir as missões além-fronteiras da IR IFMMA. Os membros da vida religiosa vão acolhendo a ressignificação, na prática, com essa finalidade. Nesse sentido, o fundo missionário congregacional entre leigos, ordem masculina e voluntários sociais, atuaria com diretrizes objetivas para a manutenção total dos custos e da evolução integrada do carisma com sentido do corpo congregacional.

A respeito dos planos formativos, em sua elaboração, as pesquisadas das equipes de formação sugerem que devem contar com a participação dos leigos seguidores do carisma que estão mais apropriados ao acompanhamento da instituição - imprescindível a presença da ordem masculina - profissionais psicólogos que atuam no acompanhamento psicológico terapêutico dos membros, integrando, assim, a equipe ampliada para contribuir em objetivos mais evolutivos, com sentidos abrangentes e, de acordo com a nossa pesquisa, menos idealizados, principalmente, para a formação permanente, principal público das instituições. No atual momento, gasta-se tempo com a formação inicial, sendo que 80% do público é permanente e acima de 60 anos. A inversão do acompanhamento pessoal, espiritual, fraterno, relacional deverá ser centrado no acompanhamento permanente; parece ter sentido para a (re)formação desse público-alvo, que foi o que alega ter tido menores possibilidades.

Outra consideração desafiante é a vivência em comum em meio à sociedade envolvente, diante das respostas da coleta de dados, de como ser crível novamente enquanto IR. Nota-se que, pelas teorias dos contextos modernos, não há grandes movimentos que farão notar a presença de pessoas com credibilidade. O exercício de percepção da periferia do entorno, o mundo vital, seria uma maneira de aproximação, de combinar com os membros de desligar os telemóveis e ser totalmente presenciais enquanto há pessoas nas redondezas. O fortalecimento de vínculos presenciais poderia ser orante, crível, virtuoso e fraterno. Do contrário, poderá ser um vínculo virtual, frágil, vicioso e social. Outra maneira é, talvez, propiciar tratamentos patológicos para os membros que estão viciados em horas de redes sociais. A conexão e o controle virtual são viciosos e causam dependências mais severas que a drogadição, já possuindo tratamentos clínicos.

Constata-se que as IRs necessitam de horários e organização estabelecida para folgas. Os membros da IR possuem altos níveis de estresse, principalmente, os jovens religiosos (Pastore, 2017), e essa consideração não se deve ao fato de que os jovens da atualidade são mais vulneráveis. Em grande parte, os membros de 40 anos passados possuíam uma vida de segunda a sexta no trabalho com horário contratado, raros com pastorais ou contratos em paróquias, além das direções de colégios, e os sábados e domingos eram para seus recreios e organizações de aulas. As comunidades religiosas eram de 08 a 20 membros. Faltavam atividades para todos. Atualmente, os do que respeitavelmente foram citados, estão muito bem subsidiados por acúmulo previdenciário (já não possível, em alguns países). Os que de média e jovem gerações, os que trabalham administram obras, uns voluntariamente, por leis de países, outros que trabalham 40 horas e outros trabalham em cargos administrativos da IR, de segunda a sexta. Os membros são praticamente todos estudantes, para poder dar continuidade às obras e à formação da vida religiosa. Nos finais de semana, praticamente todos possuem uma atividade pastoral missionária em uma paróquia. É preciso dar conta da secretaria da fraternidade, do histórico, chamado crônica diária, e da contabilidade da casa, pois os membros mais idosos não manejam o computador. Isso quando não precisam coordenar as atividades da semana, alguns estudos, retiros da finalidade fraterna. São esses os motivos, revelados implicitamente, que fragmentam as relações. E retornando, qual é o dia do descanso? Os membros são pessoas que necessitam de descanso. A saúde mental necessita do amparo, do afeto. Faz repensar que a fraternidade que não organiza um dia de tempo para si, o tempo violentamente a consome e a deixa sem sentido e fragmentada.

Num toque gracioso e ousado, nas questões referentes à propriedade, as pesquisadas remeteram um sentido franciscano, não querem mais adquirir propriedades. Constata-se prudente e justo, tanto para o sentido futuro, pode ser um diferencial nobre, quanto pode ser uma referência de que a IR pode, em breve, ter de tomar atitudes em virtude de dificuldades financeiras. Outro ponto são fatos históricos do passado, onde capitais foram simplesmente doados por membros da instituição, sem autorização, e hoje fazem falta ao corpo financeiro.

A precaução sempre pode andar de mãos dadas com propósitos firmemente objetivados em assembleia.

Outro ponto de constatação trazido na narrativa reflexiva e na pesquisa, considerado aqui, é o que Paredes (2018) traz, quando, em sua percepção, não se está vivendo um tempo de *secura vocacional*. Pode ser que algumas pessoas consagradas estejam mais secas que outras, isso sim, em termos de vitalidade e expressão. Mas, considera-se a graça de percepção de que as vocações estão melhores distribuídas na Igreja em suas múltiplas formas de vida e isso é bênção. O Espírito, o Senhor da Messe, talvez tenha ouvido com lucidez as orações dos tantos pedidos, “mandai vocações para a messe” (Mt 9, 35-38), enviou e envia onde faz sentido!

Ao participar no Evento Capitular⁴³ (assembleia) de forma imersiva, foi possível considerar elementos do processo de análise da IR de modo objetivo e subjetivo, com maior clareza. O evento teve abertura para ideias de todas as delegadas, considerações e análises antropológicas, sociológicas, bíblicas, contextuais históricas e teológicas e com visão de futuro da instituição. As delegadas foram propositivas em inovar em termos de estrutura e romperam a forma tradicional de eleição dos membros, compondo um estilo por perfil e diálogo entre os membros. Trabalharam uma estrutura de abertura entre as decisões de implementação, considerando a cultura, língua de países, situações jurídicas e processos por dimensões que unificassem progressivamente a instituição. Uma remodelação estrutural passou a ser de seis províncias por uma leveza de 03 regionais, que abarcam menor envolvimento administrativo de religiosas e maior disponibilidade para a finalidade missionária. O equilíbrio entre as regionais que possuem mais jovens e pessoas idosas ficou satisfeito. Cada regional, pertencente então somente à unidade congregacional, possui uma visão de abertura para uma visão potencial de futuro atrativo de novas vocações missionárias, pois está em pontos estratégicos e também convidada a pensar o envolvimento do carisma êmico com os leigos do carisma. Nota-se um movimento renovador e esperançoso, ainda que com passos a serem dados em médio e longo prazo para maior abertura.

Em termos de considerações gerais, diante do estudo realizado, nota-se da IR pesquisada a busca incessante e dialética em conectar-se ao contexto moderno sem perder a identidade originária. Torna-se um processo tenso, pois se percebe que o ideal para tal seria a combinação dos projetos de vida dos membros com os projetos da IR. E, nesse sentido, o mais desafiante para que a IR mantenha a fidelidade originária, responda socialmente ao contexto moderno e faça a combinação de seu projeto coletivo com os projetos individuais (valorização da subjetividade, valores pessoais) dos membros. O fio condutor tende a perpassar com características humanas, dialógicas e com perspectivas de pequenas quantidades de membros

⁴³ Realizado em Cartagena/Colômbia, entre os dias 10 e 18 de dezembro de 2018. Denominado oficialmente pelo Direito Canônico, de Capítulo Extraordinário de Assuntos para a Reestruturação da IRFMMA, homologado por Roma, com 18 participantes delegadas eleitas por todas as religiosas da Instituição para representá-las nas decisões.

e alternativas de aberturas lentamente progressivas. É fundamental no contexto cultural no mundo de hoje, que se tenha uma relação democrática e fraterna. A flexibilização pode ser considerada para potencial criativo ao mesmo tempo que um alerta para o descompromisso e a desobediência como fatores de justificativa. A linguagem informatizada e o modo de ser virtual da contemporaneidade, relações de poder e os contornos institucionais, como ritos, comportamentos padronizados, simbólicos e imagéticos, necessitam significado. A IR é desafiada a responder em cada tempo e ciclo histórico de modo que ofereça um sentido diferenciado para suas vidas.

Em termos de avanços, a IR em si não necessitaria de uma reinvenção, mas um aprimoramento de seus conceitos, organização institucional e práticas pedagógicas, pois estes não são atemporais. De alguma maneira o estilo de vida das IRs propicia proteção (e nisso há que avançar em consciência) aos membros diante do cotidiano e suas intempéries, como o trabalho, moradia, assistência na velhice, saúde, educação, acomodando a vida dos religiosos. Por outro lado, há que se repensar a vida celibatária dos membros, como projeto atual e futuro. O celibato foi justificado, historicamente, pelo ideal da virgindade. Segundo a tradição dualista pré-moderna, o ideal de virgindade se conectava com o de pureza, por oposição às atividades sexuais tidas como impuras e pecaminosas. O sexo, pela impulsividade que carrega, já foi considerado o terreno das tentações e uma porta larga para muitas outras práticas, atitudes e pensamentos condenáveis. De outra parte, a santidade, a pureza e a castidade foram erigidas como elementos centrais da moral cristã e caminho para a salvação das almas. Ocorre que, nas últimas décadas, houve mudanças enormes no modo de vida das pessoas e no entendimento de mundo. O celibato e a castidade são impensáveis (não impossíveis) para os jovens que respiram uma cultura de massas (televisão, internet e cultura musical) completamente erotizada. Ao decidir por uma vida futura, os jovens tendem a optar por aquela que permita usufruir do prazer carnal. Resta saber se isso é, realmente, mais forte e decisivo hoje em dia, comparativamente ao que teria sido décadas atrás.

Para renovar seus quadros de pessoas consagradas, as IRs necessitam compreender que a juventude em geral (não apenas a da periferia urbana, mas também a da classe média e demais agrupamentos humanos) se entusiasma com pessoas especiais. As IRs necessitam preparar seus membros com formação aprofundada para que tenham condições no contexto atual de serem modelos de vida e de trabalho. A força de impacto dos quadros consagrados é muito pequena. Se for para seguir modelos de vida medianos, os jovens têm outras opções, sem precisar das renúncias que são exigidas. Nesse ponto, o celibato e a castidade pesam contrariamente. Para que o jovem abra mão de uma *vida normal* de jovem, o que ele deve enxergar pela frente deve ser grandioso. No passado, era isso o que motivava os jovens a aderir uma IR.

Hoje, especialmente no mundo urbano, as pessoas se debatem com problemas de grande envergadura e que poderiam ser objeto de ação das IRs. As IRs poderiam ser mais ousadas nas

respostas sociais, desafiando os jovens para missões, como médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, fonoaudiólogos. Quadros de consagrados, sendo profissionais da saúde nas comunidades, sendo queridos e amados pelas pessoas, atuando nos espaços públicos, nos hospitais comunitários e, inclusive, mantendo uma rede de consultórios específicos. A assistência jurídica para as pessoas pobres é praticamente inexistente. Há presos apodrecendo nos cárceres, com pena cumprida há tempo, sem que ninguém se ocupe em movimentar os procedimentos burocráticos necessários para a sua soltura. As IRs, atualmente, poderiam ter a missão como resposta, trabalhando com advogados nas comunidades e com redes de escritórios próprios. E assim outros profissionais, engenheiros civis, arquitetos e engenheiros ambientais e sanitários poderiam atuar eficazmente com os poderes públicos para solucionar problemas de moradia e problemas ambientais em muitos lugares. São desafios do mundo atual, para a juventude contemporânea e com respostas de evangelização missionária para os tempos de hoje.

Outra direção reflexiva pode se dar referente aos cargos e funções ocupados na instituição religiosa. As Superiores possuem uma função no campo religioso (no sentido de Bourdieu, 1982) comparada à função do Sacerdote. Elas são eleitas como representantes da instituição para o exercício institucional em determinado período. Isto as diferencia enormemente do Profeta, que poderia ser comparado à Fundadora, Santa Maria Bernada Butler. Mesmo que algumas Superiores atualmente tenham a função de substituir a fundadora, não possuem o carisma dela. Carisma é um dom, um atributo que a pessoa recebe da divindade, é eminentemente pessoal. Não há pretensão ou compromisso institucional, não faz parte do templo. O dom de Bernarda nasceu antes das leis. O profeta é capaz de dizer o indizível. O carisma pessoal morre com o profeta. Aí, como transmitir a outro seu carisma? Como institucionalizar?

Ao institucionalizar o carisma, sai de cena o profeta e entra em cena o sacerdote. O sacerdote é a pessoa da rotina. Faz a transformação da mensagem e dos gestos proféticos numa doutrina religiosa. Vai traduzir a novidade da profecia numa doutrina religiosa.

O sacerdote não só mantém a rotina como distribui. Também reproduz e cria uma nova lógica. É aqui que, em muitos casos, a rotinização ou doutrinação perdem o foco da instituição, se aportarmos novamente para a IR. As Superiores necessitam manter os princípios regulatórios e a ordem da rotina para manter a instituição. O profeta é a pessoa do extraordinário, sacerdote da rotina e o mago é a pessoa do *freelancer*.

O mago não possui nem carisma, nem instituição. Ele não tem poder pessoal. Tem conhecimentos eficazes para pôr um ritual a seu serviço. É poderoso, não ele, mas o ritual que conhece. Usa o sagrado numa produção descontínua. O mago não vai resolver os problemas do mundo. Só os teus problemas, em tal momento. Resolve pontualmente o problema das pessoas, com ações determinadas. Usa o poder para curar (não, ou dificilmente,

para confirmar uma mensagem ou doutrina). Na IR, há membros que procuram omitir esse tipo de ritual, mas exercem de forma livre e sem o consentimento das autoridades, sendo que as pessoas atendidas depositam fé.

O campo religioso torna-se dentro da própria Igreja Católica e das IRs existentes um espaço de interesses para o poder de sobrevivência. Autoridades, representadas por sacerdote, profeta e mago produzem bens religiosos e se não tiverem seguidores ou crentes fiéis, as instituições, em pouco tempo, fecham por falta de pessoas. O atual processo produtivo religioso como resultado da convicção da mensagem religiosa tem sido a conquista de pessoas e a permanência destas para suas entidades. A rotina, doutrina, profecia ou magia tem sido inconvicta e ineficaz em sua linguagem para o contexto contemporâneo. A detenção da legitimação do sagrado autêntico, ou de uma IR autêntica, pode ser um dos fatores que já não condizem com a prática dos especialistas e necessita de uma ótica distinta para o dom do profeta, para, de fato, o carisma essencial não partir com a morte da fundadora.

A função social da religião e das IRs ocorre em vista de que os fiéis não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem. Isto enquanto expectativa da missão realizada por uma IR. Tendo em consideração o que afirma Bourdieu (1982 p. 48-51), em que as funções sociais desempenhadas pela religião e suas instituições, a favor de um grupo ou de uma classe, diferenciam-se necessariamente segundo a posição que este grupo ou classe ocupa. Há uma harmonia quase milagrosa entre a forma de que se revestem as práticas e as crenças religiosas em uma dada sociedade em um dado momento de tempo, e os interesses propriamente religiosos de sua clientela privilegiada nesse momento.

As práticas religiosas contribuem, assim, para a reprodução da ordem social. Bourdieu (1982) afirma que a religião tem um efeito de consagração, legitimação, em relação ao mundo natural e social. A religião está predisposta a assumir uma função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário. Possibilita a legitimação das propriedades de um estilo de vida e de relações sociais, que são arbitrarias, e estão associadas a uma classe ou grupo. As instituições religiosas nesse mesmo contexto contribuem com a ordem social, reproduzindo os efeitos e funções entre as classes dominantes ou dominadas de forma que justifiquem suas necessidades e reconhecimentos, prestígio social e apelando se, for o caso, para técnicas de manipulação simbólica. As alianças com políticos e com clientes maçônicos, feitas para a manutenção das obras religiosas particulares, é um exemplo que pode ser citado.

Já que uma prática ou ideologia religiosa somente pode exercer o efeito propriamente religioso de mobilização à medida que o interesse político que a determina e a sustenta permanece camuflado,

“a crença na eficácia simbólica das práticas e representações religiosas faz parte das condições da eficácia simbólica das práticas e das representações religiosas. Os especialistas religiosos devem forçosamente ocultar a si mesmos e aos outros que a razão de suas lutas são interesses políticos.”
(Bourdieu, 1982, p. 54).

Isto perde a força vital de uma instituição, suas características e seu dom. A estrutura das relações internas de uma instituição religiosa tende a reproduzir a estrutura das relações de força entre os grupos ou classes, embora sob a forma transfigurada e disfarçada.

O sentido produzido pela religião, a partir do quadro teórico, faz refletir que a IR IFMMA produz e reproduz um novo sentido para a religião no contexto contemporâneo. Em Weber, a religião produzia um sentido de legitimação, sobretudo, para pessoas mais privilegiadas. A sua posição social e riqueza seriam bênçãos de Deus. Já as pessoas mais pobres e sofridas viam na religião a busca pela compensação, buscavam o que a sociedade lhes negava. O efeito de compensação, pela ética religiosa, empresários protestantes se lançaram em busca do lucro e do acúmulo de riqueza para sentirem-se abençoados e predestinados à salvação. Weber compreendeu na religião três categorias de líderes religiosos, o mago, o sacerdote e o profeta.

A IR pode localizar-se em sua missão entre os menos favorecidos pela facilidade legitimadora de produzir entre estes o sentido de compensação. Os pobres buscam na IR e seus membros a assistência religiosa (quando não subsidiária) para suprir o social negado pelo governo, em muitas situações. Se o trabalho e a riqueza são princípios de bênçãos divinas, o contrário seria castigo. Nisso o sofrimento, a culpa, são os elementos inquestionáveis nas ações missionárias com essa população. E há que considerar o envolvimento emocional dos membros da IR com a demanda, a ponto de impossibilitar a formação de outras consciências e utilizarem-se dos pobres para reproduzir justificativas insustentáveis.

Para Durkheim, o estudo da religião possibilitou entender a solidariedade humana. Intui que em torno das mesmas crenças e do mesmo culto, aumenta nas pessoas a solidariedade e o poder. Percebeu que a força do símbolo religioso compartilhado une as pessoas. E essa força as pessoas atribuem ao divino e sobrenatural. Concluiu que a festa religiosa reforça a cosmovisão e reconstrói a identidade do grupo, e que é a religião quem diz o que é bem e o que é mal. É a representação que a sociedade faz dela mesma. Até os deuses são representação da sociedade. Quanto mais uma coisa é sagrada, maior função social

desempenha. O consenso na sociedade é sagrado. Durkheim percebeu que a religião é o centro da sociedade. A religião faz o homem.

O sentido produzido pela religião e pela IR corrobora a percepção de que a crença no sagrado e no profano, no que é o bem e o mal, está presente no cotidiano das gerações. Os membros da IR IFMMA foram rigorosamente formados diante de funções do sagrado e deveriam demonstrar isso socialmente: no seu modo de vestir, no andar em filas, no olhar sempre para frente, não podiam olhar para homens, o comportamento contrário desempenhava um ato profano, do mal. Era curado com as confissões (bem sagrado) e penitências. Esse reflexo foi sendo modificado em seu sentido, porém os membros continuaram os mesmos na convivência e sua ótica omissa, diante das gerações vindouras, passou a ser conflitiva. Esse comportamento não era próprio da pessoa que entrou no convento, foi a IR que o fez desse modo, obviamente também com todos os valores da solidariedade humana.

Para Marx (2005), a religião foi um meio para transmitir a ideologia, para mascarar as contradições sociais. Para ele, a religião é meio de alienação: o Homem deposita na religião suas próprias forças. A Religião é uma forma de a humanidade ver-se a si mesma, é a consciência que o Homem tem de si mesmo. Daí a sua famosa frase - é o Homem que faz a religião. A religião não faz o Homem. É uma projeção fantástica que o Homem (coletivo) faz de si, já que a sociedade o priva de realização. É o protesto contra a miséria real. O suspiro da criatura oprimida; o coração de um mundo sem coração; assim como é o espírito de uma situação sem espírito; é o ópio do povo. Somente eliminando as flores (religiosas) que enfeitam as correntes (opressões), o ser humano toma consciência da sua opressão e condições de luta política para transformar a realidade. O capitalismo fetichiza as coisas, endeusa as mercadorias.

A IR vive momentos onde sua crença (religião) vê a si mesma, seus membros necessitam ter a consciência de si. E talvez a IR não faz os membros, mas os membros são o sentido da IR. Pode ser a projeção do suspiro vital da IR que necessita ir além das flôres que enfeitam suas correntes. Os membros precisam ter a ciência do entorno capitalista e consumista que os consome diante do coletivo como opção. A missão onde a IR está pode ser um protesto da miséria real. O coração de um mundo sem coração.

A religião em Bourdieu é um trabalho humano produzido. A produção religiosa pode ser anônima/coletiva (autoconsumo), ou pode ser produção de especialistas (para atender à demanda dos leigos, e muitos vivem disso). A produção visa ao atendimento das demandas. Sem demanda nenhuma produção existiria, ficaria sem sentido. No campo religioso, na produção religiosa há tensões entre as diversas forças. Parte da produção é para competir com as forças concorrentes. A Religião pode realizar uma inversão simbólica. Uma alquimia ideológica (reveste o produto humano com caráter sagrado, conferindo à ordem social um caráter transcendente e inquestionável). A religião possui o sentido de eternizar a ordem hierárquica da sociedade (grupos, classes...). Há na religião o poder de consagração:

absolutiza o relativo e legitima o arbitrário. E retoma de Weber as três categorias de líderes religiosos: mago, profeta e sacerdote.

O trabalho religioso humanamente produzido pode ordenar a sociedade e possuir caráter transcendental e inquestionável. As IRs, mesmo que possam produzir tensões no campo religioso, entre diversas forças, o produto humano, revestido de sagrado, absolutiza o relativo e legitima o arbitrário. Esta ação de eternizar a ordem hierárquica da sociedade dá um poder para os membros e para as IRs, que as asseguram ao sagrado e da demanda e se chama: sentido.

As transformações institucionais no mundo contemporâneo frente às novas gerações pressionam a construção de um novo *habitus* religioso. A diversificação múltipla de projetos, somada a um campo de socialização híbrida de valores e referências identitárias dessa sociedade possibilitam a discussão de um novo sujeito social determinado e influenciado além das instâncias tradicionais: família, escola e religião. É possível identificar na ordem social contemporânea novas formas de interação que, de alguma maneira, fazem acontecer uma desinstitucionalização das agências e atores socializadores. Nessa nova conjuntura, o indivíduo é uma propensão para um novo *habitus*. Cada membro da IR está interagindo com a modernidade e pode aprender a ser um novo religioso nesse contexto. O *habitus*, num sistema flexível, de disposições, aberto, na originalidade da virtude, construção, constante mutação, adaptável, portanto, às conexões do mundo moderno. O *habitus* como memória do passado e mediação com o presente, trajetória histórica e expressão de uma identidade vital em construção.

Com esta ótica, é possível utilizar a noção de *habitus* segundo o conceito de reflexividade de Anthony Giddens (1984). Que considera a realidade das transformações da modernidade por três critérios: as novas redefinições das noções de tempo e espaço, os mecanismos de desencaixe e o fenômeno da reflexividade. O avanço tecnológico ditado pela internet globalizada, a mídia e a nanotecnologia são grandes mediadores dessa ordem social. Essa realidade pressiona instituições desencaixadas a aproximarem e reverem o seu cotidiano.

O caráter transitório das relações, dos papéis e das instituições sociais pode deixar espaço para uma liberdade de ação dos indivíduos. No entanto, ao mesmo tempo que confere maior margem de escolhas, maior flexibilidade nas relações, mais referências identitárias, acrescenta, simultaneamente, a insegurança, o risco e a responsabilidade. A IR com seu papel e relação na sociedade nesse conjunto poderia se perguntar, em que medida os seus membros estariam sendo atingidos por esses novos condicionamentos?

Busca-se aqui esfera do fenômeno da reflexividade como importante componente para se pensarem os destinos pessoais e das IRs. A variedade de instituições com competência e autoridade distintas, a circulação de modelos de conduta, a redefinição das funções das

instituições tradicionais caminham com a mudança de sentido das ações e ~~ações~~ individuais. A reflexividade moderna consiste no fato de que as práticas sociais são, frequentemente, examinadas à luz de informações renovadas sobre essas práticas, podendo alterar sempre seu caráter. O que é característico da modernidade não é uma adoção da novidade por si só, mas a suposição da reflexividade no cotidiano. Ela é introduzida na ~~base~~ da reprodução do sistema. Não se aprova uma ação ou prática, não se obedece a ~~uma~~ autoridade porque elas são tradicionais, mas pelo conhecimento de suas razoabilidades.

Segundo Giddens (1991), a diferença está em que, em numa situação de modernidade, a reflexividade faz parte intrínseca das ações, práticas e consciências. A reflexividade do moderno implica que as ações, escolhas e destinos sejam constantemente minados e reformulados à luz de novas informações, alterando assim continuamente seu caráter e sentido. Na modernidade, a revisão das convenções é radicalizada em todas as esferas e instâncias da vida social. O conhecimento, a competência, a autoridade das referências familiares, escolares e religiosas estão sempre sujeitos a revisões. Nesse sentido, a reestruturação institucional que os agentes socializadores tradicionais estão sofrendo impõe uma instabilidade e insegurança em relação às condutas, respostas e representações em relação aos conceitos tradicionais. Poderia ser afirmado que as novas gerações nas IRs estariam igualmente sujeitas às experiências de uma socialização tradicional e conservadora? Ou estariam aos poucos realizando uma experiência moderna de socialização?

É possível pensar o *habitus* religioso admitindo um indivíduo portador de uma experiência que o predispõe a construir sua própria identidade, a fazer suas próprias escolhas, sem obedecer cega e unicamente a uma memória incorporada e inconsciente. Ou seja, trata-se de uma experiência incorporada, mas também em construção contínua na forma de um *habitus* que habilita o indivíduo a construir-se processual e relacionalmente com base em lógicas práticas de ação, ora conscientes, ora inconscientes. Na falta de um eixo estruturador único e pela circularidade das referências, o indivíduo contemporâneo estaria construindo-se sem perder o rumo.

A mudança institucional e as transformações políticas, económicas e sociais das sociedades provocam consequências em diversos modelos institucionais (Rueschemeyer, 2009, p. 210), se considerada a definição minimalista de instituição, no sentido de produção de um conjunto de normas (Steinmo, 2008, p. 123), seja um quadro de normas formais ou informais, que regulam e estruturam comportamentos em determinada área (North, 1990, p. 3; Steinmo, 2008, p. 126; Rueschemeyer, 2009, p. 210). A partir dessa definição é possível analisar as origens, as mudanças, perenidade ou as consequências das instituições, em diferentes aspectos sociológicos, históricos ou cada uma com um quadro analítico e de procedimentos empíricos substancialmente diferenciados (Rueschemeyer, 2009, p. 205-207). Ainda assim, as referidas abordagens apresentam limitações na compreensão do processo de mudança institucional (Mahoney e Thelen, 2009, p. 4).

Ao analisar a mudança institucional, nos últimos anos, duas áreas fundamentais no âmbito da análise institucional foram desenvolvidas: o estudo dos mecanismos responsáveis pela mudança institucional, nesse caso fatos para uma reestruturação institucional e a avaliação do papel das ideias na evolução, ambas conciliáveis numa mesma investigação, podendo até as ideias potenciar uma melhor compreensão da evolução institucional (Steinmo, 2008, p. 129). No entanto, as ideias poderão ser mais ou menos implementadas em virtude dos interesses das elites (neste estudo compara-se a determinação do poder, no caso a legitimação dos poderes atribuídos às Superiores) que lideram a mudança das instituições (Lacey, 2014, p. 517). É importante considerar que a mudança institucional tem um papel crítico na (re)estruturação das relações de poder (Bruneau e Boraz, 2007, p. 4), embora apresente dificuldades várias, desde logo porque a produção de um novo quadro normativo pode promover outras mudanças institucionais paralelas, sendo necessário gerir expectativas e conceder um período de tempo para que os atores se adaptem a um novo enquadramento, assistindo-se, por vezes, a uma proteção da estabilidade e tendo a mudança institucional proveniência em fatores ou estímulos exógenos (Rothstein, 2011, p. 221).

Assim, a identificação de conjunturas críticas é fundamental para entender os avanços ou inovações institucionais que possam ter ocorrido (Krasner, 1984; Collier e Collier, 1991; Thelen, 1999; Moore, 2010), tornando-se num elemento indispensável aos modelos de mapeamento de processos (Pierson, 2000; Mahoney, 2000; Ritter, 2014). Contudo, a ênfase colocada nos momentos de conjuntura crítica pode, por vezes, ser excessiva, sendo muitas as continuidades existentes em supostas fases de ruptura e muitas as mudanças que sucedem em supostas fases de estabilidade das instituições (Thelen, 2003, p. 211). A importância das conjunturas críticas parece ser, dessa forma, mais relevante para o estudo das transformações institucionais, por oposição a um estudo que se centre na origem das instituições.

Equilibrar o grau de inovação, estabilidade institucional diante de fatores endógenos e exógenos, diante de uma conjuntura de crises, pode ser a alternativa mais coerente para o enquadramento dos agentes. O poder das elites nas IRs tem demonstrado que determina a ruptura ou continuidade no mapeamento de processos e isto implica diretamente em retrocessos, gestão de manutenção ou alavancagem para transformações.

As diferentes realidades atuais e situações que afetam as pessoas e, com elas, as sociedades e o mundo, afetam da mesma forma as instituições religiosas, tornando-se dificuldades com maior ou menor importância. Dessa forma, a Igreja, seja como comunidade de crentes, seja como instituição, também se vê apreensiva em sua missão de continuar a anunciar o Evangelho havendo falta de membros. Nisso, as provocações e instruções internas da comunidade católica convidam a ter uma nova ótica diante das IRs e sua missão a ser realizada, redescobrimo a sua qualidade e um novo significado. Por conseguinte, não basta somente a sensibilização para um novo olhar, há que sobressair em unidade um projeto com

mecanismos ativos de mudança. Já é o tempo de decisão dos que realmente desejam dispor do seu melhor para a IR.

As dificuldades com que hoje as IRs assumem, possuem múltiplas feições, sobretudo, se for levado em conta os diversos contextos culturais nos quais estas vivem. A diminuição dos membros em muitos Institutos e o seu envelhecimento, evidente em algumas partes do mundo, fazem surgir a pergunta se a vida consagrada seria ainda um testemunho visível, capaz de atrair os jovens. Se, como se afirma em certos lugares, o terceiro milênio será o tempo do protagonismo dos leigos, das associações e dos movimentos eclesiais, pode-se perguntar qual será o lugar reservado às formas tradicionais da vida consagrada?

Contudo, não se pode negar que as IRs, nas diferenciadas sociedades contemporâneas, passam por certas desconfianças e, de modo particular, são obrigadas a procurar novas formas de presença e a propor-se a não poucos interrogativos sobre o sentido da sua identidade futura. O tempo em que se vive impõe que se repense, em geral, a formação dos membros consagrados não por etapas formativas, sem limitar a períodos da vida. Importante será, então, que cada pessoa consagrada seja construída para a liberdade de aprender ao longo de toda a sua vida. Decisivos se fazem, portanto, a abertura ao outro e à alteridade e, de modo especial, a relação com o tempo. As pessoas em formação contínua reapropriam-se do tempo, não o sofrem, acolhem-no.

As situações modernas, ora incompreendidas, ora negligenciadas, podem ter respostas com explicações plausíveis em meio a tanta complexidade. Os desafios encontrados nessa realidade global, ao mesmo tempo que propõem alternativas de esperança para a otimização do potencial interior observado nas diferentes formas de IRs, com o objetivo de fazê-las cada vez mais próximas das exigências de renovação frente ao mundo desordenado pela exploração do ser humano e pela desvalorização da sua dignidade como pessoa, é possuidora do seu rosto desfigurado enquanto instituição. Os membros sem esperança, de alguma família desestruturada, sentem a dor do abandono, da margem.

Na realidade contemporânea há a possibilidade de revitalização do ideal impulsionador do sentido a partir da experiência realizada e o reencontro vocacional de cada membro. A revisão histórica da caminhada, seja pessoal, seja comunitária, é o elemento-chave para o cumprimento da missão. E este tempo, de reestruturação e ressignificação não é cronológico, é de impulso vital continuado.

Há desafios permanentes, que parece que nunca cessarão na história, por mais que assumam novas formas ou conjunturas cambiantes. Assim, a defesa e o cuidado dos pobres, a opção pela causa deles, a luta pela transformação da história, são desafios cotidianos para as IRs com suas curvas oscilantes. Há, porém, desafios com maior intensidade. Há horas históricas decisivas em que os desafios parecem afetar também áreas mais profundas, as dos

fundamentos, regiões que habitualmente parecem ser propriedade pacífica, alheias às turbulências da superfície. Ocorre, sobretudo, em momentos de mudanças históricas, quando o que reclama atenção não são os desafios permanentes, e sim a compreensão inteligente das dimensões fundamentais da existência, aquela base precisamente que permite assumir os desafios como urgentes.

Vive-se numa dessas horas históricas decisivas. No curso de uma mudança de época, já não são pequenas atualizações que se nos apresentam para serem incorporadas, como remendos, ao nosso velho vestido. Agora está ocorrendo uma mudança completa de vestimenta, de compreensão de todo o conjunto, de paradigma que se nos impõe. Não são já os desafios de sempre, variáveis, mas permanentes, e, no fim das contas, conhecidos; trata-se antes da urgência para sair rumo ao desconhecido, porque o terreno se tornou movediço e todo o edifício entra em questionamento, ou desmorona.

Além dos desafios da justiça, dos pobres, da profecia, da transformação da atual sociedade excludente (desafios de certa maneira conhecidos), o que entrou em cena agora é a metamorfose da religiosidade e da fé cristã. O solo das verdades conhecidas, das verdades eternas, põe-se a questionar. Quem estiver ao menos um pouco informado sobre o mundo teológico, terá percebido claramente o que já é um clamor na boca dos outros: a atual interpretação da fé cristã, tanto teoricamente quanto na prática institucional e pastoral, pede com urgência uma reformulação profunda. Impõe-se com urgência outra maneira de crer para superar esse terrível desencontro entre a religião e a cultura, que ameaça de maneira muito radical a credibilidade e até a própria compreensão da fé nos atuais dias (Queiruga, 2003).

O imaginário cristão comum e o imaginário teológico em circulação estão profundamente desatualizados e absolutamente inadequados diante das transformações existenciais e epistemológicas profundas que estão em curso. A imagem de Deus é insustentável, a imagem clássica que carrega dívidas de uma concepção obsoleta da realidade feita de dominação, de machismo, de juridicismo. A necessidade de conciliar as ancestrais narrações da história da salvação, como a criação do mundo, Adão e Eva, o pecado original, a expulsão do Paraíso, surgidas na tradição judaica, há mais de dois milênios, e até a significação de Jesus, esse camponês mediterrâneo rural que viveu há dois mil anos, com a nova imagem do mundo, do tempo e do cosmos, que pode ser concebida pela nova cosmologia e pela física moderna (Queiruga, 2003).

A crise da concepção da revelação como vinda verticalmente de cima e de fora, por ditado, alheia à história, suscetível de ser entendida literalmente, guardada em um depósito da fé e embrulhada em fórmulas irremovíveis fundamentalmente interpretadas. O desfalecimento utópico da sociedade desde a década de 1990. O fim do pensamento utópico messiânico. A

desconfiança no progresso e na modernidade. A despolitização cultural da sociedade. A passagem de uma militância política a outra humanitária.

A nova perspectiva do pluralismo religioso, que não é simples ecumenismo entre as religiões, mas uma aceitação sincera do descentramento de si mesmas e de seu autodestronamento, uma renúncia voluntária a um autoatribuído estatuto de absolutidade, a aceitação de um pluralismo religioso de direito divino, a renúncia à categoria (bíblica, inclusive) da eleição. A revisão profunda da cristologia, ou sua desdogmatização.

Estes e outros são desafios que, considerados de sempre e atualmente, exigem a compreensão com novos significados para enfrentá-los. Trata-se de alguns sentidos com um plano mais profundo. É urgente atentar para esse nível mais fundo, que até agora parecia estar calmo, sem necessitar de maior atenção. Os fundamentos eram permanentes, o solo era firme, e nem sequer se imaginava que poderia um dia deixar de sê-lo. Pois bem: essa situação de calma acabou. E este é talvez o principal sintoma de que efetivamente a mudança de época já teve lugar.

A época de esterilidade, principalmente na Europa, com 19% de queda contínua nos últimos 20 anos, segundo Anuário Católico (2016), não se diferencia da América Latina. Tem apresentado números ascendentes em países asiáticos, africanos, no Haiti e outros onde o índice de pobreza tem aumentado. Talvez os grandes questionamentos para as instituições religiosas sejam questões mais abrangentes, direcionadas à interpretação da fé diante dos fatores sociais pelos membros religiosos; a vivência desorientada profissionalmente de alguns membros por falta de fundamentos profundos e basilares do compromisso assumido; a confrontação com o sagrado em suas consciências humanas de acordo com a metamorfose social e o desencontro existencial nas vivências comunitárias.

Em tempos de sociedade onde modelos tradicionais de IRs dos séculos XIX e XVIII parecem se despedir, fazem-se necessárias novas intuições para a reconstrução de uma teologia e antropologia dos consagrados, sendo que os destinatários para a missão teológica e as pessoas que ingressarão já não são as mesmas. Considerar o fundamento humano por origem e com finalidade Reinocêntrica, mais que carismática, este deveria ser o maior capital simbólico das IRs.

Conclusões

Esta tese de doutoramento teve como objetivo identificar, compreender e analisar os fatores sociais e religiosos que influenciaram o processo de reestruturação e gestão de mudança da Instituição Religiosa Católica das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora (IR IFMMA). No percurso investigativo, foram utilizadas três categorias com descritores junto à pesquisa qualitativa, realizada empiricamente, aproximando a temática ao público-alvo, membros da IR IFMMA, para responder ao objetivo do estudo. As categorias que nortearam tanto as entrevistas quanto a síntese teórica foram: 1) a influência do contexto social e dos fatores religiosos; 2) a compreensão e reconhecimento social do carisma institucional; e 3) os desafios presentes e futuros para a IR na percepção dos entrevistados. Os objetivos da tese foram respondidos com plausibilidade.

Referentemente aos fatores sociais que influenciam a IR no processo de reestruturação, os entrevistados identificam a necessidade de mudança imposta pela evolução da sociedade e pela ideia da flexibilidade; ao mesmo tempo, manifestam insegurança frente aos novos processos, às crises de expressão institucional e ao não reconhecimento por parte da sociedade. Identificam, também, como fenômeno preocupante, a existência de membros imbuídos de individualismo e secularismo, sem viver no seu ser inteiro a opção pela vida religiosa. Mas as preocupações centrais revelam-se quando as referências são feitas em relação ao envelhecimento do quadro das pessoas consagradas, ao baixo índice de recrutamento de novos adeptos, ou seja, baixa atratividade do modelo de vida, e à grande porcentagem de desligamentos verificada nas últimas décadas.

As pessoas entrevistadas compreendem que a juventude não deseja assumir estilos de vida de forma radical e definitiva, sobretudo, porque os tempos atuais acenam com muitas e variadas possibilidades de futuro, mais do agrado das culturas dominantes. Circula, na sociedade, de forma generalizada, a ideia de que é preciso experimentar modos e estilos de vida diferentes, de preferência aqueles que não demandam maiores sacrifícios e conferem mais satisfação, prazer, diversões e possibilidades de consumo. Tudo o que as pessoas esperam encontrar ao longo da vida, de acordo com o pensamento predominante na sociedade, parece opor-se aos ideais de pobreza, obediência e castidade que as pessoas consagradas assumem.

No que diz respeito à influência dos fatores religiosos, os entrevistados relatam a acomodação e a segurança dos membros num sistema seguro e rotinizado. De fato, a instituição proporciona um alto padrão de segurança e previsibilidade de futuro, comparativamente ao que ocorre com a população mediana da sociedade. Essa sensação de segurança, entretanto, acaba conferindo certa acomodação, o que impede a percepção da necessidade de mudança

das estruturas, ritos e modos de pensar. É muito provável, que essa situação se deva, sobretudo, ao fato de a instituição ter, em seu quadro, a maioria de pessoas em idade avançada e essa fase da vida tende, naturalmente, a ser mais conservadora, a fim de garantir a estabilidade do modo de ser construído ao longo do tempo. Os membros jovens têm dificuldade de aceitar o predomínio do *modus operandi* tradicional e, por isso, aprofundam a sensação de que as coisas estão acomodadas e contrárias às novas tendências do mundo.

A crise dos valores religiosos e mesmo a crise de fé dos membros da congregação podem advir de dois movimentos contraditórios: (1) por um lado, as irmãs mais identificadas com a estrutura e o funcionamento da instituição (geralmente, as irmãs mais idosas) podem ser a fonte produtora da visão - visão que predomina de forma quase consensual entre as irmãs que convivem há décadas em instituições religiosas - de que as novidades do mundo estão afastadas de Deus, da religião e da fé, sendo essa realidade que cria a própria crise de fé nas irmãs mais sintonizadas com os novos tempos; (2) por outro lado, as irmãs mais conectadas com os novos tempos (geralmente as irmãs mais novas) podem estar fazendo a leitura de que a prática tradicional do exercício da fé e da vida religiosa já não tem mais chance de entusiasmar as novas gerações e, por isso, militam em favor da mudança e tendem a interpretar a crise da fé como consequência dessa incompatibilidade entre duas cosmovisões.

É certo que essas contradições internas criam dificuldades para a vivência comunitária, problema este também levantado pelos entrevistados. Como o número de irmãs é reduzido e o número de obras e serviços que elas conduzem é elevado, as comunidades das irmãs são, forçosamente, integradas por poucas pessoas, geralmente, a maioria de idade mais avançada. Parece lógico que as irmãs mais jovens se sintam cerceadas (ou, até, oprimidas) nesses ambientes, sobretudo se faltar a habilidade das lideranças em promover processos integracionistas eficazes. É provável que essa situação explique, em parte significativa, o relativamente volumoso número de abandonos da vida religiosa verificado nos últimos anos.

São frequentes as manifestações que tematizam as dificuldades de diálogo da instituição com a sociedade, deixando, aqui, transparecer, de alguma forma, o prestígio perdido. Outrora, as ordens religiosas eram figuras estruturantes de comunidades inteiras, constituídas como referência para as boas práticas sociais. O impacto social produzido pelas instituições religiosas era efetivamente marcante nas comunidades, como, paralelamente, pode-se afirmar o mesmo em relação à própria Igreja, que tinha um peso social mais significativo e determinante há algumas décadas ou séculos passados. Não apenas as famílias buscavam apoio nas ordens religiosas, mas também os poderes públicos e as demais instituições sociais, de modo especial a própria Igreja Católica. A pessoa consagrada era vista com respeito e admiração. Hoje, isso parece ter mudado em grandes proporções. As cidades cresceram e se complexificaram. Muitas outras instituições passaram a atuar, com grande abrangência, no terreno onde as congregações religiosas sempre atuaram, obscurecendo ou reduzindo muito a visibilidade destas. Pode-se afirmar que, nos âmbitos mais tradicionais e recorrentes de sua

presença, as instituições tendem a perder espaço. Diante disso, o fato de as irmãs não usarem mais a vestimenta característica (o hábito) é visto com pouca relevância.

Ao mapear as dimensões que abrangem a reestruturação - um dos objetivos específicos desta tese, numa dinâmica de gestão de mudança -, a partir das entrevistas, os resultados indicam que, em termos de liderança ou vocação individual, os fundadores da instituição possuíam perfil mendicante, com características que os diferenciavam dos demais membros. Eram pessoas silenciosas e conectadas com a interioridade, possuidoras de dons místicos. Enquanto mapa institucional, a ênfase atual indica uma tendência ao retorno da conexão com a interioridade, a vida missionária como alternativa, a partir da intensidade da vivência em fraternidade, ou seja, vínculos relacionais e humanitários sadios. O testemunho da vida sóbria e a credibilidade do coletivo perante os projetos individuais. Já no que se refere ao mapa dimensionado frente à estrutura organizativa, os entrevistados manifestam a preocupação pela quantidade de membros em declínio, sinalizam para unidade institucional e ocupam-se em pensar o que fazer com as obrigações legais e administrativas diante de situações em que há obras que parecem afrontar ou contradizer o carisma religioso.

Num contexto de Igreja e em resposta ao objetivo específico do estudo, em que historicamente a IR é questionada sobre sua presença de sentido e seus desafios, nota-se que a instituição pesquisada é portadora de relevância social, com desafios no presente e no futuro. Os membros tratam o pensamento organizativo como forma de trabalhar a reestruturação horizontalmente, com estruturas circulares e menos verticais. Consideram a participação dos leigos do carisma no processo de reestruturação como uma luz para o futuro. Sentem dificuldade de falar da pobreza na vida religiosa considerando a estrutura material bastante avantajada apresentada pela instituição.

Em relação ao quadro de membros, considera-se a qualidade histórica das religiosas, sempre lembradas nos 130 anos de presença em diferentes contextos da Igreja e da sociedade. A integração das gerações e a preocupação com a subsistência, sem doações de pessoas físicas ou da Igreja, é um testemunho para tantos pobres; por outro lado, sobrecarrega os membros de atividades. As relações de cuidado com pessoas internas à Instituição (e investimentos entre os membros), num meio social com situações de descarte e indiferença, são uma ótica humanitária diferente do que se percebe no entorno social. No retrato de um reposicionamento de sentido, os entrevistados concluem que há de existir uma mudança de mentalidade, uma nova cultura religiosa com as novas gerações. Ousar com novas presenças missionárias e, para isso, adotar até o fechamento de casas centenárias geograficamente, mesmo com resistências. Admite-se que para a unidade institucional, há de haver desapego econômico por parte de alguns membros. A IR necessitaria ser mais reinocêntrica para manter o foco originário e, embora em comunhão com a Igreja, mais independente. Sem infringir o carisma, neste novo tempo ou nesta mudança de época, urge que se encontrem novos espaços e novas frentes de missão, onde a presença da instituição seja uma resposta às novas

demandas de sentido e de realização concreta do que, no âmbito da Igreja, se fala em “Reino de Deus”. Com isto, pode-se encontrar uma causa que, tanto em fundamento de fé como em base de sentido humano e social, entusiasme intensamente a vida e se torne fator de atração para mais pessoas que se motivem para essa missão.

Sopesando as entrevistas das superiores com os documentos das assembleias, percebem-se discrepâncias, o que mostra que o pensamento médio produzido nas assembleias e as decisões, ali tomadas, não condizem, em tudo, com que pensam individualmente as superiores da instituição e, por consequência, com o que pensam individualmente as demais irmãs. Isso não deixa de ser normal porque as decisões coletivas são sínteses e jamais conseguem atender integralmente as demandas individuais, tampouco contemplar os pensamentos discrepantes. Porém, se o pensamento médio consolidado nas assembleias, por uma razão ou outra, não traduzir a tendência majoritária, ou pior, não se apresentar como legítimo, não servirá para promover a instituição e embasar uma dinâmica positiva dentro dela. Ao contrário, em vez de solucionar as principais contradições da coletividade, acaba por hipertrofiá-las. No caso concreto da assembleia da IR IFMMA, embora os espaços sejam reflexivos, por vezes a dificuldade com o idioma ou a predominância do pensamento individual de algumas delegadas, acima de construtos coletivos, tendem a ser contempladas. Por isso, a reestruturação, após quatro anos de acompanhamento de todos os membros, em grande parte, revela-se bastante conservador. Pode-se dizer que se trata de um processo isomórfico. E o isomorfismo é o caminho mais ágil em termos estruturais, porém o mais inseguro. E o mais preocupante, os membros resistem à participação, sublimando mudanças que consideram necessárias e, obrigam, necessariamente, as autoridades a imporem a condução reestruturativa, gerando atritos.

Considerando as culturas de 14 países, a necessidade de projetos diferenciados e o foco missionário ativo da IR, muitas irmãs defendem a tese de que a estrutura mental dos membros dessa entidade deva estar voltada às pequenas experiências, como forma de manter a conexão com a origem, com as características da IR IFMMA e seu carisma específico. Os projetos de unidade prioritários dizem respeito à saúde, à educação, aos povos indígenas, aos migrantes e às paróquias. A teoria de Hervieu-Leger é iluminativa para essa construção: diálogo, afeto, comunidade e ética. Uma reconstrução com sentido de liberdade onde todos os membros sentem-se parte do corpo e podem colocar suas habilidades a serviço, preservando (não rompendo) a memória histórica e afetiva de cada local. Já que é muito provável que as IRs com este tipo de estrutura e gestão atual serão a última geração a existir. Linhas de unidades internas não objetivam a divisão de um corpo congregacional, pretendem possibilitar a liberdade dos membros internos e externos e (porque não leigos) serem atraídos por projetos que o foco originário oferece, independentemente da cultura. Essa seria uma das possibilidades de reorganização para uma eficaz gestão futura.

A sociedade e a IR não são espaços contraditórios, são dialogáveis. Ambos são influenciáveis. Há uma tendência de separar a IR da sociedade e, posteriormente, uma dificuldade de superação da clausura, principalmente, nos anos formativos iniciais. E em outras fases da vida, a necessidade da clausura pelo excessivo desgaste enjoativo da vida ativa. Figurativamente, a clausura simboliza um fechamento para a sociedade, para a própria realidade urgente da qual os membros foram chamados em seu carisma missionário. Talvez os membros aguardem que a realidade os procure, virtualmente, em suas clausuras para o diálogo virtual e chamem isso de individualismo e secularização. Dialogar, sair da clausura, exige desacomodação, esforço mental, além de fé e boa vontade. Faz sentido futuras presenças missionárias em sociedades asiáticas, povos africanos ou japoneses, como sonham as jovens, se tiver qualidade na preparação. Se aprender o idioma local antes de ir, se tiver uma profissão que atenda à missão atual. Sem cultivo religioso e preparo, pode ser aventura frustrada. Faz sentido também viver em clausura sendo um membro missionário, como faz sentido viver em missão com um claustro interior!

De modo geral, a efervescência dos leigos seguidores do carisma é vista pelas irmãs como uma luz para o futuro da IR IFMMA ou, talvez, a própria IR IFMMA do futuro. A fraternidade laical circunscrita à família das IFMMA conta, hoje, com mais de dois mil membros: pessoas casadas, jovens e famílias, vivendo desde suas casas ou algumas fraternidades ou em projetos em comum, para quem pode. As linhas de atuação do laicato são variadas: pequenas experiências, uma missão de um final de semana, um voluntariado. Esse crescente número de leigos engajados poderá ter seus altos e baixos, porém, pode-se esperar que, desse meio, surjam importantes alternativas para IR IFMMA, inclusive, de ser uma espécie de celeiro vocacional para a vida consagrada propriamente dita.

Em termos de obras, a IR, no momento, possui a propriedade de escolas, unidades de atendimento à saúde e centros de acolhimento para idosos. Praticamente todas essas obras são dirigidas e geridas pelas religiosas, mas como são em reduzido número, quase todo o atendimento ao público é feito por pessoas leigas. Há quem pense que, no processo de reestruturação, poderia ser produzida certa inversão de papéis: confiar a leigos, rigorosamente selecionados, as funções de direção e gestão e envolver as irmãs com atendimento altamente qualificado ao público. Essa seria uma forma de manter as pessoas de vida consagrada mais vinculadas ao carisma da instituição, que é profundamente conectado com a atenção direta às pessoas. O sentido de missão e de ação missionária é, em essência, uma dimensão finalística e não mediadora. Essa forma de compreensão é, certamente, um dos motivos de haver, no âmbito da Congregação, uma insatisfação pronunciada quanto ao trabalho administrativo e uma defesa apaixonada da atividade missionária. No limite, esse pensamento embasa também as teses que defendem que a congregação deveria desfazer de determinadas obras patrimoniais.

Há, evidentemente, posições diversas a respeito das obras (patrimônio material). A posição majoritária é, por certo, favorável à manutenção das obras por seu valor cultural, afetivo e histórico, mas também em razão de sua importância na manutenção econômica da instituição. Essa perspectiva, entretanto, não invalida a importância do debate interno sobre as obras, nem as iniciativas para encontrar uma forma de geri-las que diminua a tensão entre a administração e a vida missionária. Uma alternativa que a reestruturação da IR IFMMA deverá considerar é a unificação, por área, de todos os serviços institucionais da congregação inteira, organizando o trabalho de tal modo que cada irmã atue, alternadamente, com a administração e com a missão.

O processo de reestruturação escolhido pelos membros da IR IFMMA na assembleia de 2015, com pautas mensais e quinzenais, trouxe resistências por parte de alguns membros, afirmando ser um tempo curto para as decisões, por outros, muito apressado. Apesar disso, o processo foi acontecendo. Nesse período, elementos para a reforma da Constituição da Congregação também foram coletados, pois a mesma é de 1988. A assembleia definiu três grupos regionais para debater e implementar aspectos da reestruturação de forma experimental por um período de cinco anos. Depois disso deverão acontecer as transferências de pessoas, acordos internos, bem como as acomodações estatutárias e renovações subsequentes de diretórios e constituições. Diante disto, muito possível que uma nova reestruturação tenha que ser realizada, o que é típico de isomorfistas. Quando as experiências são feitas com grandes grupos, a tendência é transferir problemas, com efeitos de coerção, principalmente com pessoal, fechamento de unidades e cisões econômicas. Novamente, os fatores sociais e religiosos podem ser justificativas de resistências individuais para os membros ao não aceitarem ou imporem a decisão reestruturativa.

A expectativa dos membros é que a reestruturação retome o *elã* inicial da instituição. As finalidades precisam enamorar a identidade originária, a missão. E isso deve ser feito aqui, neste mundo, com as influências desta sociedade, com esta geração. No final do processo a IR IFMMA deve resultar numa instituição pluricultural, ousada, desacomodada, com fé, peregrina, relacional, desapegada e alegre. Uma IR que seja, ao mesmo tempo, a grandiosidade da sociedade e a qualidade de um membro. Que não reduza a sua vida à pequenez do medo ao futuro; que viva o agora com coragem. A sociedade também precisa, assim como a IR e a religião, presenciar uma nova cultura, a partir da interioridade do indivíduo religioso, de uma *noção mediadora (habitus)* que ajude a romper com o senso comum, entender que há outros modos de viver essa opção de vida, além das capacidades treinadas e os modos de pensar existentes. Essa maneira de viver a vida religiosa consagrada com novo sentido é construção dos próprios membros, considerado o contexto social e religioso.

Ganham um estatuto de unanimidade, no âmbito da congregação, dois desafios considerados essenciais e de elevada importância, quais sejam: (1) garantir a atemporalidade da

identidade originária; e (2) promover a fundamental fusão dessa identidade com o contexto contemporâneo. Se essa fusão não se verificar, corre risco de sobrevivência o primeiro desafio.

O diálogo, a flexibilidade e a participação dos membros na gestão necessitam de constantes avaliações, pois podem ser confundidos com falta de autoridade, principalmente, por parte dos membros com perfil autoritário.

As decisões atuais da IR IFMMA poderiam convergir (ou ser solidárias) com os leigos do carisma e o grupo nascente do ramo masculino, especialmente, em questões económicas. O desafio do compromisso definitivo talvez não esteja fora deste tempo, mas merece, de alguma forma, ser interrogado. O momento permite repensar o estilo de consagração para ver se não seria o caso de propor outras variantes, como, por exemplo, o compromisso temporário e outras formas de organização da vida religiosa.

No âmbito da IR IFMMA circula a interpretação de que os jovens de hoje têm dificuldade de compreenderem compromissos, como os votos de pobreza, castidade e obediência enquanto uma condição para a vida inteira. Talvez as próprias religiosas não possuam a consciência plena do que de fato assumiram no ato de sua respectiva consagração. Se os compromissos definitivos, embora considerando a dimensão humana dos membros religiosos, fossem integralmente vivenciados, as IRs do mundo inteiro, quiçá, não estivessem passando por tamanha crise identitária. Essa crise, todavia, pode ter sua causa em outra base que não a falta de consciência do compromisso assumido. Essa base poderia ser a natureza da atividade que é realizada por cada integrante da IR. As ações rotineiras definidas pela instituição podem não ter o condão necessário para afirmar e reafirmar a identidade pessoal e identidade institucional no horizonte psíquico de cada indivíduo. Alinhar o projeto de vida individual com o institucional é uma possibilidade para a pessoa realizar-se em sua missão na instituição, mas isso exige que a atividade tenha potencial para justificar fortemente um projeto de vida.

Na sociedade, os processos de reestruturação são inevitáveis, desafiantes e tensos. Ou as pessoas tomam a iniciativa de reestruturarem-se em suas instituições ou a própria sociedade influencia a desacomodação e força a instituição a tomar um rumo. No caso da IR IFMMA, a sociedade influenciou de maneira contundente com a falta de vocações, o que levou a instituição ao envelhecimento. Quando os fatores são forçados pela sociedade há que se buscar a fonte restauradora do carisma e da identidade originária para equilibrar. Constatou-se que há membros fragmentados em suas relações e, apesar de considerar a força vital do carisma, opuseram resistências ao processo como um todo. Nesse caso, buscar uma motivação positiva para dar sentido a um reposicionamento em favor da reestruturação exige um trabalho paciente, solidário e elucidativo. O convencimento provém da segurança que o novo

modelo de organização é capaz de fornecer àqueles que, a princípio, têm medo de perder o chão seguro e conhecido onde pisam.

Considerada a natureza de uma congregação religiosa, sobretudo quando o peso numérico incidir sobre pessoas idosas, o melhor método é o que conduz o processo de forma lenta e progressiva. Pequenas experiências que mantenham a identidade vital podem trazer participação, inclusão, satisfação e resultados positivos.

Os instrumentos utilizados e a forma como é encaminhada a reestruturação terão sua validade confirmada mediante os progressos reais que conseguirem. Se provocarem um processo circular estacionário, sua credibilidade despenca. Se isso acontecer, significa que falta objetividade e clareza em termos administrativos, jurídicos e finalísticos e essa condição, em vez de superar o medo da mudança, potencializa-o. Aqui, por certo, pesam as qualidades (ou a falta delas) das assessorias que a instituição dispuser para dar a segurança que as pessoas que vão decidir precisam. Antes, as questões claras; posteriormente, as decisões.

Nada tem mais importância, num processo de reestruturação, do que o entendimento prévio e unívoco das lideranças institucionais, no caso, as superiores da IR IFMMA. A assessoria, se houver, deve, primeiro, estudar as possibilidades com as lideranças, estruturar o plano das ações e organizar o documento básico, que será apresentado e discutido com as demais integrantes da instituição. Essa parte pode ser feita por meio de aproximações sucessivas e cada vez mais abrangentes, começando nas comunidades mais reduzidas, ampliando, em seguida, para debates provinciais. Na sequência, os debates podem ser realizados no âmbito das regiões, dos países e, finalmente, da Congregação como um todo. Em cada uma das etapas, deve haver registro completo dos novos entendimentos produzidos pelo grupo de discussão. Uma equipe de sistematização geral manterá sempre um texto coerente que servirá de base para as discussões na esfera seguinte, até a conclusão de todos os debates previstos. Depois de bem assentado o entendimento geral, as delegadas estarão muito mais esclarecidas e seguras para tomar as decisões necessárias na(s) assembleia(s) convocada(s) para esse fim.

Quanto às lideranças (superiores) é preciso otimizar as características pessoais de cada uma, classificando-as em dois grupos. Numa aproximação com a terminologia utilizada por Max Weber, as líderes podem ser distribuídas em dois grupos: as lideranças carismáticas e as lideranças burocráticas. As que têm perfil carismático ficam encarregadas de trabalhar o carisma da instituição, atingindo o aspecto emocional das irmãs e edificando o sentido missionário da organização. As lideranças burocráticas, por sua vez, devem se ocupar dos aspectos organizativos da instituição, utilizando as luzes da razão para criar o entendimento preciso do quê deve ser feito, como e em que tempo, demonstrando a pertinência do plano geral e de cada uma das suas partes constitutivas.

Em linhas gerais, o processo de reestruturação da IR IFMMA deverá considerar quatro aspectos essenciais:

1. A necessária crítica à retórica da mudança. Nas entrevistas realizadas e também no espaço de convivência cotidiana com os membros da IR, é possível perceber claramente que há um entendimento generalizado de que a dinâmica *mudancista* dos novos tempos atropela a tudo e a todos. Não há outra saída, a não ser o submetimento resignado ao rolo compressor das mudanças e, diante disso, é urgente provocar um *aggiornamento* radical da instituição, sob pena de vê-la desaparecer na poeira dessa corrida desenfreada.

O fascínio pela mudança, presente de forma generalizada no senso comum da sociedade, provém, certamente, da retórica pós-moderna que elaborou um discurso apaixonado sobre a relatividade do mundo e das coisas. A avalanche tecnológica das últimas décadas deu elementos robustos para que essa filosofia, referente à mudança, ganhasse respeitabilidade e foros de verdade. O problema do pensamento que se torna retórica generalizada é que ele se sente autorizado a progredir na lógica que colocou em curso sem o exame cuidadoso e constante dos dados reais que deveriam referenciá-lo. O seu sucesso é sua própria referência, como as verdades teológicas. Torna-se, pois, um dogma.

A retórica da mudança consegue perceber apenas a fluidez das coisas; recusa-se a perceber a durabilidade das coisas (materiais e imateriais). Sim, as coisas mudam, mas cada uma delas tem um tempo de duração, no qual as características identitárias são mantidas. Há situações cuja duração se mede em segundos, outras em horas, outras em dias, meses, anos, séculos, milênios. O discurso da mudança que não consegue avaliar a duração das coisas se perde na fumaça de suas próprias afirmações. Mesmo o mais aguerrido relativista, na prática cotidiana, comporta-se segundo padrões bastante fixos, previsíveis e sólidos. O pensamento decanta a liquidez, mas a vida é muito sólida. O compositor Antonio Belchior escreveu uma canção (*Como os nossos pais*), imortalizada na voz de Elis Regina, que ilustra bem esse fato. Em determinado trecho, essa canção diz: “Minha dor é perceber / que apesar de termos feito tudo o que fizemos / ainda somos os mesmos / ainda somos os mesmos / e vivemos / ainda somos os mesmos / e vivemos / como os nossos pais.”

Em muitos casos e situações, talvez na maioria deles, essa retórica *mudancista* é inofensiva, isto é, não gera outras consequências, além de adornar o discurso e conferir *status* ao emissor. São palavras bonitas e nada mais. Em outros casos e situações, entretanto, as consequências podem ser muito impactantes e, quiçá, desastrosas. No caso estudado, o discurso da mudança do mundo e das coisas está em vias de induzir a reestruturações substanciais na instituição religiosa. Ele serve para interpretar um conjunto diversificado de fenômenos, como, por exemplo: a falta de vocações, o envelhecimento médio das pessoas de vida consagrada, a disputa intergeracional pelo poder, a insatisfação com papel desempenhado no âmbito da congregação, o desprestígio das atividades executadas, a

incompatibilidade (eventual ou profunda) com os votos (ou algum deles) assumidos, etc. A retórica relativista está na base da oposição que se construiu na congregação entre, por um lado, a administração das obras e, por outro, a atividade missionária.

Note-se que, no seio das organizações religiosas, o discurso retórico tem (sempre teve) forte presença. Ele é o argumento legitimador da Igreja (todas as igrejas). A Teologia é, em essência, retórica em estado puro, porque se ocupa de um objeto que está sempre posicionado no além-horizonte da razão. Ao longo da história, o discurso teológico ocupou um lugar próprio (legitimação em última instância), sem obstruir o trabalho eminentemente prático e racional empregado na organização institucional das igrejas. O momento atual da IR IFMMA é peculiar. O campo da Teologia não está em questão: não se verifica nenhuma querela teológica em disputa. Quanto a isso, a instituição parece estar pacificada. Há sintonia manifesta. Não é dessa retórica que se quer tratar aqui. É de uma retórica profana, destinada a dar sustentação às decisões administrativas e organizativas. O ingresso dessa retórica profana na IR IFMMA foi, por certo, favorecido pela ambiência teológica presente na instituição, como, de resto, em todas as organizações religiosas. Todavia, elas não se confundem. Não devem ser confundidas.

Essa retórica pós-moderna, chamemo-la assim, parece estar enviesando o diagnóstico sobre a real situação da IR IFMMA. E, se assim for, os resultados práticos da reestruturação institucional podem ser funestos. No item seguinte (Item 2), essa questão ganhará clareza.

2. A impropriedade da oposição entre obras patrimoniais e atividade missionária. Não sozinho, mas o discurso retórico pós-moderno trouxe para dentro da IR IFMMA uma sensação de que a instituição está envelhecida e, em grande medida, ultrapassada, em descompasso com o mundo (o contexto), carecendo de reformulação ampla. Todas as manifestações nesse sentido provam que não há clareza sobre o que é o novo. O novo parece ter força em si, sem precisar de definição e caracterização detalhada. O afã novidadeiro promove, como primeiro efeito, o inconformismo com o existente. A realidade presente e o passado que a gerou passam a ser encaradas, com intensidade progressiva, como um fardo incômodo e pesado de que é preciso se libertar, cedo ou tarde. Quanto mais cedo, melhor.

Muitos aspectos poderiam ser analisados com essa chave de leitura, mas, aqui, basta tocar num tema específico, muito mencionado nas entrevistas e no espaço interno da instituição. Sob qualquer aspecto, trata-se de um tema central e fundamental no contexto do processo de reestruturação da ordem. O que fazer com as obras, especificamente, as obras no sentido material, patrimonial? Elas são apresentadas como um fardo cuja administração consome o trabalho de muitos membros dessa instituição, reduzindo significativamente o potencial missionário da congregação. Mais do que isso, há versões que afirmam serem as obras uma manifestação de riqueza e ostentação, contrariando o voto de pobreza feito pelas irmãs religiosas. Também há referência à segurança que esses bens proporcionam aos

membros da IR FMMA, não sendo este um mal em si, mas, de alguma forma, responsável pela acomodação verificada em determinados membros e este, sim, é algo negativo. Em linhas gerais, as obras patrimoniais são a expressão de um passado institucional que teria perdido o seu sentido. Por isso, há vozes favoráveis à alienação desses patrimônios, entendendo que se a congregação se desfizer de, ao menos, parte dessas obras, poderá seguir de forma mais adequada o seu carisma, ou seja, cumprir o ideal missionário com mais desenvoltura.

Ora, se for observada a natureza das obras e o que se realiza nelas. São obras destinadas à educação, à saúde, ao cuidado de pessoas idosas, além de casas de formação, espaços administrativos e moradia de seus membros de vida consagrada. Algumas dessas obras são alugadas, porém, inclusive estas, destinadas a atividades educacionais ou a serviços de saúde e assistência social. Não se verifica, por conseguinte, nenhuma contradição entre as obras e os serviços ali desempenhados e o carisma institucional. Nesse sentido, a alienação dessas obras significa, em algum sentido, a alienação de parte do próprio carisma.

É certo, entretanto, que o trabalho missionário ganha conceituação mais pertinente quando realizado em ambientes de grande fragilidade social e humana: periferias, refúgios de migrantes, aldeias indígenas, penitenciárias, etc. As atuais obras, com o decorrer do tempo e o desenvolvimento dos espaços urbanos, acabaram involucradas em um contexto social diferente daquele caracterizado especificamente como um lugar de missão. Entretanto, o trabalho que ainda hoje é realizado nesses espaços tem relevância social evidente. Além disso, e mais importante, essas obras são estratégicas para dar suporte às atividades missionárias propriamente ditas, especialmente, no aspecto econômico e logístico. É forçoso considerar também a importância das obras para a manutenção da congregação inteira, para a instalação e organização de toda a estrutura administrativa e, ainda, para o abrigo e o cuidado dispensado aos seus membros envelhecidos e aposentados.

As obras têm também valor sentimental, cultural e histórico, embora, em relação às pessoas que advogam em favor de sua alienação, esse valor, certamente, não se verifica. É provável que, em alguns casos, as obras representem um contravalor. Para esses casos, vale um trabalho voltado à ressignificação desse patrimônio.

Por tudo isso, fica evidente que não é sensato alimentar e nem manter a oposição entre as obras e o trabalho missionário. Uma análise objetiva restaurará a pertinência desse legado e o tornará estratégico e merecedor de cuidado e valorização. Como as obras são muitas e poucos os membros da instituição, o trabalho administrativo dessas obras poderia ser compartilhado com leigos de confiança, o que permitiria que uma parte maior do tempo das irmãs religiosas viesse a ser dedicada ao trabalho finalístico, ou missionário, propriamente dito.

Outro elemento importante para a resignificação das obras, em sintonia com as exigências mais específicas do espírito missionário, é o de dar-lhe uma administração eficiente de tal sorte que aquelas que se ocupam de serviços destinados a finalidades ou pessoas não identificadas com esse ideal missionário (escolas para alunos das classes A e B ou obras alugadas, por exemplo), tenham sempre resultados económicos positivos, tendo em vista seu papel estratégico para financiar as missões. Para a instituição, o resultado económico obtido não constitui um bem em si mesmo, mas como suporte para concretizar o seu carisma e fim missionários.

O tema das obras patrimoniais, ao lado de outros temas, como o do recrutamento de novas vocações, matéria que será objeto do quarto tópico, demonstra que a instituição carece de recursos epistemológicos mais acurados para interpretar a dinâmica social e da instituição de forma mais objetiva e pertinente. Trata-se disso no próximo item.

3. A formação continuada das pessoas de vida consagrada nessa IR deve contar com recursos epistemológicos e metodológicos das ciências humanas e das ciências sociais. Nas entrevistas, de modo especial, se pode perceber que as lideranças superiores da instituição utilizam quase somente um recurso teórico para interpretar a realidade institucional: a Teologia. Ora, a Teologia não é suficiente e nem adequada para compreender objetos sociais e o funcionamento destes. O que aparece nas entrevistas, além de aspectos teológicos, são, apenas, elementos do senso comum, bastante simples e genéricos. O mesmo se pode dizer das manifestações das assessorias.

A instituição, até aqui, não privilegiou a formação superior abrangente e diversificada de seus membros. É compreensível, portanto, a dificuldade com as análises mais profundas que somente podem derivar de um domínio teórico dado pelas ciências humanas e ciências sociais. As assessorias, entretanto, devem ser buscadas com o propósito de realizar essa necessária complementação analítica.

O lugar do pensamento teológico, numa organização religiosa, está assegurado e sua importância é autoevidente. Mas ele não deve ter função que extrapole sua competência, pois, nesse caso, poderá ser contraproducente. No que o pensamento teológico é competente e pertinente? Na constituição, manutenção e desenvolvimento do carisma e sua mística, além, evidentemente, de ser a fonte legitimadora da instituição religiosa e o instrumento de sustentação da fé específica de cada credo. Mas não serve para explicar fenómenos psíquicos, biológicos, sociais, administrativos e físico-químicos.

O estudo teológico e os exercícios espirituais são indispensáveis e devem ser praticados permanentemente na instituição religiosa. Isso cimenta uma comunidade de destino comum. Mesmo, nesse caso - a solidificação de uma comunidade de destino comum - um conjunto de elementos provindos de outros campos de pensamento e práticas humanas é necessário. A

vida em grupo, por exemplo, será mais bem trabalhada se a comunidade tem ao seu dispor saberes psicológicos e sociológicos profundos, para complementar a mística que deriva da Teologia.

A formação permanente deve, pois, proporcionar atividades intelectuais que propiciem às irmãs o entendimento mais profundo de si mesmas, do grupo e da organização da qual fazem parte. Isso, possivelmente, ajudaria a superar conflitos, a administrar com mais tranquilidade e a evitar determinadas desistências. Como a opção e escolha do caminho da vida consagrada têm base em fundamentos teológicos e de fé, ou seja, legitimam-se na relação com o transcendente, pode ser decisivo que, nessa formação permanente se trabalhe, aprofunde e vivencie também a dimensão teologal, não apenas teológica. Quer dizer, por ser a vida religiosa consagrada algo que tem suporte e base na fé, na relação com o divino, a IR precisa incrementar nos espaços e momentos formativos não somente aspectos de ordem racional, psicológica e científica, mas igualmente relacional e vivencial em seu contato pessoal com este ser superior que, acreditam, as vocaciona para tal missão.

Períodos de reestruturação institucional são os que mais demandam o exame cuidadoso, racional e metódico das condições psicológicas, institucionais e sociais. É o que se pretende demonstrar no próximo tópico.

4. O principal desafio da instituição: recrutamento, formação e manutenção dos quadros consagrados. Esse é, sem dúvida, o tema mais importante em debate no âmbito da instituição. A reestruturação institucional está balizada, prioritariamente, nele e o rumo dessa reestruturação está radicalmente atrelado ao encaminhamento que será dado a essa problemática. Não apenas as menções feitas à falta de vocações, à desistência de quadros consagrados, ao envelhecimento médio de seus membros expressam a centralidade dessa temática, mas também afirmações ousadas (e dramáticas) do tipo: “a presente configuração da congregação é provavelmente a última a existir”; “a IR IFMMA poderá ser uma ordem de leigos”; “compromissos temporários poderão ser colocados no lugar de compromissos definitivos”; etc.

Tratemos em momentos distintos a questão das vocações e a questão das desistências da vida consagrada.

A vocação é definida e entendida teologicamente como chamado de Deus. É claro que isso tem um sentido místico e simbólico importante, mas não é um fenômeno real. Nos dias atuais, Deus deixou de chamar? Os jovens ficaram surdos ao chamado? Por que o Deus dos católicos não chama no terreno de outros deuses ou no terreno de deus algum? Essas questões são formuladas para demonstrar que é preciso compreender a dinâmica real que motiva as pessoas a seguirem determinada carreira, a dar um rumo específico à sua vida. Aqui entra-se no terreno, principalmente, da Psicologia, da Sociologia e da Economia.

A experiência realizada (e em realização) pela própria IFMMA pode trazer os elementos necessários para compreender a dinâmica das vocações. Elas surgem prioritariamente nos lugares onde a congregação atua: as comunidades católicas ou que se tornam católicas pela ação direta das próprias irmãs religiosas e/ou de outras instituições congêneres. Aqui, temos um primeiro elemento importante que é a aproximação, o vínculo de confiança, dado pelo pertencimento a uma esfera social que comunga de um mesmo credo.

Mas há mais. O grau de impacto que a atividade das pessoas de vida consagrada tem sobre a comunidade e o grau de impacto que um membro de IR causa no imaginário das pessoas daquela comunidade e, em particular, das adolescentes e das jovens, é outro fator decisivo. Quanto mais elevado esse grau de impacto é, mais as pessoas se identificam com a atividade desenvolvida e com a pessoa da irmã que desenvolve a atividade. À medida que a pessoa (no caso, de vida consagrada) conquista o respeito e a admiração da comunidade, ela se torna um possível modelo a ser imitado. As duas coisas, entretanto, nem sempre se conjugam necessariamente. Tomemos, como exemplo, uma família de classe média, muito católica e que admira e respeita as pessoas de IR e seu trabalho. Essa família está sempre disposta a ajudar no trabalho religioso e a colaborar com as obras sociais de tais membros de IR, mas dificilmente imagina para a sua filha uma carreira religiosa. Essa família quer sua filha envolvida com as coisas da igreja e os valores do cristianismo (esses valores dão segurança e tranquilidade, perante os riscos que o contexto social e as más companhias podem representar, bem como trazem um sentido mais plausível para a existência), mas dificilmente a imaginará sendo uma pessoa de vida consagrada. Sua filha será encaminhada para profissões liberais e para um bom casamento. Essa menina, de igual forma, pode se identificar e gostar muito do trabalho das IRs e de seus membros, mas formará uma ideia de futuro, embora colaborativo com elas, bem diferente da vida consagrada. Ela seguirá, via de regra, o caminho de seu grupo social e que está arraigado no imaginário de sua família. Nesse terreno, com o atual padrão de formação religiosa, a IR não pode esperar grande sucesso em termos de vocações.

Nesse ponto, entra em jogo um terceiro elemento constitutivo das vocações, no padrão exercido até o tempo presente pelas congregações religiosas. A família originária das vocações, quase exagerando em seus traços, é aquela que, sopesando as perspectivas de futuro para sua filha, obtidas pela radiografia de seu contexto social, não enxerga nada mais seguro, tranquilo, distinto e possível do que a vida religiosa. Essa família se empenhará para que a sua filha deseje ser freira. Terá orgulho em ter uma filha na vida religiosa. A menina, por sua vez, que também tem uma radiografia do seu contexto, se encantará com a alegria, a segurança e a distinção da freira que ela conhece. Considerará essa possibilidade. Imitar a freira ou imaginar-se uma religiosa é, para ela, abrir um caminho de libertação. Libertação em relação às limitações que sua vida real lhe impõe. Estamos falando aqui de pessoas pobres. Os “celeiros vocacionais”, como se convencionou chamar as comunidades que deram

a maior parte dos quadros às instituições religiosas, quase sempre foram famílias e comunidades pobres, religiosas e com frequente presença de pessoas consagradas.

Quando uma pessoa dessas comunidades ingressa na vida religiosa, torna-se referência para as demais. Ela se destaca positivamente sobre as colegas por seu padrão de vida, por sua educação, pelas habilidades que desenvolveu (fala em público, canta, lidera, conforta, aconselha, etc.), pelo respeito e atenção que atrai sobre si. Ela confirma a possibilidade de uma vida diferente e melhor. Ela transpira a satisfação, alegria e felicidade em fazer coisas importantes e benfazejas para o próximo.

Esse fenômeno se manifesta claramente no quadro vocacional da IR IFMMA. A África, seguida de longe pela Ásia, é o continente que, hoje, dá vocações mais abundantes à congregação. O contexto das mulheres nesses ambientes ainda sinaliza que a vida religiosa é um caminho de libertação e de ascensão. Na América Latina, há também contextos em que esse fenômeno pode ser verificado: comunidades indígenas, periferias das cidades, populações das florestas e ribeirinhas.

Por sua vez, as comunidades nas quais tradicionalmente eram recrutadas as vocações, hoje, são um quase deserto. O motivo principal é singelo: as famílias dessas comunidades têm, atualmente, menos filhos e infinitamente mais possibilidades de futuro para eles, seguindo os moldes propostos pela sociedade. Em termos de *status* e de visibilidade, o padrão de vida e o destaque profissional que podem ser alcançados pelos jovens dessas comunidades não ficam devendo à carreira religiosa. E mesmo que o futuro construído pelos caminhos normais da comunidade seja mais incerto e inseguro do que a carreira religiosa, ainda resta a compensação da liberdade quando comparada ao pacote de renúncias e sacrifícios que as congregações exigem.

Disso, pode-se retirar um primeiro encaminhamento prático para o recrutamento vocacional, qual seja: priorizar a África, a Ásia e alguns contextos específicos da América Latina para estabelecer as casas de formação inicial à carreira religiosa. As ações missionárias realizadas nesses locais, necessariamente, têm de se fazer acompanhar de uma estrutura de promoção vocacional e formação inicial.

Há ainda um segundo encaminhamento no que diz respeito ao recrutamento vocacional, mas ele será discutido depois das considerações sobre a permanência desses membros no quadro das pessoas consagradas. A saída expressiva da carreira religiosa é uma preocupação tão grande quanto à escassez de vocações. O que explica esse fenômeno?

Antes de tudo, é preciso considerar que a identidade da pessoa religiosa não se alimenta apenas da fé, do exercício espiritual propriamente dito, da mística derivada do carisma. Esses elementos são integrantes da identidade religiosa, mas não são os únicos.

Talvez sejam o bastante para aquelas pessoas que optam pelas clausuras, mas não o são para aquelas que vivem inseridas em diversos meios sociais e se dedicam ao trabalho com pessoas, a servir ao próximo, a defender uma causa. O sentido da vida dessas pessoas é obtido e sustentado pelo resultado de sua ação. Sentir-se importante, sentir-se poderoso, sentir-se necessário, sentir-se referência para o outro é o exato significado de viver um ideal. Como se depreende, há elementos do ponto de vista pessoal e social que intervêm. A causa que absorve integralmente uma pessoa é responsável por compensá-la; se essa compensação não vier, a causa poderá ser abandonada ou a pessoa será infeliz (frustrada).

A compensação que as pessoas esperam de seus empenhos são, hoje, na cultura predominante e sociedade em geral, fundamentalmente, de duas ordens: dinheiro (capital, bens materiais, conforto, boas condições de vida) e reconhecimento (prestígio, valorização, importância social, estima, poder de influenciar). Dinheiro e reconhecimento são como duas faces da mesma moeda, no sentido de que aquele que é bem-sucedido em ganhar dinheiro, ao mesmo tempo ou na sequência, empreende um esforço extraordinário para conquistar também reconhecimento (pela participação nas rodas sociais, na política, nas artes, etc.). Por outro lado, quem, por alguma razão, conquista grande reconhecimento, ao mesmo tempo ou, em seguida, buscará transformar esse reconhecimento em oportunidade financeira (isso é muito visível em jogadores de futebol, artistas, atores, determinados juizes, procuradores e políticos). Os exemplos citados entre parênteses são mais ilustrativos, mas podem ser observados, em alguma medida, de alto a baixo da pirâmide social. Há casos, entretanto, em que uma dessas compensações é suficiente e há casos em que a conquista de uma dessas compensações leva a pessoa a rejeitar a outra. São situações menos frequentes, mas não insignificantes.

Aquilo que, hoje, como dito acima, traduz-se em dinheiro e reconhecimento é a expressão de elementos constitutivos da espécie e podem ser percebidos, sob outras roupagens, nas gerações primitivas e estão claramente visíveis também no reino animal, de modo particular, entre os animais gregários. A luta pela sobrevivência implica conquista do alimento, da segurança e na transmissão genética (procriação). Conseguir alimento é sobreviver; ser reconhecido como integrante do grupo é conquistar a segurança⁴⁴.

No terreno humano, esses elementos constitutivos da espécie ficam mais sofisticados e complexos, mas continuam dando as cartas. Aquilo que era apenas conquista de alimentos vai se traduzir em acúmulo de bens e de propriedades de todos os tipos; aquilo que era transmissão genética se traduz, além disso, em transmissão de bens e propriedades materiais e imateriais (herança); e aquilo que era conquista de reconhecimento do grupo (aceitação)

⁴⁴ No reino animal, outrossim, ser reconhecido como líder (macho alfa) é, acima de tudo, conquistar a prerrogativa de satisfazer o prazer sexual, passando adiante a bagagem genética (procriação). A fêmea que é reconhecida como procriadora, igualmente, conquista a prerrogativa de transmitir sua bagagem genética à geração seguinte (procriação).

com vista à segurança, se retraduz em reconhecimento obtido do outro (do grupo e da sociedade em geral) para muitos fins, inclusive, segurança e realização pessoal.

Entre os humanos, à medida que a sociedade se complexifica, o reconhecimento se hipertrofia, torna-se a dinâmica mais forte da estrutura psicológica. Em primeiro lugar, porque o reconhecimento, quase sempre, abre as portas para as demais compensações buscadas pela pessoa. Mas o reconhecimento faz mais: abre a porta do poder, dos poderes, de toda a sorte de poderes. A pessoa reconhecida influencia, comanda e atrai admiração, amizade, amor, sexo. O reconhecimento joga sobre a pessoa, em gradações sucessivas (horizontais e verticais) caracteres que se costuma, no senso comum, atribuir, em estado puro, aos entes divinos (ou aos entes malignos, porque o reconhecimento também comporta o lado perverso da humanidade). O reconhecimento enquanto poder aproxima a pessoa do *status* de ser deus, isto é, confere certa sensação de infinitude, de absoluto, de imortalidade. Por isso, o reconhecimento é uma estrutura psíquica tão forte.

Pelo reconhecimento, quantas pessoas deram a vida? Os rituais de homenagem que são feitos, nas forças armadas, aos sobreviventes das guerras e aos que, nelas, morreram, são indicativos de que o reconhecimento é uma força poderosa e cega. Nesse invólucro podem ser colocados fenômenos, como o dos ataques suicidas feitos por integrantes de grupos extremados até as conhecidas e sublimes greves de fome em favor da paz. O reconhecimento é um gozo psicológico que reivindica também a permanência na história; é uma forma de perpetuação na memória das futuras gerações. Isso quer dizer que os humanos não apenas procuram disseminar os seus genes, querem disseminar também sua biografia: querem permanecer não apenas como bagagem genética, mas, também, como figura histórica. Aqueles que morrem por um ideal o fazem para viver como história.⁴⁵ Ou, no caso da vida religiosa consagrada, para contribuir no crescimento do reino de Deus e na salvação dos seres humanos. Isso tudo é motivado pela dinâmica do reconhecimento.

No campo religioso, a hipertrofia do reconhecimento é uma constante. As ordens religiosas mendicantes são um exemplo extremado: a busca pelo reconhecimento (advindo das pessoas e, de modo especial, advindo do próprio Deus) faz com que os integrantes dessas ordens rejeitem completamente a compensação do dinheiro, mesmo aqueles míseros tostões que lhes garantiriam uma alimentação frugal. Vivem de esmolas, do que sobra na mesa alheia. Outro exemplo extremado é o das ordens de vida enclausurada. Os integrantes dessas ordens parecem bastar-se do reconhecimento divino e da relação com o divino.

⁴⁵ “Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história”. Carta Testamento de Getúlio Vargas. https://pt.wikipedia.org/wiki/Carta-testamento_de_Getúlio_Vargas.

As ordens religiosas, especialmente por meio dos votos de pobreza e castidade, orientam as expectativas de seus integrantes, quase que exclusivamente, para o reconhecimento (humano e divino). São projetos de vida que renunciam a coisas, em geral, muito potentes na vida das pessoas, como o dinheiro e a procriação. A renúncia ao dinheiro é, de alguma forma, a parte mais fácil de ser incorporada psicologicamente, porque as ordens fornecem um bom nível (um dos melhores, em certas instituições, considerado o conjunto da sociedade) de segurança alimentar e material. Não são poucos os casos, inclusive, em que a bonança material (embora modesta) é questionada duramente pelos próprios integrantes das ordens religiosas.

A renúncia à atividade sexual talvez seja mais complexa. Nessa renúncia estão embrulhadas várias coisas, todas conectadas ao conceito de família. É verdade que as ordens têm sempre, como um de seus objetivos centrais, o de criar um coletivo que se aproxime, ao máximo, do que é uma família. Há sucesso nesse propósito. A família religiosa pode até significar uma libertação para muitos de seus integrantes. De qualquer forma, o natural para a vida é a procriação. Há que trabalhar a dimensão da natureza da afetividade humana e saber que, determinadas manifestações de afeto possíveis numa família *stricto sensu* não podem ser exercidas no âmbito das congregações. Os impulsos do sexo podem ser de difícil sublimação, para alguns membros. Talvez para algumas mulheres não seja fácil privar-se de engravidar, amamentar, embalar e educar uma criança. De organizar, em volta dela, uma célula *mater* da sociedade. Porém o contexto traz reflexões distintas compreendidas pela ótica das opções.

O fato de existirem congregações religiosas prova que as renúncias mencionadas acima e todas as demais que são demandadas à uma pessoa integrante de ordem religiosa são possíveis. Prova também que há uma sublimação bem-sucedida, embora o fenômeno das desistências, muito frequente nos últimos anos, demostre que a dinâmica do reconhecimento perdeu força. Não é o caso, aqui, de detalhar as razões pelas quais integrantes de ordens religiosas abandonam o hábito, o que em grande parte já foi considerado e explanado anteriormente. O importante é demonstrar que, quando o mecanismo do reconhecimento enfraquece, as renúncias perdem razão de ser. As pessoas tendem a sentir certa frustração no que fazem e passam a desejar as coisas renunciadas. Outro projeto de vida começa a tomar forma na imaginação dessas pessoas, o que conflita, em quase tudo, com o estado atual. É indiferente se esse mundo imaginado é fantasioso ou realista; quando as incompatibilidades entre o mundo vivido e o mundo imaginado, seu universo simbólico, ultrapassarem o limite da suportabilidade, a pessoa dá o passo e segue em frente. Se esse limite demora a apresentar-se ou nunca se apresenta de modo peremptório, a pessoa permanece onde está, mas a sua frustração fica sempre evidente.

A dinâmica do reconhecimento é realizada em esferas e patamares de graduações diversas. O acolhimento e aceitação do novo integrante é o primeiro passo. A renovação

constante dessa aceitação precisa ser sentida pela pessoa ao longo de sua trajetória na instituição, principalmente, nos momentos mais críticos. Essa aceitação se traduz em respeito e valorização da pessoa e de suas atividades, valorização da pessoa pela valorização de suas atividades. Essa aceitação se traduz também na existência de um ambiente formativo que possibilite à pessoa corrigir (e ser corrigida de) suas debilidades e deficiências sem cair no abatimento ou no desespero. Um ambiente de formação positivo, familiar, interessado no progresso e desenvolvimento de todos os envolvidos. O cotidiano da congregação, embora nunca se possa considerá-lo imune à tristeza e à depressão, deve utilizar todos os métodos e técnicas possíveis para ser alegre e edificante. Essa é a primeira esfera (e o primeiro patamar) onde o reconhecimento produz o sentido da opção que a pessoa fez. Trata-se, por assim dizer, de um reconhecimento interno à instituição.

Há uma segunda esfera e um segundo patamar, mais decisivos do que os primeiros (pelo menos no que se refere aos membros jovens das IRs e que atuam externamente, com a sociedade), no que se refere ao reconhecimento: os espaços onde as pessoas consagradas atuam. Aqui, o reconhecimento ocorre, sobretudo, em razão da qualidade da intervenção, das habilidades demonstradas, da importância das atividades que são feitas. A importância das atividades está diretamente relacionada com o ambiente de trabalho e com a cultura local. Por exemplo, se uma pessoa de vida consagrada trabalha em uma escola, sua atuação (e, por consequência, ela mesma), ali, será tão mais valorizada quanto mais conhecimento e desenvoltura ela demonstrar no manejo da administração escolar, no domínio pedagógico e no conhecimento científico e cultural. Caso ela não esteja à altura dos desafios do ambiente, experimentará medo, rejeição e desvalorização. Imagine-se, como segundo exemplo, que essa pessoa esteja numa frente missionária, atuando com seres humanos que sofrem todo o tipo de adversidades (doença, exploração econômica, exploração sexual, drogadição, violência, etc.). Se esse membro de IR souber apenas rezar, sua eficácia será reduzida e o reconhecimento obtido, pequeno. Ela mesma terá dificuldade de sentir-se importante e valorizada. No mesmo contexto, imagine-se que ela tenha formação médica. Sua atuação terá um impacto gigantesco. Terá reconhecimento extraordinário e, psicologicamente, se sentirá altamente recompensada e feliz por desempenhar um papel que faz a diferença. Ela perceberá, inclusive, que o fato de ser de vida consagrada e médica lhe dá perspectivas de trabalho muito superiores do que se fosse apenas médica. A disponibilidade de atuar será muito maior, as preocupações com os ganhos financeiros serão infinitamente menores, a confiança dos pacientes será redobrada. A sua vocação será reforçada e a probabilidade de, com seu trabalho e testemunho, suscitar novas vocações, será bem maior. Os exemplos poderiam se estender ao infinito, imaginando-se nas IRs membros que sejam médicos, enfermeiros, advogados, economistas, gestores, nutricionistas, psicólogos, dentistas, fazendo um trabalho de grande impacto nas frentes missionárias e em todos os ambientes onde atuarem.

No caso concreto da IR IFMMA, pode-se observar que o nível de formação científica, técnica e cultural é relativamente baixo para os desafios da atualidade. O trabalho delas tem potencial pequeno de gerar reconhecimento suficiente para mantê-las firmes e entusiasmadas pela opção que fizeram. Quanto a isso, é preciso perceber que as irmãs religiosas, embora sejam recrutadas, em sua maioria, nas famílias de comunidades pobres, acabam, por sua formação e inserção institucional, posicionando-se, socialmente, no terreno dos segmentos médios. Não estão, entretanto, preparadas, em termos intelectuais, científicos e técnicos para obter a valorização que esperam no seu relacionamento com a sociedade. Não têm, pois, o reconhecimento social que as irmãs tinham no passado, pois o contexto atual é muito mais sofisticado e exigente. Não devem esperar, igualmente, obter vocações em setores sociais médios. Se houver, serão casos raros.

A IR IFMMA, diante do elevado número de desistências (evasão de quadros consagrados), poderia se fazer a seguinte pergunta: quantas dessas irmãs que optaram em sair da instituição não o teriam feito caso fossem altamente qualificadas em uma profissão de alta relevância social e, como tais, estivessem atuando nas missões ou nas obras e obtendo, por isso, o devido reconhecimento?

Depois dessa longa digressão, voltemos ao tema do recrutamento de novos quadros. Já foi assinalado que a opção imediata da IR IFMMA é orientar, prioritariamente, suas atividades de promoção vocacional e formação inicial para as comunidades pobres, sobretudo, as da África, onde as irmãs religiosas missionárias ainda gozam de elevado reconhecimento social e onde as meninas veem na opção religiosa um caminho para a sua própria libertação de um presente mesquinho e de um futuro incerto e sombrio.

Não deve, entretanto, renunciar completamente do trabalho vocacional e de escolas de formação de novos quadros nos ambientes tradicionais. Todas as casas de formação devem ter um novo paradigma: formar membros altamente qualificados técnica, científica e culturalmente, isto é, formá-los em uma profissão de relevância social, profissões com grande potencial para reafirmar o carisma da congregação (educação, saúde, defesa dos direitos das comunidades, urbanização, artes, música, etc.). Importa formar quadros altamente preparados em administração e contabilidade para gerir a própria instituição. Esse novo paradigma de formação será o único possível para as áreas de atuação tradicional da congregação, como a Região Sul do Brasil.

Em termos gerais, uma casa de formação na Região Sul do Brasil poderia ter o seguinte perfil. Meninas seriam convidadas a ingressar na ordem no nível escolar de ensino fundamental completo. Em certos casos, poderia até ser ensino fundamental incompleto, mas depois de certa idade. As meninas seriam instaladas em uma casa de formação, bem organizada, confortável, mas sóbria, com uma equipe de formadoras bem preparadas. Num dos turnos, as meninas frequentariam escolas públicas de nível médio (ou escolas da própria

organização, se houver) e, em todos os outros tempos possíveis, fariam estudos orientados na própria casa de formação, com o objetivo claro de conseguir o acesso a um curso superior, em uma Universidade Pública (ou uma Universidade conveniada e administrada por outra Instituição Religiosa). Durante a fase do ensino médio, haveria sondagem vocacional para orientar, desde já, as meninas para um curso superior apropriado, entre um rol de cursos prioritários: Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Odontologia, Arquitetura, Direito, Pedagogia, Administração e Contabilidade. Todas seriam conduzidas por processos de formação rigorosos para que sua formação fosse da melhor qualidade. Ao lado de formação acadêmica, em processos bem conduzidos, também seria feita a formação espiritual, humana, sociopolítica, pastoral e missionária, tendo sempre no horizonte o carisma da instituição. No período da formação superior, iniciariam também as atividades de ação missionária.

Note-se que essas casas de formação seriam de baixo custo, porque se utilizariam de escolas e universidades públicas ou escolas e universidades da própria congregação ou de outras congregações católicas. Em todos os casos, a formação seria de alta qualidade, porque a casa de formação faria um substancial trabalho formativo complementar. Isso daria um novo rumo à instituição e, sem dúvida, com o tempo, muitas pessoas, inclusive dos setores médios da sociedade, desejariam seguir a opção religiosa, pelo impacto da atuação das pessoas consagradas. Sentir-se-ão atraídas à IR pela contribuição relevante que as religiosas consagradas estarão realizando em seu contexto social.

Diante da coexistência de novas referências identitárias que exigem transformações institucionais no mundo contemporâneo e perante esta nova matriz cultural, particularidade vivida e experimentada pelo membro religioso da atualidade, pode ser forjado um novo habitus: habitus compreendido como um sistema flexível de disposição, não apenas visto como a sedimentação de um passado incorporado em instituições sociais tradicionais, mas um sistema em construção, em constante adaptação aos estímulos do mundo moderno; habitus como produto de relações dialéticas entre uma exterioridade e uma interioridade; habitus visto de uma perspectiva relacional e processual de análise, capaz de apreender a relação entre o indivíduo e a sociedade, ambos em processo de transformação, o nascimento de um novo religioso, uma nova geração de membros religiosos, uma nova IR.

Em síntese conclusiva, pode-se afirmar que a nova instituição religiosa e a nova geração de religiosos terá sua forma de vida, com uma ótica de impacto abrangente para o mundo e com soluções alternativas em conjunto, universais para a sobrevivência e a sustentabilidade da humanidade. Os novos religiosos franciscanos serão mais inspirados no que os une do que os separa. Serão pluralistas, ecumênicos, cientistas e ousados à mendicância de Francisco ou à pobreza de Clara de Assis. Terão a vivência moderna de uma economia racional consciente, circulante e solidária para a vida, a justiça social, a paz e o bem, como compromissos

revisitados para viver a consagração no contexto moderno. A fundamentação, marco jurídico para esta forma de vida, será Reinocêntrica.

Neste estudo, o retrato da permanência da instituição na sociedade é figurativo a um organismo vivo. Pensar um corpo com todas as células e órgãos e partes que o compõe! Para tal, nesse aprofundamento, relacionado ao estudo da religião e sociedade é colocar o corpo a respirar com todos os riscos possíveis que tenha no ar, no universo. Nesse ar, pode haver situações inesperadas da realidade, em cada contexto global, em cada parte do planeta. Isso se relaciona à dinâmica dos fatores sociais, a cada dia, a cada ano, a cada século, a cada época. O processo de respirar traz à tona o fluxo dos fatores religiosos, distintos para cada ser, cada membro. E no fluxo interno e externo (no inspirar e expirar), há uma forma de redimensionar as atitudes, para isso, as influências dos fatores sociais e religiosos, pois o ar, externo e interno, pode trazer modificações, influenciando processos vitais da instituição, pessoa, organismo vivo. Desse simples exercício de analisar e compreender a respiração, o ar, é perceber o sentido da vitalidade do organismo vivo e a importância do seu existir para o mundo. E se puder sentir a respiração de todos os membros, de uma instituição inteira (IR), e o impacto em toda uma sociedade?

Em termos de possibilidades, a tese, como tal, surge como instrumento auxiliar para a IR em estudo e para entidades similares, como igrejas, colégios cristãos, universidades católicas e, principalmente, congregações masculinas e femininas, que estão no mesmo reposicionamento reflexivo para encontrar novo sentido, com vistas a dar respostas institucionais frente ao contexto e à linguagem do mundo moderno. Como algo concreto é possível citar que a Conferência dos Religiosos do Brasil solicitou assessoria para esse tema de forma permanente para o próximo triênio, para as Instituições que necessitam. A Conferência Eclesiástica Latino-Americana (CELAM), organismo dos Senhores Bispos, e a Conferência Latino-Americana da Vida Religiosa (CLAR), ambos com sede em Bogotá/Colômbia, solicitaram um manual que reúna temas antropológicos, institucionais, teológicos e sociológicos referentes à atratividade, à permanência e ao desligamento de membros nas IRs. Esse material deverá ser trabalhado em cursos de formação para Superiores Gerais, formadores de membros para as IRs e Bispos, a partir do primeiro semestre de 2020. Oxalá, esta tese também consiga lançar luzes sobre esses desafios que precisam de enfrentamento lúcido e resolutivo. Mas, sempre com abertura para novos conhecimentos e novas compreensões, tanto do contexto quanto da IR que nele está inserida.

Bibliografia

- Adler, Paul S., e Borys, Bryan (2012), “Two Types of Bureaucracy: Eneabling and Coercive” em M. Gowyn e J. H. Gittel (eds.), *Sociology of Organizations: Scrutures and Relationships*, United States of America, Sage.
- Anuário Pontifício (2016), consultado a 20/10/2017, em <<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2016/03/05/0170/00365.html>>.
- Ashcraft, Karen L. (2012), “Organized Dissonance: Feminist Bureaucracy as Hybrid Form” em M. Gowyn e J. H. Gittel (eds.), *Sociology of Organizations: Scrutures and Relationships*, United States of America, Sage.
- Baremblyt, Gregório F. (1992), *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teórica e prática*, Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos.
- Bauman, Zygmunt (2008), *A Sociedade Individualizada, vidas contadas e histórias vividas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Zygmunt (2000), *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Bauman, Zygmunt (1998), *O mal-estar na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Zygmunt (2007), *Tempos Líquidos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- Becker, Howard S. (2009 [1963]), *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*, Rio de Janeiro, Zahar, 232 p.
- Benveniste, Émile (1969), *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*, Paris, Les Éditions Minuit.
- Beozzo, José O. (2009), “A recepção do Vaticano II na igreja do Brasil” em INP (org.), *Presença pública da igreja no Brasil: jubileu de ouro da CNBB (1952-2002)*, São Paulo, Paulinas, p. 425.
- Berger, Peter L., e Luckmann, Thomas (1974), *A Construção Social da Realidade* [2a. ed.], Petrópolis, Vozes.
- Berger, Peter L., e Luckmann, Thomas (2004), *A Construção Social da Realidade* [24a. ed.], Petrópolis, Vozes.
- Berger, Peter L. (1985), *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, São Paulo, Paulinas.
- Bergoglio, Jorge (Papa Francisco) (2013), *Encontro com os Coordenadores de Instituições Religiosas*, Roma, Conferência de Instituições Religiosas.
- Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento (Traduzida por João Ferreira de Almeida), Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica Brasileira, Mateus, Evangelho. Cap. 9, versículos 35-38.

- Blau, Peter Michael (1963), *The Dynamics of Bureaucracy*, Chicago, University of Chicago Press.
- Bourdieu, Pierre (1982), *A Economia das trocas simbólicas*, São Paulo, Perspectiva.
- Bourdieu, Pierre (2002), *Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia Kabila*, Oeiras, Celtas.
- Bourdieu, Pierre (1983), “O campo científico” em Bourdieu, Pierre, *Sociologia*, São Paulo, Ática.
- Bourdieu, Pierre (2011), *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Bourdieu, Pierre (1990), *The logic of practice*, Cambridge, Polity Press.
- Bruneau, Thomas C., e Boraz, Steven C. (2007), “Intelligence reform: balancing democracy and effectiveness” em T. C. Bruneau, e S. C. Boraz (eds.), *Reforming Intelligence: Obstacles to Democratic Control and Effectiveness*, Austin, University of Texas Press, pp. 1-24.
- Burns, Tom, e Stalker, George M. (1966), *The management of innovation*, London, Routledge.
- Burin, Marinês, e Rubio, Isabela S. (2005), *Del Corazón de la Madre Bernarda al Corazón del Mundo*, Berthié, Colômbia.
- Butler, Maria Bernarda, *Cartas*, n. 36, p. 24, Colombia.
- Caliman, Cleto (2013), “A renovação da Vida religiosa no Concílio Vaticano II”, *Revista Convergência*, vol. 48, nº 464, pp. 509-526.
- Cardano, Mario (2017), *Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação*, Tradução de Elisabeth da Rosa Conill, Petrópolis.
- Carvalho, Cristina Amélia, Vieira, Marcelo Falcão, e Goulart, Sueli (2012), “A Trajetória conservadora da teoria institucional”, *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, vol. 10, pp. 469-496.
- Cenci, Rosângela, e Filippim, Eliane S. (2017), “Atração e Permanência de Membros em Instituições Religiosas: o peso dos contornos institucionais” *Cadernos EBAPE.BR*, vol 15, nº 1, pp. 152-168.
- Collier, Ruth B., e Collier, David (1991), *Shaping the Political Arena: Critical Junctures, the Labor Movement, and Regime Dynamics in Latin America*, Princeton, NJ, Princeton University Press.
- Coser, Clóvis, e Machado-da-Silva, Cláudia L. (2004), “Isomorfismo na Rede de Relacionamento do Espaço Social de Videira - SC” em 28 Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, Curitiba. *Anais*. Curitiba.
- Dimaggio, Paul J. (1988), “Interest and agency in institutional theory” em L. G. Zucker, *Institutional patterns and organizations*, Cambridge, Ballinger.
- Dimaggio, Paul J., e Powell, Walter W. (1991), em W. P. Walter , e J. D. Paul (eds.), *The new institutionalism in organizational analysis*, Chicago, University of Chicago.
- Dimaggio, Paul, e Powell, Walter (1997), *Le neo-institutionnalisme dans l'analyse des organizations*, Politix 40.

- Dimaggio, Paul, e Powell, Walter (1983), "The iron cage revisited: institucional isomorphism and collective rationality in organizational fields", *American Sociological Review*, vol. 48, nº 2, pp. 147-169.
- Dimaggio, Paul, e Powell, Walter (1999). "Introducción" em Dimaggio, Paul, e Powell, Walter (orgs.), *El Nuevo Institucionalismo en el análisis organizacional*, México, Fondo de Cultura Económica, pp. 33-75.
- Documento da CNBB (2016), *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade*, Sal da Terra e Luz do Mundo, Coleção Documentos da CNBB (Português), São Paulo, CNBB, v. 105.
- Durkheim, Émile (1978), *As regras do método sociológico*, São Paulo, Ed. Abril.
- Durkheim, Émile (1952), *Suicide: A study in Sociology*, London, Routledge and Kegan Paul, (first pub. 1897).
- Durkheim, Émile (1996), *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*, São Paulo, Martins Fontes.
- Durkheim, Émile (1987), *As regras do método sociológico*, São Paulo, Ed. Nacional.
- Durkheim, Émile (2007), *As Regras do Método Sociológico*, São Paulo, Martins Fontes.
- Eisenstadt, Shmuel (1968), "Social Institutions" em D. L. Sills (ed.), *International encyclopedia of the social sciences*, [S.1], v. 14, p. 409-429.
- Emmendoefer, Magnus L. (2006), "Análise das Instituições no Contexto da Modernidade: Reflexões e Contribuições da Ciência Política sobre o Neo-Institucionalismo para os Estudos Organizacionais" em *EnEO*, 2006, Porto Alegre.
- Espino, José A. (2001), "Instituciones y economía: una introducción al neoinstitucionalismo económico" *Región y Sociedad*, vol.13, nº 22, pp. 194-197.
- Esser, Kajetan (1966), *Origem do Franciscanismo*, Rio de Janeiro, Vozes.
- Ferguson, Kathy E. (1984), *The feminist Case Against Bureaucracy*, Philadelphia, Temple University Press.
- Feuerbach, Ludwig (1957), *The Essence of Christianity*, New York, Harper and Row.
- Francisco, Papa (2018), Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial de Oração pelas Vocações. (22 de abril de 2018 - IV Domingo da Páscoa), consultado a 10/10/2018, em <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20171203_55-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html>.
- Gasda, Élio (2013), "Sinais sobre o que a Vida Religiosa está conversando pelo Caminho" em *Permanece conosco! Estudo, reflexão, oração*, Brasília, DF, CRB Nacional, v. 3.
- Giddens, Anthony (1984), *The Constitution of Society*, Berkeley, University of California Press.
- Giddens, Anthony (1991), *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- Giddens, Anthony (2010), *Sociologia* [8a. ed.], Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian Godoy, Arilda S. (1995), "Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades", *Revista de Administração de Empresas*, vol. 35, nº 2, pp. 57-63.
- Goffman, Erving (1968), *Asylums: Essais on the Social Situation of Mental Patients and Other Inmates*, Harmondsworth, Penguin.

- Gramsci, Antonio (1990), “Il Risorgimento (Quaderni del Carcere)” em H. Portelli. *Gramsci e o Bloco Histórico* [5a. ed.], Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 85.
- Grosjean, François (1972), *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*, Cambridge, Harvard University Press.
- Guerreiro Ramos, Alberto (1996), *A redução sociológica* [3a. ed.], Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.
- Guerreiro Ramos, Alberto (1946), “Reflexões sobre o homem dormindo” *A Manhã*, Rio de Janeiro, 24 mar.
- Habermas, Jürgen (2005), “A crise do estado de bem-estar e o esgotamento das energias utópicas” em *Diagnósticos do Tempo: seis ensaios*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 9-36.
- Habermas, Jürgen (2001 [1981]), *Theorie des Kommunikativen Handelns*, Suhrkamp, 2 v. [Trad. esp. Teoría de la acción comunicativa], Taurus.
- Hall, Peter A., e Taylor, Rosemary C. R. (2003), “The three versions of neo-institutionalism” *Lua Nova*, nº 58, pp. 193-223.
- Hammester, Maria Celeste (1995), *A Força Criadora do Pequeno*, Rio Grande do Sul, Cadernos da Congregação.
- Harmers, Josiane, e Blanc, Michel (2000), *Bilinguality and Bilingualism*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Heckscher, Charles (2012), “Defining the Post-Bureaucratic Type” em M. Gowyn, e J. H. Gittel (eds.), *Sociology of Organizations: Structures and Relationships*, United States of America, Sage.
- Hermanas Franciscanas Missioneras de Maria Auxiliadora (2000), *Pedagogia Missionera*, Colombia, Caderno Documental.
- Hervieu-Léger, Danièle (2005), *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, Petrópolis, Vozes.
- Hodgson, Geoffrey M. (1994), *Economia e instituições: manifesto por uma economia institucionalista moderna*, Oeiras, Celta.
- Hornaert, Eduardo (2018), “Medellín 1968 did not fall from heaven” *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 78, nº 309, pp. 8-28.
- Hughes, Everett C. (1936), “The ecological aspect of institutions” *American Sociological Review*, vol. 1, nº 2, pp. 180-189.
- Hughes, Everett C. (1942), “The study of institutions” *Social Forces*, vol. 20, nº 3, pp. 307-310.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010). consultado a 10/10/2018, em <<http://www.ibge.gov.br/home/>>.
- Immergut, Ellen M. (1996), “The normative roots of the new institutionalism: historical-institutionalism and comparative policy studies” em A. Benz, e W. Seibel (orgs.). *Beiträge zur The orientwicklung in der Politik und verwaltungswissenschaft*, Baden-Baden, Nomos Verlag.

- Immergut, Ellen M. (2006), “O núcleo teórico do novo institucionalismo”, em E. Saravia, e E. Ferrarezi (orgs.), *Políticas públicas: coletânea*, Brasília, DF, v. 1, pp. 155-196.
- Iriarte, Lázaro (1979), *História franciscana*, Petrópolis, Vozes.
- Kahn, Robert L., Wolfe, Donald M., Quinn, Robert P., Snoek, J. Diedrik, e Rosenthal, Robert A. (1964). *Organizational Stress*, New York, Wiley.
- Krasner, Stephen D. (1984), “Approaches to the State: alternative conceptions and historical dynamics” *Comparative Politics*, vol. 16, nº 2, pp. 223-246.
- Lacey, Nicola (2014), “Comparative criminal justice: an institutional approach” *Duke Journal of Comparative & International Law*, vol 24, nº 3, pp. 501-527.
- Landesberger, Henry A. (2012), “The Horizontal Dimension in Bureaucracy” em M. Gowyn, e J. H. Gittel (eds.), *Sociology of Organizations: Structures and Relationships*, United States of America, Sage.
- Lett, James (1996), “Emic-etic distinctions” em D. Levinson, e M. Ember (eds.). *Encyclopedia of cultural anthropology*, New York, Henry Holt and Company, 1996, pp. 382-383.
- Libânio, João Batista (1971), *Vida Religiosa e testemunho público*, Rio de Janeiro, CRB.
- Libânio, João Batista (2006), *Congresso internacional da Vida Religiosa*, Madri.
- Libânio, João Batista (2008), *Em busca de lucidez: o fiel da balança*, São Paulo, Loyola.
- Lipovetsky, Gilles (2005), *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, Barueri, Manole.
- Lourau, René (2004), “Objeto e Método da Análise Institucional” em S. Daltoé (org.), *Analista Institucional em Tempo Integral*, São Paulo, Hucitec, pp. 66-86.
- Luckmann, Thomas (1973), *La Religion Invisible: el problema de la religión en la sociedad moderna*, Salamanca, Ediciones Siguene.
- Machado-da-Silva, Clóvis L., Fonseca, Valéria Silva, e Crubellate, João Marcelo (2010). “Estrutura, Agência e Interpretação: Elementos para uma Abordagem Recursiva do Processo de Institucionalização” *RAC*, Curitiba, art. 4, Edição Especial, pp. 77-107.
- Mahoney, James (2000), “Path Dependence in Historical Sociology” *Theory and Society*, vol. 29, nº 4, pp. 507-548.
- Mahoney, James, e Thelen, Kathleen (2009), “A theory of gradual institutional change” em J. Mahoney, e K. Thelen (eds.), *Explaining Institutional Change: Ambiguity, Agency, and Power in Historical Institutionalism*, Nova Iorque, Cambridge University Press, pp. 1-37.
- March, James G., e Olsen, Johan P. (1993), El nuevo institucionalismo: factores organizativos de La vida política, *Zona Abierta*, Madrid, nº 63-64, pp. 1-43.
- Marx, Karl (1982), *Thèse sur Feurbach*, Paris, Gallimard.
- Marx, Karl (1988), *O Capital* [3a. Ed.], São Paulo, Nova Cultural.
- Marx, Karl (1991a), *A questão judaica*, São Paulo, Moraes.
- Marx, Karl (1991b), *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*, São Paulo, Nova Cultural.
- Marx, Karl (2005), *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Editora Boitempo.
- Mayer, Pe. Beda (2006), *Uma alma vítima*, Passo Fundo, Bhertie.

- Meyer, John W., e Rowan, Brian (1977), “Institucionalized organizations: formal structure as myths and a ceremony” *American Journal of Sociology*, vol. 83, nº 2, pp. 340-363.
- Minayo, Maria Cecília S. (2005), Relaciones entre procesos sociales, violencia y calidad de vida. *Salud Colectiva*, vol. 1, nº 1, pp. 69-78.
- Miranda, Mario de França (2012), Uma Igreja em processo de renovação. Vaticano II: o legado e a tarefa. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 72, nº 286, pp. 366-395.
- Misoczky, Maria Ceci (2003), “Poder e Institucionalismo: uma reflexão crítica sobre as possibilidades de interação paradigmática” em M. M. F. Vieira, e C. A. Carvalho (orgs.). *Organizações, instituições e poder no Brasil*, Rio de Janeiro, FGV.
- Moore, Barrington (2010) [1966], *As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia*, Lisboa, Edições 70.
- Moraes, Roque (1999), “Análise de Conteúdo” *Revista Educação*, vol. 22, nº 37, pp. 7-32.
- Morse, John J., e Lorsch, Jay W. (1970), “Beyond Theory Y”, *Harvard Business Review*, pp. 61-68.
- North, Douglas C. (1996), *Institutions, organizations and market competition*. St. Louis: Washington University.
- O’Dea, Thomas F. (1969), *Sociologia da Religião*, São Paulo, Livraria Pioneira.
- Olabuenaga, José Ignacio R., e Ispizua, María Antonia (1989), *La descodificación de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa*, Bilbao, Universidad de Deusto.
- Oliver, Christine (1991), “Strategic responses to institucional process” *Academy of Management Review*, vol. 16, nº 1, pp. 145-179.
- Oliver, Christine (1992), “The antecedents of deinstitutionalization” *Organization Studies*, vol. 13, nº 4, pp. 563-588.
- Ordine, Nuccio (2013), “A utilidade do inútil: um manifesto” [trad. Margarida Periquito, 2016], Milão, Ágora K.
- Oro, Ivo P. (2013), *O fenômeno religioso - como entender*, São Paulo, Paulinas.
- Paredes, José Cristo Rei Garcia (2018), *Conferência en el Seminario de Vida Consagrada*, Roma, 1-3 de março.
- Parsons, Talcott, e Bales, Robert F. (1955), *Family, socialisation and interaction process*, London, Routledge.
- Pastore, Alberto Luna (2017), *Inquietud y Búsqueda como Caminho de Novedad: desafíos de las nuevas generaciones de la vida consagrada en la América Latina*, Lima, setembro.
- Pereira, Willian C. C. (org.) (2012), *Análise institucional na vida religiosa consagrada* [2a. Ed.], Belo Horizonte, CRB.
- Perrow, Charles (1986), “The institutional school” em Perrow, C. *Complex organizations: a critical essay* [3a. Ed.], New York, McGraw-Hill.
- Pierson, Paul (2000), “Increasing returns, path dependence, and the study of politics” *American Political Science Review*, vol. 94, nº 2, pp. 251-268.
- Queiruga, Andrés T. (2003), *Pelo Deus do Mundo no Mundo de Deus: sobre a essência da vida religiosa*, São Paulo, Edições Loyola.

- Ratzinger, Joseph (1982), *Les Principes de la théologie catholique*, Paris, Téqui.
- Ritzer, George (1992), *George Simmel*, Sociological Theory [3rd ed. p. 157-185], New York, McGrawhill Editions.
- Rodrigues, Donizete (2007), *Sociologia da Religião: Uma Introdução*, Porto, Edições Afrontamento.
- Rothstein, Bo (2011), “Change, Institutional” em B. Badie, D. Berg-Schlosser e L. Morlino (eds.), *International Encyclopedia of Political Science*, Los Angeles, Londres, Sage Publications, pp. 221-224.
- Rueschemeyer, Dietrich (2009), *Usable Theory. Analytic Tools for Social and Political Research*, Princeton, Princeton University Press, pp. 205-207.
- Salazar Gomes, Ruben (2018), *Congresso Eclesial Medellín 50 anos*, Medellín, Colombia.
- Selznick, Philip (1972), *A liderança na administração: uma interpretação sociológica*, Rio de Janeiro, FGV, 1972.
- Selznick, Philip (1992), *The moral commonwealth: social theory and the promise of community*, Berkeley, University of California Press.
- Scott, Richard W. (2007), *Institutions and organizations: ideas and interests*, Thousand Oaks CA, Sage Publications.
- Scott, Richard W. (1995), *Institutions and organizations*, Thousand Oaks, Sage.
- Secretaria Geral (2018), *Dados da síntese dos instrumentos do processo de reestruturação*, Bogotá/CO.
- Serafim, Mauricio C., e Alperstedt, Graziela D. (2012), “As organizações religiosas e suas relações: Uma análise a partir da teoria dos stakeholders” em *Revista de Negócios*, vol. 17, nº 2, pp. 53-71.
- Serva, Mauricio (2001), “O fato organizacional como fato social total” em *Revista Administração Pública*, consultado a 10/10/2018, em <https://www.passeidireto.com/arquivo/4395348/serva_2001_o-fato-organizacional-como-fat_12473>.
- Silverman, David (2011), *Qualitative Research* [3a. ed.], London, Sage Publications.
- Sobrino, Jon (1982), *Ressurreição da verdadeira Igreja*, Loyola.
- Souza, Ney (2003), “Evolução histórica para uma análise da pós-modernidade” em J. G. Transferetti, e P. S. L.Gonçalves (orgs.). *Teologia da Pós-Modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*, São Paulo, Paulinas.
- Steinmo, Sven (2008), “Historical institutionalism” em D. Della Porta, e M. Keating (eds.), *Approaches and Methodologies in the Social Sciences. A Pluralist Perspective*, Cambridge, Nova Iorque, Cambridge University Press, pp. 118-138.
- Strauss, Anselm, e Corbin, Juliet M. (2008), *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*, Porto Alegre, Artmed.
- Tajfel, Henri (1974), “Social identity and intergroup behaviour”, *Social Science Information*, vol. 13, pp. 65-93.
- Tapscott, Don (2010), *A hora da geração digital*, São Paulo, Agir.

- Teixeira, Alfredo (2005), *Entre a exigência e a ternura: uma antropologia do habitat institucional católico*, Prior Velho, Paulinas.
- Teixeira, Celso M. (org.) (2004), *Fontes Franciscanas e Clareanas*, Petrópolis, Vozes, FFB.
- Teixeira, Faustino (2005), Pluralismo religioso, *Horizonte*, vol. 3, nº 6, pp. 27-32.
- Terrén, Eduardo (1999), *Educacion y Modernidad. Entre a utopia y la burocracia*, Madrid, Anthropos.
- Thelen, Kathleen (1999), “Historical institutionalism and comparative politics”, *Annual Review of Political Science*, vol. 2, pp. 369-404.
- Thelen, Kathleen (2003), “How institutions evolve: insights from comparative historical analysis” em J. Mahoney, e D. Rueschemeyer (eds.), *Comparative Historical Analysis in the Social Sciences*, Cambridge, Nova Iorque, Cambridge University Press, pp. 208-240.
- Théret, Bruno (2003), “As Instituições entre as estruturas e as ações”, *Lua Nova*, São Paulo, nº 58.
- Tolbert, Pamela S., e Zucker, Lynne G. (1999), “A institucionalização da teoria institucional” em S. Clegg, *Handbook de estudos organizacionais*, São Paulo, Atlas, v. 3, pp. 196-219.
- Wacquant, Lóic (2007), “Esclarecer o Habitus”, *Educação e Linguagem*, Ano 10, nº 16, pp. 63-71.
- Weber, Max (2003), *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, São Paulo, Martin Claret.
- Weber, Max (2006), *A objetividade do conhecimento nas ciências sociais*, Tradução (ensaios comentados) Gabriel Cohn, São Paulo, Ática.
- Weber, Max (2012), “Bureaucracy”, em: M. Gowyn, e J. H. Gittel (eds.). *Sociology of Organizations: Structures and Relationships*, United States of America, Sage.
- Weber, Max (1999), *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, São Paulo, Imprensa oficial, v. 2.
- Williams, Zachary, et al. (org.) (2009), “Why all the changes? An institutional theory approach to exploring the drivers of supply chain security”, *International Journal of Physical*, vol. 39, nº 7, pp. 595-618.
- Williamson, Oliver E. (1995), “Transaction cost economics and organization theory” em Oliver E. Williamson (ed.), *Organization theory: from Chester Barnard to the present and beyond*, New York, Oxford University.
- Yin, Robert K. (1989), *Case study research - design and methods*, Sage Publications Inc., USA.
- Zucker, Lynne G. (1988), *Institutional patterns and organizations: culture and environment*, Cambridge, Mass, Ballinger.

Apêndices

Apêndice 1

Carta Ética Consentimento informal

Como aluna da Universidade da Beira Interior, cursei, em 2016/2017, as disciplinas curriculares propostas pelo curso. Nesta etapa, encontro-me no tempo da pesquisa, coleta de dados, aprofundamento do objeto de estudo, ao qual de propus, orientada pelo Professor Doutor Donizete Rodrigues. É nesta fase que necessito da sua valiosa contribuição!

O objetivo do estudo/pesquisa que estou realizando é compreender a Instituição Religiosa em seu processo de mudança. Ao fazer este estudo, pretendo, ao final, trazer contribuições em relação às percepções das pessoas envolvidas com a mudança institucional, bem como quanto aos fatores da sociedade e religiosos que podem influenciar este processo de mudança na atualidade.

Esta pesquisa tem exclusivamente como finalidade o estudo científico. As informações são confidenciais e a identidade de quem responder será preservada. Manifestamos aqui nosso compromisso inegociável com o sigilo, independente de nível hierárquico. A pesquisa não lhe trará qualquer prejuízo e estamos totalmente à disposição para esclarecer qualquer dúvida. Suas respostas serão muito importantes para o avanço do estudo sociológico e para as Instituições Religiosas imersas no contexto (pós) contemporâneo.

Desejamos que aceite o nosso convite em participar voluntariamente desta pesquisa, que será por meio de uma entrevista presencial, não extensa. Este comunicado, que você está recebendo via correio eletrônico, será sempre individualizado; fique à vontade para respondê-lo. A data e o horário para cada entrevista serão agendados via correio eletrônico, de acordo com a disponibilidade das partes e aceitação livre em participar desse estudo.

Reiteramos nosso contrato inegociável e compromisso ético com as informações que forem fornecidas para este estudo sociológico científico em relação aos membros da Instituição Religiosa pesquisada.

14 de julho de 2017, Covilhã/Portugal

Rosangela Cenci
Doutoranda

Donizete Rodrigues
Orientador

Apêndice 2

Guia de Entrevista com Superiores Provinciais

Este roteiro de entrevista tem como objetivo compreender a Instituição Religiosa Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora, no seu processo de mudança e ressignificação no contexto atual da pós-modernidade. O modelo de entrevista será presencial e semiestruturada e privilegiará a Superiora Geral da IR das IFMMA e as 06 Superiores Provinciais, Coordenadoras das sedes das províncias de: Bogotá e Medellín (Colômbia), Aow, Áustria, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Brasil) e Quito (Equador). Oportunamente, serão realizadas entrevistas na Colômbia, tendo em vista o término de uma assembleia congregacional destas coordenadoras. As entrevistas serão individuais e seguem o roteiro prévio abaixo, o qual poderá ser alterado dependendo do desenvolvimento das mesmas.

Cumprimentos, objetivos da pesquisa e acordos éticos, retomando a carta ética que cada uma já terá recebido por e-mail.

Dados: coordena qual província, tempo de gestão, idade, grau de escolaridade e área.

Questões:

Quanto ao momento transitório que a IR IFMMA vive:

- Como a Sra pensa a IR IFMMA no momento atual?
- Como as religiosas da sua província entendem o momento atual da IR IFMMA?
- Qual a faixa etária que a Sra, como gestora considera mais desafiante para o momento de reestruturação?
- Considerando que a IR está vivenciando um momento histórico de reestruturação, como é o comprometimento das religiosas da sua província no processo de mudança?

Quanto ao crer e o pertencer:

- Como a Sra sente a experiência de fé e a pertença assumida pelas religiosas à IR IFMMA da sua província?
- Como essa experiência de fé das religiosas se exterioriza no contexto contemporâneo?
- A sociedade reconhece que a missão das religiosas é resultado da experiência de fé e pertença a IR IFMMA?
- Na sua opinião, qual é a essência do carisma da IR IFMMA?

Quanto ao presente e futuro:

- Na sua opinião, quais são as influências do contexto social no processo de mudança para a ressignificação da IR IFMMA?

- Como o processo de mudança já está acontecendo, quais resultados se observam?
- Para uma mudança acontecer na IR, que critérios são necessários?
- Como a IR IFMMA pode ser significativa para a sociedade contemporânea?
- Se inspirada no Evangelho, que modelo de reorganização teria a IR IFMMA para os tempos atuais e futuros?
- Qual a importância da burocracia para o carisma da IR?
- Que tipo de estrutura burocrática a IR IFMMA necessita para melhor viver o carisma nos dias de hoje?
- Pela sua história de vida e consagração a esta instituição, que critérios considera indispensáveis para a sobrevivência das IRs no mundo contemporâneo?
- Algo que você queira retomar, realçar, ou dizer a mais?

Apêndice 3

Guia de Entrevista para o Governo Geral

Este roteiro de entrevista tem como objetivo compreender a Instituição Religiosa Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora, no seu processo de mudança e ressignificação no contexto atual da pós-modernidade. O modelo de entrevista será presencial e semiestruturada e privilegiará o Governo Geral. Oportunamente, será realizada a entrevista na Colômbia, tendo em vista o término de uma assembleia congregacional. A entrevista será individual e segue o roteiro abaixo, o qual poderá ser alterado dependendo do desenvolvimento das mesmas.

Cumprimentos, objetivos da pesquisa e acordos éticos, retomando a carta ética que cada uma já terá recebido por e-mail.

Dados: Tempo de processo seletivo, anos de votos definitivos.

Questões:

Quanto ao momento transitório que a IR IFMMA vive:

- Como vocês pensam a IR IFMMA no momento atual?
- Como vocês percebem que as províncias entendem o momento atual da IR IFMMA?
- Qual a faixa etária vocês consideram mais desafiante para o momento de reestruturação?
- Considerando que a IR está vivenciando um momento histórico de reestruturação, como é o comprometimento das religiosas das províncias no processo de mudança?

Quanto ao crer e o pertencer:

- Na opinião de vocês, diante do contexto em que vivemos qual é a essência do carisma da IR IFMMA?
- Como vocês sentem a experiência de fé assumida pelas religiosas à IR IFMMA da congregação?
- Como essa experiência de fé das religiosas se exterioriza no contexto contemporâneo?
- A sociedade reconhece que a missão das religiosas é resultado da experiência de fé e pertença a IR IFMMA?

Presente e futuro:

- Em vossa opinião, quais são as influências do contexto social no processo de mudanças para a ressignificação da IR IFMMA?
- Como o processo de mudança já está acontecendo, quais resultados se observa?

- Para uma mudança acontecer na IR, para critérios são necessários?
- Como a IR IFMMA pode ser significativa para a sociedade contemporânea?
- Se inspirada no evangelho, que modelo de reorganização teria a IR IFMMA para os tempos atuais e futuros?
- Qual a importância da burocracia para o carisma da IR?
- Que tipo de estrutura burocrática a IR IFMMA necessita para melhor viver o carisma nos dias de hoje?
- Pela história de vida e experiência de responsabilidade na gestão e acompanhamento a esta instituição, que critérios considera indispensáveis para a sobrevivência das IRs no mundo contemporâneo?
- Algo que você queira retomar, realçar, ou dizer a mais?

Apêndice 4

Guia de Entrevista: Animadoras Vocacionais e Formadoras (Responsáveis pelo Processo Seletivo)

Este roteiro de entrevista tem como objetivo compreender a Instituição Religiosa Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora, no seu processo de mudança e ressignificação no contexto atual da pós-modernidade. O modelo de entrevista será presencial e semiestruturada e privilegiará as religiosas responsáveis pelo processo seletivo e as formadoras da IR IFMMA. As entrevistas serão individuais e segue o roteiro prévio abaixo, o qual poderá ser alterado dependendo do desenvolvimento das mesmas.

Cumprimentos, objetivos da pesquisa e acordos éticos, retomando a carta ética que cada uma já terá recebido por e mail.

Dados: Tempo de processo seletivo, anos de votos definitivos.

No que se refere a IR IFMMA, no momento presente:

- Como analisa o contexto atual da IR IFMMA?
- O que considera que leva as pessoas a quererem entrar na IR IFMMA?
- Qual a estratégia que você utiliza para aproximar-se com as futuras religiosas?
- Quais são os principais critérios utilizados no processo seletivo de um membro á IR IFMMA?
- Existem pessoas que não são adequadas para a IR IFMMA? Como você identifica essas pessoas?
- Como se realiza o caminho para passar da informação motivacional (aproximação) á opção vocacional num processo formativo de quem deseja ser uma religiosa?

Quanto ao carisma:

- Qual é a essência do carisma, no contexto atual de sociedade?
- Como o carisma serve para decidir se alguém deve fazer parte da IR IFMMA?
- Como sente a vivência vocacional do carisma nas Irmãs da sua província?
- A sociedade reconhece que a missão das religiosas é resultado da experiência de fé e pertença a IR IFMMA?

Presente e futuro:

- Se você tivesse que classificar de 0 e 10 a efetividade do trabalho vocacional e da formação, qual nota você daria?

- Como você se sente no trabalho de auxílio ao esclarecimento e tomada de decisão acerca da vida futura de outras pessoas?
- Você se sente corresponsável quando alguém assume os votos perpétuos?
- Qual seu sentimento quando alguém se desliga da IR? E, se isso acontecer depois dos votos perpétuos?
- Há uma dificuldade em trabalhar e compreender a relação entre o ideal da vida consagrada e os problemas efetivos da vida cotidiana percebidos pelas jovens na formação?
- Que mudanças você sugere para a formação inicial para que ela seja significativa?
- Que tipo de estrutura burocrática a IR IFMMA necessita para melhor viver o carisma nos dias de hoje?
- Pela sua história de vida e consagração á esta instituição, que critérios considera indispensáveis para a sobrevivência das IRs no mundo contemporâneo?
- Algo que você queira retomar, realçar, ou dizer a mais?

Apêndice 5

Guia de Entrevista para o assessor do processo de reestruturação da IR IFMMA

Este roteiro de entrevista tem como objetivo compreender a Instituição Religiosa Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora, no seu processo de mudança e ressignificação no contexto atual da pós-modernidade. O modelo de entrevista será presencial e semiestruturada e privilegiará o assessor do processo Sr Oscar Urriego. Oportunamente, será realizada a entrevista na Colômbia, tendo em vista o término de uma assembleia congregacional. A entrevista será individual e segue o roteiro abaixo, o qual poderá ser alterado dependendo do desenvolvimento das mesmas.

Cumprimentos, objetivos da pesquisa e acordos éticos, retomando a carta ética que cada uma já terá recebido por e mail.

Dados: Tempo de processo seletivo, anos de votos definitivos.

Questões:

Quanto ao momento transitório que a IR IFMMA vive:

- Como o Sr pensa a IR IFMMA no momento atual?
- Como o Sr. percebe que as províncias entendem o momento atual da IR IFMMA ?
- Qual a faixa etária vocês consideram mais desafiantes para o momento de reestruturação?
- Considerando que a IR está vivenciando um momento histórico de reestruturação, como é o comprometimento das religiosas das províncias no processo de mudança?

Quanto ao crer e o pertencer:

- Na sua opinião, diante do contexto em que vivemos qual é a essência do carisma da IR IFMMA?
- Como o Sr sente a experiência de fé assumida pelas religiosas á IR IFMMA da congregação?
- Como essa experiência de fé das religiosas se exterioriza no contexto contemporâneo?
- A sociedade reconhece que a missão das religiosas é resultado da experiência de fé e pertença a IR IFMMA?

Presente e futuro:

- Em sua opinião, quais são as influências do contexto social no processo de mudanças para a ressignificação da IR IFMMA?
- Como o processo de mudança já está acontecendo, quais resultados se observa?
- Para uma mudança acontecer na IR, para critérios são necessários?
- Como a IR IFMMA pode ser significativa para a sociedade contemporânea?
- Se inspirada no evangelho, que modelo de reorganização teria a IR IFMMA para os tempos atuais e futuros?
- Qual a importância da burocracia para o carisma da IR?
- Que tipo de estrutura burocrática a IR IFMMA necessita para melhor viver o carisma nos dias de hoje?
- Pela sua história de vida e experiência com assessoria e acompanhamento a esta instituição, que critérios considera indispensáveis para a sobrevivência das IRs no mundo contemporâneo?
- Algo que você queira retomar, realçar, ou dizer a mais?

Apêndice 6

Guia de Entrevista para Leigos e Ramo Masculino

Este roteiro de entrevista tem como objetivo compreender a Instituição Religiosa Franciscana Missionária de Maria Auxiliadora, no seu processo de mudança e ressignificação no contexto atual da pós modernidade.

Questões:

Quanto ao momento transitório que a IR IFMMA vive:

- Como pensam a IR IFMMA no momento atual?
- Considerando que a IR está vivenciando um momento histórico de reestruturação, como avaliam o envolvimento dos leigos ou a abertura para a nova fundação masculina?

Quanto ao crer e o pertencer:

- Como sentem a experiência de fé e a pertença assumida pelas religiosas na IR IFMMA da sua província?
- Qual é a essência do carisma da IR IFMMA?
- Como vocês procuram viver o carisma enquanto Leigos Franciscanos ou Ramo Masculino?

Quanto ao presente e futuro:

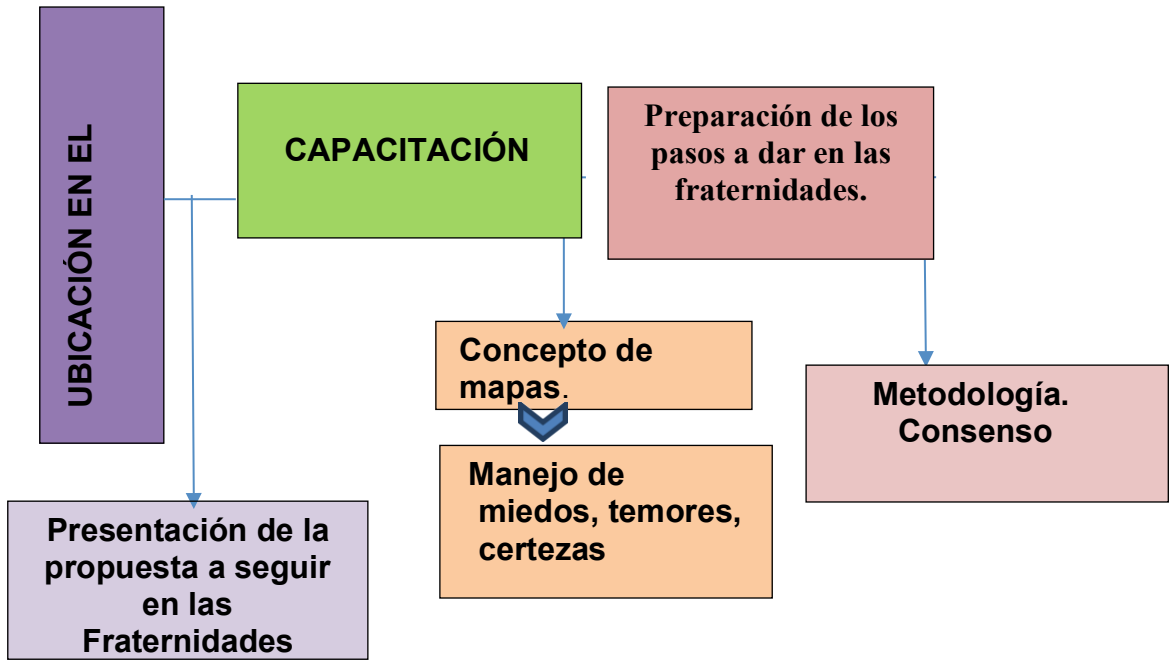
- Em vossa opinião, quais são as influências do contexto social no processo de mudança para a ressignificação da IR IFMMA?
- Como a IR IFMMA pode ser significativa para a sociedade contemporânea?
- Se inspirada no Evangelho, que modelo de reorganização teria a IR IFMMA para os tempos atuais e futuros?
- Que tipo de estrutura burocrática a IR IFMMA necessita para melhor viver o carisma nos dias de hoje?
- Que critérios considera indispensáveis para a sobrevivência das IR IFMMA no mundo contemporâneo?
- Algo que você queira retomar, realçar, ou dizer a mais?

Anexos

Anexo 1

Elaborado por Oscar Urriego, assessor do Processo de Reestruturação.

FLUJOGRAMA DEL PROCESO



Glossário

Concílio: provém do latim “concilium”, reunião, assembleia. É a reunião de bispos e outros dignitários eclesiais, feita com regularidade, para tratar e legislar em matérias de interesse para as Igrejas de determinada região.

Exclaustrações: Abandono do claustro por permissão ou ordem.

Leigo: é um atributo às pessoas não consagradas na hierarquia da Igreja Católica e não há conexão direta com o significado da palavra em sua origem: que teria ignorância em determinado assunto.

Sequazes: Que segue, defendendo os preceitos, normas e/ou princípios de uma religião ou filosofia: fiel sequaz.

Votos religiosos: expressão utilizada para designar os compromissos assumidos pelos religiosos.